

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Luciane Carlan da Silveira

**A ARTICULAÇÃO ENTRE *ETHOS* E EFEITOS DE SENTIDO: UMA
VISÃO ENUNCIATIVA SOBRE ARTICULADORES TEXTUAIS,
PRONOMES E VERBOS EM TEXTOS DO VESTIBULAR DA UFSM**

Santa Maria, RS
2017

Luciane Carlan da Silveira

**A ARTICULAÇÃO ENTRE *ETHOS* E EFEITOS DE SENTIDO: UMA VISÃO
ENUNCIATIVA SOBRE ARTICULADORES TEXTUAIS, PRONOMES E VERBOS
EM TEXTOS DO VESTIBULAR DA UFSM**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Orientadora: Prof^a. Dr. Ivani Cristina Silva Fernandes

Santa Maria, RS
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Silveira, Luciane Carlan da

A articulação entre ethos e efeitos de sentido: uma visão enunciativa sobre articuladores textuais, pronomes e verbos em textos do vestibular da UFSM / Luciane Carlan da Silveira.- 2017.

190 p.; 30 cm

Orientadora: Ivani Cristina Silva Fernandes
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS, 2017

1. Ethos 2. Enunciação 3. Articuladores textuais 4. Pronomes 5. Verbos I. Silva Fernandes, Ivani Cristina II. Título.

Luciane Carlan da Silveira

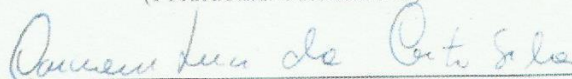
**A ARTICULAÇÃO ENTRE *ETHOS* E EFEITOS DE SENTIDO: UMA VISÃO
ENUNCIATIVA SOBRE ARTICULADORES TEXTUAIS, PRONOMES E VERBOS
EM TEXTOS DO VESTIBULAR DA UFSM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Aprovado em 12 de dezembro de 2017:



Ivani Cristina Silva Fernandes, Dr.^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)



Carmen Luci da Costa Silva, Dr.^a (UFRGS) – Videoconferência



Vaima Regina Alves Motta, Dr.^a (UFSM)

Santa Maria, RS
2017

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível pelo auxílio e compreensão de algumas pessoas. Agradeço a todos que, de alguma forma, foram importantes para a conclusão desta pesquisa e, de uma maneira especial:

- a minha orientadora, professora Ivani, pela paciência, dedicação, disponibilidade (e por que não ironias?), leituras e comentários sempre atentos a detalhes do meu texto. Sem dúvida nenhuma, ser orientada pela senhora só me fez crescer pessoal e profissionalmente;

- a meus pais, Telmi e Lisiane, pelo amor, carinho, apoio, incentivo e por me ensinarem que a maior herança que se pode deixar para um filho é a oportunidade de estudo;

- a meu irmão, Fernando, pela paciência e ajuda com a formatação do texto, construção de gráficos, traduções para o inglês;

- a minha cachorrinha, Nega, por todos os momentos de companhia durante leituras e escritas e por, muitas vezes, me fazer sair para um breve passeio, contribuindo para descansos revigorantes;

- a todos os meus professores e colegas da graduação em Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa/UFSM. Em especial, ao estimado grupo do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) composto pelas amigas Claudiele, Daniela, Lara, Paola e Rochele e pelas professoras Vaima e Ana, que foram fundamentais para o meu crescimento e o que me tornei hoje como colega, amiga e professora.

Enfim, sou grata a todos aqueles que, direta ou indiretamente foram responsáveis por quem sou hoje e por onde (já) consegui chegar.

RESUMO

A ARTICULAÇÃO ENTRE *ETHOS* E EFEITOS DE SENTIDO: UMA VISÃO ENUNCIATIVA SOBRE ARTICULADORES TEXTUAIS, PRONOMES E VERBOS EM TEXTOS DO VESTIBULAR DA UFSM

AUTORA: Luciane Carlan da Silveira

ORIENTADORA: Ivani Cristina Silva Fernandes

Esta pesquisa tem por objetivo identificar as categorias de articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos em textos do *gênero artigo de opinião*, provenientes do processo seletivo (PS) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) de 2014, e analisar os possíveis efeitos de sentido decorrentes do emprego dessas categorias, colaborando para traçar a imagem discursiva do locutor do texto. Para isso, a perspectiva teórica e metodológica que embasa este estudo é a Linguística da Enunciação, por compreendermos que essa perspectiva permite um melhor entendimento acerca da imagem de um sujeito, o *ethos* discursivo, por meio de mecanismos linguísticos empregados na enunciação e recuperáveis a partir da análise de marcas deixadas no enunciado, seu produto. Como embasamento teórico, tomamos como diretrizes os estudos de Amossy (2014), Bagno (2013), Benveniste (1989; 1991), Cunha e Cintra (2008), Fiorin (2016), Flores e colaboradores (2008; 2009; 2013), Moura Neves (2011), Koch e Elias (2016), entre outros autores. Metodologicamente, analisamos 23 exemplares do *gênero artigo de opinião*. Quantitativamente, a análise desses textos consistiu na identificação, descrição e categorização dos articuladores textuais, pronomes e verbos. Qualitativamente, de acordo com os métodos da *transversalidade enunciativa* (FLORES, 2010) e do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), refletiu-se sobre os efeitos de sentido decorrentes do uso dessas categorias que emergem da materialidade textual, contribuindo para traçar o *ethos* do locutor do texto. Os resultados alcançados na análise quanti-qualitativa dão conta de explicitar que as relações de conjunção/soma, contrajunção/oposição e especificação/exemplificação dos articuladores discursivo-argumentativos são as mais representativas e apresentam sentidos variados a cada enunciação. Entretanto, seu uso marca relações de sentido e faz emergir a subjetividade do locutor a partir de escolhas para a defesa da sua tese. No que diz respeito aos pronomes, cuja predominância é da primeira pessoa do plural, e verbos, que têm maior representatividade da primeira e terceira pessoas do plural, notamos que, ambas as categorias, revelam efeitos de subjetividade e objetividade do locutor ao longo do texto. Esses efeitos relacionam-se com o processo de apropriação da língua pelo locutor. Assim, ao posicionar-se na terceira pessoa do plural, o locutor distancia-se do grupo dos jovens, colocando-se como não pertencente a ele; o que confere um efeito de maior objetividade e autoridade ao texto. Porém, ao posicionar-se na primeira pessoa do plural, assim como no caso dos pronomes, ele se coloca como pertencente ao grupo dos jovens, aproximando-se do interlocutor, como um “portavoz” dessa coletividade. Diante disso, com relação ao *ethos*, encontramos a tendência de quatro vozes que o compõe, que nomeamos como: uma dogmática, uma engajada, uma experiente e uma didática. Por fim, com esse estudo enunciativo, que considera a língua em funcionamento, com marcas que emergem do sujeito e contribuem para traçar seu *ethos* discursivo, objetivamos, em um primeiro momento, fazer uma reflexão linguística em uma materialidade discursiva para, em estudo posterior, enfocar numa visão didática, no ensino de língua materna, sobretudo, na Escola Básica, considerando uma articulação e/ou uma interdisciplinaridade entre Linguística Textual e Linguística da Enunciação.

Palavras-chave: *Ethos*. Enunciação. Articuladores textuais. Pronomes. Verbos.

ABSTRACT

THE ARTICULATION BETWEEN *ETHOS* AND EFFECTS OF SENSE: AN ENUNCIATIVE VISION ON TEXTUAL ARTICULATORS, PRONOUNS AND VERBS IN TEXTS OF THE UFSM VESTIBULAR

AUTHOR: Luciane Carlan da Silveira
ADVISOR: Ivani Cristina Silva Fernandes

This research aims to identify the categories of discursive-argumentative articulators, pronouns and verbs in texts of the *opinion article genre*, from the selective process (PS) of the Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) of 2014, and to analyze the possible effects of sense arising from the use of these categories, collaborating to trace the discursive image of the speaker of the text. For this, the theoretical and methodological perspective that bases this study is the Linguistics of the Enunciation, because we understand that this perspective allows a better understanding about the image of a subject, the discursive *ethos*, through linguistic mechanisms used in the enunciation and recoverable from the Analysis of the marks left in the statement, its product. As theoretical basis, we take as guidelines the studies of Amossy (2014), Bagno (2013), Benveniste (1989; 1991), Cunha and Cintra (2008), Fiorin (2016), Flores et al. (2008; 2009; 2013), Moura Neves (2011), Koch and Elias (2016), among other authors. Methodologically, we have analyzed 23 copies of the opinion article genre. Quantitatively, the analysis of these texts consisted in the identification, description and categorization of textual articulators, pronouns and verbs. Qualitatively, according to the methods of enunciative transversality (FLORES, 2010) and the indicial paradigm (GINZBURG, 1989), reflected on the effects of meaning arising from the use of these categories that emerge from the textual materiality, contributing to the *ethos* of the speaker of the text. The results obtained in the quantitative-qualitative analysis explain explicitly that the relations of conjunction/addition, counterjunction/opposition and specification/exemplification of discursive-argumentative articulators are the most representative and present varying meanings for each enunciation. However, its use marks relations of meaning and makes the speaker's subjectivity emerge from some choices for the defense of his thesis. In terms of pronouns, whose predominance is the first person plural, and verbs, which has greater representation of the first and third persons of the plural, we note that, both categories, reveal degrees of subjectivity and objectivity of the speaker throughout the text. These degrees are related to the process of appropriation of language by the subject. Thus, by positioning itself in the third person plural, the speaker distances himself from the group of young people, if not belonging to him; which gives an effect of greater objectivity and authority to the text. However, by positioning itself in the first person plural, as in the case of pronouns, he places himself as belonging to the group of young people, approaching the interlocutor, as a "spokesman" of this group. Faced with this, in relation to the *ethos*, we find the tendency of four voices that compose it, which we name as: one dogmatic, one engaged, one experienced and one didactic. Finally, with this enunciative study, which considers the language in operation, with marks that emerge from the subject and contribute to tracing its discursive *ethos*, we aim, in a first moment, to make a linguistic reflection in a discursive materiality for, in a later study, to focus on a didactic vision, in the teaching of the mother language, above all, in the basic school, considering an articulation and/or an interdisciplinarity between Textual Linguistics and Linguistics of Enunciation.

Keywords: *Ethos*. Enunciation. Textual articulators. Pronouns. Verbs.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Atividades de fixação (pronomes)	43
Figura 2 – Exercícios	44
Figura 3 – Exercícios	44
Figura 4 – Sequência enunciativa A (exemplo).....	64
Figura 5 – Sequência enunciativa A	75
Figura 6 – Sequência enunciativa B	78
Figura 7 – Sequência enunciativa C	80
Figura 8 – Sequência enunciativa D	82
Figura 9 – Sequência enunciativa E	85
Figura 10 – Sequência enunciativa F.....	86
Figura 11 – Sequência enunciativa G	90
Figura 12 – Sequência enunciativa H	92
Figura 13 – Sequência enunciativa I.....	94
Figura 14 – Sequência enunciativa J	101
Figura 15 – Sequência enunciativa K.....	104
Figura 16 – Sequência enunciativa L	107
Figura 17 – <i>Artigo de opinião</i> nº 12	112
Figura 18 – Esquema referente ao <i>Artigo de opinião</i> nº 12.....	114
Figura 19 – <i>Artigo de opinião</i> nº 18	116
Figura 20 – Esquema referente ao <i>Artigo de opinião</i> nº 18.....	119
Figura 21 – <i>Artigo de opinião</i> nº 6	124
Figura 22 – <i>Artigo de opinião</i> nº 16	126
Figura 23 – <i>Artigo de opinião</i> nº 13	135
Figura 24 – <i>Artigo de opinião</i> nº 19	139

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Porcentagem no emprego das relações de articuladores discursivo-argumentativos nos <i>artigos de opinião</i>	68
Gráfico 2 – Porcentagem no emprego de articuladores discursivo-argumentativos, relação de conjunção/soma, nos <i>artigos de opinião</i>	69
Gráfico 3 – Porcentagem no emprego de articuladores discursivo-argumentativos, relação de contrajunção/oposição, nos <i>artigos de opinião</i>	69
Gráfico 4 – Porcentagem no emprego de pronomes nos <i>artigos de opinião</i>	71
Gráfico 5 – Porcentagem no emprego de verbos nos <i>artigos de opinião</i>	73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Etapas e passos retóricos do <i>gênero artigo de opinião</i> em contexto real de produção	34
Quadro 2 – Funções dos articuladores textuais	49
Quadro 3 – Formas dos pronomes pessoais	50
Quadro 4 – Formas dos pronomes possessivos	51
Quadro 5 – Variações de pessoa e número dos verbos.....	53
Quadro 6 – Emprego dos articuladores textuais nos <i>artigos de opinião</i>	66
Quadro 7 – Emprego dos articuladores textuais nos <i>artigos de opinião</i>	67
Quadro 8 – Emprego dos pronomes nos <i>artigos de opinião</i>	71
Quadro 9 – Emprego dos verbos nos <i>artigos de opinião</i>	72
Quadro 10 – Categorias de pronomes e verbos 1	136
Quadro 11 – Categorias de pronomes e verbos 2	140

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	19
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
2.1	LÍNGUA(GEM) NA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA BENVENISTIANA	23
2.2	AS CONCEPÇÕES DE <i>TEXTO</i> E <i>DISCURSO</i>	25
2.3	OS GÊNEROS TEXTUAIS E A ORGANIZAÇÃO ARGUMENTATIVA: O <i>ARTIGO DE OPINIÃO</i>	28
2.4	O OLHAR DA LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO: SUJEITO, SENTIDO E LÍNGUA(GEM)	36
2.5	AS CATEGORIAS DE ARTICULADORES TEXTUAIS, PRONOMES E VERBOS	41
2.6	A IMAGEM DE SI: A NOÇÃO DE <i>ETHOS</i> DISCURSIVO.....	54
3	METODOLOGIA	57
3.1	O MÉTODO	57
3.2	O <i>CORPUS</i> DE PESQUISA	60
3.3	AS ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	62
4	A CONSTITUIÇÃO DO <i>ETHOS</i> A PARTIR DE EFEITOS DE SENTIDO PRODUZIDOS PELO EMPREGO DE ARTICULADORES TEXTUAIS, PRONOMES E VERBOS NOS <i>ARTIGOS DE OPINIÃO</i>	65
4.1	O EMPREGO DE ARTICULADORES TEXTUAIS, PRONOMES E VERBOS NOS <i>ARTIGOS DE OPINIÃO</i>	65
4.2	A POSTURA DISCURSIVA DO LOCUTOR NOS <i>ARTIGOS DE OPINIÃO</i>	74
4.2.1	A categoria de articuladores textuais.....	74
4.2.2	A categoria de pronomes	88
4.2.3	A categoria de verbos	98
4.2.4	A singularidade na postura dos locutores dos textos.....	111
4.2.5	O emprego de pronomes e verbos como elos coesivos nos <i>artigos de opinião</i>	121
5	O <i>ETHOS</i> DISCURSIVO NOS <i>ARTIGOS DE OPINIÃO</i>	131
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
	REFERÊNCIAS	155
	ANEXO A – <i>ARTIGOS DE OPINIÃO</i>	159
	ANEXO B – PROVA DE REDAÇÃO DO VESTIBULAR DA UFSM DE 2014	183
	ANEXO C – CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DOS TEXTOS DO VESTIBULAR DA UFSM DE 2014	185
	ANEXO D – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL	187
	APÊNDICE A – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	189
	APÊNDICE B – MODELO DE TERMO DE CONFIDENCIALIDADE	193

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A motivação para o desenvolvimento desta pesquisa parte das várias críticas existentes na literatura especializada sobre o tratamento puramente estrutural referente à materialidade linguística (POSSENTI, 1996; FARACO, 2006; ANTUNES, 2007; MOURA NEVES, 2012) e das observações realizadas por professores do ensino básico em cursos de formação e congressos da área assistidos por nós. Nesse sentido, Faraco (2006) comenta que

O problema central do ensino de português [...] [é saber] como nos livrar do normativismo e da gramatiquice para podermos oferecer aos nossos alunos condições para eles se familiarizarem com aquelas práticas sociais de linguagem, orais e/ou escritas, relevantes para sua efetiva inserção sociocultural (FARACO, 2006, p. 21).

Ainda de acordo com o autor, entende-se como normativismo não considerar a norma padrão apenas como umas das variedades da língua e, como gramatiquice, o estudo da gramática¹ como um fim em si mesmo. O rompimento para essa tradição no ensino de língua seria uma “reflexão gramatical sem gramatiquice e o estudo da norma padrão sem normativismo”. Apesar disso, percebemos que a escola não trabalha adequadamente os fenômenos gramaticais com os alunos, mas, sim, a apreensão exaustiva de terminologias e nomenclaturas que são aplicadas em atividades descontextualizadas. Talvez isso ainda aconteça devido a uma confusão entre pais, alunos e professores de que isso é ensinar Língua Portuguesa, motivada por uma tradição no ensino de língua.

No entanto, se o estudo do componente gramatical não é suficiente para que o aluno tenha domínio da língua, o conhecimento de nomenclaturas em nada contribui para o exercício da linguagem em textos. Pensar na totalidade da língua e em seu uso significativo e efetivo requer o conhecimento de regras de textualização e de normas sociais que regulam a interação verbal, por exemplo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais² (1998, p. 49) corroboram com essa ideia ao trazerem o objetivo do ensino de Língua Portuguesa, que é o de “possibilitar ao aluno desenvolver o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem”, sendo capaz de operar sobre as dimensões pragmática, semântica e gramatical. Observa-se, nessa orientação, que a dimensão gramatical é apenas um dos aspectos que compõe o objetivo do ensino.

¹ Entendemos “gramática” como as “regras para construir palavras e sentenças numa língua particular” (TRASK, 2015, p. 126) que tem seu estudo linguístico, na Escola Básica, por exemplo, dividido em morfologia e sintaxe.

² Doravante PCN.

A partir dessa situação, nos sentimos desafiadas a pesquisar o sentido de alguns aspectos linguísticos a partir do sujeito enunciativo em textos escritos. Inicialmente, entendemos que a Linguística da Enunciação ainda se constitui como um campo teórico novo, porém bastante propício para análises que podem mudar a forma de ensino de línguas futuramente. Isso porque, como desenvolveremos ao longo desta Dissertação, tal vertente teórica considera sujeito e estrutura articulados, ou seja, a forma e o sentido a partir de um sujeito que se apropria da língua e a enuncia, produzindo sentidos cada vez únicos e irrepetíveis (BENVENISTE, [1970] 1989). Assim, por esse viés, seria possível romper com um ensino baseado no normativismo e na gramatiquice.

Para que essa mudança possa ocorrer, é necessário, em um primeiro momento, uma análise e reflexão linguística em uma materialidade, como nos propomos a fazer neste estudo, buscando compreender algumas categorias a partir do uso por um sujeito. Só dessa forma poderemos, em um estudo futuro, pensar em uma visão didática, que possa alterar o quadro de ensino de línguas, mais especificamente, de Língua Portuguesa, no contexto da Escola Básica.

Por isso, neste momento, esta pesquisa tem por objetivo identificar as categorias de articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos em textos do *gênero artigo de opinião*, provenientes do processo seletivo da Universidade Federal de Santa Maria³, e analisar os possíveis efeitos de sentido decorrentes do emprego dessas categorias, colaborando para traçar a imagem discursiva do locutor do texto. Para isso, a perspectiva teórica e metodológica que embasa este estudo é a Linguística da Enunciação, por compreendermos que essa perspectiva teórica permite um melhor entendimento acerca da imagem de um sujeito, o *ethos* discursivo, por meio de mecanismos linguísticos empregados na enunciação e recuperáveis por meio da análise das marcas deixadas no enunciado. Com isso, temos como hipótese que o *ethos* discursivo pode ser esboçado, em textos produzidos neste contexto específico, entre outros elementos, pelos articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos.

A fim de comprovar nossa hipótese, analisamos 23 exemplares do *gênero artigo de opinião*, produzidos a partir da prova de redação do processo seletivo da UFSM, no ano de 2014. Por se tratar de um material confidencial, proveniente de candidatos que estavam disputando uma vaga em um curso de graduação de tal universidade por meio do concurso público vestibular, esse *corpus* precisou passar pelo aval do Comitê de Ética em pesquisa. Dessa forma, uma série de documentos asseguram o sigilo e a confidencialidade das

³ Doravante UFSM.

informações. Em função disso, o critério de seleção desse número de exemplares corresponde aos textos cujo autor autorizou a análise do seu material para pesquisa, mediante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado. Na seção referente à metodologia, explicaremos o processo de passagem desses textos pelo Comitê de Ética em pesquisa da UFSM. Os *artigos de opinião* selecionados para compor o *corpus* encontram-se disponíveis para consulta em anexo.

Entre os vários *corpora* que tínhamos disponíveis para o desenvolvimento desta pesquisa, optamos pelos *artigos de opinião* do processo seletivo da UFSM por o considerarmos como um material privilegiado de análise. Isso porque os produtores desses textos, provavelmente, são estudantes em etapa de finalização da educação básica. Com isso, o processo seletivo em uma Universidade, mais especificamente, a produção de um texto na prova de redação, é o momento que esses alunos têm para provar o conhecimento adquirido durante essa etapa escolar fora desse contexto específico de produção, ou seja, em aulas de Língua Portuguesa. A partir do posicionamento e defesa de uma tese, de forma argumentativa e escrita, o discente demonstra seus conhecimentos linguísticos, enunciativos e discursivos, tornando esses textos um rico material de análise.

Com relação às categorias analíticas, além de termos em vista que elas podem contribuir para o esboço do *ethos*, as elegemos em função de algumas especificidades. Pronomes e verbos foram escolhidos por serem as primeiras categorias em que o sujeito se mostra, se marcando na materialidade linguística. Os articuladores discursivo-argumentativos, por sua vez, apresentam relação com o *artigo de opinião*, gênero predominantemente argumentativo em que, para a defesa da tese, são mobilizados argumentos, geralmente, introduzidos por tais mecanismos de coesão. Ainda é importante pontuar que a opção pela análise dessas categorias, com base na Linguística da Enunciação, possibilitará observar a produção de sentidos instaurados durante o processo argumentativo, a partir de um sujeito que se apropria da língua e a coloca em uso por um ato individual de utilização (BENVENISTE, [1970] 1989).

Esta Dissertação está estruturada em quatro capítulos, além das considerações iniciais e finais, referências e anexos. Nas considerações iniciais, procuramos situar o tema, o objetivo e o principal referencial teórico e metodológico deste estudo, bem como justificar as categorias, o *corpus* de análise e a pertinência e alcance desta pesquisa.

O segundo capítulo, *Fundamentação teórica*, é dividido em seis seções, em que são revisados alguns conceitos e categorias teóricas que nortearão a análise, explicitando a relação de tais conceitos entre si e a relevância para esta pesquisa. Entre eles, pode-se citar: as

concepções de língua e linguagem; de *texto* e *discurso*; os *gêneros textuais*, a organização argumentativa e o *artigo de opinião*; sujeito, sentido e língua(gem) na Linguística da Enunciação; as categorias de articuladores textuais, pronomes e verbos; a noção de *ethos* discursivo.

O terceiro, *Metodologia*, subdivide-se em três seções, em que apontaremos todos os passos seguidos na pesquisa. Essas seções correspondem ao método, ao *corpus* de análise e às etapas de desenvolvimento.

O quarto, *A constituição do ethos a partir de efeitos de sentido produzidos pelo emprego de articuladores textuais, pronomes e verbos nos artigos de opinião*, divide-se em duas seções, e trata da análise dos textos de nosso *corpus*. Assim, em um primeiro momento, apresentamos os dados quantitativos para, em um segundo momento, descrevermos os locutores dos *artigos de opinião*, a partir dos efeitos de sentido produzidos pelo emprego de articuladores textuais, pronomes e verbos nos textos.

O quinto capítulo, *O ethos discursivo nos artigos de opinião*, corresponde à categoria metodológica de interpretação dos dados, em que explicitaremos o *ethos* discursivo desses textos, mediante a relação entre a análise realizada a partir dos efeitos de sentido produzidos pelas categorias de articuladores textuais, pronomes e verbos nos textos e as conclusões a que chegamos.

Por fim, nas considerações finais, sintetizamos os principais resultados e conclusões desta pesquisa até o momento, além de lançarmos hipóteses para futuros estudos, a partir da problemática aqui levantada. Há, ainda, as referências bibliográficas e os anexos.

Já na sequência, tratamos da seção correspondente à fundamentação teórica, em que revisamos noções e conceitos que nortearão a análise dos dados provenientes de nosso *corpus* de pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao considerar o *corpus* de análise e os objetivos deste trabalho, como fundamentação teórica, faz-se necessário, primeiramente, esclarecer noções referentes à concepção de língua e linguagem que embasam aspectos das demais teorias subjacentes ao desenvolvimento desta pesquisa. Na sequência, serão abordadas as categorias de *texto* e *discurso*, seguidas da discussão acerca de argumentação, bem como a diferenciação teórica entre *tipos* e *gêneros textuais* e, mais especificamente, o *gênero artigo de opinião* que compõe o *corpus* de análise desta pesquisa. Posteriormente, trataremos de algumas noções da Linguística da Enunciação, principal perspectiva teórica que embasa este estudo, como, por exemplo, as categorias de pessoa e não-pessoa, locutor e sujeito. Em seguida, explanaremos sobre as três categorias que serão identificadas e descritas nos *artigos de opinião*: articuladores textuais, pronomes e verbos. Por fim, abordaremos a imagem do locutor, isto é, o *ethos* discursivo. Cabe destacar que tanto os pressupostos da Linguística da Enunciação, quanto a noção de *ethos* serão mobilizadas nas categorias de análise e interpretação dos dados para que nossa questão de pesquisa seja respondida, ou seja, analisar-se-ão os efeitos de sentido decorrentes do uso de articuladores textuais, pronomes e verbos que emergem na materialidade do texto.

Na seção seguinte, dando início à fundamentação teórica, abordaremos questões referentes à língua e linguagem, concepções gerais que embasam e subsidiam as demais noções que nortearão nossa análise nos *artigos de opinião* e auxiliarão no esboço do *ethos* discursivo, nossa categoria de interpretação.

2.1 LÍNGUA(GEM) NA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA BENVENISTIANA

É por meio da língua e na linguagem, em suas mais variadas formas, que observamos e atribuímos sentidos ao mundo, interpretando a realidade. Isso significa dizer, já nas palavras de Benveniste ([1958], 1991), que “a linguagem é a faculdade de simbolizar” (FLORES et al, 2009). No entanto, mais do que isso, por meio da língua, interagimos socialmente, de forma recíproca, ora confrontando, ora acordando, ora negociando com o outro (FIORIN, 2013). A linguagem, vista desta perspectiva é, assim, dialógica e interacional, na medida em que, locutor e interlocutor como partícipes desse processo e por meio do uso efetivo da linguagem, conseguem interagir e agir sobre o outro, (co)construindo sentidos ao dizer.

Nesse viés interacional, pensar em linguagem pressupõe o *eu* e o *outro*, em situação de troca, ou seja, a linguagem está diretamente ligada à intersubjetividade⁴, uma vez que é sempre referida ao outro, ao *tu*. Entretanto, antes dessa referência, a linguagem é constitutiva do homem como condição de sua existência. Nas palavras de Benveniste ([1958], 1991, p. 285):

A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. [...] Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem.

Nessa passagem, o autor deixa claro que a linguagem não é um mero instrumento de comunicação, já que não pode ser fabricada ou inventada. A linguagem faz parte da natureza do homem e o define enquanto tal. É dessa forma que entendemos como a linguagem deve ser levada para o ensino em sala de aula, por exemplo: para além de um simples instrumento, com abordagem estanque de categorias morfológicas, sintáticas, etc., evidenciando o caráter de essência, de produção de sentidos únicos e irrepetíveis a cada tomada da palavra, como exemplificaremos melhor em seção posterior.

Antes de finalizarmos esta seção, trazemos, a partir da definição de Flores e seus colaboradores (2009, p. 150), o que seria “língua” para Benveniste: “um sistema que inter-relaciona valor distintivo das formas e valor referencial relativo à situação enunciativa”. Isso significa dizer que a língua, sistema ao qual os falantes estão expostos, pode ser analisada enquanto sistema de signos e como emprego desses signos, ou seja, em seu funcionamento a partir da enunciação: *eu* se apropria da língua em uma dada situação; fala de algo a partir de signos; é produzida e recebida pela comunidade (intersubjetividade). Em suma: “a linguagem é condição para a língua, pois o sujeito, para se propor como tal na linguagem, tem de estar, ele mesmo, constituído pelo outro” (FLORES E TEIXEIRA, 2013, p. 34). Aqui, novamente, reiteramos a importância de se considerar, no ensino de algum mecanismo linguístico, o seu funcionamento em alguma situação real de interação (gêneros textuais), em detrimento da abordagem de sentidos determinados *a priori*.

Na próxima seção, apresentaremos duas outras importantes noções para a análise do nosso *corpus* de pesquisa: as concepções de texto e discurso.

⁴ Abordaremos de forma mais detalhada o princípio da intersubjetividade benvenistiano na seção 2.4. Neste momento, cabe destacar que essa noção diz respeito à “inter-relação constitutiva da enunciação que pressupõe o eu e o outro mutuamente implicados” (FLORES et al, 2009, p. 146).

2.2 AS CONCEPÇÕES DE *TEXTO* E *DISCURSO*

Neste capítulo, explanaremos sobre algumas noções importantes que são a base para estudos de uma materialidade linguística. Em um primeiro momento, retomaremos, da Linguística Textual, o conceito de *texto*. Na sequência, relacionando e ampliando a concepção de *texto* para a Linguística Textual, traremos a noção de *texto* para a Linguística da Enunciação, principal perspectiva teórica que embasa este estudo. Por fim, realizaremos a diferenciação entre *texto* e *discurso*.

A concepção de *texto* de que partimos é proveniente da Linguística Textual, perspectiva teórica que surgiu com o objetivo de ir além dos limites da frase, reintroduzindo o sujeito e a situação de comunicação, até então excluídos das pesquisas sobre linguagem. Para iniciar nosso percurso teórico, reproduzimos o olhar de Koch (1993), uma das principais expoentes da Linguística Textual no Brasil:

a Linguística Textual toma, pois, como objeto particular de investigação não mais a palavra ou a frase isolada, mas o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto (KOCH, 1993, p. 14).

A partir dessa observação, percebe-se que o objeto da Linguística Textual é o *texto* em sua relação com o sujeito e a situação comunicativa. No entanto, até a compreensão dessa noção, os estudos referentes ao *texto* foram mudando ao longo dos anos, a partir de alterações ocorridas nas concepções de *língua*, na concepção do próprio *texto* e com relação aos objetivos a serem alcançados nas análises. Assim sendo, embora não haja determinada cronologia de passagem de um momento a outro, houve gradual ampliação do objeto de análise da Linguística Textual, fazendo com que essa passasse por três momentos: *análise transfrástica*, *construção de gramáticas textuais* e *teoria do texto* (BENTES, 2008).

Com relação à concepção de *texto*, nos dois primeiros momentos do desenvolvimento da Linguística Textual, *análise transfrástica* e elaboração de *gramáticas textuais*, tal concepção era expressa pela forma de organização do material linguístico, existindo os conceitos de *textos* e *não-textos*, isto é, sequências linguísticas coerentes ou incoerentes entre si. Dessa forma, o *texto* seria uma estrutura acabada e pronta, um produto, com ênfase em seu aspecto material e/ou formal.

No terceiro momento, elaboração de uma *teoria do texto*, passou-se a considerar as condições de produção e de recepção dos *textos* como parte de atividades mais globais de

comunicação, encarando, pois, o *texto* não mais como produto. Neste terceiro momento, propõe-se a investigação da constituição, funcionamento, produção e compreensão de *textos* em uso, ou seja, em seu contexto pragmático do *texto* ao *contexto*⁵. É por esse momento que nos interessamos, nesta pesquisa, em função da materialidade linguística que compõe nosso *corpus* de análise, ou seja, o *gênero textual artigo de opinião*. A discussão referente ao *gênero textual* será realizada na próxima seção. O que cabe destacar aqui é que os *gêneros* são textos que encontramos em nosso dia a dia, evidenciando o contexto e o uso. Nas palavras de Marcuschi (2008, p. 155), os *gêneros textuais* “apresentam padrões sociocomunicativos característicos” e são “bastante estáveis, histórico e socialmente situados”.

Nessa perspectiva, a definição de *texto* deve levar em consideração três pontos com relação ao que é a produção textual: a) uma atividade verbal, b) uma atividade verbal consciente⁶ e c) uma atividade interacional. É nesse terceiro ponto, mais especificamente na atividade interacional, que nos inserimos no que tange a uma das definições de *texto* que embasam este estudo. Consideramos, de acordo com Bakhtin ([1895-1975], 2009), estudioso do princípio do dialogismo⁷, que

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, [1895-1975] 2009, p. 117, grifos do autor).

Nesse sentido, na interação, os interlocutores estão envolvidos no processo não só de construção, mas de compreensão de um *texto*, obrigatoriamente e de várias formas. Para o autor, a “enunciação constitui o centro de referência do sentido dos fenômenos linguísticos”, como um evento renovado, por meio do qual o “locutor se institui na interação viva com vozes sociais” (FLORES; TEIXEIRA, 2013, p. 45).

⁵ Embora existam diversos conceitos de contexto, a partir de várias perspectivas teóricas, aqui, contexto é entendido, de modo geral, como “o conjunto de condições externas da produção, recepção e interpretação dos textos” (BENTES, 2008, p. 251).

⁶ A produção textual enquanto *atividade verbal* refere-se aos falantes que, ao produzirem um texto, estão praticando ações, atos de fala, que produzirão no interlocutor um determinado efeito, ainda que não seja aquele que o locutor tinha em mente. Já a produção textual como *atividade verbal consciente* trata-se de uma atividade intencional, em que o sujeito falante tem papel ativo ao produzir um texto, ou seja, sabe o que faz, como faz e com que propósitos faz (BENTES, 2008, p. 254).

⁷ *Dialogismo* é o “princípio da linguagem que pressupõe que todo discurso é constituído por outros discursos, mais ou menos aparentes, desencadeando diferentes relações de sentido” (FLORES et al, 2009, p. 80).

Dado o exposto, entendemos o *texto*, primeiramente, a partir de uma atividade interacional em um contexto pragmático, ou seja, em uso por um sujeito, em um contexto determinado e com finalidades específicas. Isso porque a materialidade linguística que compõe nosso *corpus* analítico é formada por *textos* do gênero *artigo de opinião*, como já citado. Entretanto, considerando que nossa análise terá, como principal embasamento, pressupostos da Linguística da Enunciação, também se faz necessário ampliar nossa visão de *texto*, a partir de tal perspectiva. Assim, o *texto escrito* pode ser entendido como

Resultado de um processo de produção intersubjetiva entre locutores situados em tempo e espaços distintos, condensando o ato de enunciação e o produto deste, cuja materialidade, de extensão não-delimitada, apresenta por escrito as marcas que permitem ao alocutário re-constituir os sentidos atualizados em formas pelo locutor (KNACK, 2012, p. 159).

Por esse viés, realizado pela autora a partir da análise de diferentes textos da obra de Benveniste, compreende-se que o *texto escrito* é o produto que condensa o ato enunciativo de locutores que não ocupam um mesmo espaço e tempo. Além disso, as marcas escritas na materialidade permitem ao leitor a reconstrução dos sentidos que surgem a partir do locutor do texto, como também pode reconstruir as marcas do sujeito. Ainda de acordo com Knack (2012), uma metodologia enunciativa de análise de textos escritos levaria em consideração o vai e vem entre ato (nível macroestrutural do texto) e discurso (nível microestrutural). Isso implica, teoricamente, na distinção entre *texto* e *discurso*. Esses termos têm em comum o fato de serem produtos da enunciação. Mas precisam ser distinguidos, uma vez que os processos de textualização são diferentes dos processos de discursivização, como lembra Fiorin (2012):

Do ponto de vista da estruturação linguística, o discurso é um todo organizado de sentido, delimitado por dois brancos, pertencente à ordem da imanência, ou seja, ao plano do conteúdo; é a atualização de virtualidades da língua e do universo do discurso. O texto também é um todo organizado de sentido, delimitado por dois brancos, mas é do domínio da manifestação, isto é, do plano da expressão; é a realização do discurso. Do ponto de vista translinguístico, o discurso ganha sentido na relação com outro discurso: ele tem autoria, dirige-se a um enunciatário, tem completude e expressa valores, emoções, etc. O texto, sendo a manifestação do discurso, pode estar em relação com outros textos, mas não é necessário que esteja (FIORIN, 2012, p.154).

A necessidade de diferenciação entre *texto* e *discurso* é justificada, nesta pesquisa, em função da enunciação, perspectiva teórica que embasa a análise aqui proposta. Embora *texto* e *discurso* sejam produtos da enunciação, suas existências semióticas são diferentes. Isso

porque o *discurso*⁸ constitui a enunciação (translinguístico) e o *texto* o enunciado (linguístico), isto é, o produto da enunciação. Essas duas noções serão mobilizadas na materialidade linguística que compõe o *corpus* desta pesquisa, na medida em que analisar-se-ão: a) o *discurso*, ou seja, a enunciação enquanto processo que coloca a língua em funcionamento por um ato individual de utilização de um sujeito, como destaca Benveniste e que é sempre única e irrepetível, e, também, b) o *texto*, isto é, o enunciado (produto da enunciação), mais especificamente, a articulação entre os enunciados a partir dos articuladores textuais, pronomes e verbos que produzem efeitos de sentido e contribuem para o esboço do sujeito enunciativo, por meio das marcas deixadas nesse enunciado.

No capítulo seguinte, abordar-se-ão questões relativas ao texto argumentativo, bem como ao *gênero textual artigo de opinião*, que constitui o *corpus* de análise em que as noções esboçadas nesse capítulo referentes a *texto*, *discurso* e as categorias de articuladores textuais, pronomes e verbos serão mobilizadas.

2.3 OS GÊNEROS TEXTUAIS E A ORGANIZAÇÃO ARGUMENTATIVA: O *ARTIGO DE OPINIÃO*

Neste capítulo, dando sequência às reflexões trazidas anteriormente, abordaremos questões relativas à materialidade linguística que compõe o *corpus* de análise: a argumentação em textos, a diferença entre *tipo de texto* e *gênero textual* e o *gênero artigo de opinião*.

No que tange ao campo argumentativo, em que se situa o *gênero artigo de opinião*, os principais manuais sobre o tema enfatizam que os estudos sobre argumentação começaram na antiga Retórica, com Aristóteles, notável filósofo grego. Outros estudiosos de diversas áreas do saber também se interessaram pelas questões referentes à argumentação, podendo-se citar os linguistas que passaram a exercer papel fundamental na ampliação dos estudos da Teoria da Argumentação, pois desenvolveram diversos estudos sobre a dimensão argumentativa, a partir de uma perspectiva da língua. Mais recentemente, Perelman, com a colaboração de Olbrechts-Tyteca ([1958] 2005), provocou uma renovação nos estudos argumentativos. Para os autores:

⁸ Para Benveniste, o discurso pode ser entendido como a “atualização da língua cada vez que alguém assume o lugar de *eu*” (FLORES et al., 2009, p. 84).

O objetivo de toda argumentação [...] é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida [...] ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, [1958] 2005, p. 50).

Em outros termos, um locutor quer agir sobre seu interlocutor, no quadro de uma troca verbal. Dessa forma, Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2005) postulam a importância de se conhecer o auditório a quem se deseja persuadir e convencer, pois a eficácia da argumentação depende em grande parte dessa condição prévia. O auditório pode ser definido como o “conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, [1958] 2005, p. 22). Para os autores, a argumentação se dá em função dos interlocutores. Assim, é preciso considerar-se o consentimento e a participação do interlocutor, uma vez que

[...] para argumentar, é preciso ter apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental [...]. [Quem argumenta] admite que deve persuadir, pensar nos argumentos que podem influenciar seu interlocutor, preocupar-se com ele, interessar-se por seu estado de espírito (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, [1958] 2005, p. 18).

A importância dada ao outro, ao auditório, também é constitutiva do orador, pois a qualidade da argumentação e o comportamento do orador serão influenciados e até determinados pelo auditório a que ele irá se dirigir. Aliada às noções de orador e auditório é necessário distinguir teoricamente *persuasão* de *convencimento*, pois, frequentemente, essas noções são tratadas como sinônimas ou de forma conjugada. Ainda de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2005), persuasiva, é a argumentação válida para um auditório particular e convincente é a argumentação que deveria obter a adesão de todo ser racional.

Nesse sentido, para Abreu (2005), convencer é saber gerenciar informação, é falar à razão do outro, demonstrando, provando, e persuadir é saber gerenciar relação, é falar à emoção do outro. Na prática, mesmo considerando o objetivo de determinados textos, o matiz entre convencer e persuadir é impreciso, pois dependerá da estratégia argumentativa empregada por quem produz o texto. Logo, um texto pode, simultaneamente, convencer e persuadir o interlocutor.

Como já foi citado anteriormente, *convencimento* e/ou *persuasão* do auditório dependerão da estratégia argumentativa do produtor do texto, ou seja, dos tipos de argumentos mobilizados por ele na escrita ou na oralidade para defender seu ponto de vista. Um

argumento é um “raciocínio que conduz à indução ou dedução de algo, sendo um recurso usado para convencer alguém, para alterar-lhe a opinião ou comportamento” (COSTA, 2014, p. 40). Para Fiorin (2016, p. 19), “os argumentos são os raciocínios que se destinam a persuadir, isto é, a convencer ou a comover, ambos meios igualmente válidos de levar a aceitar uma determinada tese”. Fiorin (2016, p. 113), apoiado em Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2005), destaca que os argumentos se classificam em dois tipos: a) os que se valem dos processos de ligação, ou seja, aproximam elementos distintos, estabelecendo entre eles uma relação de solidariedade e b) os que se servem de processos de dissociação, isto é, separam, desunem elementos de um todo ou um conjunto solidário num sistema teórico. Os argumentos do primeiro tipo, os esquemas de ligação, constroem argumentos de três tipos: os quase lógicos, os que se fundamentam na estrutura do real e os que fundam a estrutura do real.

Nos *artigos de opinião* que compõem nosso *corpus* de análise, a defesa da tese, terceira etapa retórica de constituição do *gênero*, como será melhor explicitado posteriormente, ocorre por meio do emprego de recursos linguísticos e da inserção de vozes que tem por objetivo engajar o leitor, além de tentar convencê-lo sobre o posicionamento defendido pelo articulista. Para que isso possa acontecer, diferentes tipos de argumentos podem ser empregados, a depender da estratégia argumentativa do articulista. Com os argumentos escolhidos, o articulista procura atingir o objetivo não apenas dessa etapa do *gênero*, como também do *gênero* como um todo, ou seja, defender um ponto de vista no intuito de convencer o público leitor. Na seção referente à análise dos exemplares do *corpus*, definiremos e comentaremos os diferentes tipos de argumentos encontrados para a defesa da tese que também podem auxiliar no esboço do *ethos*.

A questão da argumentação, bem como suas estratégias argumentativas, discutida até aqui precisa ser categorizada a partir da distinção entre *tipo textual* e *gênero textual*. Isso porque ainda há certa confusão com relação a essas noções, principalmente na Escola Básica, por alunos e também por professores, apesar da orientação dos PCN (1997) para que as *tipologias* sejam estudadas no interior de cada *gênero textual*⁹. De acordo com Marcuschi (2008, p. 154, grifos nossos), “*tipo textual* designa uma espécie de construção teórica [...] definida pela natureza linguística de sua composição. [...] O *tipo* caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas do que como textos materializados”. As principais *tipologias* são: narração, descrição, exposição, injunção e argumentação. Percebe-se, portanto, que as

⁹ Marcuschi (2008, p. 209) salienta que os PCNs não fazem uma distinção sistemática entre *tipos* e *gêneros*, trazendo apenas observações vagas. Talvez esse possa ser um dos motivos para que muitos professores e alunos ainda confundam tais noções, tratando-as, por vezes, como equivalentes.

tipologias textuais contribuem como suporte para a produção de textos, ou melhor, de *gêneros textuais*. Cabe destacar que um *gênero* dificilmente apresentará, do início ao fim, uma única *tipologia*. No *artigo de opinião*, por exemplo, predomina a argumentação, mas esse *gênero* pode mesclar outras sequências, como a descrição e a narração segundo a estratégia argumentativa do produtor do texto.

Já os *gêneros textuais*, cuja noção foi brevemente explanada no capítulo anterior, envolvem “uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI, 2008, p. 154), por meio de textos orais e escritos. Um dos grandes teóricos a falar de *gênero discursivo*, que inclusive está nas referências dos PCNs (1997) e da maioria dos livros didáticos de Língua Portuguesa, foi Bakhtin. Os *gêneros textuais*, ou *do discurso* como denomina Bakhtin, são textos, de número infinito, por meio dos quais interagimos diariamente; sem os *gêneros textuais* não seria possível a interação humana. Nesse sentido, Bakhtin (2009, p. 117, grifos do autor) afirma que a “palavra comporta duas faces [...] procede de alguém [...] e se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte”. Ainda de acordo com Bakhtin (1977), em *Estética da criação verbal*, o autor afirma que a

[...] utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. [...] Cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 1977, p. 279, grifos do autor).

Os *gêneros* apresentam, portanto, natureza variada conforme cada situação comunicativa em que recorreremos a eles na interação verbal, ou seja, cada *gênero* apresenta um propósito comunicativo específico, relacionado ao contexto de produção, de consumo e de circulação. A escolha do *gênero* pelo usuário dependerá de sua intenção e da situação sociocomunicativa em que estará inserido. Vale ressaltar ainda que esses *gêneros* estão disponíveis em um conjunto de textos constituídos ao longo dos anos pela prática social. “Se não existissem os *gêneros do discurso* e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, [...] a comunicação verbal seria quase impossível” (BAKHTIN, 1977, p. 302, grifos nossos).

As distinções feitas entre *tipo* e *gênero textual* são importantes, nesta discussão, em função do ensino de Língua Portuguesa na Escola Básica, por meio da leitura e produção de

textos orais e escritos. Não apenas os PCNs, mas também as Orientações Curriculares Nacionais¹⁰ (2006), específicas para o Ensino Médio, indicam como metodologia de ensino, nas aulas de língua materna, o apoio do *gênero textual*, conjugando leitura, produção e análise linguística. De acordo com esse documento oficial

[...] o que se propõe é que, na delimitação dos conteúdos, as escolas procurem organizar suas práticas de ensino por meio de agrupamentos de textos, segundo recortes variados, em razão das demandas locais, fundamentando-se no princípio de que o objeto de ensino privilegiado são os processos de produção de sentido para os textos, como materialidade de gêneros discursivos, à luz das diferentes dimensões pelas quais eles se constituem (BRASIL, 2006, p. 36).

Observa-se, dessa forma, que os *gêneros textuais* devem ser objeto de ensino. No entanto, assim como mecanismos coesivos, pronomes e verbos, os *gêneros*, muitas vezes, são abordados como mero instrumento. Isso significa dizer que os *gêneros* são utilizados para a realização de atividades de cunho gramatical como, por exemplo, a classificação de orações retiradas do texto, a justificativa para o uso de determinada pontuação, entre outros exercícios. O *gênero*, enquanto essência, como uma prática social com fins específicos segundo determinado contexto de produção, nem sempre é central no ensino de Língua Portuguesa. E, quando o *gênero* constitui o objeto de ensino, sua explanação e produção se dão em função de características e estruturas composicionais estanques, não favorecendo a autonomia dos alunos de desenvolverem suas ideias no texto. Apesar disso, seguindo as orientações dos principais documentos oficiais, a UFSM decidiu que, a partir de 2014, a prova de redação de seu processo seletivo seria na perspectiva de *gênero textual*:

Com o propósito de avaliar a proficiência dos candidatos na leitura e na escrita pelo uso da língua portuguesa em contextos sociocomunicativos específicos, a prova de redação no vestibular da UFSM passa a nortear-se pela perspectiva de gênero textual, em consonância com a concepção de linguagem e texto que vem sendo trabalhada na educação básica do país, tendo em vista as recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2000) (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 2014, p. 1).

Nesse sentido, cabe destacar que os critérios de avaliação do texto passaram a ser divididos em três dimensões, de acordo com a concepção de *gênero textual* proposta: adequação à estrutura global do *gênero*, adequação ao propósito e ao conteúdo e articulação escrita. Cada dimensão apresentava subdivisões com a respectiva pontuação. Além disso, a escrita de dois *gêneros textuais* poderiam ser solicitados aos candidatos na prova: *artigo de*

¹⁰ Doravante OCNs.

opinião ou *carta aberta*, ambos com predominância da *tipologia textual* argumentativa. Em 2014, o *gênero artigo de opinião* com a temática “Juventude conectada – evolução ou problema social?” foi solicitado na prova de redação da UFSM e constitui o *corpus* de análise desta pesquisa.

Com relação ao *artigo de opinião*, uma definição se faz necessária para a compreensão do funcionamento de tal *gênero*. O *artigo de opinião* sempre “desenvolve, explícita ou implicitamente, uma opinião sobre o assunto, com um fecho conclusivo, a partir da exposição das ideias ou da argumentação/refutação construídas” (COSTA, 2014, p. 42), com o intuito de aumentar a adesão do leitor à posição defendida. Ainda de acordo com Costa (2014), o *gênero artigo de opinião* poderia ser sintetizado da seguinte forma:

a partir de uma questão polêmica e num tom/estilo de convencimento, o articulista tem como objetivo apresentar seu ponto de vista sobre o assunto, usando o poder da argumentação, defendendo, exemplificando, justificando ou desqualificando posições (COSTA, 2014, p. 42).

Cabe ainda destacar que, nesse *gênero*, há um ângulo de abordagem pessoal acerca de uma questão controversa de ordem social, econômica, política ou cultural, com a análise e posição do autor do texto. Além disso, o meio de registro de tal *gênero* é o escrito e sua publicação ocorre, geralmente, em jornais ou revistas impressas ou *online* e em *blogs* ou *sites* pessoais e institucionais. Com relação à estrutura composicional desse *gênero*, tomaremos como referência, na análise, a nomenclatura a partir da sistematização proposta por Eckert e Pinton (2016)¹¹, que mapearam as etapas e os passos¹² do *artigo de opinião* no contexto jornalístico. O quadro a seguir ilustra a organização retórica do *gênero*.

¹¹ Os pressupostos teóricos e metodológicos que embasam o estudo das autoras corresponde à Pedagogia de gênero *Learning to write, Reading to learning* (ROSE; MARTIN, 2012).

¹² As etapas e passos retóricos fazem parte da organização de um *gênero textual* e contribuem para que o propósito comunicativo de defesa do ponto de vista, no caso do *artigo de opinião*, seja atingido.

Quadro 1 – Etapas e passos retóricos do *gênero artigo de opinião* em contexto real de produção

ETAPAS	PASSOS
1) Contextualização	i) Apresentação do tema por meio de definição do problema e das posições a favor e contra OU ii) Apresentação do tema vinculado a um fato ou evento cotidiano
2) Apresentação da tese ¹³	i) Apresentação do ponto de vista, por meio de índices de avaliação positivos ou negativos e/ou conjunções de oposição e/ou contestação
3) Defesa da tese	i) Inserção de vozes para defesa do posicionamento do autor (argumentos de autoridade, exemplificação, provas, de causa e consequência)
4) Reiteração e/ou apresentação de sugestões	i) Apresentação de solução para o problema debatido E/OU ii) Síntese da posição defendida

Fonte: (ECKERT E PINTON, 2016, p. 12).

É importante destacar que as autoras realizaram a sistematização do *gênero artigo de opinião* em seu contexto real, ou seja, publicado em um jornal do Rio Grande do Sul. Como os *artigos de opinião* que constituem nosso *corpus* foram produzidos a partir de um contexto simulado, isto é, uma prova de redação do processo seletivo da UFSM, os passos retóricos do *gênero* nem sempre são os mesmos encontrados quando a produção ocorre no contexto real. Dessa forma, na análise dos textos, sinalizaremos essas diferenças nos passos que serão (re)nomeados por nós de acordo com o contexto simulado em que os *artigos de opinião* foram produzidos. Salientamos que não temos por objetivo realizar uma análise de *gênero* no contexto simulado em que eles foram produzidos, o que, aliás, seria um estudo relevante para a Linguística. No entanto, ter ciência das etapas e passos retóricos que o constituem é imprescindível na análise, na medida em que nos fazem compreender melhor o emprego e funcionamento dos articuladores textuais, pronomes e verbos no *artigo de opinião*.

Antes de finalizar este percurso teórico, é válido retomar as noções já discutidas anteriormente de *orador*, *auditório*, *convencer* e *persuadir*. Isso porque essas noções são imprescindíveis para a compreensão da dinâmica do *gênero textual artigo de opinião* em dois

¹³ Adotaremos, neste trabalho, a noção de tese como equivalente a posicionamento e ponto de vista, embora existam discussões teóricas a respeito da distinção dessas noções.

contextos: o “real” e o simulado. O contexto “real” de produção dos textos diz respeito a uma prova de redação de um vestibular. Logo, com relação aos participantes, os candidatos concorrentes a uma vaga na instituição (orador) produziram textos que seriam lidos e avaliados por uma banca (auditório). Nesse caso, o texto tem como principal função social avaliar a competência do candidato no uso da linguagem em uma determinada situação de interação, fornecendo uma nota que, juntamente com a prova objetiva, aprovará ou não o candidato no vestibular.

No que tange ao contexto simulado de produção, a prova de redação da UFSM, como já citado anteriormente, é norteada pela perspectiva dos *gêneros textuais*. Assim, os participantes seriam: o candidato convidado a participar da discussão sobre o tema “juventude conectada: evolução ou problema social?” (orador), a partir da escrita de um *artigo de opinião*, e o público leitor de um jornal (auditório). Nesse sentido, temos a função do *gênero artigo de opinião*, seu propósito comunicativo, isto é, a aceitação de uma tese defendida, sobre alguma questão polêmica, por um público leitor.

Com relação à situação descrita anteriormente, Silva e Araújo (2009) comentam que ocorre uma relação intragênero, pois os candidatos parecem ser conscientes de que estão escrevendo para uma banca de vestibular com o objetivo de avaliação, apesar de terem acesso às condições de produção do *gênero* na proposta da prova. Entretanto, as autoras consideram que a simulação da situação comunicativa serve para orientar a escrita dos candidatos. Neste caso, considerando essa relação intragênero, o candidato poderia optar pela estratégia argumentativa mais adequada para convencer ou persuadir os leitores (auditório) do contexto “real” (banca avaliadora da prova) ou do contexto simulado (leitores de um jornal) de produção. Apesar dessa situação, inicialmente, temos como hipótese que os candidatos tomaram como guia, na escrita, o contexto simulado de produção. Sustentamos essa hipótese, neste momento, a partir de informações contextuais como, por exemplo, as orientações ao candidato para a prova de redação da UFSM de 2014, bem como os critérios de correção dos textos, que enfatizam a situação comunicativa apresentada na proposta de produção textual.

As noções apresentadas neste capítulo se justificam pela relação com nosso *corpus* de análise, conforme já citado. Isso porque, nas categorias metodológicas de análise e interpretação, enfatizaremos que articuladores textuais, pronomes e verbos identificados nos *artigos de opinião* produzem efeitos de sentidos, neste caso, a partir de um *gênero* com predominância da *tipologia* argumentativa. Esses efeitos de sentido, por sua vez, tem relação com a organização argumentativa do locutor do texto, considerando a dinâmica orador-auditório-convencimento/persuasão. Além disso, tais efeitos de sentido refletem o sujeito na

medida em que indicam suas marcas no enunciado, fazendo emergir as características do *ethos*, ou seja, da imagem do locutor do texto.

No capítulo seguinte, abordaremos questões relativas à Linguística da Enunciação, principal embasamento teórico para a análise dos articuladores textuais, pronomes e verbos do *corpus*. A partir da identificação dessas três categorias, no *corpus*, se refletirá sobre os efeitos de sentido decorrentes do seu uso, conforme discutido nesse capítulo, que emergem da materialidade textual, evidenciando a tríade: *forma, sentido e sujeito*.

2.4 O OLHAR DA LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO: SUJEITO, SENTIDO E LÍNGUA(GEM)

Neste capítulo, dando continuidade à trajetória teórica, discutir-se-á sobre a Linguística da Enunciação, com base em Benveniste, seu principal linguista. Todas as noções discutidas anteriormente e também neste capítulo serão mobilizadas na categoria metodológica da análise dos dados, ou seja, analisar-se-ão os efeitos de sentido decorrentes do uso de articuladores textuais, pronomes e verbos que emergem na materialidade do texto.

A Linguística da Enunciação pode ser sistematizada a partir do olhar de Flores (2013), importante estudioso brasileiro das questões enunciativas e também da obra de Benveniste, considerado um dos precursores da Enunciação. Para Flores e Teixeira (2013), a Linguística da Enunciação trata-se de uma

abordagem de um objeto no qual se inclui o sujeito, portanto, algo do campo da irrepetibilidade. A enunciação é sempre única e irrepetível, porque a cada vez que a língua é enunciada tem-se condições de tempo (agora), espaço (aqui) e pessoa (eu/tu) singulares. Assim, cada análise da linguagem é única também. [...] Eis o diferencial da linguística da enunciação: prever na língua o lugar da irrepetibilidade dela mesma [...] (FLORES; TEIXEIRA, 2013, p. 100).

A partir de tal observação, cabe destacar que o estudo da enunciação é uma questão de ponto de vista e compreende a língua em sua totalidade, considerando sujeito¹⁴ e estrutura articulados, ou seja, a relação da língua como a linguagem assumida por um sujeito, cujas marcas emergem do enunciado. Antes de discutirmos algumas noções importantes da Linguística da Enunciação para este estudo, esboçaremos um breve percurso histórico, desde seu surgimento até os dias atuais, no intuito de situar tal perspectiva teórica.

¹⁴ *Sujeito* é uma instância que decorre da apropriação feita pelo locutor (FLORES, 2013, p. 101).

O campo dos estudos da linguagem a que pertence a Linguística da Enunciação teve, como fundamentos epistemológicos, em ordem decrescente de importância, noções da Retórica e da Gramática principalmente (FLORES et al., 2008). Apoiados em Fuchs (1985), Flores e seus colaboradores (2008) destacam que, da Retórica, advém a noção hoje conhecida de “situação enunciativa”, pois as distinções feitas entre as três partes da Retórica (elocução, provas e disposição) referem-se àquele que fala, ao assunto sobre o qual se fala e àquele a quem se fala. Da Gramática, por sua vez, verifica-se a existência de fenômenos enunciativos como a dêixis e a problemática do sujeito. Com relação à origem da abordagem enunciativa da Linguística, os autores afirmam que ela se constitui com Michel Bréal (1832-1915), interessado, entre outras temáticas, pelo sentido das palavras, pela relação sintaxe/semântica e pela parte subjetiva da linguagem. Entretanto, os iniciadores do pensamento enunciativo são Charles Bally e Albert Sechehaye¹⁵, discípulos saussurianos, nas primeiras décadas do século XX. Considerando o quadro saussuriano, é interessante pontuar, ainda que brevemente, a relação Saussure-Benveniste no estabelecimento da Linguística da Enunciação.

Em primeiro lugar, cabe elucidar que Saussure, no *Curso de Linguística Geral*, ao propor a interdependência língua/fala deixa clara sua intuição enunciativa, apesar de eleger a língua como objeto da ciência linguística. Em segundo lugar, Benveniste mantém, altera e nega Saussure na construção da sua visão (enunciativa) de linguagem (FLORES, 2013). Isso pode ser percebido, por exemplo, com relação à noção de signo linguístico, que, em Benveniste, inclui o uso que dele faz o falante. Além disso, Benveniste faz uma releitura do objeto da Linguística saussuriana, que passa a considerar a linguagem tomada em sua totalidade, ou seja, a interdependência saussuriana língua/fala é superada na enunciação, ao se pensar estrutura e sujeito articulados. Por fim, a noção saussuriana de sistema é essencial para os trabalhos sobre enunciação benvenistianos, uma vez que o axioma da teoria benvenistiana “o homem está na língua” leva em conta a ideia de sujeito falante/locutor (“homem”) e de sistema (“está na língua”). Dessa forma, o objeto da Linguística da Enunciação “aparece como não redutível à língua como sistema, mas também não identificado à fala como o uso individual do sistema” (FLORES et al., 2008, p. 18).

Feito esse conciso percurso histórico acerca do estabelecimento da Linguística da Enunciação tal como se estuda hoje, passaremos à discussão de algumas noções importantes referentes à enunciação, com base em seu principal linguista: Benveniste¹⁶. Tais noções serão

¹⁵ Ambos editores do *Curso de linguística geral*, publicado em 1916.

¹⁶ Cabe destacar que Benveniste desenvolveu um pensamento sobre temáticas muito mais amplas do que a enunciação, apesar de ter tido maior reconhecimento, pelo menos no Brasil, pelos estudos enunciativos.

mobilizadas no *corpus* de análise, em função do nosso objetivo geral, ou seja, identificar as categorias de articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos em textos do gênero *artigo de opinião* do processo seletivo da UFSM de 2014 e analisar os possíveis efeitos de sentido decorrentes do emprego de tais categorias nesse contexto de uso, colaborando para traçar a imagem discursiva do locutor do texto.

Inicialmente, trazemos a definição benvenistiana de enunciação, presente no texto “O aparelho formal da enunciação” (1970), publicado no livro *Problemas de Linguística Geral II* (1989): “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, [1970] 1989, p. 82). Neste fragmento, se observa a presença do sujeito que, ao enunciar, transforma a língua, ou seja, o sistema, em discurso¹⁷. Na sequência do texto, Benveniste se propõe a definir a enunciação em seu quadro formal de realização. Primeiramente, o autor considera o ato individual de utilização da língua que pressupõe um locutor¹⁸, que se apropria do aparelho formal¹⁹, enunciando sua posição. Ao fazer isso, ele implanta o outro, isto é, o alocutário. A partir disso, se esboça o quadro da enunciação, relativo à língua em ação, composto pelas noções de pessoa, tempo e espaço²⁰.

Antes de discutirmos a respeito do quadro da enunciação, é válida a distinção entre alguns termos²¹ da Linguística da Enunciação que serão mobilizados na análise do *corpus* e que não se equivalem conceitualmente. A primeira distinção refere-se à *enunciação* e *enunciado*. A enunciação já foi definida anteriormente, com base em Benveniste. O enunciado, de acordo com o mesmo autor, é entendido como frase, ou seja, a unidade do discurso, o produto da enunciação. A segunda distinção diz respeito às noções de locutor e sujeito. O locutor é responsável pela apropriação da língua enquanto o sujeito é uma instância que decorre da apropriação feita pelo locutor (FLORES, 2013). Na materialidade linguística da análise, além de enunciação e enunciado, mobilizaremos os conceitos de locutor, como aquele que se apropria da língua e enuncia o discurso, e sujeito, a partir das marcas que emergem do enunciado.

¹⁷ Para Benveniste, discurso é a “atualização da língua cada vez que alguém assume o lugar de *eu*” (FLORES et al., 2009, p. 84).

¹⁸ Para Benveniste, locutor é o “indivíduo linguístico cuja existência se marca na língua toda vez que toma a palavra” (FLORES et al., 2009, p. 157).

¹⁹ Para Benveniste, o *aparelho formal da enunciação* é o “dispositivo que permite ao locutor transformar a língua em discurso” (FLORES et al., 2009, p. 48).

²⁰ As noções de tempo e espaço não serão mobilizadas diretamente na análise do nosso *corpus*. Apesar disso, cabe mencionar os índices de *ostensão*, os dêiticos, com relação ao espaço, e as formas temporais, isto é, os tempos verbais no que diz respeito à noção de tempo da enunciação.

²¹ Flores (2013, p. 101-102) distingue conceitualmente, ainda, os termos *homem*, *pessoa* e *eu*. Assim, *homem* designa o ponto de partida antropológico de Benveniste; *pessoa* é uma categoria linguística; e *eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e *lhe* designa o locutor.

Conforme já afirmado anteriormente, a inovação do pensamento benvenistiano consiste em supor sujeito e estrutura articulados. Em função disso, é necessário explicitar um pouco mais o que se entende por sujeito²² na Linguística da Enunciação. Inicialmente, cabe destacar que a enunciação é objeto de análise da Linguística da Enunciação e não o sujeito. Apesar disso, por causa do *aparelho formal da enunciação*, o sujeito encontra-se presente na teoria. Entretanto, o que se estuda são as marcas da enunciação e do sujeito no enunciado, que emergem da materialidade linguística, e não o sujeito em si (psicobiológico).

Feitas essas distinções conceituais e dando sequência à explanação do quadro da enunciação, conjugamos algumas ideias expostas nos textos “Estruturas das relações de pessoa no verbo” (1946) e “Da subjetividade na linguagem” (1958), ambos publicados em *Problemas de Linguística Geral I* (1991), no que tange à distinção entre pessoa e não-pessoa, a partir da correlação de personalidade, que opõe as pessoas *eu* e *tu* à não-pessoa *ele*, e de subjetividade, interior à precedente, opondo *eu* a *tu*. Para Benveniste, na correlação de personalidade, *eu* e *tu* são pessoas em função das características de unicidade, de inversibilidade e de ausência de predicação verbal. Essas características são ausentes em *ele*, considerado não-pessoa, pois um predicado é bem enunciado somente fora do *eu-tu*, além das formas de terceira pessoa indicarem um enunciado sobre alguém ou alguma coisa, mas não referido a uma pessoa específica. No que tange à correlação de subjetividade, opõe-se *eu* a *tu* em função da natureza linguística: *eu* é interior ao enunciado e exterior a *tu*, além de *eu* ser sempre transcendente com relação a *tu*. Nas palavras do autor,

essas qualidades de interioridade e transcendência pertencem particularmente ao “eu” e se invertem em “tu”. Poder-se-á, então, definir o *tu* como pessoa não subjetiva, em face da pessoa subjetiva que *eu* representa; e essas duas “pessoas” se opõem juntas à forma de “não-pessoa” (= “ele”) (BENVENISTE, [1946] 1995, p. 255).

Com relação à instalação da subjetividade na linguagem, Benveniste afirma que ela se dá na categoria de pessoa, mediante algumas formas, como o pronome *eu*, por exemplo. Para o autor, a subjetividade é “a capacidade do locutor para se propor como sujeito” (BENVENISTE, [1958] 1991, p. 286). No entanto, essa subjetividade depende da inversibilidade entre *eu* e *tu*, que assegura a intersubjetividade, fundamento da Linguística da Enunciação. A intersubjetividade refere-se ao “eu [que] não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um *tu*” (BENVENISTE, [1958] 1991, p. 286).

²² Cabe pontuar que não há o sintagma “sujeito da enunciação” na obra de Benveniste.

Nesse sentido, Flores e Teixeira (2013, p. 34) pontuam que, para Benveniste, “a intersubjetividade está para a linguagem assim como a subjetividade está para a língua”. Ainda referindo-se à noção de pessoa, *nós*, que é pronome de primeira pessoa do plural de *eu* na maioria das línguas, para Benveniste, não pode ser considerado plural de *eu*, porque a junção é de diferentes, não de iguais. Nas palavras do autor, a “unicidade e a subjetividade inerentes a ‘eu’ contradizem a possibilidade de pluralização”, pois *nós* é “um eu dilatado, além da pessoa estrita” (BENVENISTE, [1946] 1995, p. 256). Isso significa que o *eu* que fala inclui um *não-eu*, qualquer que seja, indicando a relevância de *eu*. Em síntese: a forma *eu*, pronome pessoal, é um indicador de subjetividade, diferentemente das formas *ele*, não-pessoa pertencente à sintaxe da língua, indicador de objetividade, e *nós*, que, em certos casos, é *eu* “amplificado”, além de ter indicação de subjetividade.

Até aqui, esboçamos noções relativas ao quadro da enunciação, mais especificamente, as noções de pessoa/não-pessoa, em função de duas categorias morfológicas que serão analisadas nos exemplares do *gênero artigo de opinião*: pronomes (pessoais do caso reto e oblíquo, e possessivos) e verbos (de primeira e terceira pessoas do singular e plural), como será especificado na próxima seção. Além disso, a esquematização de tais noções foi feita no intuito de realizar um contraponto com o quadro da língua, constituído pela noção de não-pessoa que pode ser submetida à enunciação. “O campo da *não-pessoa*, pois, é relativo a tudo o que é língua, mas que não é relativo a *eu-tu-aqui-agora*” (FLORES et al., 2008, p. 61, grifos dos autores). Isso significa dizer que, para Benveniste, a relação entre a língua e o mundo é instaurada pela enunciação. Dessa forma, os articuladores textuais, terceira categoria que será identificada nos *artigos de opinião* que compõem nosso *corpus* de pesquisa, constituirão uma análise da não-pessoa, que é possível de ser realizada já que toda a língua está na dependência da enunciação. Além disso, assim como outras categorias, tais mecanismos coesivos (articuladores textuais) indicam a apropriação que o locutor fez da língua ao enunciar, identificável por suas marcas que emergem do enunciado. Corroborando com esse ponto de vista, Flores e seus colaboradores (2008, p. 35) argumentam que “pode ser estudado na enunciação todo o mecanismo linguístico cuja realização integra seu próprio sentido e que se auto-referência no uso que o sujeito faz da língua”.

Por fim, dado o exposto, a importância de análises de materialidades linguísticas com base na Linguística da Enunciação perpassa a língua, o sujeito e o sentido, ou seja, a língua é tomada em sua totalidade (isto é, em funcionamento), a partir do uso que o sujeito faz dela, irrompendo em sentidos que não podem ser determinados *a priori*, já que cada enunciação é única e irrepetível. Como pontuam Flores e Teixeira (2013, p. 110), nas análises enunciativas

da materialidade linguística o foco reside no “fato de o locutor ter dito o que disse e não para o dito em si”, fazendo emergir sentidos pelas marcas do sujeito presentes no enunciado. Além disso, a Linguística da Enunciação considera “a língua desde as relações do homem com o outro, do homem com a língua, do homem com o mundo via língua” (FLORES; TEIXEIRA, 2013, p. 109).

Ao se partir dessa perspectiva para o ensino de língua materna, na escola, de mecanismos coesivos, pronomes e verbos, por exemplo, muitas dúvidas e questões relativas ao sentido poderiam ser minimizadas. Portanto, este trabalho que tem por objetivo analisar articuladores textuais, pronomes e verbos com base na Linguística da Enunciação busca contribuir com essa problemática, ao evidenciar como essas categorias produzem efeitos de sentidos e refletem o sujeito que se marca na língua, representando sua subjetividade, já que, como bem postula Benveniste, sujeito e língua são indissociáveis.

No próximo capítulo, iniciaremos a discussão situando a abordagem, na Escola Básica, das três categorias que serão identificadas, descritas e categorizadas nos textos do *corpus*: os articuladores textuais, um dos mecanismos de coesão sequencial por conexão, fator de textualidade estudado pela Linguística Textual, e as categorias morfológicas de pronomes e verbos. Como já citado anteriormente, buscaremos evidenciar a perspectiva teórica que será mobilizada na análise desses dados, a Linguística da Enunciação, no intuito de justificar um estudo enunciativo dessas categorias, ao considerar as noções de *forma*, *sentido* e *sujeito*. Além disso, apresentaremos, com base em Koch e Elias (2016) e na Gramática Normativa (CUNHA; CINTRA, 2008), a classificação e exemplificação de tais categorias.

2.5 AS CATEGORIAS DE ARTICULADORES TEXTUAIS, PRONOMES E VERBOS

Como já comentamos nas considerações iniciais desta pesquisa, de modo geral, na Escola Básica, o que ainda predomina em muitas aulas de Língua Portuguesa é o estudo da norma padrão da língua e de sua gramática como um fim em si mesma. Faraco (2006, p. 26) comenta que o estudo da concordância verbal e das conjunções, por exemplo, a partir de lista de regras e posterior cobrança de sua aplicação em “exercícios insossos e descontextualizados, é atividade inócua, saber inútil”. Logo, o estudo dos conteúdos gramaticais só faz sentido quando feito de forma contextualizada e funcional, em práticas de textos orais ou escritos. Acrescentamos a esse ponto a importância, de se considerar o sujeito que enuncia determinadas categorias gramaticais, com sentidos que não podem ser determinados *a priori*, mas que emergem do enunciado.

Compartilhando das críticas feitas por Faraco (2006) e por outros autores (POSSENTI, 1996; ANTUNES, 2007; MOURA NEVES, 2012) ao ensino de língua, optamos por analisar, em *artigos de opinião*, três categorias gramaticais: articuladores textuais, pronomes e verbos. A partir de algumas pesquisas, observamos que, em alguns materiais didáticos como livros e apostilas, o estudo de pronomes e verbos se dá com base na Gramática Normativa, com destaque para a sua estrutura e função (ou seja, normativismo e gramatiquice). A questão do sentido dessas categorias, quando abordado, se dá por meio de sentidos pré-determinados, desconsiderando o processo de apropriação da língua por um locutor. Assim, pronomes são definidos, caracterizados de acordo com sua forma e função e, posteriormente, empregados em atividade gramaticais de identificação e classificação de tais tipos de pronomes. O mesmo acontece com os verbos: definição, estrutura, flexões verbais, conjugação, vozes e futura aplicação dessa nomenclatura em atividades. Com relação ao fator de textualidade coesão, a situação não é diferente: a discussão ocorre por meio da apresentação formal das conjunções como conectivos que ligam períodos e orações. Essa exploração se dá, na maioria das vezes, por meio de atividades gramaticais de identificação e classificação sintática de orações. Provavelmente, nos três casos, esse tipo de exploração se dê em função de o *texto* não ser objeto e centro do ensino.

A fim de corroborar com a problemática levantada anteriormente, trazemos alguns exemplos de atividades retiradas de dois livros didáticos de Língua Portuguesa²³, Ensino Fundamental. A primeira atividade é sobre a categoria dos pronomes, do livro didático intitulado “Viva Português”, do 7º ano:

²³ Optamos pela escolha desses dois livros didáticos, como exemplificação, em função de serem materiais já utilizados por nós, em sala de aula, por recomendação de escolas pelas quais passamos.

Figura 1 – Atividades de fixação (pronomes)

▶ Atividades de fixação

1 Os pronomes pessoais oblíquos *o, os, a, as* só podem substituir um substantivo ou uma expressão substantivada quando for possível saber, pelo contexto, a que eles se referem. Reescreva em seu caderno as frases a seguir substituindo o **objeto direto destacado** pelos pronomes. Coloque o pronome antes ou depois do verbo.

- Ela pensou em dizer uns desaforos, mas não disse **os desaforos**.
- O motorista olhou a repórter e cumprimentou **a repórter**.
- É preciso tratar bem todas as pessoas, ou ignorar **as pessoas**.
- Pegue os ensinamentos de cortesia aprendidos e pratique **os ensinamentos de cortesia aprendidos**.

2 Em seu caderno reescreva as frases a seguir substituindo os objetos indiretos destacados pelos pronomes pessoais oblíquos *lhe, lhes*. Coloque o pronome depois do verbo, ligado a ele por hífen.

- Aconteceu alguma coisa **à repórter**.
- O taxista entregou um cartão **à repórter**.
- Contei **aos leitores** uma história.
- Peço desculpas **aos leitores**.

Fonte: (CAMPOS; CARDOSO; ANDRADE, 2015, p. 200).

Nessas atividades, solicita-se aos alunos que substituam os objetos (direto e indireto) destacados pelos pronomes correspondentes. Observa-se que a “fixação” que o aluno deve fazer diz respeito à estrutura e à função dos pronomes como elementos substitutivos da função sintática de complementos verbais. O sentido que tais mudanças provocam em cada enunciado não é explorado. Além disso, é importante destacar que, indo de encontro às orientações dos PCNs, essa atividade apresenta frases descontextualizadas, o que demonstra o trabalho insuficiente sobre a questão do sentido, do processo de apropriação da língua pelo locutor. Outros exercícios semelhantes são os que trazemos a seguir, com relação à categoria de verbos:

Figura 2 – Exercícios

4. Em seu caderno, complete as frases a seguir, empregando no presente do indicativo o verbo entre parênteses.

- Fique tranquilo, pois eu muito bem neste lugar. (caber) caibo
- Eu nunca bem o que me diz. Pode falar mais alto? (ouvir) ouço
- Ela sempre se com escova. O cabelo fica melhor. (pentear) penteia
- Cuidado, senão eu ainda me com essa caneta. (ferir) firo
- Eu nunca refrigerantes; eles me fazem mal. (ingerir) ingiro
- Esses sintomas nunca sozinhos. Espere, que uma gripe por aí. (vir) vêm - vem
- Vocês o que não querem porque ficam onde não devem. (ver) veem

5. Faça de acordo com o exemplo:

Agatha é namorada de Gaturro. Agatha **foi** namorada de Gaturro. Agatha **será** namorada de Gaturro.

- Eu trago seu pulôver na mala. trouxe, trarei
- Eles fazem tudo pelos amigos. fizeram, farão
- Nós podemos ajudá-los. pudemos, poderemos
- Ela vai à feira todos os sábados. foi, irá
- Vocês sempre dizem a verdade? disseram, dirão

Fonte: (CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 28).

Figura 3 – Exercícios

4. Complete as frases seguintes, empregando no presente do subjuntivo os verbos indicados.

- Talvez minha mãe em casa agora. (estar) esteja
- Talvez nós nosso amigo na praia. (ver) vejamos
- Talvez ela aqui na escola hoje. (vir) venha
- Talvez eu com ela ao cinema. (ir) vá
- Talvez eles de outro país. (ser) sejam
- Talvez nós que voltar amanhã. (ter) tenhamos

5. Empregue na forma adequada ao contexto os verbos entre parênteses:

- Você precisa estudar, antes que (ser) tarde. seja
- É preciso que nós (ter) coragem para enfrentar a situação. tenhamos
- Se você (conseguir) carona até a cidade, chegaria a tempo de trabalhar. conseguisse
- Se o professor (ver) nossos trabalhos, fará elogios. vir
- Quero que (saber) que eu não falei nada sobre você. saiba

Fonte: (CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 50).

Essas quatro atividades foram extraídas do livro didático intitulado “Português: linguagens”, também do 7º ano. Assim como na atividade apresentada anteriormente, nessas pede-se que os estudantes completem as frases com os verbos indicados, variando-se o tempo e os modos verbais. Novamente, as frases estão fora de um contexto ou de um texto e os sentidos que o emprego de um ou outro tempo e modo verbal acarretará nas frases não é objeto de estudo ou discussão.

Os exemplos que trazemos, retirados de livros didáticos que são consumidos com alunos no Ensino Fundamental, em escolas públicas ou particulares, sustentam a importância desta pesquisa, ao considerar os sentidos únicos e irrepetíveis do emprego dessas categorias, por um sujeito, em uma materialidade linguística, a cada enunciação. A esse respeito, cabe aos professores não só analisarem a natureza das atividades que serão exploradas em sala de

aula, como também discutirem entre si sobre possibilidades de se trabalhar enunciativamente tais exercícios. Outras atividades poderiam ser objeto de comentários e análises mais detalhadas, entretanto, nosso objetivo neste momento é apenas reiterar e sustentar a relevância e a pertinência deste trabalho.

O reflexo do trabalho seguido por alguns professores de língua materna, que não considera a perspectiva do sentido no tratamento de mecanismos coesivos, pronomes e verbos em sala de aula, contribui para a dificuldade dos alunos de usar um determinado conector, pronome ou verbo adequado para expressar o valor semântico pretendido. Isso porque o estudo dessas categorias, como já mencionado, não ultrapassa muito um olhar predominantemente classificatório, ainda que se dê atenção ao sentido expresso por conjunções, pronomes e verbos, por exemplo. No entanto, tal sentido é explorado servindo de base para classificações morfológicas e sintáticas de orações e períodos. Assim, o que acontece, frequentemente, é a apresentação de quadros de conjunções, pronomes e verbos e suas subdivisões com exemplos para, na sequência, a exercitação do tipo de categoria empregada, a partir de sentidos determinados *a priori*.

Na tentativa de contribuir, futuramente, para uma possível alteração no quadro esboçado anteriormente, propomos este estudo em que analisaremos mecanismos coesivos (articuladores textuais), pronomes e verbos com base na Linguística da Enunciação. Para elucidar esse ponto, trazemos a ideia central de Benveniste, presente no capítulo “Da subjetividade na linguagem” (1958), publicado em *Problemas de Linguística Geral I* ([1958] 1991), em que o autor discute a respeito de a linguagem ser considerada um instrumento de comunicação, pois transmite algo e provoca no outro um determinado comportamento; assim como outros instrumentos (flecha, roda, picareta) tem alguma finalidade, nesse caso, de ajudar, auxiliar na comunicação. Entretanto, o autor chega à conclusão de que a linguagem é muito mais do que isso: é essência já que é “na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*” (BENVENISTE, [1958] 1991, p. 286, grifo do autor).

Nossa pesquisa encontra, pois, embasamento nessa ideia, uma vez que os mecanismos coesivos (articuladores textuais), pronomes e verbos são discutidos nas aulas de Língua Portuguesa da Escola Básica ainda como instrumentos, com finalidades específicas, não considerando a essência da linguagem, por meio de um homem (sujeito) que se apropria da língua, colocando-a em funcionamento por um ato individual de utilização²⁴. No momento em

²⁴ A noção de enunciação, isto é, o sujeito que coloca a língua em funcionamento por um ato individual de utilização, por meio do *aparelho formal da enunciação*, bem como a distinção entre *homem* e *sujeito*, serão melhor discutidas no capítulo 2.3: O olhar da Linguística da Enunciação: língua(gem), sujeito e sentido.

que se considerar de fato a língua em seu funcionamento, em sua essência, e não como mero instrumento, os alunos poderiam, talvez, superar a dificuldade de usar conectores, pronomes e verbos adequados para expressar o valor semântico pretendido em suas produções textuais escritas ou orais, por exemplo. Esse último ponto, ou seja, uma visão didática acerca do estudo de tais categorias na Escola Básica se constitui como um estudo futuro, já que, primeiramente, se faz necessária uma análise e reflexão linguística-enunciativa das referidas categorias, como faremos nesta pesquisa.

Em síntese, o estudo dessas três categorias em sala de aula de Língua Portuguesa deve estar relacionado à competência comunicativa²⁵, ou seja, na avaliação do valor e do efeito semântico provocado por cada articulador textual, pronome e verbo em segmentos da materialidade linguística. Isso não significa, entretanto, não discutir na escola a estrutura e a função de pronomes e verbos ou como se faz a coesão, por meio de quais relações, procedimentos ou recursos²⁶ para que o texto seja compreendido como uma unidade de sentido. É a partir desse conhecimento (meta)linguístico que os educandos poderão compreender as nuances semânticas e pragmáticas dessas categorias e optar pelo uso dos mais adequados de acordo com os propósitos comunicativos que pretendem alcançar com seu texto.

Em função disso, apresentaremos, neste momento, com base em Koch e Elias (2016) e na Gramática Normativa (CUNHA; CINTRA, 2008), a classificação e exemplificação das três categorias que serão identificadas, descritas e categorizadas em nosso *corpus* de análise: articuladores textuais, pronomes e verbos. Faremos isso a fim de esclarecer como realizamos a etapa metodológica de descrição, ou seja, como foram construídas as tabelas com os dados quantitativos observados no *corpus*, que serão apresentados na seção 4.1. Tomamos como referência esses autores por dois motivos: o primeiro, pelo reconhecimento no âmbito das ciências linguísticas, e, o segundo, devido ao fato desses materiais apresentarem uma visão estrutural da língua. Apesar disso, com relação às categorias de pronomes e verbos, expandiremos os comentários sobre as classificações com base na Gramática Normativa trazendo as reflexões de Benveniste ([1946; 1956] 1995), no intuito de uma compreensão linguístico-enunciativo-discursiva.

Os articuladores textuais, primeira categoria que observamos no *corpus*, se constituem como mecanismo de um fator de textualidade: a coesão, mais especificamente, a coesão

²⁵ Entendemos como competência comunicativa “a capacidade de usar a língua adequadamente em situações sociais” (TRASK, 2015, p. 58).

²⁶ Com relação à coesão, entendemos como *relações* as ligações ou elos semânticos criados no texto; como *procedimentos* um conjunto de relações (repetição, substituição, etc) e como *recursos* as operações concretas pelas quais os procedimentos se efetivam (retomar, repetir, substituir, parafrasear, etc) (ANTUNES, 2005).

sequencial por conexão. Adotaremos como referência, nesta pesquisa, a sistematização proposta por Koch e Elias (2016), justamente porque essa classificação enfatiza estrutura e função, além de sentidos determinados *a priori*, ou seja, sem considerar o processo de apropriação realizado por um locutor. Dessa forma, na análise de nossa materialidade linguística com base na Linguística da Enunciação, buscamos enfatizar que os sentidos dos articuladores textuais, assim como o dos pronomes e verbos, emergem do texto, a partir de um sujeito que se apropria da língua e a coloca em funcionamento por um ato individual de utilização.

Dentre os primeiros estudiosos a se dedicarem ao estudo da coesão, Halliday e Hasan (1976), estudiosos da Linguística Sistêmico-funcional do inglês, pontuam que

The concept of cohesion is a semantic one; it refers to relations of meaning that exist within the text, and that define it as a text. Cohesion occurs where the INTERPRETATION of some element in the discourse is dependent on that of another. The one PRESUPPOSES the other, in the sense that it cannot be effectively decoded except by recourse to it. (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 4, grifos dos autores).

Para os autores, a coesão seria um elemento não-estrutural presente na metafunção textual da linguagem, cujos mecanismos seriam a referenciação, a substituição, a elipse, a conjunção e a coesão lexical. Beaugrande e Dressler (1981), em consonância com Halliday e Hasan (1976), consideram que a coesão permite a continuidade dos elementos que integram o texto, manifestada no nível microtextual, ou seja, como as palavras estão ligadas entre si dentro de uma sequência. Já para Koch (1993, p. 22), a coesão é um “fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos da superfície textual se encontram interligados, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentido”.

Com relação à coesão sequencial, ainda de acordo com Koch (1993), ela

diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir (KOCH, 1993, p. 49).

Um dos recursos para promover a coesão sequencial por conexão, no texto, diz respeito aos articuladores textuais, ou seja, “marcas responsáveis pelo encadeamento de segmentos textuais de qualquer extensão, com importante papel no estabelecimento da coesão, da orientação argumentativa e da coerência do texto, [que] atuam em diferentes níveis” (KOCH E ELIAS, 2016, p. 121). Como exemplo: na organização global do texto, em

que explicitam as articulações das sequências ou partes maiores do texto; no nível intermediário, em que assinalam os encadeamentos entre parágrafos ou períodos; no nível microestrutural, em que indica, os encadeamentos entre orações e termos das orações. O quadro a seguir ilustra as funções dos articuladores textuais.

Quadro 2 – Funções dos articuladores textuais

Funções dos articuladores textuais	
Articuladores de ordenação no tempo e/ou no espaço	
antes, depois, em seguida, a seguir, defronte de, além, mais além, do lado direito, do lado esquerdo, a primeira vez que, a última vez que, muito tempo depois etc.	
Articuladores de relações lógico-semânticas	
<ul style="list-style-type: none"> • <u>Condicionalidade</u> (se, caso, desde que, contanto que, a menos que, a não ser que) • <u>Causalidade</u> (porque, como, pois, porquanto, já que, uma vez que, dado que, visto que) • <u>Mediação/finalidade</u> (para que, a fim de que) • <u>Disjunção ou alternância</u> (ou) • <u>Temporalidade</u> <ul style="list-style-type: none"> - tempo exato, pontual (quando, mal, assim que, nem bem, logo que) - tempo anterior (antes que) - tempo posterior (depois que) - tempo simultâneo (enquanto) - tempo progressivo (à medida que, à proporção que) • <u>Conformidade</u> (como, conforme, consoante, segundo) • <u>Modo</u> (sem que) 	
Articuladores discursivo-argumentativos	
<ul style="list-style-type: none"> • <u>Conjunção/soma</u> (e, também, não só... mas também, tanto... como, além de, ainda, nem) • <u>Disjunção argumentativa</u> (ou) • <u>Contração/oposição</u> (porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, embora, apesar de) • <u>Explicação/justificativa</u> (pois, que, porque) • <u>Comprovação</u> (tanto que) • <u>Conclusão</u> (logo, portanto, por isso, então, por conseguinte) • <u>Comparação</u> (tão... que; mais... que; menos... que) • <u>Generalização/extensão</u> (aliás) • <u>Especificação/exemplificação</u> (como, por exemplo) • <u>Correção/redefinição</u> (ou seja, isto é, ou melhor) 	
Articuladores de organização textual	
primeiro (amente), depois, em seguida, enfim, por um lado/por outro (lado), às vezes/outras vezes, em primeiro lugar/em segundo lugar, por último etc.	
Articuladores metadiscursivos	
<ul style="list-style-type: none"> • <u>Modalizadores</u> <ul style="list-style-type: none"> - certeza (realmente, evidentemente, certamente, logicamente, absolutamente etc.) - obrigatoriedade/necessidade (obrigatoriamente, necessariamente etc.) - avaliação de eventos, ações, situações (felizmente, lamentavelmente etc.) • <u>Delimitadores de domínio</u> (em termos de..., do ponto de vista... etc.) • <u>Formuladores textuais</u> <ul style="list-style-type: none"> - indicação do papel de um segmento textual em relação aos anteriores (em síntese, em suma, resumindo, em acréscimo a, em oposição a, para terminar etc.) - introdução do tópico (quanto a, em relação a, no que diz respeito a, a respeito de, no que tange a, no que concerne a, com referência a, relativamente a etc.) - interrupção ou reintrodução do tópico (é bom lembrar que, voltando ao assunto etc.) • <u>Evidenciadores da propriedade autorreflexiva da linguagem</u> (digamos assim, podemos dizer assim, por assim dizer, vamos dizer assim, em outras palavras etc.) 	

Os pronomes pessoais, segunda categoria morfológica que observamos no *corpus*, de acordo com Cunha e Cintra (2008), caracterizam-se por denotarem as três pessoas gramaticais, no singular e no plural: quem fala (*eu, nós*), com quem se fala (*tu, vós*) e de quem se fala (*ele/ela, eles/elas*). Além disso, eles podem variar de forma segundo a função que desempenham na oração ou a acentuação que nela recebem. Desse modo, quanto à função, na oração, eles podem ser retos, quando desempenham o papel de sujeito, ou oblíquos, quando são empregados como objeto direto ou indireto²⁷. Nesse último caso, quando o OD ou o OI representa a mesma pessoa ou coisa que o sujeito do verbo, o pronome é reflexivo. O quadro a seguir ilustra a correspondência entre essas formas.

Quadro 3 – Formas dos pronomes pessoais

		Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos não reflexivos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1ª pessoa	Eu	Me	Mim, comigo
	2ª pessoa	Tu	Te	Ti, contigo
	3ª pessoa	Ele, ela	O, a, lhe	Ele, ela
Plural	1ª pessoa	Nós	Nos	Nós, conosco
	2ª pessoa	Vós	Vos	Vós, convosco
	3ª pessoa	Eles, elas	Os, as, lhes	Eles, elas

Fonte: (CUNHA E CINTRA, 2008, p. 291).

Outra característica dos pronomes pessoais é que eles podem representar, na terceira pessoa, uma forma nominal anteriormente expressa. Nesse caso, os pronomes se constituem como um recurso da coesão referencial, ou seja, “aquele em que um componente da superfície textual faz remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual” (KOCH, 1993, p. 30). No enunciado “*As crianças* estão viajando. *Elas* só voltarão no final do mês”, por exemplo, o pronome pessoal “elas” sinaliza a referência que deve ser colocada pelo leitor/ouvinte ao sintagma “as crianças” do contexto precedente. Essa relação, denominada anafórica, realizada pelos pronomes de terceira pessoa, “fornecem ao leitor/ouvinte *instruções de conexão* a

²⁷ Doravante OD e OI.

respeito do elemento de referência com o qual tal conexão deve ser estabelecida” (KOCH, 1993, p. 37, grifos da autora).

Com relação aos pronomes possessivos, que indicam algo determinado pelas pessoas gramaticais, seu principal valor é o de posse (por exemplo: “**meu livro** é este”), isto é, o que cabe ou pertence aos pronomes pessoais (CUNHA; CINTRA, 2008). Os autores também lembram que outros valores podem ser assumidos pelos possessivos, como designação de um hábito, acentuação de sentimentos variados, entre outros. Os pronomes possessivos apresentam três séries de formas, que variam de acordo com gênero e número, e correspondem à pessoa a que se referem. O quadro a seguir, mostra as formas dos pronomes possessivos com relação ao possuidor e à coisa possuída.

Quadro 4 – Formas dos pronomes possessivos

	Um possuidor		Vários possuidores	
	Um objeto	Vários objetos	Um objeto	Vários objetos
1ª pessoa masc.	Meu	Meus	Nosso	Nossos
fem.	Minha	Minhas	Nossa	Nossas
2ª pessoa masc.	Teu	Teus	Vosso	Vossos
fem.	Tua	Tuas	Vossa	Vossas
3ª pessoa masc.	Seu	Seus	Seu	Seus
fem.	Sua	Suas	Sua	Suas

Fonte: (CUNHA E CINTRA, 2008, p. 333).

Benveniste ([1956] 1995)²⁸, por sua vez, realiza, no texto intitulado “A natureza dos pronomes”, uma sistematização não-estrutural dessa classe, ou seja, como fato de linguagem, pois as diferenças não são apenas formais, impostas pela natureza morfológica e sintática das línguas. Para ele, *eu* e *tu* pertencem à realidade do discurso e não tem valor a não ser na instância em que são produzidos. O enunciado que contém *eu* é pragmático e essa forma “só tem existência linguística no ato de palavras que a profere”; “*eu* é o indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística *eu*” (BENVENISTE, [1956] 1995). Já a terceira pessoa (*ele*, não-pessoa) é diferente de *eu* e *tu* pela função e natureza: são

²⁸ Na seção 2.4, faremos uma distinção mais detalhada entre as categorias de pessoa e não-pessoa, a partir da correlação de personalidade e da (inter)subjetividade. Também na seção referente à análise, essas discussões serão retomadas.

eles substitutos abreviativos, pois podem se combinar com qualquer referência de objeto; não são reflexivos da instância de discurso; admitem plural, entre outras especificidades. Mais adiante, no texto “Estrutura das relações de pessoa no verbo”, Benveniste ([1946] 1995) discute que *nós* não é plural de *eu*, assim como *vós* não é plural de *tu*. Isso porque a unicidade e a subjetividade inerentes a *eu* impossibilitam uma pluralização. *Nós* não pode ser a multiplicação de *eu*, sempre único e singular. Nesse caso, o *eu* constitui o *nós*; há em *nós* um *eu* que predomina.

Flores (2013, p. 94), a partir da leitura do texto sobre os pronomes, comenta que a “linguagem impõe às línguas que ‘reservem’ lugares de pessoa e não pessoa, sem o que não seria possível falar”. É nesse sentido que optamos por analisar a categoria dos pronomes, sejam eles pessoais (do caso reto e oblíquo) ou possessivos, nas primeiras e terceiras pessoas do singular e plural: por elas manifestarem como o locutor se marca na materialidade linguística, revelando o processo de apropriação da língua e a subjetividade na linguagem, no caso das pessoas *eu-tu*. No que tange à terceira pessoa, também passível de uma análise enunciativa, é possível observar como o locutor, ao tornar-se sujeito, tende a simular a condução de sua argumentação em prol da defesa da tese, de acordo com as características do gênero *artigo de opinião*, como discutiremos mais detalhadamente na análise. É importante ressaltar que isso não significa não considerar, na análise dos *artigos de opinião*, outros tipos de pronomes ou outras classes de palavras, à medida que esses outros detalhes ou indícios aparentemente negligenciáveis, inicialmente, também podem contribuir para esboçar um fenômeno mais geral, como o *ethos*. Essa noção ficará mais clara na seção correspondente à metodologia, em que explicitaremos nosso método de análise: o paradigma indiciário (GINZBURG, 1989).

O verbo, terceira categoria morfológica que observamos no *corpus*, pode ser caracterizado como uma palavra variável que exprime um acontecimento representado no tempo e exerce função obrigatória de predicado (CUNHA; CINTRA, 2008). O verbo possui três pessoas relacionadas com a pessoa gramatical que lhe serve de sujeito, podendo estar no singular ou no plural. Essa categoria morfológica apresenta variações de número (singular/plural), pessoa (1ª, 2ª e 3ª), modo (indicativo, subjuntivo e imperativo), tempo (presente, passado e futuro), aspecto e voz (ativa, passiva e reflexiva). Quanto à flexão, o verbo pode ser regular, irregular, defectivo e abundante, além de apresentar três formas nominais: infinitivo, gerúndio e particípio. O quadro a seguir mostra a relação entre pessoa e número, tomando como modelo o verbo de primeira conjugação “estudar” no tempo presente do modo indicativo:

Quadro 5 – Variações de pessoa e número dos verbos

Número	Pessoas		Verbos
Singular	1ª pessoa	Eu	Estudo
	2ª pessoa	Tu	Estudas
	3ª pessoa	Ele, ela	Estuda
Plural	1ª pessoa	Nós	Estudamos
	2ª pessoa	Vós	Estudais
	3ª pessoa	Eles, elas	Estudam

Fonte: Autora.

Benveniste ([1946] 1995, p. 247) inicia o texto “Estrutura das relações de pessoa no verbo” afirmando que “o verbo é, com o pronome, a única espécie de palavras submetidas à categoria de pessoa”. O autor discute que, a partir da gramática grega, a maioria das línguas considera três pessoas verbais. Entretanto, a partir dos gramáticos árabes, ele começa sua reflexão pontuando que a primeira pessoa é “aquele que fala”, a segunda “aquele a quem nos dirigimos” e a terceira “aquele que está ausente”. Nesse texto, a distinção entre *eu-tu*, pessoas, e *ele*, não-pessoa, como já mencionamos anteriormente, é mais desenvolvida teoricamente. O que cabe pontuar, nesse momento, é que a análise do autor no que tange aos verbos considera a língua em uso, ou seja, a expressão na instância de discurso que o contém. Além disso, observa-se a forma como o tempo é comandado por essa categoria, como a categoria de pessoa se marca no verbo.

É em função dessa última observação que, nesta pesquisa, nosso foco recai nas variações de pessoa e número dos verbos, em função de como o locutor se marca na materialidade linguística. Novamente, cabe pontuar que isso não significa desconsiderar, na análise, as outras variações dessa categoria morfológica, como o tempo e o modo, por exemplo, uma vez que elas também podem revelar o processo de apropriação da língua pelo locutor.

Na seção seguinte, trazemos a noção de *ethos*, ou seja, o esboço da imagem discursiva do locutor do texto percebidas pelas marcas do sujeito no enunciado. Tal conceito será mobilizado na categoria de interpretação de articuladores textuais, pronomes e verbos identificados no *corpus*, já que essas categorias podem influenciar na construção da imagem de si, isto é, do *ethos*.

2.6 A IMAGEM DE SI: A NOÇÃO DE *ETHOS* DISCURSIVO

Neste capítulo, abordaremos a noção de *ethos* discursivo, que será mobilizada na categoria metodológica referente à interpretação dos dados, isto é, discutir-se-á o esboço da imagem discursiva do locutor do texto a partir das marcas do sujeito no enunciado que emergem na materialidade linguística. Optamos por trazer essa noção, neste trabalho, em função do sujeito que se marca na materialidade linguística por meio de determinados articuladores textuais, pronomes e verbos que podem influenciar, juntamente com os efeitos de sentido decorrentes da estratégia argumentativa, nas características do *ethos* discursivo, corroborando com o propósito do *gênero artigo de opinião*, isto é, o *convencimento e/ou persuasão* dos interlocutores do texto.

Nesse sentido, com relação à imagem discursiva do locutor do texto, é importante esclarecer a noção de *ethos* desde seu surgimento até a apropriação desse conceito grego para as ciências da linguagem atualmente. O conceito de *ethos* é proveniente de Aristóteles, na *Retórica*, que considerava o orador e o auditório como partícipes do processo argumentativo. Assim, a partir do orador e dos traços de seu caráter demonstrados em seu discurso ao auditório, buscava-se compreender e explicar como o discurso se torna eficaz, sendo capaz de persuadir. Segundo Amossy (2014, p. 10), “os antigos designavam pelo termo *ethos* a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório”. É importante ressaltar que a visão aristotélica de *ethos* inclui a noção de sujeito psicobiológico. No entanto, Aristóteles reconhece o valor da imagem discursiva do orador que levaria o auditório a aceitar determinadas teses. Recentemente, as ciências da linguagem como, por exemplo, a Pragmática, a Análise do Discurso, a Linguística da Enunciação, as teorias de Argumentação, resgatam o conceito grego de *ethos*, abandonando-o ou reformulando-o.

A construção de uma imagem de si está fortemente ligada à enunciação, uma vez que o ato de produzir um enunciado remete ao locutor que mobiliza a língua, colocando-a em funcionamento ao usá-la, por meio do *aparelho formal da enunciação*, conforme propõe Benveniste²⁹ (1970). Essa apropriação que o locutor faz da língua transformando-a em discurso constrói sua subjetividade, visando, também, à intersubjetividade, ou seja, a “inter-relação constitutiva da enunciação que pressupõe o eu e o outro mutuamente implicados” (FLORES et al, 2009, p. 146), já que a enunciação é por definição alocação. Essa relação

²⁹ É importante destacar que o termo *ethos* não é usado por Benveniste em sua obra.

discursiva com o parceiro pressupõe a construção das imagens de um e de outro. É nessa perspectiva que reside nosso foco de interesse em aliar o conceito de *ethos* à Linguística da Enunciação, nas categorias de análise e interpretação dos articuladores textuais, pronomes e verbos encontrados no *corpus*. Entendemos que a eficácia da palavra deriva de um *ethos* inteiramente construído pelo discurso e possível de ser esboçado pelo sujeito enunciativo, mais especificamente, pelas marcas deixadas por esse sujeito na materialidade linguística, neste caso, com relação aos articuladores textuais, pronomes e verbos.

No que tange à teoria da argumentação, Perelman e Olbrechts-Tyteca³⁰ ([1958] 2005), no *Tratado de Argumentação: a nova retórica*, postulam a necessidade que tem o orador de se adaptar a seu auditório, conforme já citado em seção anterior, e, portanto, de se considerar a construção da imagem dos enunciadores como meio eficiente e eficaz de elaborar uma argumentação de qualidade. Ducrot (1987), em uma concepção de enunciação da pragmático-semântica, passa a se interessar pela instância discursiva do locutor, abandonando a noção de sujeito psicobiológico e enfatizando a fala como ação que visa a influenciar o parceiro, ligada, portanto, a uma teoria da argumentação. Porém, o autor não desenvolveu sua reflexão sobre o *ethos*. As reflexões desses autores, em função da argumentação, tem relação com a materialidade linguística que compõe nosso *corpus* de análise, isto é, os *artigos de opinião* escritos pelos candidatos que concorriam a uma vaga no processo seletivo da UFSM em 2014. No entanto, embora possamos recuperar algumas informações gerais a respeito do orador (candidato disputando uma vaga na universidade, provavelmente concluindo o Ensino Médio) e do auditório (banca avaliadora do texto, apesar da indicação do suporte de publicação do texto, isto é, um jornal), nossa análise não residirá no sujeito psicobiológico, mas sim no sujeito enunciativo.

Mais especificamente, em função da predominância da tipologia argumentativa nos textos que analisaremos, como já assinalamos, tomaremos como diretrizes de análise do *ethos* as reflexões de Ducrot (1987). O autor diferencia o locutor (L) do enunciador (E) que é responsável pelas posições expressas no discurso. Ele divide o locutor em “L”, “locutor enquanto tal”, e em “λ”, locutor enquanto ser do mundo. Nesse sentido, Ducrot (1987, p. 189) afirma que o “*ethos* está ligado a L, o locutor enquanto tal: é enquanto fonte da enunciação que ele se vê dotado de certos caracteres que, por contraponto, torna esta enunciação aceitável ou desagradável”. Essa distinção entre locutor e enunciador e entre L e λ, que será explicada pelo autor em diferentes situações (ironia, negação, entre outros), nos ajudará a esboçar

³⁰ Os autores reservam um lugar limitado em sua obra para tratar do dinamismo da construção das imagens de si no discurso.

algumas tendências referentes ao *ethos* discursivo, na medida em que poderemos perceber diferentes vozes em sua construção, ou seja, a partir de um enunciado explícito (1) e de outros implícitos (2) a ele.

Em síntese, o referido conceito se vincula à questão enunciativo-discursiva, pois trata sobre a imagem do locutor, o tom enunciativo e a cena de enunciação. Para determinar o *ethos*, considerando a enunciação, é preciso estabelecer uma totalidade da produção de um sujeito enunciativo. Cabe destacar que “o *éthos* explicita-se na enunciação enunciada, ou seja, nas marcas da enunciação deixadas no enunciado” (FIORIN, 2016, p. 70). Assim, na materialidade discursiva dessa totalidade, no enunciado, procuram-se recorrências em qualquer elemento composicional do texto. No caso desta pesquisa, o *ethos*, imagem do sujeito construída pelo discurso, será esboçado a partir dos sentidos das recorrências de mecanismos coesivos sequenciais por conexão (articuladores textuais), pronomes e verbos em 23 exemplares do *gênero textual artigo de opinião*. Cabe destacar que os articuladores textuais, pronomes e verbos não definem, de forma isolada, categoricamente o *ethos*, pois outros elementos da totalidade da materialidade linguística também contribuirão para o estabelecimento desse *ethos*, como a argumentação do texto, por exemplo. Nesse sentido, como pontua Amossy (2014, p. 142), “o *ethos* [...] é uma imagem de si construída no discurso que influencia opiniões e atitudes”. Portanto, o *ethos* pode se relacionar, além da argumentação, com os efeitos desses articuladores textuais, pronomes e verbos na medida em que esses efeitos podem influenciar suas características.

Na próxima seção, apresentaremos nossa metodologia, evidenciando o método analítico, a constituição e as características do *corpus* e as etapas de desenvolvimento da pesquisa.

3 METODOLOGIA

Nas seções anteriores, realizamos um percurso com relação às principais teorias que embasam esta dissertação. Inicialmente, esclarecemos noções referentes à concepção língua e linguagem, bem como de *texto* e *discurso*. Em seguida, abordamos noções acerca da organização argumentativa e do *gênero textual artigo de opinião*, materialidade linguística que compõe o *corpus* de pesquisa. Na sequência, trouxemos o olhar da Linguística da Enunciação, evidenciando o sujeito e seus efeitos de sentido, perceptíveis por marcas deixadas no enunciado, além de outras noções. Posteriormente, classificamos e exemplificamos as três categorias de análise que serão identificadas, descritas e categorizadas nos *artigos de opinião*: articuladores textuais, pronomes e verbos. Por fim, tratamos sobre a noção de *ethos* discursivo, ou seja, a imagem de si no discurso. Esses pressupostos teóricos relacionam-se com as categorias de análise metodológica que serão traçadas nesta seção, a saber: categoria de descrição, de análise e de interpretação.

Dessa forma, apresentamos, na próxima seção, a definição de nosso método de análise, pautado na *transversalidade enunciativa* (FLORES, 2010) e no paradigma indiciário (GINZBURG, 1989). Na sequência, descreveremos nosso *corpus* de análise e, por fim, as etapas de desenvolvimento da pesquisa.

3.1 O MÉTODO

Antes da definição do método desta pesquisa, é importante esclarecer que, assim como a maioria das pesquisas na área de Letras, optou-se por priorizar as de base qualitativa. O critério quantitativo será utilizado somente para o levantamento de dados (quantidade) relativos aos mecanismos de coesão sequencial por conexão (articuladores textuais), pronomes e verbos para que se possam identificar, descrever e categorizar esses elementos. A análise quantitativa, em nossa pesquisa, é necessária para delinear uma tendência enunciativa de utilização dos articuladores textuais, pronomes e verbos que pode auxiliar no esboço do *ethos* discursivo, nossa categoria de interpretação, como será melhor explicitado posteriormente.

No que tange ao critério qualitativo, Marconi e Lakatos (2010) explicam que a abordagem qualitativa é uma pesquisa que tem como premissa analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano e ainda fornecendo análises mais detalhadas sobre as investigações, atitudes e tendências de comportamento.

Desse modo, a ênfase da pesquisa qualitativa é nos processos e nos significados. Nesta pesquisa, o critério qualitativo é mobilizado na categoria de interpretação dos dados, buscando efeitos de sentido produzidos, neste caso, pelos articuladores textuais, pronomes e verbos, verificando a contribuição disso para a construção do *ethos*.

Com relação ao método de pesquisa de uma análise enunciativa da materialidade linguística, como propomos aqui, Flores e seus colaboradores (2008, p. 39) esclarecem que o “método de análise pertence a cada teoria em particular”, isto é, conforme a teoria enunciativa mobilizada recursos metodológicos são construídos, de acordo com a questão a ser investigada. Na seção 2.3, referente à Linguística da Enunciação, trouxemos, como principal teórico, Benveniste. Entretanto, como pontuam Flores e Teixeira (2013):

Benveniste não desenvolveu propriamente um modelo de análise da enunciação. Sua obra é mais um roteiro indicativo de questões referentes à “presença do homem na língua” do que a proposição de um método nítido de análise (FLORES; TEIXEIRA, 2013, p. 104).

Apesar disso, em seus textos, o autor apresenta um ponto de vista descritivo e explicativo, ou seja, descreve-se algum fenômeno linguístico seguido da explicação dos mecanismos que possibilitam tal fenômeno. Desse modo, o autor considera a essência da língua, o processo e o ato de uso da linguagem, e não simplesmente uma teoria classificatória. É este movimento que objetivamos empreender em nossa análise: identificaremos, classificaremos e descreveremos os articuladores textuais, pronomes e verbos presentes nos *artigos de opinião* e explicaremos tais ocorrências, enfatizando os efeitos de sentido decorrentes do uso dessas categorias que emergem na materialidade do texto. Portanto, em consonância com Benveniste, a língua será tratada em sua essência.

A partir destes pontos da teoria benvenistiana, com relação a seu método de análise, Flores propõe o conceito de *transversalidade enunciativa*, já que a enunciação está em todos os níveis da língua e qualquer fenômeno linguístico pode ser estudado do ponto de vista da enunciação. Para o autor, tal conceito “se caracteriza por permitir ver a língua como um todo atravessado pelas marcas da *enunciação*” (FLORES, 2010, p. 396, grifo do autor). Partindo dessa noção, compreendemos a língua como esse todo atravessado pelas marcas da enunciação e não como uma organização em níveis ou camadas sobrepostas. Logo,

os níveis lexical, pragmático e sintático estarão em inter-relação simultaneamente na enunciação. A *transversalidade enunciativa* releva de uma inter-relação entre os níveis canonicamente considerados pela linguística clássica sem se reduzir a eles (FLORES, 2010, p. 402).

Dessa forma, os articuladores textuais, pronomes e verbos identificados nos textos elencados para compor nosso *corpus* serão analisados na perspectiva enunciativa da totalidade da língua, já que a enunciação é transversal a ela, não se encerrando em único compartimento, pois está em todos os níveis. Ao considerar a análise nessa perspectiva, evidenciamos a inter-relação dos níveis pragmáticos e sintáticos com a produção de sentidos, quer dizer, o que as marcas linguísticas (articuladores textuais, pronomes e verbos) podem revelar sobre os sentidos da enunciação do sujeito que emergem da materialidade linguística. Vale destacar, ainda, que,

se, de acordo com Benveniste (1989: 83), a língua para o locutor é tomada ‘como ato, situações e instrumentos de sua realização’, para o analista, inversamente, a língua é tomada como 1º) instrumentos de sua realização, 2º) situações e 3º) ato (FLORES et al., 2008, p. 134).

Em decorrência disso, levando em consideração esse procedimento de análise enunciativa da materialidade linguística, como cada ato é único, para cada enunciado, é preciso considerar na análise: a) os recursos linguísticos utilizados para a realização do fenômeno estudado; b) o sentido produzido em relação à ancoragem na situação espaço-temporal; c) a categoria de pessoa como centro de referência do discurso (FLORES et al., 2008, p. 94) e, no caso deste estudo, o conceito grego de *ethos*.

Somando-se a esse modo enunciativo de análise, definiremos agora o método do paradigma indiciário, traçado por Ginzburg (1989) no livro *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Inicialmente, ao tratar das raízes do paradigma indiciário, o autor traz uma analogia entre o “método morelliano”, de atribuição de autoria nas artes plásticas, o método investigativo do personagem do detetive Holmes e o método de psicanálise de Freud. De acordo com Ginzburg (1989, p. 150), nesses três casos, pistas (signos pictóricos, indícios e sintomas) “infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível”. O método do paradigma indiciário é, pois, determinado pela “capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diariamente” (GINZBURG, 1989, p. 152). Caracteriza-se, portanto, por buscar detalhes, indícios, pistas ou sinais que estão na materialidade textual, mas nem sempre são percebidos em um primeiro momento, ou seja, são vistos como secundários.

Desse modo, os indícios encontrados nas análises do *corpus* podem auxiliar a esboçar um determinado fenômeno mais geral que ocorre amplamente na materialidade linguística, como, por exemplo, colaborar para traçar a imagem discursiva do locutor do texto. Isso será

fundamental para o *corpus* de análise, pois o que temos é o produto da enunciação, ou seja, o enunciado, não sendo possível recuperar as categorias de pessoa, tempo e espaço do momento enunciativo. Nesse sentido, a importância desse método reside na não negligência de aspectos que não são relevantes em um primeiro momento, mas contribuem para a compreensão de fenômenos gerais. Nesta pesquisa, articuladores textuais, pronomes e verbos e os valores assumidos por eles nos *artigos de opinião*, deixam marcas (pistas, indícios) que emergem da materialidade textual e podem contribuir para traçar o *ethos* discursivo do locutor do texto. É importante destacar ainda que vários elementos constituem o *ethos*, embora nossa análise priorize os articuladores textuais, pronomes e verbos e seus efeitos de sentido. Isso se dá em função do recorte feito, necessário já que não podemos empreender uma análise da totalidade da língua.

Para análise do *corpus*, adotamos três categorias, a saber: descrição, análise e interpretação. Nos *artigos de opinião* que compõem nosso *corpus* de análise, primeiramente, na categoria de descrição, será feita a identificação, descrição e categorização dos mecanismos de coesão sequencial por conexão: articuladores textuais, pronomes e verbos. Num segundo momento, na categoria de análise, os tipos de argumentos serão mobilizados, contribuindo para que nossa questão de pesquisa seja respondida, ou seja, analisar-se-ão, a partir dos tipos de argumentos, os efeitos de sentido decorrentes do uso das três categorias que emergem na materialidade do texto. Por fim, na interpretação dos dados, discutir-se-á o esboço da imagem discursiva do locutor do texto, ou seja, o *ethos*. Cabe destacar que as duas últimas categorias, análise e interpretação, não podem ser dissociadas, uma vez que os efeitos de sentido decorrentes do uso de determinados articuladores textuais, pronomes e verbos pelo locutor do texto, que emergem da materialidade textual, contribuem para a construção do *ethos* discursivo. Em seção posterior, explicitaremos mais detalhadamente o procedimento de coleta e análise e dos dados.

3.2 O CORPUS DE PESQUISA

Nosso *corpus* para análise é composto por 23 exemplares textuais do *gênero artigo de opinião*. Esses textos foram produzidos a partir da prova de redação do processo seletivo da UFSM, no ano de 2014. De acordo com a hipótese e os objetivos aqui propostos, entende-se que esse número de textos do *gênero artigo de opinião*, por apresentarem mais de uma ocorrência de mecanismos sequenciais coesivos por conexão (articuladores textuais), pronomes e verbos, serão suficientes para os propósitos vislumbrados neste estudo, pois pode-

se estabelecer uma tendência mais evidente sobre a função e os efeitos de sentido decorrentes do uso desses mecanismos que emergem na materialidade textual, contribuindo para traçar a imagem discursiva (*ethos*) do locutor do texto. O critério adotado para a seleção dos 23 *artigos de opinião*, em um *corpus* total de trezentos textos, diz respeito àqueles textos, cujo candidato enviou o termo de consentimento livre e esclarecido assinado, confirmando sua autorização.

A fonte de coleta dos textos corresponde ao arquivo de textos digitalizados da Comissão Permanente do Vestibular (COPERVES) da UFSM, órgão institucional responsável pelo arquivamento desse material. Por se tratar de um material confidencial, proveniente de candidatos que estavam disputando uma vaga em um curso de graduação de tal universidade por meio de vestibular, esse *corpus* precisou passar pelo Comitê de Ética em pesquisa da UFSM³¹. Sendo assim, uma série de documentos asseguram o sigilo e a confidencialidade das informações, como: a autorização institucional, o termo de confidencialidade, ambos em anexo, e o termo de consentimento livre e esclarecido. Esse último termo foi enviado via e-mail, fornecido pela COPERVES, para todos os candidatos, solicitando a autorização para o uso de seu texto em nossa pesquisa.

Cabe esclarecer que o acervo que tínhamos disponível para compor nosso *corpus* possuía trezentos textos e que foi solicitada a autorização, via e-mail, a esses trezentos candidatos. Isso porque, para chegarmos ao nosso recorte de 23 textos, passamos por alguns fatores como: o candidato não autorizar o uso de seu texto para análise, ele não utilizar mais o endereço de e-mail que tínhamos disponível ou não verificá-lo com frequência, entre outros motivos que não temos como precisar. Em anexo, consta o modelo do termo de consentimento livre e esclarecido enviado aos candidatos. Já os termos assinados por eles serão mantidos na UFSM - Avenida Roraima, 1000, prédio 16, sala 3322B - 97105-900 - Santa Maria - RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade de Ivani Cristina Silva Fernandes, orientadora desta pesquisa. Após este período os dados serão destruídos.

Os 23 textos, tanto completos, anexos ao final desta Dissertação, quanto os fragmentos discutidos na análise, estão apresentados conforme disponibilizou a COPERVES, ou seja, digitalizados com a letra do candidato, pois preservam o enunciado, além de se constituir como uma marca enunciativa, já que na Enunciação se considera todos os tipos de marcas. Os articuladores textuais, pronomes e verbos, por sua vez, serão circulados nos fragmentos

³¹ Projeto registrado no Gabinete de projetos (GAP) da UFSM sob o número 043024. Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em 11/08/2016 e recebeu o número Caae 58150616.6.0000.5346.

trazidos na seção correspondente à análise. Como não temos o objetivo de realizar um estudo unicamente quantitativo nem comparativo, mas sim predominantemente qualitativo, entendemos que esta seja uma forma adequada de exibição dos textos.

Por fim, apresentaremos algumas considerações acerca da materialidade linguística que compõe nosso *corpus* de pesquisa, isto é, os 23 exemplares do *gênero textual artigo de opinião*, ainda que tenhamos comentado, brevemente, a respeito disso na seção 2.3. A partir do ano de 2014, em consonância com os principais documentos oficiais que lançam diretrizes para o ensino em todo país, a UFSM passou a solicitar, em seu processo seletivo, a escrita de um *gênero textual* na prova de redação. No referido ano, a produção de um *artigo de opinião* foi solicitada aos candidatos, cuja temática era “Juventude conectada – evolução ou problema social?” A proposta de produção textual, que pode ser conferida em anexo, apresentava algumas pesquisas sobre o tema, além de opiniões de jovens e especialistas. O candidato deveria escrever um *artigo de opinião*, participando da discussão, com no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, com requisitos para a publicação em um jornal. Em função disso, os textos analisados nesta dissertação oscilam no número de linhas escritas, ou seja, na extensão. Na próxima seção, explicitaremos com mais detalhes as etapas do desenvolvimento desta pesquisa.

3.3 AS ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Realizada a primeira etapa de coleta do *corpus* de pesquisa, procedemos à análise quantitativa dos dados, ou seja, a identificação dos mecanismos de coesão sequencial por conexão (articuladores textuais), pronomes e verbos. Na sequência, classificamos tais elementos de acordo com os pressupostos de Koch e Elias (2016) e Cunha e Cintra (2008), descrevendo quais são (de que tipo) e quantos são (número de ocorrências). Essas informações foram organizadas em forma de tabelas para uma melhor visualização e auxílio nas categorias de análise e interpretação dos dados. Nessas duas últimas categorias metodológicas, mobilizamos alguns outros referenciais teóricos, como, por exemplo: Antunes (2005), Bagno (2012), Cunha e Cintra (2008), Dominguez Garcia (2002), Ducrot (1987), Fávero (1990), Fernandes (2005), Fiorin (2016), Gallardo (1997), Koch (1993), Koch e Elias (2016), Martínez (1997) e Rodríguez (2010).

Entendemos que essas referências nos auxiliam na análise, pois nos dão, em um primeiro momento, um parâmetro normativo-estruturalista da língua e também descritivo-funcionalista/semântico-pragmático para que, partindo disso, possamos avançar, em um

segundo momento, para uma análise dos tipos de argumentos e dos efeitos de sentido produzidos por determinadas estruturas no âmbito da Enunciação. Sendo assim, recorreremos a essas teorias na tentativa de explorá-las, na medida em que acreditamos que um estudo enunciativo pode revelar mais do que está contemplado em tais materiais.

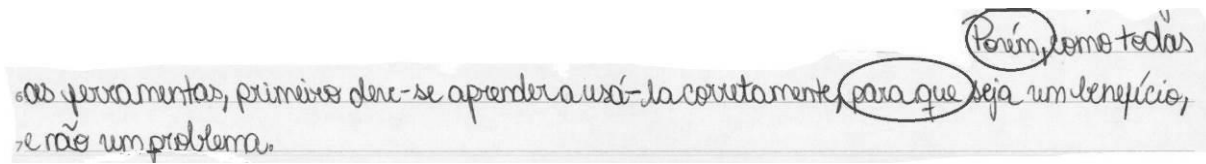
Em um segundo momento, de cunho qualitativo, analisamos os dados provenientes da categoria de descrição, discutindo, por meio dos tipos de argumentos, os efeitos de sentido decorrentes do uso de tais categorias que emergem da materialidade linguística. Partindo desses pressupostos, analisamos o locutor, sua organização argumentativa e a relação com os efeitos de sentido decorrentes dos articuladores textuais, pronomes e verbos nos *artigos de opinião*. Por fim, na terceira categoria metodológica, interpretamos os dados, buscando esboçar o *ethos* discursivo dos locutores dos textos.

Na categoria de interpretação dos dados, optamos pela exposição do *artigo de opinião* completo, a fim de obtermos uma visão mais geral do *ethos* discursivo. Já na categoria de análise, apresentamos, inicialmente, os fragmentos dos textos, mais especificamente, sequências enunciativas deles, a fim de mostrarmos também uma visão geral dos locutores dos textos. Entendemos como sequências enunciativas um ou mais enunciados³² que se relacionam, formando uma unidade de sentido. Em outra seção, analisamos dois *artigos de opinião* na íntegra evidenciando a inter-relação das três categorias de análise em funcionamento em um mesmo texto, demonstrando a singularidade na passagem dos locutores a sujeitos.

Tais sequências enunciativas, que vínhamos chamando de fragmentos, apresentam articuladores textuais, pronomes e verbos circulados, além de serem identificadas pelo sintagma “sequência enunciativa” acompanhado pelas letras do alfabeto em maiúscula. Além disso, cabe destacar ainda, que os textos estão identificados mediante o sintagma *artigo de opinião* em itálico, seguido de uma numeração em ordem crescente, de acordo com a letra inicial de cada título, em ordem alfabética. Essa legenda está exemplificada a seguir:

³² Já definimos o conceito de enunciado na seção 2.3. Entretanto, reiteramos aqui: o enunciado, de acordo com Benveniste, é entendido como frase, ou seja, a unidade do discurso, o produto da enunciação.

Figura 4 – Sequência enunciativa A (exemplo)



os ferramentas, primeiro deve-se aprender a usá-la corretamente, para que seja um benefício, e não um problema. Porém, como todas

Fonte: Artigo de opinião nº 1.

No capítulo seguinte, apresentaremos o resultado da análise quantitativa e explicitaremos a qualitativa, verificando em que medida os dados obtidos são relevantes para a produção de sentidos, além de possibilitar a construção do *ethos* discursivo que emerge dos enunciados.

4 A CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* A PARTIR DE EFEITOS DE SENTIDO PRODUZIDOS PELO EMPREGO DE ARTICULADORES TEXTUAIS, PRONOMES E VERBOS NOS ARTIGOS DE OPINIÃO

Neste capítulo, apresentaremos as análises realizadas no *corpus* de pesquisa. Cabe lembrar que nosso *corpus* de análise é composto por 23 exemplares do gênero *artigo de opinião*, que foram selecionados mediante o critério de envio do termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelo candidato autor do texto.

Conforme explicitado na seção anterior, nossa metodologia é quanti-qualitativa. Tendo em vista que nosso objetivo é compreender como se constitui o *ethos* discursivo nos *artigos de opinião* a partir dos efeitos de sentido relacionados ao emprego de articuladores textuais, pronomes e verbos, realizamos, em um primeiro momento, a quantificação e classificação dos dados referentes a essas categorias. Organizamos tais informações em forma de tabelas, com base na sistematização proposta por Koch e Elias (2016) e Cunha e Cintra (2008), como será detalhado na próxima seção. Cabe lembrar que optamos por identificar essas três categorias em conjunto por acreditarmos que elas podem auxiliar no esboço do *ethos* discursivo dos locutores dos *artigos de opinião*, a partir da análise enunciativa do uso dessas categorias que emergem da materialidade linguística.

Em um segundo momento, de cunho qualitativo, analisamos os tipos de argumentos para, posteriormente, interpretarmos esses dados ao esboçar o *ethos* discursivo dos locutores dos textos. É importante ressaltar que o aspecto qualitativo orientou a categoria de análise, uma vez que nos possibilitou fazer algumas escolhas diante de muitas possibilidades que surgiram em nosso *corpus*, conforme será melhor explicitado na seção 4.2. Na seção seguinte, exibiremos a análise quantitativa realizada nos *artigos de opinião* que compõem o nosso *corpus*.

4.1 O EMPREGO DE ARTICULADORES TEXTUAIS, PRONOMES E VERBOS NOS ARTIGOS DE OPINIÃO

Nesta seção, apresentaremos os dados quantitativos da análise de nosso *corpus*. Esses resultados referem-se ao emprego de articuladores textuais, pronomes e verbos, categorias que nortearão a constituição do *ethos* discursivo no gênero *artigo de opinião*. Apresentaremos esses dados visualmente em forma de quadros e gráficos seguidos de comentários referentes aos números encontrados.

Com relação ao emprego dos articuladores textuais no *corpus* de análise, primeira categoria que observamos, o primeiro dado relevante diz respeito à predominância de articuladores do tipo discursivo-argumentativos, com 224 ocorrências, seguido dos articuladores lógico-semânticos, com 52 casos, como pode ser conferido no Quadro 6, em que explicitam-se funções, relações e número de ocorrências dos articuladores textuais:

Quadro 6 – Emprego dos articuladores textuais nos *artigos de opinião*

(continua)

Articuladores textuais		
FUNÇÕES	RELAÇÕES	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
1. Articuladores de situação ou ordenação no tempo e/ou espaço	-	0
2. Articuladores de relações lógico-semânticas	a) Condicionalidade	4
	b) Causalidade	6
	c) Mediação/finalidade	5
	d) Disjunção ou alternância	15
	e) Temporalidade (tempo exato, anterior, posterior, simultâneo, progressivo)	13
	f) Conformidade	9
	g) Modo	0
	Total	52
3. Articuladores discursivo-argumentativos	a) Conjunção/soma	108
	b) Disjunção argumentativa	0
	c) Contrajunção/oposição	47
	d) Explicação/justificativa	14
	e) Comprovação	0
	f) Conclusão	18

Quadro 7 – Emprego dos articuladores textuais nos *artigos de opinião*

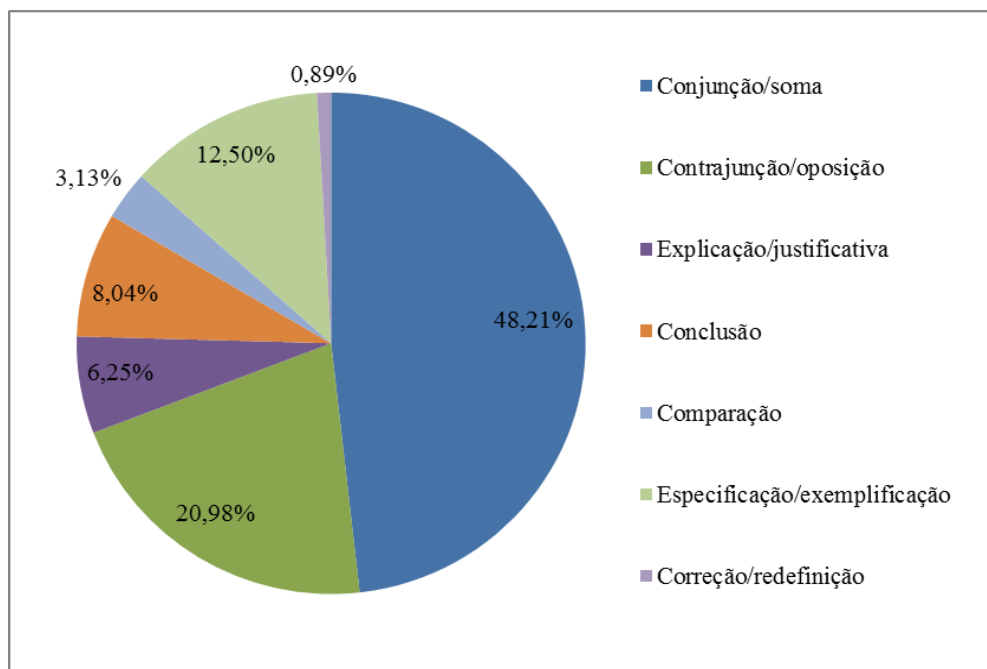
(conclusão)

	g) Comparação	7
	h) Generalização/extensão	0
	i) Especificação/exemplificação	28
	j) Correção/redefinição	2
	Total	224
4. Articuladores de organização textual	a) Nos organizadores textuais também se encontram os marcadores discursivos continuadores que operam o amarramento de porções textuais.	9
	Total	9
5. Articuladores metadiscursivos	a) Modalizadores	6
	b) Delimitadores de domínio	0
	c) Voltados para a formação textual (funções: c ¹ : indicar o estatuto de um segmento textual em relação aos anteriores; c ² : introduzir o tópico; c ³ : interromper ou reintroduzir o tópico)	3
	d) Evidenciadores da propriedade autorreflexiva da linguagem	0
	Total	9
	TOTAL GERAL	284

Fonte: Autora.

O segundo dado revelado pela etapa quantitativa da pesquisa refere-se aos tipos de articuladores discursivo-argumentativos empregados com maior frequência, como pode ser observado no gráfico seguinte.

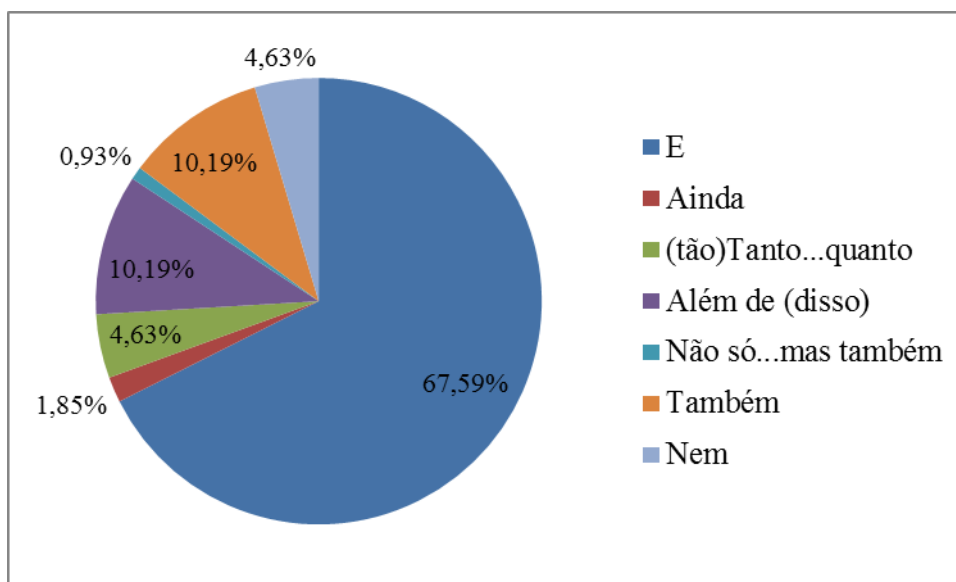
Gráfico 1 – Porcentagem no emprego das relações de articuladores discursivo-argumentativos nos *artigos de opinião*



Fonte: Autora.

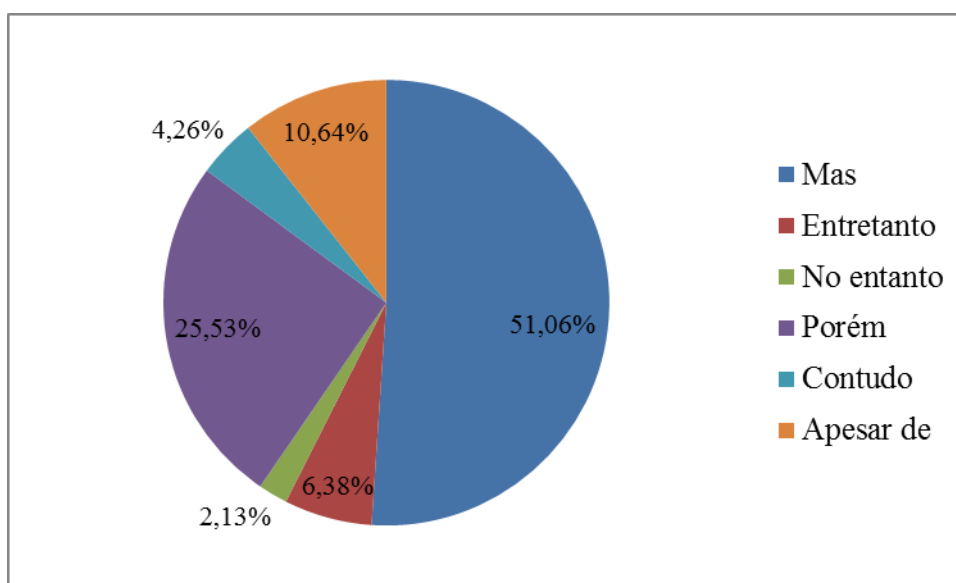
Nesse Gráfico, para uma melhor visualização, retiramos as relações de disjunção argumentativa, comprovação e generalização/extensão que não apresentavam nenhuma ocorrência (0%), como pode ser percebido no quadro anterior. Destacamos, com relação à representatividade, que a relação de conjunção/soma, somam 48,21% do total (108 ocorrências), seguidos dos articuladores cuja relação é de contrajunção/oposição, com 20,98% (47 casos). Na sequência, aparecem os articuladores responsáveis pela especificação/exemplificação com 12,50% (28 ocorrências) e os de conclusão com 8,04% (18 casos). Nos dois Gráficos seguintes, ilustra-se o tipo de articulador mais empregado nas duas relações discursivo-argumentativas mais recorrentes nos textos do *corpus*.

Gráfico 2 – Porcentagem no emprego de articuladores discursivo-argumentativos, relação de conjunção/soma, nos *artigos de opinião*



Fonte: Autora.

Gráfico 3 – Porcentagem no emprego de articuladores discursivo-argumentativos, relação de contração/oposição, nos *artigos de opinião*



Fonte: Autora.

No que diz respeito aos tipos de articuladores discursivo-argumentativos empregados mais recorrentemente, na relação de conjunção/soma, 73 das 108 ocorrências correspondem ao articulador “e”, ou seja, 67,59% do total. Os articuladores “também” e “além de (disso)” aparecem na sequência com 10,19% do total. Já na relação de contrajunção/oposição, 24 dos 47 casos correspondem ao articulador “mas”, isto é, 51,06% do total. Em seguida, há o articulador “porém” com 25,53% do total.

Como foi possível perceber pelos comentários dos Quadros e Gráficos, enfatizamos os articuladores textuais do tipo discursivo-argumentativos, que são os mais significativos nos textos do *corpus*, com 224 ocorrências. Desses, ainda ressaltamos três relações: a de conjunção/soma, contrajunção/oposição e exemplificação, além dos tipos de articuladores mais encontrados em cada uma delas. Optamos por analisar especificamente esse tipo de articuladores e as relações destacadas por dois motivos: a) por serem os mais representativos, b) por acreditarmos que eles podem contribuir no esboço do *ethos* discursivo, pensando na relação das condições de produção dos *artigos de opinião*, mais especificamente, nos produtores dos textos, candidatos concorrentes a uma vaga na UFSM, em sua maioria jovens concluintes do Ensino Médio.

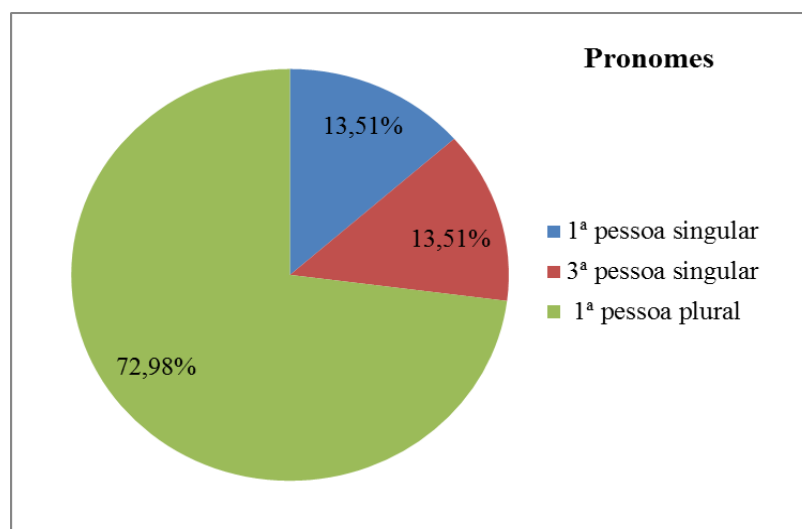
Sustentamo-nos na hipótese de que os articuladores discursivo-argumentativos, nas relações de conjunção/soma, contrajunção/oposição e especificação/exemplificação, são os articuladores mais evidentes, mais familiares, mais recorrentes no cotidiano desses jovens, produtores dos textos. Isso se dá em função da multifuncionalidade de tais articuladores, empregados na modalidade oral e escrita e em gêneros de diferentes tipologias (narrativa, argumentativa, etc.).

Quanto ao emprego dos pronomes, segunda categoria que observamos nos textos analisados, tanto pronomes pessoais retos e oblíquos quanto possessivos, apresentaram maior ocorrência da primeira pessoa do plural. Esses dados quantitativos podem ser visualizados no Quadro 8 e no Gráfico 4 a seguir:

Quadro 8 – Emprego dos pronomes nos *artigos de opinião*

Pronomes		
TIPO	PESSOA/NÚMERO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
Pessoais do caso reto	1ª pessoa do singular	3
	3ª pessoa do singular*	2
	1ª pessoa do plural	8
	Total	13
Pessoais do caso oblíquo	1ª pessoa do singular	4
	1ª pessoa do plural	20
	Total	24
Possessivos	1ª pessoa do singular	3
	3ª pessoa do singular*	8
	1ª pessoa do plural	27
	Total	38
(*referente <i>jovem (ns), juventude</i>)	TOTAL GERAL	75

Fonte: Autora.

Gráfico 4 – Porcentagem no emprego de pronomes nos *artigos de opinião*

Fonte: Autora.

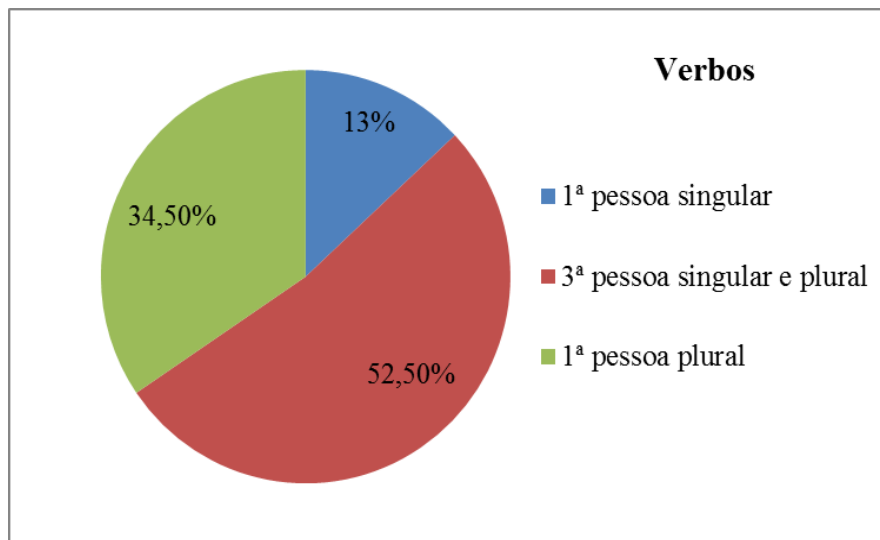
No que tange aos tipos de pronomes empregados com maior frequência, os pronomes pessoais do caso reto apresentam oito ocorrências do pronome “nós” em consonância com os 20 casos de “nos”, pronomes pessoais do caso oblíquo. Já nos pronomes possessivos, os 27 casos relativos à primeira pessoa do plural correspondem aos pronomes “nosso(s)”, “nossa(s)”. Pelo Gráfico 1, de modo mais geral, observamos que os três tipos de pronomes são mais recorrentes na primeira pessoa do plural, com 72,98% dos casos. Pronomes de primeira e terceira pessoa do singular, por sua vez, aparecem na mesma proporção, com 13,51% do total.

Diferentemente do quadro dos pronomes, em que há predominância da primeira pessoa do plural, os verbos mais recorrentes são os de terceira pessoa do plural, com 77 ocorrências, seguidos dos verbos de primeira pessoa do plural, com 70 casos. Tais resultados podem ser observados a seguir no Quadro 9 e no Gráfico 5:

Quadro 9 – Emprego dos verbos nos *artigos de opinião*

Verbos	
PESSOA/NÚMERO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
1ª pessoa do singular	26
Total	26
3ª pessoa do singular e do plural*	28 (singular)
(*referente <i>jovem (ns), juventude</i>)	77 (plural)
Total	105
1ª pessoa do plural	70
Total	70
TOTAL GERAL	201

Fonte: Autora.

Gráfico 5 – Porcentagem no emprego de verbos nos *artigos de opinião*

Fonte: Autora.

Como pode ser percebido nos Quadros 8 e 9, no que diz respeito a pronomes e verbos, incluímos, na análise quantitativa, os de terceira pessoa do singular e plural. Isso se deu em função dos referentes “jovem”, “jovens” e “juventude” que aparecem nos textos devido ao tema (“juventude conectada: evolução ou problema social?”). No Gráfico 5, é possível notar que mais da metade do total, 52,50%, corresponde a verbos de terceira pessoa do singular e plural, seguido dos de primeira pessoa do plural, com 34,50%. Acreditamos que esses dados sejam relevantes para a constituição do *ethos* discursivo, uma vez que, em dez exemplares (dos 23 analisados) o locutor se marca na materialidade linguística pela concomitância de elementos na primeira e na terceira pessoas do singular e plural.

Dado o exposto, ficam comprovadas diferenças significativas no emprego de articuladores textuais, pronomes e verbos nos *artigos de opinião* que compõem os 23 exemplares do *corpus* de análise. Nesse sentido, justifica-se nosso trabalho na medida em que buscamos compreender o *ethos* discursivo a partir do paradigma indiciário dessas três categorias. Entretanto, é importante salientar que não temos como objetivo principal investigar o porquê de tais diferenças, apesar de, em alguns momentos, tratarmos delas, mas sim, os efeitos de sentido decorrentes do emprego dessas três categorias por um sujeito, na materialidade linguística, sob um viés enunciativo. Assim, o que pretendemos é tentar responder como forma e sentido se unem na construção do enunciado, deixando emergir uma imagem discursiva, como será discutido posteriormente. Antes de esboçarmos o *ethos*

discursivo, apresentamos, na próxima seção, a postura discursiva do locutor nos *artigos de opinião* que compõem nosso *corpus*, no que tange às três categorias de análise.

4.2 A POSTURA DISCURSIVA DO LOCUTOR NOS ARTIGOS DE OPINIÃO

Nesta seção, mostraremos de que forma articuladores textuais, pronomes e verbos, nessa ordem em cada subseção, estão empregados nos textos que compõe o *corpus* de análise, a partir de uma perspectiva enunciativa. Nessa segunda etapa, de cunho qualitativo, primeiramente, analisaremos alguns representantes, em sequências enunciativas recortadas do *corpus*, das três categorias que aparecem com maior recorrência, conforme apresentamos anteriormente nos resultados quantitativos. As análises das três categorias, articuladores textuais, pronomes e verbos, ocorrerão separadamente em diferentes sequências enunciativas, extraídas de diferentes *artigos de opinião*. Assim, caso apareçam, em uma mesma sequência enunciativa, as três categorias, identificá-las-emos, mas priorizaremos a análise de apenas uma delas. A única exceção diz respeito aos pronomes, em que os três tipos, pessoais do caso reto e oblíquo e possessivos, serão analisados na mesma sequência enunciativa por aparecerem, na maioria dos casos, juntos. Acreditamos que, dessa forma, facilitaremos a compreensão da postura do locutor nos textos. Cabe pontuar que, nas próximas três subseções, a análise das sequências enunciativas evidenciam uma visão geral dos locutores dos textos. Uma visão mais singular será apresentada na seção 4.2.4, em que dois textos completos serão analisados.

A seguir, na seção 4.2.1, apresentamos o estilo discursivo do locutor com relação à primeira categoria analítica mobilizada no *corpus*, isto é, os articuladores textuais.

4.2.1 A categoria de articuladores textuais

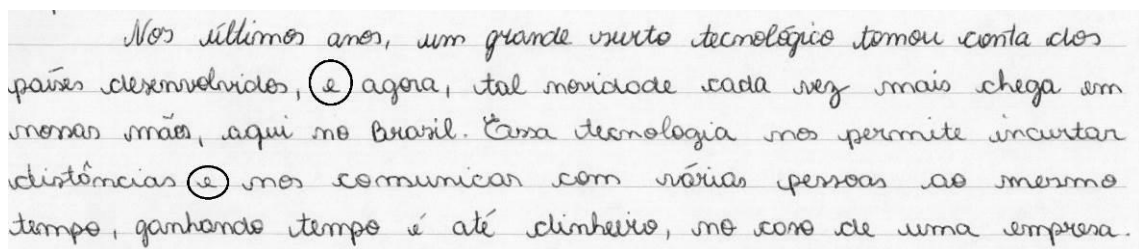
Nos quadros e nos gráficos apresentados na seção 4.1, podemos identificar quais os articuladores textuais, pronomes e verbos com emprego mais representativo no *corpus* analisado até o momento. Os articuladores textuais, primeira categoria que observamos no *corpus* e que será discutida nessa seção, assim como pronomes e verbos, também indicam o processo de apropriação da língua pelo locutor e contribuem para que se possa traçar o *ethos* discursivo. Isso porque uma análise enunciativa detalhada desses mecanismos de coesão sequencial, com relação à sua função e a seus efeitos de sentido, nos levam a comprovar que tais unidades configuram como marcas do sujeito. Logo, o *ethos* se relaciona com os efeitos dos articuladores textuais na medida em que tais efeitos podem influenciar suas

características, ao deixar emergir a subjetividade, por meio do processo de apropriação da língua e sua colocação em funcionamento.

Neste primeiro momento, antes de comentarmos algumas sequências enunciativas recortadas do *corpus*, retomaremos algumas noções relativas aos articuladores textuais. Como pode ser observado na seção anterior, os articuladores discursivo-argumentativos são mais representativos no *corpus*, com 224 ocorrências. Tais articuladores são responsáveis por estabelecerem relações entre orações, períodos ou parágrafos do texto, além de determinarem a orientação argumentativa do enunciado que introduzem (KOCH; ELIAS, 2016).

Dos 224 casos desses articuladores, 108 são da relação de conjunção/soma, ou seja, são articuladores que unem enunciados cujos argumentos apontam para uma mesma conclusão. Essa relação é bastante recorrente em *gêneros* orais ou escritos, cuja tipologia textual predominante é a argumentativa, já que na relação de conjunção/soma, “mais um argumento é acrescentado a favor de uma determinada conclusão” (ANTUNES, 2005, p. 154). Na medida em que objetiva-se, em tais *gêneros*, defender uma tese, é esperado que argumentos sejam acrescentados a outros já apresentados, sinalizando para o leitor a direção argumentativa, ou seja, a direção dos argumentos para uma mesma conclusão. Destas 108 ocorrências de articuladores, cuja relação é de conjunção/soma, há 73 casos do articulador “e”. Uma dessas ocorrências pode ser observada na sequência enunciativa abaixo, extraída do *corpus*:

Figura 5 – Sequência enunciativa A



Nos últimos anos, um grande surto tecnológico tomou conta dos países desenvolvidos, e agora, tal novidade cada vez mais chega em nossas mãos, aqui no Brasil. Essa tecnologia nos permite vencer distâncias e nos comunicar com várias pessoas ao mesmo tempo, ganhando tempo e até dinheiro, no caso de uma empresa.

Fonte: Artigo de opinião nº 5.

Neste *artigo de opinião*, defende-se a tese de que a tecnologia, se bem utilizada, pode contribuir no dia a dia das pessoas. Ao longo do texto, o locutor se marca de diferentes formas, por meio de pronomes e verbos: nas etapas de contextualização e apresentação da tese, na terceira pessoa do plural, na etapa de defesa da tese, na primeira pessoa do plural e,

por fim, na etapa de reiteração e/ou apresentação de sugestões, na primeira pessoa do singular e plural e na terceira pessoa do plural. Inclusive nessa sequência enunciativa, o locutor se marca pelo emprego do pronome pessoal do caso oblíquo “nos”, duas vezes, e pelo pronome possessivo “nossas”, uma vez, ambos referentes à primeira pessoa do plural. Além dessas categorias morfológicas, o locutor também se marca pelo emprego de articuladores textuais.

Na sequência A, inicia-se a etapa de defesa da tese. Com relação à argumentação, situa-se o leitor a partir de um conhecimento prévio, que se supõe compartilhado pelos leitores, de uma situação com relação a tempo e espaço. Koch e Elias (2016, p. 176) denominam essa estratégia de “observando a mudança na linha do tempo”, cujo objetivo é “apresentar como o conceito sobre algo foi sendo remodelado ao longo do tempo”. No entanto, nessa sequência enunciativa, não há a exposição de um conceito remodelado ao longo do tempo, mas sim um enunciado que parece situar o leitor sobre o tema em um determinado tempo e espaço, como já pontuamos. Isso se encontra marcado textualmente por “nos últimos anos”, “países desenvolvidos”, “agora”, “aqui” e “no Brasil”. Nesse enunciado, o articulador “e”, acompanhado do advérbio “agora”, mais do que unir duas orações, tem por função localizar temporalmente o enunciado/argumento. Nesse sentido, Moura Neves (2011, p. 744) pontua que um dos valores semânticos do “e” é acrescentar uma informação ao enunciado anterior que, entre outros casos, pode consistir em uma localização espacial ou temporal que é focalizada. A pausa promovida pela vírgula antes do “e”, nesse caso, contribui para acentuar esse efeito. A presença do advérbio “agora” junto com a conjunção “e” faz com que esse articulador se contamine com o sentido temporal desse advérbio, que se constitui também como uma marca enunciativa.

O segundo caso de emprego do articulador “e”, na sequência A, ocorre no enunciado seguinte, em que se elencam benefícios da tecnologia. Logo, o articulador “e”, gramaticalmente, une duas orações; argumentativamente, liga enunciados em que os dois argumentos (“encurtar distâncias” e “nos comunicar”) apontam para uma mesma direção, conclusão, isto é, enumerar, adicionar dois benefícios da tecnologia. Fernandes (2005, p. 188, grifos da autora) salienta que o “e” não marca apenas uma adição coorientada entre os enunciados, mas assinala que o argumento acrescentado *guarda relação* com o mesmo que se acabou de mencionar, relação na qual um argumento tem o mesmo peso argumentativo que o outro. Nesse caso, nenhum dos dois argumentos se destaca mais do que o outro, mas, sim, se complementam e guiam o leitor à conclusão desejada. Portanto, nessa sequência enunciativa, notamos o emprego usual desse articulador, diferentemente do primeiro emprego de “e” nessa sequência enunciativa.

Como já assinalamos anteriormente, o locutor se marca, nesse momento do texto, na primeira pessoa do plural. Isso, somado ao emprego do articulador “e”, cujos efeitos de sentido são de temporalidade/espacialidade e de adição de um argumento a outro, coorientado os enunciados para uma mesma conclusão, estabelece indicadores de subjetividade, ou seja, noções constitutivas da enunciação. Na sequência enunciativa A, ao se marcar na primeira pessoa do plural por meio do possessivo “nossas” e dos oblíquos “nos”, notamos a passagem de locutor a sujeito, ou seja, a subjetividade que emerge a partir das marcas linguísticas de primeira pessoa do plural. Além disso, o locutor se coloca como pertencente ao grupo dos jovens, em uma espécie de porta-voz³³. Dessa forma, o outro, aquele a quem o locutor, ao tornar-se sujeito, tende a se dirigir, o *tu*, é constituído por esses jovens. Instaura-se, a partir desse recurso, o fundamento da intersubjetividade, ou seja, proporciona-se que a imagem do locutor surja como sujeito, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso e ao outro como *tu*. Entretanto, esse *eu*, como já mencionamos, se marca como “nós”, como porta-voz do grupo de jovens (*tu*) do qual se constitui ao tomar a palavra e enunciar. Apesar de Benveniste não considerar o “nós” como plural de “eu”, mesmo que o locutor não se marque no enunciado por *eu*, o *eu* subjaz o enunciado. Logo, observa-se que, ao se marcar na primeira pessoa do plural que, nesse caso, é constituída pelo *eu* e pelo *tu*, os jovens, o locutor tende a fazer parte e representar o grupo ao qual pertence.

Por fim, não podemos deixar de destacar o “agora” e o “aqui” presentes no primeiro enunciado da sequência A, uma vez que eles se constituem como marcas enunciativas e “contaminam” os valores assumidos pelo articulador “e”. É a enunciação que instaura *aqui-agora*, o tempo linguístico. Essas coordenadas espaciais e temporais estão vinculadas a *eu-tu*, pois é o sujeito que, ao expressar-se, “espacializa” e “temporaliza” os acontecimentos em seus enunciados. Logo, a partir do presente da enunciação, o sujeito manifesta sua subjetividade, sua intervenção no espaço e tempo. Nesse caso, o “agora” e o “aqui” fazem emergir a subjetividade na medida em que o locutor se marca, no uso na língua, intervindo no tempo e espaço, delimitando-os em seu discurso: agora – presente linguístico³⁴, relativo à enunciação, ligado ao exercício da fala, e aqui – Brasil, espaço também relativo à enunciação. A partir da conjugação entre argumentação e enunciação apresentada, notamos, nesse caso, que a função do articulador “e” não é ligar argumentos em favor de uma mesma conclusão, como geralmente é classificado. Na sequência A, ele se “contamina” do valor temporal de “agora”,

³³ Na seção 4.2.2, em que apresentamos a análise da categoria de pronomes, esse movimento de eu-nós-jovens presente ao longo dos *artigos de opinião*, e que mencionamos durante esta seção, ficará melhor elucidado.

³⁴ O presente linguístico mencionado por Benveniste é diferente do presente gramatical; “o emprego deste no discurso indica que há concomitância entre o ato de dizer e o que é dito” (FLORES et al., 2008, p. 54).

vinculando o enunciado “um grande surto tecnológico tomou conta dos países desenvolvidos”, a outro, que tem por função especificar o espaço em que “tal novidade” chegou: no Brasil (valor espacial).

Outra sequência que apresenta o emprego do articulador “e” é a seguinte:

Figura 6 – Sequência enunciativa B

A facilidade de estar em contato com o mundo torna-se fascinante, (e), a medida que bem utilizada, auxilia adolescentes nos estudos (vide bancos de pesquisa e artigos on-line, fóruns de discussão, video-aulas), nas relações interpessoais, por meio de redes sociais, (e), inclusive, a formar cidadãos conscientes e informados.

Fonte: *artigo de opinião* nº 9.

Neste *artigo de opinião*, a tese não encontra-se redigida de modo claro. Ela se encontra implícita em um parágrafo inicial construído com duas perguntas (“Mocinha ou vilã? O que torna a internet tão agradável para jovens e preocupante para pais e pesquisadores?”). A partir disso, na etapa de defesa da tese, são apresentados dois argumentos: um favorável e um contrário, cada um em um parágrafo. Na etapa de reiteração e/ou apresentação de sugestões, é feita uma analogia do jovem com um lobo e um cordeiro. Percebe-se, dado o exposto, que este *artigo de opinião* não segue o padrão do *gênero*, no que diz respeito, principalmente, às etapas de contextualização e apresentação da tese e de reiteração e/ou apresentação de sugestões. Inclusive o referente “jovens” aparece apenas duas vezes ao longo de todo o texto, já que a argumentação desenvolvida toma como referente a internet, o que sugere um tangenciamento do tema proposto (“juventude conectada: evolução ou problema social?”). Em função disso, o locutor não se marca por meio de pronomes e verbos em primeira ou em terceira pessoas (há um único “podemos” na etapa reiteração e/ou apresentação de sugestões). Ainda assim, tomamos essa sequência enunciativa para análise em função do emprego do articulador “e” duas vezes, com diferentes nuances de sentido.

A sequência enunciativa B corresponde à parte de um parágrafo da etapa de defesa da tese. Com relação à argumentação, neste momento, é indicado um argumento favorável ao uso da internet. De modo geral, as duas ocorrências do articulador “e” adicionam argumentos

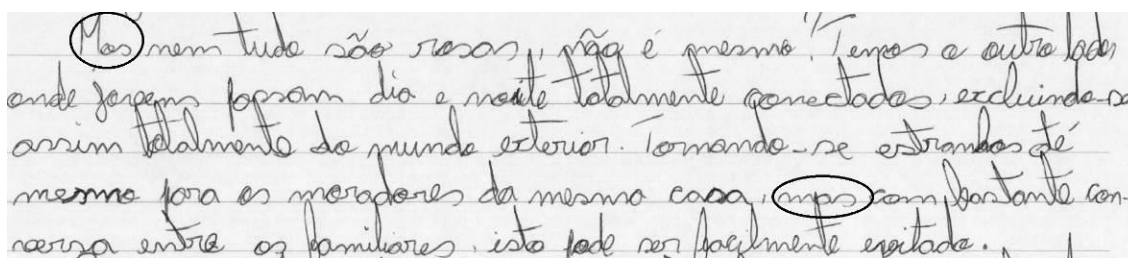
em favor de uma mesma conclusão, ou seja, destacar as “facilidades de estar em contato com o mundo”, a partir do uso da internet. No entanto, os dois casos de “e” vêm acompanhado de outros articuladores, marcados pela pontuação (vírgulas), que trazem outras nuances de sentido para esses articuladores, além de somar argumentos. O primeiro “e” vem acompanhado de “a medida que”. Koch e Elias (2016) classificam esse articulador como lógico-semântico, relação de temporalidade, tempo progressivo. Já as Gramáticas, tanto a Normativa, como a de Usos, classificam “a medida que” como conjunção proporcional. Nesse caso, a nuance de sentido parece comportar ambas as classificações: de proporcionalidade, pois a proporção que bem utilizada, a internet auxilia os adolescentes nos estudos, mas também de tempo progressivo, porque, gradualmente ao longo do tempo, a medida que bem utilizada (o que deixa implícito que, atualmente, eles não a usam só de forma adequada), auxilia adolescentes nos estudos. Assim, o articulador “a medida que”, que indica proporcionalidade e tempo progressivo, combinado com o “e”, particulariza seu sentido de adição de argumentos, indicando as nuances de proporção e tempo.

Já o segundo emprego de “e” vem acompanhado de “inclusive”. Moura Neves (2011) classifica o “inclusive” como um advérbio de inclusão. Koch e Elias (2016), por sua vez, o consideram como um operador argumentativo que indica o argumento mais forte de uma escala a favor de uma determinada conclusão. Nesse caso, o “e, inclusive” marca que o uso da internet facilita a vida dos adolescentes em três aspectos: nos estudos, nas relações interpessoais “e, inclusive” na formação de cidadãos conscientes e informados. Logo, o “inclusive”, que inclui o último aspecto aos mencionados anteriormente, conjugado com o “e”, indica que o último aspecto adicionado é o mais forte dos três a favor da conclusão, ou seja, comprovar as facilidades de uso da internet. A partir do emprego dos dois articuladores “e”, combinados com outros dois (“a medida que”, “inclusive”) adicionam-se argumentos em favor de uma mesma conclusão, cujo sentido é intensificado pelas nuances de proporção e tempo progressivo e por indicar um grau alto, um nível extremo de argumentação na escala apresentada. Esse recurso proporciona que a imagem do locutor surja como se fosse um ser que revela seu posicionamento com relação ao tema, tentando levar os leitores (auditório) a um possível convencimento ou persuasão, propósitos do *gênero*.

Além dos articuladores de conjunção/soma, exemplificados anteriormente pelo articulador mais recorrente “e”, os de contração/oposição também são representativos no *corpus*, com 47 ocorrências. Destas, 24 casos correspondem ao articulador “mas”. Na relação de contração/oposição, contrapõem-se enunciados com orientações argumentativas diferentes, geralmente opostas, contrastantes (KOCH; ELIAS, 2016). Antunes (2005, p. 155)

destaca que “em textos de caráter predominantemente argumentativo, existe uma grande possibilidade de que esse grupo de conectores venha a ocorrer com uma certa frequência”. Isso porque essa relação é essencial na organização e progressão de *gêneros* com tipologia argumentativa predominante ao ir rebatendo ou reconsiderando os argumentos prévios e ressaltando o que mais interessa (MARTÍNEZ, 1997). Nesse caso, a força argumentativa recai no segundo argumento, no segundo membro contraposto com o articulador “mas”, por exemplo. Além disso, Gallardo (1997) e Ducrot (1987) enfatizam que esses tipos de articuladores são importantes elementos nos mecanismos para persuadir os leitores sobre a importância do tema, já que mostra outros pontos de vista sobre o assunto. Porém, enunciativamente, na língua em uso por um sujeito, outras nuances de sentido podem ser encontradas. A sequência enunciativa a seguir apresenta dois empregos do articulador “mas”:

Figura 7 – Sequência enunciativa C



Fonte: Artigo de opinião nº 18.

Nesse texto, defende-se a tese de que o uso da internet é benéfico para os jovens. O locutor se marca de diferentes formas ao longo do texto, por meio do emprego de pronomes e verbos: nas etapas de contextualização e apresentação da tese, na primeira pessoa do singular e plural e na terceira pessoa do plural, na defesa da tese, na primeira pessoa do plural e na terceira pessoa do singular e plural, na etapa de reiteração e/ou apresentação de sugestões, na primeira e terceira pessoas do plural. Com relação à argumentação, nos dois primeiros parágrafos da etapa de defesa da tese, são discutidos argumentos em seu favor. A sequência enunciativa I, que corresponde ao terceiro parágrafo da etapa de defesa da tese, irá explorar uma contra-argumentação, ou seja, um argumento que indica um aspecto não benéfico do uso da internet pelos jovens. Observa-se que a sequência é iniciada pelo articulador “mas” em uma pergunta retórica. Nesse caso, muda-se a orientação argumentativa e sugere-se um novo argumento que deve ser considerado, a partir de um pergunta retórica. Entretanto, não se

desconsidera a argumentação anteriormente desenvolvida, já que se trata de um caso de contra-argumentação.

Em tal enunciado, temos, metaforicamente, a expressão “nem tudo é um mar de rosas” que, simplificada, manteve no enunciado alguns elementos como “tudo” e “rosas”, que permitem ao leitor a recuperação da metáfora (nem tudo são flores). Além disso, foi acrescentado o sintagma “não é mesmo” o que vem a simular um diálogo com o leitor, na medida em que reproduz um traço de oralidade, uma pergunta retórica. A expressão “não é mesmo”, além de ser da modalidade oral de registro informal da língua, implica o interlocutor, na medida em que o convida (ainda que implicitamente) a refletir sobre o tema, sobre o argumento que será apresentado. Nesse primeiro enunciado, não encontramos o emprego do “mas” como contraste entre argumentos, como ele geralmente é classificado, mas sim como reativo, ao incitar uma reação (reflexão sobre) do interlocutor.

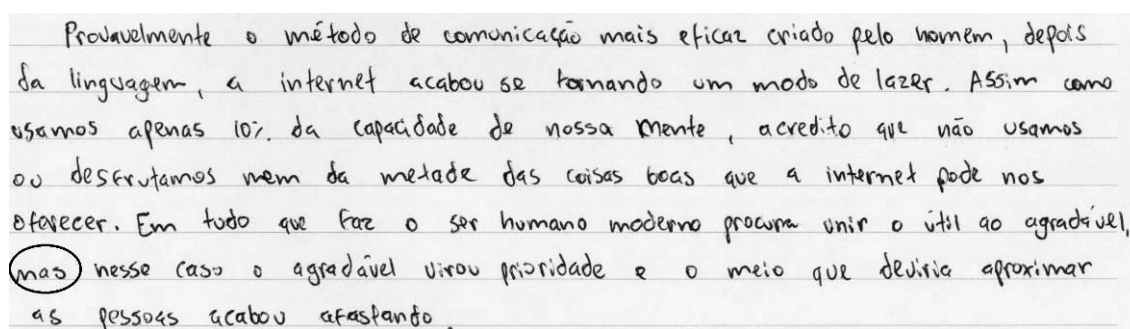
Depois desse primeiro enunciado, desenvolve-se a contra-argumentação também marcada textualmente por “outro lado”. Fiorin (2016, p. 173) nomeia esse caso como *argumentum ex concessis*, que ocorre “quando o enunciador concede que a tese do adversário é verdadeira, para apresentar sua própria visão dos fatos”. O argumento mobilizado narra a situação, o dia a dia dos jovens que são muito conectados, além de trazer as consequências de tal situação (exclusão do mundo exterior, problemas familiares). No final das consequências, há o segundo emprego de “mas”, unindo duas orações, mas não opondo-as, contrastando-as. O sentido expresso por esse “mas” é de compensação: “tornando-se estranhos até mesmo para os moradores da mesma casa, *mas* [em compensação] com bastante conversa entre os familiares, isto pode ser facilmente evitado”. Nesse caso, apresenta-se uma consequência negativa do jovem muito conectado para, a partir do “mas”, indicar uma compensação, algo positivo, quase uma solução para evitar essa situação. Essa ideia é enfatizada por estar no segundo argumento, isto é, o introduzido pelo “mas”. Logo, a expectativa levantada no primeiro enunciado não é mantida, já que a compensação, no enunciado final, retoma a argumentação em favor da tese que vinha sendo desenvolvida nos parágrafos anteriores da defesa da tese e que será sintetizada e concluída na etapa de reiteração e/ou apresentação de sugestões (último parágrafo do texto). Aqui, há um caso de contra-argumentação direta, quer dizer, o valor do “mas” é cancelar as conclusões do enunciado anterior mediante o enunciado que introduzem (DOMÍNGUEZ GARCÍA, 2002)³⁵.

³⁵ Domínguez García (2002) não se refere especificamente ao “mas” da Língua Portuguesa, mas sim ao “pero” da Língua Espanhola. O que fizemos aqui foi uma leitura e uma adaptação próprias do que é sistematizado pela autora.

A partir do enunciado que introduz a sequência enunciativa A, “mas nem tudo são rosas, não é mesmo?”, instauram-se os fundamentos da subjetividade e da intersubjetividade. Isso pode ser percebido pela relação explícita *eu-tu*, mediante o emprego da pergunta retórica que, como pontuamos, estabelece com o leitor (*tu*) uma interação direta, ao convidá-lo a refletir sobre o tema, a participar da discussão que vem sendo desenvolvida. Com isso, poderia também estimular no interlocutor uma concordância com a defesa da tese, o que contribuiria para convencê-lo ou persuadi-lo, propósitos do *gênero*. Além disso, outro ponto que faz emergir a subjetividade e a intersubjetividade é a mobilização do argumento de outra pessoa, compensado pelo “mas”, que enfatiza a “solução” para o argumento de outrem apresentado (contra-argumentação direta) e retoma a argumentação em favor da tese desenvolvida pelo locutor ao longo do texto. Ao se marcar no texto com o articulador “mas”, com dois diferentes efeitos de sentido, como já explicitamos, o locutor deixa emergir sua subjetividade, pois ao se apropriar da língua e enunciar, o *eu* está constituído pelo outro, pelo *tu*. É ao considerar o *tu* que o sujeito se marca linguisticamente no enunciado por meio dos dois diferentes efeitos de sentido decorrentes do emprego do “mas” nessa sequência enunciativa.

Outra sequência enunciativa que apresenta o emprego do articulador “mas” é a seguinte:

Figura 8 – Sequência enunciativa D



Provavelmente o método de comunicação mais eficaz criado pelo homem, depois da linguagem, a internet acabou se tornando um modo de lazer. Assim como usamos apenas 10% da capacidade de nossa mente, acredito que não usamos ou desfrutamos nem da metade das coisas boas que a internet pode nos oferecer. Em tudo que faz o ser humano moderno procura unir o útil ao agradável, mas nesse caso o agradável virou prioridade e o meio que deveria aproximar as pessoas acabou afastando.

Fonte: Artigo de opinião nº 6.

Neste *artigo de opinião*, defende-se a tese de que a internet “atrapalha” a atual juventude, uma vez que eles não sabem usá-la. Ao longo do texto, o locutor se marca de diferentes formas, por meio do emprego de pronomes e verbos, assim como na sequência

anterior: nas etapas de contextualização e apresentação da tese, na primeira e terceira pessoas do singular, na defesa da tese, na primeira e terceira pessoas do singular e do plural, e, na etapa de reiteração e/ou apresentação de sugestões, na primeira pessoa do plural e terceira pessoa do singular e do plural. Isso revela, como já assinalamos anteriormente, o processo de apropriação da língua pelo locutor, a partir de um movimento, nesse caso, nós-eu-jovem, que se mantém, não só nessa sequência enunciativa, que corresponde à parte da etapa de defesa da tese, como também durante todo o texto.

No que tange ao articulador “mas”, ele refere-se à argumentação desenvolvida no parágrafo, que inicia com o modalizador “provavelmente” que “matiza” o argumento, ou seja, possibilidade ou probabilidade de que internet seja “o método de comunicação mais eficaz criado pelo homem, depois da linguagem”. A complementação feita a essa ideia se dá mediante uma declaração “a internet acabou se tornando um modo de lazer” que, pela locução “acabou se tornando” indica um aspecto negativo, desfavorável, contrapondo o “eficaz” presente no enunciado. No enunciado seguinte, estabelece-se uma comparação, marcada pelo “assim como”, entre a mente do ser humano e as coisas boas que a internet pode oferecer. O último enunciado parece retomar o paralelo entre método eficaz – lazer, no intuito de sintetizar, fechar essa ideia. Para isso, realiza-se um jogo entre útil-gradável em que o “mas” tem valor restritivo por acréscimo de informação (MOURA NEVES, 2011), já que uma informação sobre o “gradável” será adicionada. Entretanto, esse “mas” também especifica a informação que será adicionada por meio da presença do sintagma “nesse caso” e marca um contraste entre negativo-positivo-negativo na informação: “o gradável virou prioridade (negativo) e o meio que deveria aproximar as pessoas (positivo) acabou afastando (negativo)”.

Na sequência enunciativa D, mais do que contrapor argumentos em favor de conclusões contrárias, o “mas” assume sentidos como: restringir por acréscimo de informação, especificar tal informação e marcar uma relação de contraste (negativo-positivo-negativo) no conteúdo da informação. Toda a argumentação desenvolvida nessa sequência se dá mediante jogos entre aspectos positivos-negativos: eficaz-lazer, útil-gradável, aproximar-afastar. O emprego do “mas” ao final desse jogo de conteúdos traz a contemplação de outro ponto de vista (DUCROT, 1987), que o gradável do *ser humano moderno* virou prioridade, além de evidenciar o posicionamento do locutor, que lamenta por isso: “o meio que deveria aproximar as pessoas acabou afastando”. A partir do recurso da voz do outro, com o “mas”, a imagem do locutor surge como se fosse um ser que marca seu ponto de vista, em favor da defesa da sua tese.

Ao mobilizar essa voz do outro, marcada pelo uso do “mas” com os efeitos de sentido citados, evidencia-se o processo de apropriação da língua pelo locutor, bem como instaura-se o fundamento da intersubjetividade. Isso porque, ao realizar o jogo entre aspectos positivos-negativos, mediante a voz do *eu* (locutor) e do *tu*, o locutor, ao tornar-se sujeito discursivo, tende a simular a estratégia de que está constituído pela voz do *tu*, ou seja, ele usa a voz do *tu* a seu favor, para contribuir na defesa de sua tese. Assim, a subjetividade, ou seja, a passagem de locutor a sujeito, se dá mediante a conjugação entre as vozes do *eu* e *tu*, ambos os enunciados (positivo e negativo) contribuindo para o propósito do *gênero*. Com isso, queremos dizer que o *eu*, ao se compor pela voz do *tu*, estabelecendo essa interação com o interlocutor, pode vir a convencê-lo ou persuadi-lo, já que leva em consideração o seu ponto de vista, mesmo que seja para contrapô-lo.

Outra relação dos articuladores discursivo-argumentativos recorrentes no *corpus* diz respeito à relação de especificação/exemplificação. Dos 28 casos que aparecem, 20 correspondem ao articulador “como”. De acordo com Koch e Elias (2016, p. 138), nessa relação, “o segundo enunciado particulariza e/ou exemplifica uma declaração mais geral apresentada no primeiro”. Provavelmente, a representatividade dessa relação discursivo-argumentativa no *gênero artigo de opinião* se dê em função da predominância da tipologia argumentativa, uma vez que exemplificar é uma “estratégia argumentativa de caráter didático que muito contribui para a defesa de uma tese” (KOCH; ELIAS, 2016, p. 198). Inclusive um dos passos retóricos da etapa de defesa da tese no *artigo de opinião* é justamente a exemplificação (ECKERT; PINTON, 2016). O argumento pelo exemplo, geralmente introduzido por “como” ou “por exemplo”, é bem representativo nos textos que compõe o *corpus*, como já analisamos em algumas sequências enunciativas anteriormente. Assim como as relações de conjunção/soma e contrajunção/oposição, acreditamos que a relação de especificação/exemplificação também pode contribuir para o esboço do *ethos* discursivo, em função da familiaridade dessas estratégias no cotidiano dos produtores do texto. A sequência enunciativa a seguir apresenta o emprego do articulador “como”:

Figura 9 – Sequência enunciativa E

A rede virtual abriu um espaço para a difusão de conhecimentos em dimensões sem precedentes. Sites como o "You Tube" e "TV Escola" dispõem de vídeos históricos, documentários e programas informativos gratuitos, constituindo, dessa maneira, um acervo cultural aos internautas.

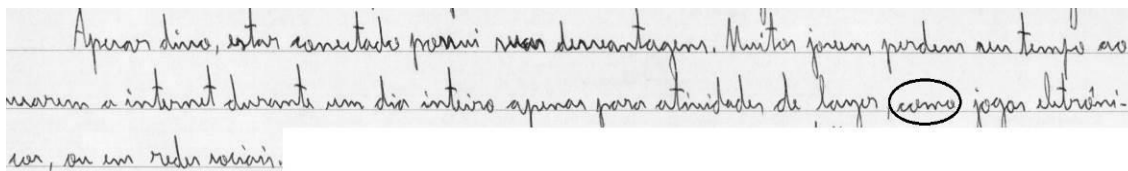
Fonte: *Artigo de opinião* nº 8.

Neste *artigo de opinião*, defende-se a tese de que a internet “é uma valiosa aliada da população, tanto em âmbito pessoal quanto social, principalmente jovens”. Para defender a tese, são apresentados dois argumentos favoráveis a ela, cada um em um parágrafo. Ao longo do texto, o locutor se marca apenas pelo referente em terceira pessoa “jovem(ens)”, colocando-se como não pertencente a esse grupo, o que confere um efeito de maior objetividade ao texto. Com relação ao gênero e à argumentação, este texto apresenta, na etapa de defesa da tese, dois exemplos em cada parágrafo. Na sequência enunciativa E, primeiro parágrafo da etapa de defesa da tese, um exemplo é introduzido por “como”. No segundo parágrafo da defesa da tese, como pode ser conferido no *artigo de opinião* completo em anexo, um dos exemplos é marcado pelo articulador “um exemplo” e o outro por “vale ressaltar, ademais”. Logo, a construção argumentativa desse texto se desenvolve por meio da adição de argumentos pelo exemplo na etapa de defesa da tese.

No que tange ao articulador de especificação/exemplificação “como”, presente na sequência enunciativa E, destacamos que ele apresenta um valor usual, ou seja, o enunciado em que ele está presente exemplifica a declaração geral “a rede virtual abriu um espaço para a difusão de conhecimentos em dimensões sem precedentes” apresentada no primeiro. Assim, “site como o ‘You Tube’ e ‘TV Escola’” são exemplos da difusão de conhecimentos que a internet proporcionou. Neste *artigo de opinião*, confirmamos nossa hipótese com relação ao caráter didático e também familiar da estratégia argumentativa da exemplificação, visto que ela é recorrente em nosso dia a dia, tanto na modalidade oral quanto escrita. Por esse motivo, acreditamos que o articulador “como”, na relação de especificação/exemplificação, marca a subjetividade e a intersubjetividade, na medida em que proporcionam que a imagem do locutor surja como se fosse um ser preocupado com o interlocutor (*tu*), com seu entendimento acerca do que vem sendo defendido argumentativamente.

Outra sequência que apresenta o emprego do “como” como articulador de especificação/exemplificação é a seguinte:

Figura 10 – Sequência enunciativa F



Fonte: *Artigo de opinião* nº 10.

Neste texto, defende-se a tese de que o acesso à internet é benéfico para os jovens, mas, quando usada indevidamente, essa ferramenta “não se torna tão útil quanto poderia”. Desse modo, na defesa da tese, são apresentados dois argumentos, um favorável e um contrário. Essa estratégia é denominada por Koch e Elias (2016) como “indicando argumentos favoráveis X argumentos contrários”. Ao longo do texto, o locutor se marca na primeira pessoa do plural e na terceira pessoas do singular e plural, por meio de pronomes e verbos. Aqui, como é recorrente nos textos de nosso *corpus*, há esse processo de apropriação da língua pelo locutor, em um movimento de nós-jovens e jovens-nós, o que confere efeitos de objetividade e subjetividade nas diferentes etapas do *gênero*. A sequência enunciativa F, que corresponde à parte de um parágrafo da etapa de defesa da tese, apresenta o emprego do articulador “como” também com seu valor usual: o segundo enunciado “como jogos eletrônicos, ou em redes sociais” exemplifica a declaração geral “muitos jovens perdem seu tempo ao usarem a internet durante um dia inteiro apenas para atividades de lazer”. Essa exemplificação vem no parágrafo em que o argumento contrário é apresentado. Isso é marcado textualmente pelo articulador “apesar disso”, no início do enunciado.

Sobre a relação de especificação/exemplificação dos articuladores discursivo-argumentativos, analisada a partir do articulador “como” nas duas sequências enunciativas anteriores, concluímos que esse articulador apresenta seu valor usual, ou seja, tal articulador apresenta o efeito de sentido de introduzir argumentos pelo exemplo. Ainda assim, ressaltamos que realizamos a análise desse articulador em função de sua representatividade, isto é, dos 28 casos de sua recorrência, 20 correspondem ao articulador “como”. Além disso, acreditamos que esse articulador seja recorrente nos textos por causa do caráter argumentativo

do *gênero artigo opinião* e pelo uso considerável do argumento pelo exemplo, já que o articulador “como” ocorre, geralmente, introduzindo esse tipo de argumento, como já assinalamos.

Apesar disso, enunciativamente, acreditamos que tal articulador instaura o fundamento da intersubjetividade. Ao utilizar o recurso da exemplificação na etapa de defesa da tese, a imagem dos locutores, tanto da sequência E como da F, surgem como seres que recorrem a essa estratégia de caráter familiar, didático para defender seu ponto de vista. Com isso, os interlocutores são orientados, dirigidos, na leitura, com relação a esse processo de defender uma opinião do locutor. O locutor, ao tornar-se sujeito discursivo, tende a simular uma estratégia nesse contexto argumentativo, ao empregar o articulador “como” introduzindo argumentos pelo exemplo, pois se constitui pelo *tu*, à medida que almeja que ele, didaticamente, por meio de exemplos, compreenda o processo de defesa da tese desenvolvido, podendo vir a ser convencido ou persuadido.

Dado o exposto com relação aos articuladores discursivo-argumentativos nas três relações mais representativas no *corpus*, concluímos que, a exceção de um articulador “e” e do emprego do “como” que apresentam valores usuais, os demais empregos de “e” e de “mas” têm diferentes valores. Os sentidos estabelecidos nos enunciados são únicos, a partir do funcionamento da língua por um ato individual de utilização. É por isso que o ensino de articuladores textuais na escola, por exemplo, não deveria considerar apenas sentidos pré-determinados.

Com a Linguística da Enunciação, que leva em consideração esse processo de apropriação da língua por um locutor, que enuncia sempre de modo único e irrepitível, é possível abordar estrutura e sujeito articulados, a língua em sua essência e não apenas como mero instrumento. Isso contribui, entre outros aspectos, com a autonomia do aluno na escolha do conector que expresse o sentido pretendido em determinado enunciado, colaborando com a argumentação desenvolvida, como parece ter acontecido nas sequências em que tais articuladores foram empregados, em que notamos como emerge, na materialidade linguística por meio do emprego dos articuladores “e” e “mas”, o sujeito da enunciação.

A seguir, na seção 4.2.2, apresentamos o esboço da postura do locutor com relação à segunda categoria analítica mobilizada no *corpus*: os pronomes.

4.2.2 A categoria de pronomes

Com relação aos pronomes, segunda categoria que observamos nos *artigos de opinião*, há maior recorrência de pronomes de primeira pessoa do plural, sejam eles pessoais do caso reto e oblíquo ou possessivos. Inicialmente, com base na Gramática Normativa (CUNHA; CINTRA, 2008), na Gramática de Usos (MOURA NEVES, 2011) e na Gramática Pedagógica (BAGNO, 2012) contextualizaremos algumas noções linguísticas referentes aos três tipos de pronomes analisados para, posteriormente, observarmos o emprego de tais pronomes em algumas sequências enunciativas extraídas do *corpus*. Optamos por essa configuração textual porque os três tipos de pronomes são empregados, por vezes, em uma mesma sequência enunciativa. Desse modo, acreditamos que a análise se tornará mais completa e consistente.

Normativamente, os pronomes pessoais caracterizam-se por denotarem as três pessoas gramaticais, no singular e no plural: quem fala, com quem se fala e de quem se fala. Quanto à função, na oração, eles podem ser retos, quando desempenham o papel de sujeito, ou oblíquos, quando são empregados como objeto direto ou indireto³⁶ (CUNHA; CINTRA, 2008). Nesse último caso, quando o OD ou o OI representa a mesma pessoa ou coisa que o sujeito do verbo, o pronome é reflexivo. Já na *Gramática de usos de português* (2011), de Maria Helena de Moura Neves, encontramos outros empregos dos pronomes pessoais, relacionados à função interacional ou textual. Para a autora, “uma das funções básicas dos *pronomes pessoais* é a de constituir expressões referenciais que representam, na estrutura formal dos enunciados, os interlocutores que se alternam na enunciação” (MOURA NEVES, 2011, p. 457, grifos da autora). Desse modo, a primeira pessoa, de quem parte o discurso, só aparece no enunciado quando o locutor se autorreferencia, implicando em um eixo subjetivo. Ainda de acordo com a autora, os pronomes pessoais de primeira pessoa do plural sempre envolvem um *não eu*, isto é, representam a soma de pessoas (eu+tu, eu+ele, etc.) ou se destinam a outros usos, além da pluralização, em que o falante situa seu dizer como pertencente a um grupo com o qual se identifica. A esse último valor que adquirem os pronomes pessoais, Cunha e Cintra (2008, p. 297) denominam “plural de modéstia”.

Com relação aos pronomes possessivos, que indicam algo determinado pelas pessoas gramaticais, seu principal valor é o de posse, isto é, o que cabe ou pertence aos pronomes pessoais (CUNHA; CINTRA, 2008). Os autores também lembram que outros valores podem ser assumidos pelos possessivos, como designação de um hábito, acentuação de sentimentos

³⁶ Doravante OD e OI.

variados, entre outros. Para Moura Neves (2011), a relação possessiva tem natureza pessoal, pois quando se usa um possessivo como determinante do nome, há uma relação bipessoal, na medida em que existe sempre uma terceira pessoa posta em relação com outra pessoa. A autora igualmente reitera que os possessivos expressam diferentes relações semânticas, além de posse, como, por exemplo, pertença, relação espacial, entre outras.

Já para Bagno (2012), os pronomes não são considerados como uma classe de palavras, mas sim como uma função: a retomada anafórica. A nomenclatura que ele emprega em sua *Gramática pedagógica do português brasileiro* toma como referência as reflexões de Benveniste, “considerando que já passou da hora de incorporarmos definitivamente as reflexões de Benveniste às descrições gramaticais” (BAGNO, 2012, p. 465). Já discutimos, também apoiados em Benveniste, sobre as pessoas *eu-tu* em oposição a não-pessoa *ele* no capítulo 2.3. O que ainda cabe destacar aqui é que os pronomes, ou melhor, os índices de pessoa, *eu-tu* se tornam “cheios” quando um falante os pronuncia em cada instância de seu discurso, enquanto o *ele* refere-se a um objeto, retomando algo já dito no discurso (função anafórica). Além disso, apoiado em Volóshinov, Bagno (2012, p. 738) comenta que, se a língua é intrinsecamente dialógica, em toda interação há alternância nos papéis de locutor (aquele que fala), alocutor (aquele a quem se fala) e delocutor (aquele de quem se fala, não-pessoa, caráter anafórico). Entre o locutor e o alocutor há uma “troca incessante de papéis em que os índices de pessoas são lugares em que as duas pessoas se revezam”, ou seja, correlação de personalidade de Benveniste.

Por fim, é importante comentar que, textualmente, Koch (1993) classifica os pronomes possessivos e os pessoais de terceira pessoa como pertencentes à coesão referencial, “aquela em que um componente na superfície do texto faz remissão a outros elementos do universo textual” (KOCH, 1993, p. 30). No entanto, pronomes pessoais de primeira pessoa do singular e plural, recorrentes em muitos textos de nosso *corpus*, não são tratados pela maioria dos autores como elementos coesivos. Na seção 4.2.4, exemplificaremos, a partir de *um artigo de opinião* de nosso *corpus*, que pronomes pessoais e também verbos de primeira pessoa do singular e plural podem e devem ser considerados como elos coesivos. Realizamos esta discussão pautados na Linguística da Enunciação, principal embasamento teórico desta pesquisa, a partir do processo de apropriação da língua feita pelo locutor do texto no desenvolvimento de sua argumentação. Sob essa perspectiva, concluímos que as categorias de pronomes e verbos, nesse contexto específico de produção textual, podem ser consideradas mecanismos coesivos, pois fazem o texto avançar tematicamente, como apresentaremos posteriormente.

Observemos, a seguir, alguns empregos dos pronomes em sequências enunciativas extraídas do *corpus*:

Figura 11 – Sequência enunciativa G

De modo geral a conectividade (nos) torna informados sobre os assuntos de atualidade, depende unicamente de (nós) procurar as informações que (nos) sejam úteis.

Fonte: Artigo de opinião nº 3.

Neste *artigo de opinião*, cuja tese diz respeito à influência que a internet exerce sobre a opinião dos jovens, contextualiza-se o tema por meio do referente “jovens”, no início do texto. Entretanto, na sequência, o locutor se marca pelo verbo de primeira pessoa do plural “podemos”. Essa marca de plural permanece na etapa de defesa da tese do texto por meio de pronomes pessoais do caso reto e oblíquo e possessivos, e verbos. Na sequência enunciativa acima, que corresponde à etapa de reiteração e/ou apresentação de sugestões, com relação à argumentação, há os passos da síntese da posição defendida ao longo do *artigo de opinião*, além de uma ressalva que sugere uma espécie de solução para aqueles jovens que ficam conectados à internet tempo demais, contra-argumentação apresentada no parágrafo anterior. Essa ressalva se manifesta pelos lexemas “unicamente” e [informações] “úteis”, e pelos verbos “depende” e “procurar”.

No que tange aos pronomes, é possível notar, na sequência enunciativa G, o emprego de dois pronomes pessoais do caso oblíquo “nos” que são reflexivos, além de um emprego do pronome pessoal do caso reto “nós”. Os dois pronomes oblíquos “nos” unem ao reto “nós” dois elementos: a informação de assuntos da atualidade proporcionada pela conectividade e a procura de informações úteis. Além disso, observamos que, ao se marcar na primeira pessoa do plural, pelo emprego do pronome pessoal reto “nós”, a imagem do o locutor, de quem parte o discurso, tende a fazer referência a si mesmo, se autorreferenciar, mas se colocando como pertencente ao grupo de jovens que usufrui da conectividade proporcionada, principalmente, pela internet. Com isso, simula-se um efeito de unidade, em que as ideias expostas são compartilhadas por um grupo de possíveis leitores, evitando um tom impositivo por parte do locutor. Nesse exemplo, também observa-se um jogo entre o adjunto “de modo geral”, que inicia o parágrafo, e indica generalização, e as marcas de primeira pessoa do plural (nós, nos)

que, mesmo generalizando, indicam uma postura e uma marca de ação do sujeito frente à generalização feita. As marcas de primeira pessoa do plural que emergem do locutor do texto nesta última etapa reiteram o posicionamento, a ação do sujeito frente ao tema, ou seja, depende de nós a opção pelo uso adequado (útil) da conectividade que, de modo geral, nos traz informações.

Nesse sentido, considerando a temática do texto, bem como o contexto simulado trazido pela prova de redação, ou seja, requisitos para a publicação do *artigo de opinião* em um jornal, o locutor se marca na materialidade linguística como uma espécie de “porta-voz” do pensamento coletivo dos jovens, ao usar o plural de modéstia. Em função desse recurso, a imagem do locutor emerge como se fosse um ser que pode tentar alcançar o propósito do *gênero artigo de opinião*: convencer ou persuadir o auditório/os leitores, que podem ser, nesse contexto simulado, jovens interessados pela temática, justamente por pertencerem a esse grupo.

Sob um viés enunciativo-discursivo, considerando a teoria benvenistiana, “nós” não é plural de “eu”, em função da unicidade e subjetividade inerentes a pessoa “eu”. Nesse sentido, “nós” é uma união entre o “eu” e o “não-eu”; há em “nós” um “eu” que predomina. Essa noção vem ao encontro do uso dos pronomes pessoais, apresentado anteriormente, de Moura Neves (2011), que reitera que a primeira pessoa do plural sempre envolve um não eu. No caso da sequência enunciativa A, o locutor se apropria da língua e enuncia como “nós”, a partir de “eu” que se sujeita a “não-eu”. Isso evidencia uma característica importante da Linguística da Enunciação, sujeito e estrutura articulados, na medida em que, a partir de “eu” que se sujeita a “não-eu”, a presença de “eu” constitui o “nós”, evidenciando a subjetividade e a intersubjetividade. Nesse caso, o “eu” que predomina em “nós” é o do jovem. Isso significa dizer que o “nós” é constituído pelo “eu” e pelo “tu”, ou seja, pelos jovens. A partir do emprego de “nós”, o “eu” se inclui nesse “tu”, se marcando como pertencente, como um porta-voz, desse grupo específico de jovens. Nessa relação *eu-tu*, marcada não apenas pela inversibilidade, mas pela constituição do “eu” e do “outro”, instauram-se os fundamentos da subjetividade e da intersubjetividade. Além da marca do sujeito, a posição social é enfatizada na medida que o “eu-jovem” fala, se dirige a um “tu-jovem”.

Outra sequência que apresenta uma situação semelhante é a que trazemos a seguir:

Figura 12 – Sequência enunciativa H

A internet faz parte da evolução, gostando ou não, temos de nos adaptarmos a ela, pelo menos, respeitarmos vós, jovens, estamos trilhando um futuro melhor e a internet é mossa grande aliada, o que acontece no virtual, toma forma no real, o que digitamos e lido, compartilhado e comentado, somos grandes pensadores e lá, na internet, mostramos mossas ideias, mossas opiniões. Posso afirmar que, o futuro do Brasil está sendo construído online.

Fonte: Artigo de opinião nº 19.

Neste texto, cuja tese está dispersa durante a argumentação, defende-se que a juventude conectada é uma evolução. No decorrer da etapa de defesa da tese, o locutor se apropria da língua e se marca de três diferentes formas: na primeira e na terceira pessoas do singular e do plural, por meio de pronomes e verbos. Assim como a sequência enunciativa G, a H corresponde à etapa de reiteração e/ou apresentação de sugestões. Nessa sequência, também há o passo de síntese da posição defendida no texto, que é reiterada de modo enfático nessa etapa, por meio da enumeração de benefícios do uso da internet pelos jovens, a partir da terceira linha. De acordo com Koch e Elias (2016, p. 175), a estratégia de enumerar exemplos é “usada com a finalidade de fazer o leitor lembrar fatos ou acontecimentos que giram em torno do tema em discussão”, além de mostrar a relevância do assunto discutido e, possivelmente, ganhar a atenção do leitor. Sob um viés enunciativo, podemos pontuar que, ao utilizar essa estratégia na última etapa do texto, a imagem do locutor surge como se fosse um ser que pretende enfatizar o ponto de vista assumido e defendido, como já citado, além de marcar a relação com o “tu”. Isso porque, ao mobilizar a exemplificação, o “eu” se coloca no lugar do “tu” (inversibilidade), ou seja, o locutor, ao tornar-se sujeito discursivo, tende a simular uma estratégia nesse contexto argumentativo: busca ser didático (mas também enfático) na finalização do processo de defesa da tese desenvolvido ao longo do texto.

Na última frase da sequência enunciativa H, o locutor se marca na primeira pessoa do singular por meio da locução “posso afirmar” seguido de uma declaração que indica duração no tempo (“está sendo”). A locução “posso afirmar”, nesse caso, pode ser analisada como uma forma linguística para enfatizar argumentativamente uma opinião pessoal, defendida durante o texto e reiterada em sua última etapa. Antes disso, o locutor se marca na primeira pessoa do plural, com “nos” (pronome oblíquo), “nós” (pronome reto), “nossa” e duas vezes

“nossas” (pronomes possessivos). O reflexivo “nos” une a adaptação que nós precisamos ter com relação à internet, já que ela faz parte da evolução. O sentido expresso aqui é semelhante ao de causa/consequência e disjunção: se a internet faz parte da evolução, nós temos que nos adaptarmos a ela ou a respeitarmos. O pronome “nós”, em consonância com a sequência G, insere o locutor como pertencente ao grupo dos jovens. Inclusive, isso é marcado textualmente com o aposto “jovens”.

Com relação aos pronomes possessivos, a ocorrência de “nossa” seguida de “grande aliada” constitui o predicativo do sujeito “a internet”. Nesse caso, o “nossa”, além de indicar posse, reforça, enfatiza o sujeito “nós”, grupo do qual o locutor faz parte, ou seja, os jovens. Nos dois outros casos de “nossas”, relaciona-se a primeira pessoa do plural com a terceira pessoa do plural, por meio dos substantivos “ideias” e “opiniões”, estabelecendo uma relação de posse. Assim, na relação bipessoal, o elemento possuidor é correspondente à primeira pessoa do plural e os elementos possuídos são “ideias” e “opiniões”.

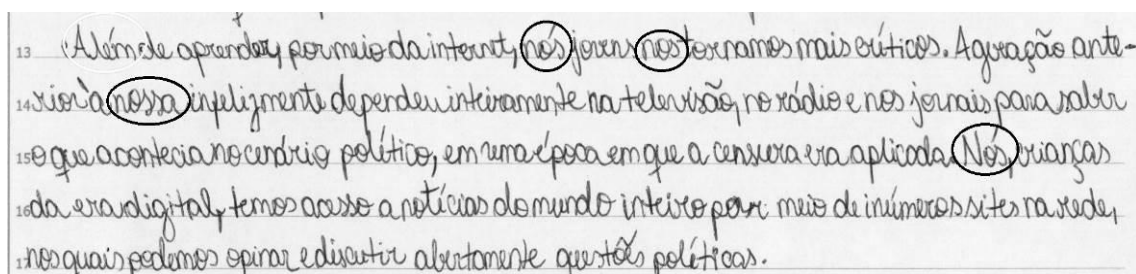
Enunciativamente, os pronomes possessivos organizam-se em torno do sujeito tomado como ponto de referência. Neste caso, o sujeito é “nós”, “eu” que se sujeita a “não-eu” e que se coloca enquanto “jovem”. Nesta sequência enunciativa, ao se marcar como pertencente ao grupo dos jovens, o locutor, como na sequência G, se coloca como um representante dos jovens, que vê na internet uma aliada, na exposição de ideias, opiniões. Com isso, ele busca alcançar seu possível auditório, na tentativa de convencê-lo ou persuadi-lo. A subjetividade do locutor, nesses enunciados, emerge a partir do pertencimento ao grupo dos jovens, evidenciado por pronomes e verbos na primeira pessoa do plural. Com isso, queremos pontuar que, na relação *eu-tu*, quando o “eu” se marca como “nós”, esse “nós” é constituído pelo “eu” locutor e pelo “tu” jovens. Isso instaura não apenas a subjetividade, mas a intersubjetividade à medida que o sujeito, para se propor na língua, encontra-se formado pelo “tu”. Nessa inversibilidade *eu-tu*, o “eu” se marca juntamente com o “tu”, evidenciando a relação de pertencimento ao grupo dos jovens, do qual o locutor faz parte.

Apesar disso, no enunciado final, há a locução “posso afirmar”, no presente do indicativo, que se constitui como marca na primeira pessoa do singular. Ao utilizar essa marca, no último enunciado da última etapa retórica do *gênero*, evidencia-se uma força argumentativa capaz de concluir o texto, a partir da argumentação desenvolvida. Essa força reside no semantismo dos verbos: de um lado, o “afirmar”, declarar com firmeza, sustentar; de outro, o “poder”, verbo modal epistêmico, que modaliza o “afirmar”, mas indica certeza, força, energia, autorização, direito de fazer tal afirmação. Nesse sentido, no final do texto, a apropriação da língua se dá com “eu” que enuncia e diz “eu”, em termos benvenistianos. É

isso que desencadeia, mais fortemente nessa sequência enunciativa, a noção de sujeito e instaura a subjetividade, ou seja, a passagem de locutor a sujeito. Ao finalizar o texto dessa forma, com a força da locução “posso afirmar”, o locutor se marca como um detentor do saber, do assunto, que, a partir dos argumentos apresentados em seu *artigo de opinião*, tem propriedade, direito, autorização para declarar e sustentar a afirmação.

Outra sequência enunciativa que ilustra o emprego de pronomes é a que encontra-se a seguir:

Figura 13 – Sequência enunciativa I



Fonte: *Artigo de opinião* n° 13.

Neste *artigo de opinião*, defende-se a tese dos benefícios do uso da internet, ou seja, que ela “é uma ferramenta indispensável para sobreviver no mundo adulto”, se usada corretamente. Durante o texto, o locutor se marca de diferentes formas: nas etapas de contextualização e apresentação da tese, por meio de pronomes e verbos na primeira pessoa do singular; na etapa de defesa da tese pela alternância entre pronomes e verbos de primeira e terceira pessoas do singular e plural; por fim, na etapa de reiteração e/ou apresentação de sugestões, o locutor se marca na primeira e na terceira pessoa do plural, também a partir das categorias de pronomes e verbos. Na sequência enunciativa I, que corresponde à parte da etapa de defesa da tese, o locutor se marca, com relação aos pronomes, na primeira pessoa do plural, por meio do pronome pessoal do caso reto “nós” em duas ocorrências, do pronome pessoal do caso oblíquo “nos” e do pronome possessivo “nossa”, ambos com uma ocorrência cada.

Com relação à argumentação, essa sequência inicia com o articulador discursivo-argumentativo de conjunção/soma “além de”. Esse articulador, ao unir esse parágrafo ao anterior, acrescenta mais um argumento em favor da defesa da tese. No enunciado introduzido

por tal articulador, há dois empregos de pronomes pessoais: “nós” (caso reto) e “nos” (caso oblíquo). Nessa situação, assim como nos outros já apresentados anteriormente, ao se marcar na primeira pessoa do plural, o locutor se coloca como pertencente ao grupo dos jovens, assinalado textualmente pelo substantivo “jovens” que, se virgulado, seria um aposto. Ao empregar “nós”, a imagem que emerge do locutor é a de autorreferenciação em seu discurso, além de realizar uma alternância, na enunciação, entre as referências a “eu” e “ele” que também aparecem ao longo do texto. Com relação ao pronome oblíquo “nos”, reflexivo, ele se liga ao sujeito/referente “nós” por meio do verbo “tornamos”, indicando uma transformação, uma mudança de estado ocorrida nos jovens, que passaram a ser mais críticos por meio do uso da internet.

Depois deste primeiro enunciado, há um argumento pela comparação, isto é, aproxima-se ou diferencia-se um objeto de outros (FIORIN, 2016). Nesse caso, aproximam-se e diferenciam-se duas gerações: a geração anterior, da qual não pertence o locutor, e a geração atual, a qual pertence o locutor. Na primeira parte da comparação, referente à geração anterior a do locutor do texto, o possessivo “nossa” marca a relação de bipessoalidade entre a primeira pessoa do plural e o substantivo de terceira pessoa “gerações”, sinalizando uma ideia de pertencimento: a geração atual, a qual pertence o locutor, e a geração anterior, da qual não pertence o locutor. Além de pertencimento a um grupo/geração, o “nossa” marca uma temporalidade, que é também indicada por “anterior”, “em uma época em que a censura era aplicada”, e pelos verbos no pretérito. Nesse sentido, Moura Neves (2011) comenta que o possessivo (nossa) remete ao incluído e o substantivo (gerações) indica o todo includente, nesse caso, o includente é, simultaneamente, uma coletividade e uma época ou fase. Aqui também é importante pontuar os advérbios “infelizmente” e “inteiramente”, aliado ao semantismo do verbo “dependeu”, já que ambos indicam, nesse contexto argumentativo, uma imagem acerca da estratégia do posicionamento, do ponto de vista do locutor do texto. “Infelizmente”, de acordo com Koch e Elias (2016), é um articulador metadiscursivo do tipo modalizador que faz com que, nesse caso, surja uma imagem do locutor do texto como se fosse um ser que faz uma avaliação sobre o argumento a que o enunciado faz menção. Já o “inteiramente” intensifica o sentido do verbo “dependeu”, ou seja, de estabelecer uma conexão entre “geração anterior à nossa” e os meios de comunicação (televisão, rádio, jornais).

Por fim, no último enunciado da sequência enunciativa I, segunda parte da comparação, referente à geração atual, da qual pertence o locutor, diferenciam-se as duas gerações. Nessa parte, ilustram-se os benefícios da conectividade para esse público jovem:

“acesso a notícias do mundo inteiro por meio de inúmeros sites na rede” e a consequência³⁷ disso: “opinar e discutir abertamente questões políticas”. Argumentativamente, aproximam-se as duas gerações para diferenciá-las a partir da opção pela geração atual, mais conhecida para o locutor, já que ele faz parte dela. Tal enunciado/argumento começa com o pronome pessoal “nós” seguido do aposto “crianças da era digital” que relaciona-se com o enunciado que abre a etapa de contextualização do texto: “como nasci na década de noventa e vivi maior parte da minha infância no século XXI, o século da tecnologia e da informação, considero-me, como muitos outros, uma criança da era digital”. Aqui, o locutor se marca na primeira pessoa do plural pelos pronomes “nós” e também pelos verbos “temos” e “podemos”, evidenciando o começo dessa geração atual de jovens, na fase da infância, da qual o locutor pertence. Ao se marcar, na mesma sequência enunciativa, com “nós-jovens” e “nós-crianças da era digital” o locutor se coloca como pertencente a esse grupo e pode, por fazer parte dessa geração, não só compará-la com a anterior, mas também afirmar e defender com mais propriedade a sua tese. Com isso, pode vir a atingir o propósito do *gênero* de convencer ou persuadir os interlocutores que, nesse caso, parecem ser do contexto simulado de produção do *gênero*, ou seja, possíveis leitores de um jornal interessados pela temática por serem, talvez, jovens.

Enunciativamente, cabe destacar que o possessivo “nossa”, nessa sequência enunciativa, tem outros efeitos de sentido: marcar o pertencimento do locutor a um determinado grupo (includente = coletividade) e a temporalidade (época/fase) com relação a outro grupo (geração). A partir desses efeitos de sentido, instauram-se os fundamentos da subjetividade e da intersubjetividade. Isso porque o “eu” se marca, na materialidade linguística, como pertencente à geração atual de jovens, da qual faz parte. Assim, no processo de apropriação da língua, se coloca dessa forma por estar constituído pelo “tu”, ou seja, pelos jovens dessa mesma geração, da qual faz parte, e representa.

A fim de contribuir na discussão levantada a partir da análise da categoria morfológica de pronomes, buscamos a noção de cena de enunciação, de Maingueneau³⁸ (apud AMOSSY, 2014). Para a autora, essa cena integra outras três cenas: a englobante, que corresponde ao tipo de discurso; a genérica, que diz respeito ao contrato associado a um *gênero*, e a cenografia, que vai sendo construída à medida que a enunciação se desenvolve. Essa última trata-se da cena de fala que o discurso pressupõe para que possa ser enunciado, que se apoia na memória coletiva a fim de legitimar um enunciado e ao mesmo tempo ser legitimada por

³⁷ No argumento por consequência, “defende-se uma dada ação, levando em conta os efeitos que ela produz” (FIORIN, 2016, p. 165).

³⁸ É importante destacar que temos ciência de que Maingueneau insere suas reflexões no campo teórico da análise de discurso de linha francesa, com ênfase em uma questão semiótica.

ele. Desse modo, a escolha da cenografia não se dá sem propósitos, uma vez que o discurso se desenvolve a partir dela, no intuito de conquistar a adesão com a instituição da cena enunciativa que o torna legítimo.

Nos textos que compõem nosso *corpus*, a cena genérica é representada pelo *gênero artigo de opinião* e a cena englobante, ou seja, o tipo de discurso, pode ser o jornalístico ou o acadêmico, em função da relação intragênero (SILVA; ARAÚJO, 2009) estabelecida entre o contexto simulado de produção do texto (requisitos para publicação em um jornal) e o contexto “real” (banca avaliadora da prova de redação de vestibular). Já a cenografia, que é reconstruída pelo leitor, no discurso, com o auxílio de indícios diversificados (MAINGUENEAU apud AMOSSY, 2014) como, por exemplo, as marcas de primeira pessoa do plural (nós) dos pronomes, sugere que o discurso mobilizado é de cunho engajado. Com isso, queremos defender que, ao se marcar na primeira pessoa do plural, o locutor se coloca como pertencente a uma coletividade. Nesse caso, ao grupo dos jovens, do qual faz parte e representa numa espécie de porta-voz. Sendo assim, por essa evidência, acreditamos que o tipo de discurso dos textos seja o jornalístico, correspondente ao contexto simulado de produção do *gênero*. Dada a finalidade do *gênero artigo de opinião*, ou seja, defender uma tese para que esta seja aceita pelos leitores, vindo a convencê-los ou persuadi-los, podem ocorrer variações na cenografia para que esse objetivo seja atingido.

Portanto, nos *artigos de opinião*, a cenografia utilizada é a da identidade, do engajamento do locutor para com os jovens, possíveis leitores desse texto que teria sido escrito para a publicação em um jornal, como o contexto apresentado pela prova de redação sugere. A partir do pertencimento a esse grupo, comprovado pela marca de primeira pessoa do plural, por ser um jovem, a imagem do locutor surge como se fosse um ser que se identifica com o público leitor e busca, a partir dessa relação, um efeito de engajamento e, porque não, um convencimento ou persuasão desses interlocutores, devido a esse efeito discursivo.

Desse modo, ao considerar o sentido pré-determinado e mais recorrente de que os pronomes possessivos indicam posse, minimizamos, enquanto professores de língua materna, no ensino, a autonomia do aluno de perceber outras nuances, outros matizes de sentido dessa categoria gramatical, quando em uso por um sujeito que se apropria da língua e enuncia, irrompendo, a cada enunciação, sentidos únicos e irrepetíveis. Do mesmo modo, ao explorarmos, na Escola Básica, que “nós” é pronome de primeira pessoa do plural do caso reto e denota quem fala, não permitimos que o educando perceba que, na língua em uso, em produções orais ou escritas, tais pronomes podem indicar a ação do sujeito e o pertencimento a um determinado grupo, como nossa análise até o momento evidenciou. Dessa forma,

reiteramos a importância de estudos enunciativos de categorias morfológicas e/ou sintáticas na medida em que se considera *forma, sentido e sujeito*, quer dizer, a essência da linguagem, por meio de um sujeito que se apropria da língua, colocando-a em funcionamento por um ato individual de utilização.

Na seção seguinte, apresentamos a postura discursiva do locutor com relação à última categoria analítica mobilizada no *corpus*, isto é, os verbos.

4.2.3 A categoria de verbos

Com relação aos verbos, quantitativamente, são mais recorrentes os de terceira pessoa do plural, com 77 casos, em função da argumentação desenvolvida a partir do referente “jovem”, tema principal dos textos. No entanto, os verbos de primeira pessoa do plural somam 70 ocorrências, apenas sete a menos que os de terceira pessoa do plural. Um ponto que merece destaque, além dessa pequena diferença entre verbos de primeira e terceira pessoa do plural, dado o exposto, é que o locutor se marca por meio da apropriação de pronomes de primeira pessoa do plural. Durante grande parte do desenvolvimento do texto, a apropriação da língua, no que tange aos verbos, se dá pela terceira pessoa do singular e plural.

O resultado sugere como ocorre esse processo de apropriação de língua, isto é, da não-pessoa (jovem) para “nós”, num movimento constante de jovem – nós e nós-jovem. Isso revela efeitos de objetividade e subjetividade, na medida em que a não-pessoa “jovem”, ao ser empregada em uma situação de uso por um locutor, tem o efeito de objetividade desfeito quando é atualizado em uma situação enunciativa. Nesse caso, a noção de não-pessoa “jovem”, nos *artigos de opinião*, expressam um sentido relativo à enunciação. Esse recurso do sentido ora objetivo ora subjetivo tende a simular estratégias nesse contexto argumentativo, a partir do surgimento da imagem do locutor, uma vez que: ora é objetivo, quando o locutor tende a argumentar em terceira pessoa, mantendo-se fora do grupo, ora é subjetivo quando empregam-se pronomes de primeira pessoa do plural, colocando-se como pertencente ao grupo.

Neste segundo momento, nos deteremos no emprego desses verbos de terceira pessoa que, assim como pronomes, são responsáveis pela gravação da identidade do sujeito na língua. Como já assinalamos, os verbos de primeira e de terceira pessoas do plural são representativos, em pelo menos 10 textos do *corpus*. Em algumas sequências enunciativas, ao mesmo tempo, há verbos de primeira pessoa do plural e de terceira pessoa, além dos pronomes. Esse resultado também evidencia, como os pronomes, a apropriação da língua pelo

locutor e como isso influencia na imagem que surge com relação à argumentação e, conseqüentemente, na constituição do *ethos*.

Outro resultado bastante relevante, também com relação à argumentação do texto, diz respeito a como o locutor se marca nos diferentes argumentos mobilizados. Esse recurso proporciona que a imagem do locutor surja de duas diferentes formas: a) quando a argumentação é em favor de sua tese, com os aspectos positivos e benéficos do uso da internet pelos jovens, ele se marca, geralmente, na primeira pessoa do plural, como pertencente ao grupo; b) quando há contra-argumentação e apresenta aspectos negativos do uso demasiado da internet pela juventude, ele se marca na terceira pessoa, colocando-se fora desse grupo.

Esse dado será melhor discutido posteriormente, mas, para exemplificar essa afirmação, recorreremos à teoria pragmática da (des)Cortesia verbal³⁹, especificamente com relação aos atenuadores⁴⁰, mecanismos de expressão da modalidade escrita. De acordo com Rodríguez (2010), para distanciar-se das circunstâncias de enunciação, uma das estratégias seria o aparecimento de outro enunciador, ou seja, o falante (locutor) se oculta na comunidade. Nesse caso, o locutor, ao tornar-se sujeito discursivo, emerge como um ser que se oculta na comunidade dos “jovens”, a partir da marca de primeira pessoa “nós”. Assim, o tom impresso à argumentação não é impositivo por parte do locutor, já que está se incluindo e expressando ideias e opiniões de um grupo, de uma coletividade.

Outra estratégia seria o uso de formas de impessoalidade como, no caso do português, o emprego da terceira pessoa em que, teoricamente, o locutor estaria isento, imparcial, neutro com relação às afirmações feitas. Entretanto, sabemos que o discurso não comporta essas qualidades, uma vez que “em qualquer construção linguística, a objetividade, a neutralidade e a imparcialidade são impossíveis, pois a linguagem está sempre carregada de pontos de vista, da ideologia, das crenças de quem produz o texto” (FIORIN, 2016, p. 83). Logo, ao se marcar na terceira pessoa na contra-argumentação, ou seja, na apresentação de um argumento contrário à tese defendida, surge a imagem de um locutor como um ser que tende a projetar um efeito de sentido de objetividade. Nesse caso, ao apresentar aspectos do uso inadequado da internet pelos jovens, o locutor tende a simular uma estratégia de afastamento dessa parcela do grupo dos jovens, quer dizer, faz parte apenas dos jovens que usam a internet de forma benéfica, adequada. Esse efeito de sentido de objetividade é desfeito na própria estratégia

³⁹ A teoria pragmática conhecida atualmente como (des)Cortesia “es un código de conducta de las relaciones sociales que, según las culturas e según las situaciones, regula el trato adecuado entre las personas” (MARCO; GARCÍA, 2013, p. 5).

⁴⁰ A estratégia discursiva da atenuação objetiva reduzir o valor significativo do enunciado ou diminuir a força ilocutiva de um ato de fala (MARCO; GARCÍA, 2013).

argumentativa, pois, ao se afastar dos jovens que usam a internet de forma inadequada e, ao se aproximar, pertencer ao grupo dos jovens que usufrui da internet de modo adequado, o locutor deixar emergir sua subjetividade, a partir de seu posicionamento para a defesa da tese.

Antes de passarmos à análise de algumas sequências enunciativas extraídas do *corpus*, contextualizaremos algumas noções referentes a essa categoria gramatical, assim como fizemos anteriormente com relação aos articuladores textuais e pronomes. De acordo com Bagno (2012, p. 509), é mais adequado definir o verbo com base em suas características sintáticas, semânticas e pragmáticas. Consideraremos, neste estudo, a definição semântica e a discursiva. Semânticamente, o “verbo expressa os estados de coisas, ou seja, as ações, os estados e os eventos de que precisamos dar conta quando falamos ou escrevemos”. Discursivamente, verbo é uma palavra

- (i) que introduz participantes no texto, via processo de apresentação, por exemplo;
- (ii) que os qualifica devidamente, via processo de predicação; (iii) que concorre para constituição dos gêneros discursivos, via alternância de tempos e modos (CASTILHO, 2010, p. 396 apud BAGNO, 2012, p. 509).

O verbo possui três pessoas relacionadas com a pessoa gramatical que lhe serve de sujeito, podendo estar no singular ou no plural, o que nos permite identificar os participantes referidos na sentença e os papéis que desempenham nela. Textualmente, Fávero (1990) classifica algumas noções referentes aos verbos como coesão sequencial temporal: a ordenação linear dos elementos e a correlação de tempos verbais. Koch (1993, p. 53), apoiada em Weinrich (1964, 1971), também considera que “a recorrência de tempo verbal tem função coesiva”. No entanto, a alternância de verbos no singular e plural ao longo do texto não é considerada coesivamente pela maioria dos autores. Assim como os pronomes, na seção seguinte discutiremos, a partir da análise de um *artigo de opinião*, que essa alternância de verbos no singular e plural pode e deve ser considerada como mecanismo coesivo, considerando-se, para isso, o embasamento teórico da Linguística da Enunciação.

Observemos, a seguir, algumas sequências enunciativas recortadas do *corpus*, que apresentam o emprego de verbos na terceira pessoa:

Figura 14 – Sequência enunciativa J

Muitos jovens não querem mais sair de casa para encontrar os amigos, dizem que é bem mais prático combinar com a galera toda online. Estão, de certo modo, voltando a ser homens da caverna. A juventude que clama por liberdade é a mesma que se esconde atrás da tela de um computador. Segundo especialistas, todo esse tempo que o jovem fica conectado ajuda a ~~desorganizar~~ desequilibrar as relações pessoais, afasta-o da família e do convívio social e pode também afetar o metabolismo do jovem.

Fonte: Artigo de opinião nº 1.

Neste *artigo de opinião*, a tese defendida é a de que a internet é um problema social. Durante o texto, o locutor se marca na primeira pessoa do plural apenas duas vezes: com o possessivo “nossos”, na etapa de contextualização, e com o pronome oblíquo “nos”, na etapa de defesa da tese. Em todo o restante da argumentação, o locutor se marca em terceira pessoa, fazendo emergir a imagem de um ser que, colocando-se fora do grupo dos jovens, confere um efeito de maior objetividade, bem como marca o afastamento de uma postura que é criticada.

A sequência enunciativa J corresponde ao primeiro parágrafo da etapa de defesa da tese. Desse modo, inicialmente, é apresentada uma situação que supõe um conhecimento prévio do leitor sobre o assunto (“muitos jovens não querem mais sair de casa para encontrar os amigos, dizem que é bem mais prático combinar com a galera toda online”). Na sequência, numa espécie de síntese/conclusão do enunciado anterior, estabelece-se uma comparação dos “jovens” com os “homens da caverna”. Fiorin (2016, p. 122) esclarece que a comparação é uma maneira de definir por meio da aproximação ou diferenciação de objetos. Nesse caso, aproximam-se os jovens descritos no primeiro enunciado a homens da caverna, em função do hábito de não saírem de casa. Essa comparação é modalizada pelo sintagma “de certo modo” que deixa claro que a comparação se refere ao hábito de “não sair de casa”, comum aos jovens e a essa fase da evolução da espécie humana, e não outros hábitos que esses povos tinham, como o fato de viverem em uma caverna, por exemplo. No enunciado seguinte, é apresentada uma definição de juventude que leva em conta suas características (traços qualificacionais). Ainda de acordo com Fiorin (2016, p. 118), as “definições são argumentos quase lógicos fundados no princípio da identidade”. Assim, não há uma única maneira de definir algo, pois a definição dependerá das finalidades argumentativas.

Neste enunciado, a nuance da definição é caracterizar um grupo específico de jovens, evidenciando um paradoxo: os jovens clamam por liberdade e, ao mesmo tempo, se escondem atrás da tela de um computador. Por fim, no último enunciado da sequência, há um argumento de autoridade, marcado pelo sintagma “segundo especialistas”. O argumento de autoridade “apela para a modéstia, para o respeito, para a reverência” (FIORIN, 2016, p. 176). Nesse caso, recorre-se à ordem do saber, isto é, a especialistas no assunto jovem *versus* uso da internet. Porém, esse argumento não pode ser considerado forte porque a recorrência feita à autoridade é generalizada, sem referencialidade, uma vez que não sabemos exatamente quais especialistas são esses, se de fato eles são confiáveis e qualificados quanto ao assunto.

Com relação aos verbos, na sequência J, sublinhamos os referentes, gramaticalmente, os sujeitos com os quais os verbos concordam em número. Para “jovens” os verbos relacionados são “dizem” e “estão”. Para “juventude”, há os verbos “clama”, “é” e “esconde”. Por fim, para “jovem” o verbo é “fica”. Todos os verbos estão no presente do modo indicativo. “O modo indicativo incide diretamente sobre a realidade empírica do estado de coisas; com ele produzimos declarações factuais e crenças positivas” (BAGNO, 2012, p. 560). Além disso, o indicativo mostra que a atitude comunicativa é a de comentar (KOCH, 1993). “Os tempos do comentário conduzem o ouvinte a uma atitude receptiva, tensa, engajada, atenta” (KOCH, 1993, p. 53). Nesse sentido, é possível afirmar que o emprego de verbos no presente em um *gênero* com tipologia argumentativa predominante, também contribui para um provável convencimento ou persuasão dos leitores. Apesar disso, diferentemente das duas sequências apresentadas anteriormente, essa parece dirigir-se ao auditório do contexto “real” de produção do *gênero*, ou seja, o avaliador da redação de uma prova de vestibular. Isso pode ser comprovado pelo efeito de objetividade do *artigo de opinião* ao ser empregada uma argumentação em que o locutor se marca na terceira pessoa.

Enunciativamente, assim como os pronomes, os verbos têm um modo de significação subjetivo ou objetivo, dependendo da instância de discurso da qual fazem parte. Nesse caso, como já mencionamos, os verbos pertencem a uma instância discursiva que contém ele (não-pessoa), representado textualmente pelos referentes “jovem”, “juventude”, o que confere um efeito de sentido de maior objetividade ao texto, na medida em que o locutor não se marca como pertencente a esse grupo. Mesmo assim, outros elementos presentes na sequência enunciativa conferem subjetividade e deixam emergir o posicionamento do locutor. O primeiro elemento que podemos destacar é o tempo em que se encontram os verbos: o presente do indicativo.

De acordo com Fiorin (2008, p. 137-138), a partir da debreagem⁴¹ enunciativa, há a projeção no enunciado de *eu-aqui-agora* da enunciação, ou seja, no interior do enunciado são instalados os actantes, os espaços e os tempos enunciativos. Na sequência J, como vimos, não há marca do *eu*, já que o locutor surge como se fosse um ser que opta por se marcar na terceira pessoa (ele). No entanto, o tempo presente empregado nos verbos contribui para a produção de um efeito de sentido de subjetividade. O presente, embora não o gramatical, é tratado por Benveniste como o tempo linguístico que instaura o *aqui-agora*. Esse presente linguístico, quando empregado no discurso, indica que há concomitância entre o ato de dizer e o que é dito. A referência ao *aqui-agora* está vinculada a *eu-tu* e é pela intersubjetividade que tem referência, já que é o sujeito que dispõe de tempo e espaço. Além disso, pelo presente, emerge a subjetividade, pois o sujeito intervém no espaço e no tempo, e “aquele a quem *eu* se dirige assume a temporalidade e a espacialidade indicadas no discurso e por elas regula seu dizer, ao propor-se como sujeito, pela tomada da palavra” (FLORES et al., 2008, p. 54).

Outros indicadores de subjetividade que podemos apontar dizem respeito à argumentação desenvolvida, bem como à semântica dos verbos empregados nesse processo. Na sequência enunciativa J, o locutor se marca na terceira pessoa, se colocando como não pertencente ao grupo dos jovens, como já pontuamos. A subjetividade e a intersubjetividade emergem, nesse caso, justamente por essa postura com relação ao “tu”, ao outro, ou seja, o locutor surge como se fosse um ser que vê a situação de fora, se afasta do grupo dos jovens, mas usa dessas vozes do “tu” para se marcar. A subjetividade do locutor, na sequência, emerge a partir das marcas linguísticas características: a) da voz do “tu” (“muitos jovens não querem mais sair de casa para encontrar os amigos, dizem que é bem mais prático combinar com a galera toda online”), b) do paradoxo dessa geração de jovens (“a juventude que clama por liberdade é a mesma que se esconde atrás de um computador”), c) corroborada por um argumento de autoridade (“segundo especialistas”).

Ainda considerando a subjetividade e a intersubjetividade, a semântica dos verbos empregados ao longo da sequência enunciativa J, contribuem com esse efeito de sentido da relação *eu-tu*. No primeiro enunciado, o verbo “querer”, modal volitivo, tem sentido de “ter vontade, desejo de” e o verbo “dizer” de “falar”. Juntamente com o verbo “estão”, que expressa um estado ao qual os jovens podem chegar, os verbos “querer” e “dizer” contribuem para caracterizar os jovens do presente, da atualidade. Na sequência, os verbos “clamar”, cujo sentido é de protestar, reclamar, e o verbo “esconder”, sinônimo aqui de ocultar, proteger, no

⁴¹ A debreagem é o mecanismo pelo qual se instauram no texto pessoas, tempos e espaços. (FIORIN, 2008).

mesmo enunciado, sugerem não só o posicionamento do locutor com relação à juventude, mas também sua subjetividade, na medida em que revela a incoerência desse grupo que clama e também se esconde. Esses verbos empregados em uma argumentação que considera o “tu”, a voz desse grupo de jovens, contribui para revelar o surgimento do locutor que, ao tornar-se sujeito discursivo, tende a se assemelhar a um ser que mobiliza a voz desse grupo para criticá-lo, em favor da defesa de sua tese.

Outra sequência que apresenta uma situação semelhante é a que trazemos a seguir:

Figura 15 – Sequência enunciativa K

A geração conectada é constituída principalmente por jovens nascidos na sociedade da era digital, devido a isso, não seriam capazes de adaptarem-se a uma rotina "desconectada". Justamente neste ponto que se encontra o problema, estes jovens tornam-se dependentes.

Fonte: Artigo de opinião nº 17.

Nesse texto, a tese defendida é a de que a internet facilita a vida de quem a utiliza. Porém, textualmente, no primeiro parágrafo do texto, na etapa de contextualização, está marcado entre parênteses o sintagma “há controvérsias” que converge a argumentação para a apresentação e discussão de dois problemas, dois pontos negativos, relacionados ao mau uso da internet. Apenas na etapa de reiteração e/ou apresentação de sugestões do *artigo de opinião* a tese é retomada, contrapondo os argumentos trazidos anteriormente. Assim como a sequência J, durante o texto, o locutor se marca na primeira pessoa do plural apenas duas vezes: com o possessivo “nossos”, na etapa de defesa da tese, que corresponde a uma pergunta, e também com o possessivo “nossas”, na etapa de reiteração e/ou apresentação de sugestões. Em todo o restante da argumentação, o locutor se marca em terceira pessoa, colocando-se fora do grupo dos jovens, o que confere um efeito de maior objetividade ao texto.

A sequência E corresponde à parte da etapa de defesa da tese. Logo, em um primeiro momento, também encontramos uma definição da “geração conectada”, com relação a sua constituição, ou seja, a faixa etária e o tempo de quem compõe essa geração (“jovens nascidos

na era digital”). Essa definição é complementada por duas consequências, ou seja, “defende-se uma dada ação, levando em conta os efeitos que ela produz” (FIORIN, 2016, p. 165). Nesse caso, a primeira consequência é marcada textualmente por “devido a isso” e traz o efeito a que os jovens nascidos na era digital estão sujeitos: a dificuldade de levarem uma rotina desconectada. A segunda consequência, considerada um “problema”, é que os jovens se tornam dependentes.

No que tange aos verbos, para “jovens” os verbos relacionados são “seriam” e “adaptarem-se”. Para o referente “estes jovens” há o verbo “tornam-se”. Diferentemente da sequência D, em que todos os verbos encontram-se no presente do indicativo, na sequência E apenas o verbo “tornam-se” está nesse tempo e modo verbais. O verbo “seriam” está conjugado no futuro do pretérito do indicativo e o verbo “adaptarem-se” no futuro do modo subjuntivo. Para Bagno (2012), mais adequado do que futuro do pretérito seria a nomenclatura de modo condicional, que expressa hipóteses. “O modo subjuntivo permite ao falante expressar a ação ou estado denotado pelo verbo como um fato irreal, ou simplesmente possível ou desejável, ou quando se emite sobre o fato real um julgamento” (BAGNO, 2012, p. 561).

Já Rodríguez (2010) considera o futuro como expressão de probabilidade e o subjuntivo como mecanismos de atenuação da (des)Cortesia, em que há um distanciamento espaço-temporal das circunstâncias da enunciação. Nesse mesmo sentido, Fiorin (2008) considera que, a partir da debreagem enunciativa⁴², o tempo da enunciação é ocultado e o enunciado é construído com o tempo do enunciado, o que gera um efeito de sentido de objetividade. Neste caso, o emprego desses verbos em tais tempos e modos, no mesmo enunciado, sugerem probabilidade, eventualidade no futuro, além de emitir um julgamento sobre o fato, já que o *artigo de opinião* tem por propósito defender um posicionamento. O julgamento fica evidente no enunciado seguinte, em que o “problema” apresentado reside no fato de que os jovens “não *seriam* capazes de *adaptarem-se* a uma rotina ‘desconectada’”. Com isso, ao realizar o julgamento sobre um aspecto relacionado ao tema, a imagem do locutor emerge como se fosse um ser que não generaliza e não é categórico na afirmação feita.

Outro ponto relevante diz respeito à semântica dos verbos, que revelam a subjetividade do locutor do texto na medida em que ele se marca deixando emergir seu posicionamento a partir, nesse caso, da relação do jovem com o meio em que está inserido, isto é, qual o estado dele, pelo verbo “seriam”, sua capacidade de se acostumar com

⁴² Na debreagem enunciativa, ocultam-se os actantes, o espaço e o tempo da enunciação, já que o enunciado é construído pelo *ele*, *alhures* e *então* (FIORIN, 2008).

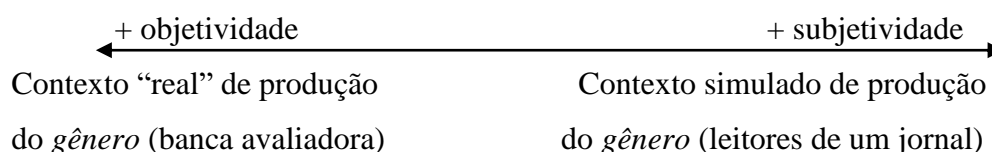
determinada circunstância, a partir do verbo “adaptar-se”, e de mudar seu estado, com o verbo “tornar-se”. Além disso, dois desses verbos são classificados como de ligação, unindo um predicativo ao sujeito (“seriam capazes”, “tornam-se dependentes”). A subjetividade do locutor é marcada, nesse caso, pela semântica dos verbos em sua relação com o meio, ou seja, o espaço em que o jovem está inserido. O espaço e o tempo, o *aqui-agora*, são instaurados na e pela enunciação, e embora apenas um verbo da sequência enunciativa esteja no presente gramatical, o presente linguístico, de que trata Benveniste, é implícito à enunciação. A referência ao *aqui-agora* está vinculada a *eu-tu* e é pela intersubjetividade que tem referência, já que é o sujeito que dispõe de tempo e espaço.

Neste caso, o *aqui* mobilizado no enunciado tem referência ao *tu*, ao meio, ao espaço, ao contexto do qual os jovens da geração conectada fazem parte. A expressão “sociedade da era digital” marca textualmente o espaço referente ao *tu*, aos “jovens” nessa sequência. A intersubjetividade se manifesta porque o *eu* se constitui pelo *tu* em relação ao seu *aqui*, ou seja, ele espacializa os acontecimentos a partir da relação *eu-tu*. A partir dessa espacialização, pela semântica dos verbos empregados, a imagem do locutor surge como um ser que traz um julgamento com relação às probabilidades expressas pelos verbos “seriam” e “adaptarem-se”. Com isso, a partir do espaço, do *aqui* do *tu*, ele inicia o desenvolvimento de sua tese.

Nessa sequência, assim como na apresentada anteriormente, em função do efeito de objetividade expressa pela terceira pessoa, em que o locutor não se coloca como pertence ao grupo dos jovens, a argumentação desenvolvida parece dirigir-se ao auditório do contexto de produção “real” do *gênero*, ou seja, o avaliador da redação do concurso. Assim como na sequência anterior, parece haver efeitos de objetividade e subjetividade, na sequência enunciativa K: objetividade porque o locutor se marca na terceira pessoa do plural, colocando-se como não pertencente ao grupo dos jovens, e subjetividade, já que a escolha por alguns verbos em determinado tempo e modo verbal deixam emergir uma imagem referente ao posicionamento do locutor do texto, o ponto de vista que será defendido.

Apesar da imagem dos locutores das sequências J e K surgirem como se fossem seres que parecem se dirigir ao contexto “real” de produção do *gênero*, isso ocorre mediante o efeito de objetividade impresso pelas marcas verbais na terceira pessoa. As análises referentes às categorias de articuladores discursivo-argumentativos e pronomes, realizadas anteriormente, sugerem que o contexto simulado foi levado em consideração no momento da escrita. As tendências que levam a crer que um ou outro contexto tenha sido considerado referem-se, justamente, aos efeitos de objetividade e subjetividade que emergem a partir do emprego das categorias analisadas. Ainda assim, acreditamos na hipótese de que o contexto

simulado tenha orientado a escrita dos candidatos, pois a variação nas marcas de primeira e terceira pessoa ocorrem a partir da argumentação desenvolvida em cada etapa do *gênero*. Além disso, considerando a perspectiva teórica que embasa nossa análise, a Linguística da Enunciação, o locutor, pelo viés da subjetividade e intersubjetividade, tende a simular uma estratégia nesse contexto argumentativo, uma vez que parece convencer ou persuadir o contexto “real” de produção do *gênero* a partir das marcas referentes ao contexto simulado, conforme esquematizado a seguir:



Com isso, a partir da variação nos efeitos de subjetividade ou objetividade empregados ao longo do texto nas três categorias analisadas e recuperáveis pelas marcas do sujeito do enunciado, somos levadas a crer que o convencimento ou persuasão da banca avaliadora da redação (contexto “real”) ocorre mediante as marcas que revelam a subjetividade do locutor do texto, na medida em que ele se coloca como pertencente ao grupo dos jovens, em uma espécie de porta-voz dessa coletividade (contexto simulado). É essa imagem construída pelo locutor, a partir do contexto simulado, que pode vir a convencer ou persuadir os leitores do contexto “real” de produção do *gênero*, como discutiremos melhor no capítulo destinado ao *ethos*.

Assim como os verbos de terceira pessoa do plural, os de primeira pessoa do plural também são representativos no *corpus*, com 70 ocorrências, apenas sete a menos que os de terceira pessoa do plural. Em função disso, também analisaremos, a seguir, verbos de primeira pessoa do plural, como na sequência enunciativa que segue:

Figura 16 – Sequência enunciativa L

Atualmente, temer a massidade de estar sempre conectados. Quem não tem celular com internet é considerado um alienado. Entretanto, será que os alienados são mesmo eles? Ou xemos nós que nos de xemos entrai em um mundo paralelo vicioso em vez de prevenirmos uma boa conexão em família?

Fonte: Artigo de opinião nº 12.

Neste *artigo de opinião*, defende-se a tese de que a tecnologia, a internet, são problemas sociais. A partir disso, elencam-se argumentos com aspectos negativos do uso da internet. Ao longo do texto, o locutor se marca de diferentes formas: nas etapas de contextualização e apresentação da tese, por meio de pronomes e verbos na primeira e terceira pessoas do singular; na etapa de defesa da tese pela alternância entre pronomes e verbos de primeira e terceira pessoas do plural; por fim, na etapa de reiteração e/ou apresentação de sugestões, o locutor se marca na primeira pessoa do singular e do plural e na terceira pessoa do plural, também a partir das categorias de pronomes e verbos.

Nessa sequência enunciativa, que corresponde à parte da etapa de defesa da tese, situa-se o tema no tempo (“atualmente”) e faz-se uma declaração (“quem não tem celular com internet é considerado um alienado”). De acordo com Koch e Elias (2016, p. 165), “nesse tipo de estratégia, é feita uma afirmação ou negação logo de saída que será justificada ou fundamentada em seguida”. Nesse caso, a declaração feita será, no enunciado seguinte, contraposta argumentativamente. Isso é marcado textualmente pelo articulador discursivo-argumentativo “entretanto”, que estabelece uma relação de contraste, de oposição ao conteúdo do enunciado anterior (declaração). O enunciado introduzido por “entretanto” apresenta-se como uma interrogação que será complementada por outra, introduzida pelo articulador “ou”. Esse “ou”, além de unir duas orações, associa essas duas ideias, em forma de interrogações, com valor inclusivo, ou seja, “eles” ou “nós” somos alienados? Tanto um como o outro, possivelmente os dois, podem ser alienados, ainda que por motivos diferentes.

Com relação aos verbos na primeira pessoa do plural, na sequência enunciativa L, há o “temos”, no primeiro enunciado, cujo sentido é de “possuímos a necessidade de”. No enunciado seguinte (declaração), o sintagma “quem não tem celular” se constitui como o referente que será retomado, na primeira interrogação, por meio do predicativo do seu sujeito “alienados”. Em tal interrogação, como já mencionamos, opõe-se argumentativamente pelo “entretanto”, “eles”, os “alienados”, devido ao fato de não terem celular com internet, a “nós”, grupo do qual pertence o locutor do texto. Na segunda interrogação, existem três verbos para o sujeito “nós”: o de ligação “somos”, a locução “deixamos entrar” e o “aproveitarmos”. O verbo “somos” indica uma condição para “nós” que será justificada na sequência pela (o): a) locução “deixamos entrar”, no sentido de permitir que “nós” passemos para, sejamos componentes “do mundo paralelo vicioso”; b) verbo “aproveitarmos”, cujo sentido é tornar proveitoso, curtir, apreciar “uma boa conversa em família”. Aqui é importante pontuar os tempos e modos verbais: com exceção de “aproveitarmos”, que está no futuro do modo subjuntivo, os demais verbos encontram-se no presente do modo indicativo. Logo, o

“aproveitarmos” indica probabilidade, algo que só acontecerá, no futuro, se não entrarmos (ou sairmos) “no (do) mundo paralelo vicioso”.

Assim como na sequência enunciativa J, a maioria dos verbos da sequência L encontra-se no presente do indicativo. Bagno (2012, p. 512) ressalta que o “tempo verbal está sempre ancorado no *momento da fala*, no aqui e agora da enunciação”. Isso significa dizer, de acordo com Benveniste, que o emprego do presente nesses enunciados indica a concomitância entre o ato de dizer e o que é dito, é esse tempo que gera as relações espaciais e temporais, pois promove seus deslocamentos. Pelo presente da enunciação, é possível observar a manifestação da subjetividade, já que o sujeito intervém no espaço e no tempo.

Ainda com relação às duas interrogações que aparecem nessa sequência enunciativa, é interessante comentarmos a respeito de algumas nuances de sentido que emergem a partir do emprego de verbos e pronomes. Segundo Koch e Elias (2016, p. 168), a estratégia de lançar perguntas, no início do texto, apresenta uma força, pois irá orientar as respostas que virão no desenvolvimento do texto. Já Fiorin (2016, p. 210) comenta que a pergunta pode ser “utilizada para apresentar uma posição pressuposta, que dá a condição de ponto comum a uma ideia sobre a qual não existe um acordo prévio”. No entanto, na sequência enunciativa L, as perguntas parecem ter outros efeitos de sentidos, já que elas não são respondidas ao longo do texto, nem indicam um ponto comum a uma ideia sobre a qual não existe um acordo prévio.

O sentido das perguntas, estabelecido a partir de uma comparação, proporciona que a imagem do locutor surja como se fosse um ser que parece refletir sobre o tema com o intuito de fazer o leitor (auditório) também pensar a respeito. As duas perguntas em sequência tem uma força argumentativa capaz de guiar o restante da argumentação do *artigo de opinião* e vir a atingir os propósitos desse *gênero* de convencer ou persuadir o auditório. Enunciativamente, por meio dessas interrogações, emerge o fundamento da intersubjetividade. Isso pode ser percebido na relação explícita *eu-tu*, mediante o emprego dessas interrogações que, como destacamos, estabelecem com o leitor (*tu*) uma interação direta, ao convidá-lo a refletir sobre o tema e a tese que vem sendo desenvolvidos.

Explicando o que apresentamos no parágrafo anterior, a segunda interrogação, introduzida pelo articulador discursivo-argumentativo “ou”, estabelece uma espécie de comparação entre os “alienados”, por não terem celular com internet, e “nós”, grupo do qual o locutor faz parte, que pode ser considerado também alienado por outro motivo: por se deixar entrar em mundo paralelo vicioso. Nessa comparação, diferenciam-se dois grupos de pessoas a partir da caracterização pelo adjetivo “alienados”. Essa comparação realizada faz emergir a intersubjetividade, uma vez que aproximam-se, por meio de “alienados”, dois grupos: o do

“eles” e o do “nós”. Com isso, ao se apropriar da língua e enunciar, o *eu* está constituído pelo outro, pelo *tu* que, nesse caso, refere-se aos dois grupos já citados. É ao considerar o *tu* que o sujeito se marca linguisticamente no enunciado a partir dos dois diferentes efeitos de sentido decorrentes do emprego desse adjetivo caracterizando esses grupos.

Na primeira interrogação, o questionamento feito pelo locutor indica uma espécie de dúvida, de “não crença em”. Isso é marcado textualmente pelo articulador “entretanto”, pelo verbo “será”, no futuro do presente do indicativo, e pelo advérbio “mesmo”, cujo sentido é de “realmente”, “de fato”. Nessa interrogação, temos nuances entre subjetividade e objetividade já que, ao refletir sobre o tema, o locutor não se marca em primeira pessoa, mas faz emergir uma subjetividade, um posicionamento, a partir dos sintagmas anteriormente destacados. A segunda interrogação, por sua vez, marcada por três verbos na primeira pessoa do plural, indica a subjetividade do locutor do texto ao refletir sobre o tema se marcando como pertencente ao grupo dos jovens que “entram em um mundo paralelo vicioso” em vez de aproveitar “uma boa conversa em família”. Ao se marcar desse modo, levando em consideração o conteúdo do enunciado, essa reflexão ganha ainda mais força, na medida em que o locutor emerge como se fosse um ser que tem propriedade para fazer tal afirmação por pertencer a esse grupo.

Enunciativamente, como já pontuamos, o verbo “apresenta um modo de significação subjetivo ou um modo de significação objetivo, se fizer parte, respectivamente, de uma instância de discurso contendo *eu* ou contendo *ele*” (FLORES et al., 2008, p. 80, grifos dos autores). As análises realizadas até o momento, no que concerne à categoria morfológica dos verbos, nos revelaram que os verbos de terceira pessoa do singular ou plural, por fazerem parte da instância de discurso contendo *ele*, ou seja, os referentes “jovens”, “juventude”, apresentam um efeito de maior objetividade, na medida em que o locutor se marca textualmente como não pertencendo a esse grupo. Entretanto, os tempos e modos verbais, bem como a semântica dos verbos empregados mostraram a subjetividade do locutor do texto, já que fazem emergir significados e sentidos particulares de caracterização do grupo dos jovens. Dessa forma, reafirmamos a importância de estudos enunciativos de uma determinada categoria morfológica, pois só uma análise enunciativa da materialidade linguística poderá revelar os efeitos de sentido que emergem a partir de marcas deixadas pelo locutor do texto.

Nas seções 4.2.1, 4.2.2 e 4.2.3, analisamos alguns representantes, em sequências enunciativas extraídas do *corpus*, das três categorias que aparecem com maior representatividade, ou seja, articuladores textuais, pronomes e verbos. O paradigma indiciário dessas três categorias, que norteiam nossa análise, contribui para a constituição do *ethos*

discursivo nos *artigos de opinião*, como será discutido no capítulo 5. Na seção seguinte, analisaremos dois exemplares de artigos de opinião na íntegra, a fim de observarmos a singularidade dos locutores dos textos, a partir da inter-relação entre pronomes, verbos e articuladores textuais na passagem de locutor a sujeito.

4.2.4 A singularidade na postura dos locutores dos textos

Nas três seções anteriores, realizamos a análise de uma visão geral dos locutores dos textos que compõem nosso *corpus*, a partir de nossas categorias analíticas em sequências enunciativas. Nesse momento, entendemos que se faz igualmente relevante a análise de dois *artigos de opinião* completos, evidenciando a singularidade dos locutores dos textos com a junção de pronomes, verbos e articuladores textuais em funcionamento. Isso porque, como já pontuamos na seção 4.1, em 10 dos 23 textos que compõem nosso *corpus*, o locutor se marca na materialidade linguística pela concomitância de elementos na primeira e terceira pessoas do singular e plural, bem como articuladores textuais, principalmente nas relações de conjunção/soma e contrajunção/oposição.

Com isso, também destacamos nossa metodologia pautada pela *transversalidade enunciativa*, já que observaremos a língua como um todo atravessado pelas marcas de enunciação (FLORES, 2010), ou seja, várias categorias, de vários níveis, em inter-relação simultaneamente na enunciação, revelando sentidos. Dessa forma, apresentamos, inicialmente, um exemplar extraído de nosso *corpus* de pesquisa, em que as três categorias, pronomes, verbos e articuladores-textuais, encontram-se destacadas:

Figura 17 – Artigo de opinião nº 12

1 Jovens conectados: um problema social.

2 A internet, assim como o jovem, está em todos os lugares: em padarias,
3 cafés, supermercados, bancos e agora até em manifestações. É não é por acaso que se
4 faz essa comparação entre eles, já que os dois estão sempre juntos. O jovem está
5 cada vez mais conectado. O que já levou a proporção que o jovem
6 assim como faz amigos pode tornar-se ainda mais próximo. Essa tecnolo-
7 gia tem o poder de extinguir todos os outros com simples palavras e "clicks". É
8 será isso uma evolução? Eu acredito que não.

9 Atualmente temos a mania de estar sempre conectados. Quem não
10 tem celular com internet é considerado um alienado. Entretanto, será
11 que os alienados não somos eles? Ou somos nós que nos deixamos entrar
12 em um mundo paralelo vicioso em vez de aproveitarmos uma boa con-
13 versação em família? É terrivelmente visível o quanto os jovens deixam de
14 ir ao parque, ao cinema para ficar horas conectados. As pessoas já
15 não se encontram mais pessoalmente, agora tudo é virtual.

16 Além disso, estar conectado gera problemas tanto sociais quanto físicos
17 e psicológicos (sim, físicos e psicológicos), pois as abdicamos horas de
18 sono e refeições para ficarmos conectados mesmo imuniidade cai, fazem-
19 do-nos ficar mais propícios a contrair doenças, isso pode até ocasionar
20 depressão. Além da obesidade, já que não temos mais tempo nem
21 para nos exercitar.

22 Por isso digo, não sabemos fazer o bom uso da internet. Não temos
23 limites suficientes para descer entre a vida social e a vida virtual. Se-
24 gundo a pesquisa da Fundação Telefônica Vivo apenas 5% dos jovens
25 usam a internet com variedade. O resto usa para adquirir informações
26 supérfluas. É isso que um problema social, pois são jovens com informa-
27 ções inúteis que se tornam os adultos que vão ser nossos profissionais
28 e políticos. Queremos isso para o futuro do nosso país? Eu não quero.

29

Fonte: COPERVES/UFSM.

Nesse artigo de opinião, defende-se a tese de que a tecnologia não é uma evolução. Para isso, contextualiza-se o tema a partir de uma comparação entre o “jovem”, referente de terceira pessoa, e a “internet”, marcada pela expressão “assim como” e pela palavra “comparação”. Na sequência, adicionam-se argumentos a partir do articulador de

conjunção/soma “e” que trazem afirmações empíricas, do senso comum sobre o jovem: “está cada vez mais conectado. O que já virou problema a proporção que o jovem assim como faz amizades pode tornar-se ainda mais sozinho”. Até esse momento, ainda no parágrafo inicial do texto, o locutor se apropria da língua dessa forma. Sua passagem a sujeito se dá por meio da resposta à pergunta retórica “e será isso uma evolução?”, em que há a marca de primeira pessoa do singular no pronome pessoal e no verbo: “eu acredito que não”. Aqui, a imagem do locutor surge como um ser que se apresenta como sujeito remetendo a si mesmo como *eu* no seu discurso, fazendo emergir a subjetividade.

Na etapa referente à defesa da tese, o locutor se marca na primeira pessoa do plural por meio de pronomes (pessoais e possessivos) e verbos. De acordo com Flores e colaboradores (2008, p. 56) o “uso de *nós* tem indicação de subjetividade, marca uma relação com *eu*” já que *nós* é formado pela junção entre eu e não-eu. Nesse sentido, por mais que o locutor não se marque linguisticamente por meio da categoria de pessoa *eu*, esse *eu* está presente em *nós*, indicando que o *eu* está junto com as pessoas que compartilham dos argumentos mobilizados. Mais do que isso, esse *nós* parece ser ampliado, formado por *eu+jovens* e por *eu+tu*, sendo esse *tu* os leitores do jornal, contexto simulado de produção do texto. Desse modo, com essa passagem de locutor a sujeito, emergem os fundamentos da subjetividade e da intersubjetividade, isto é, a inversibilidade entre o par “eu/tu”.

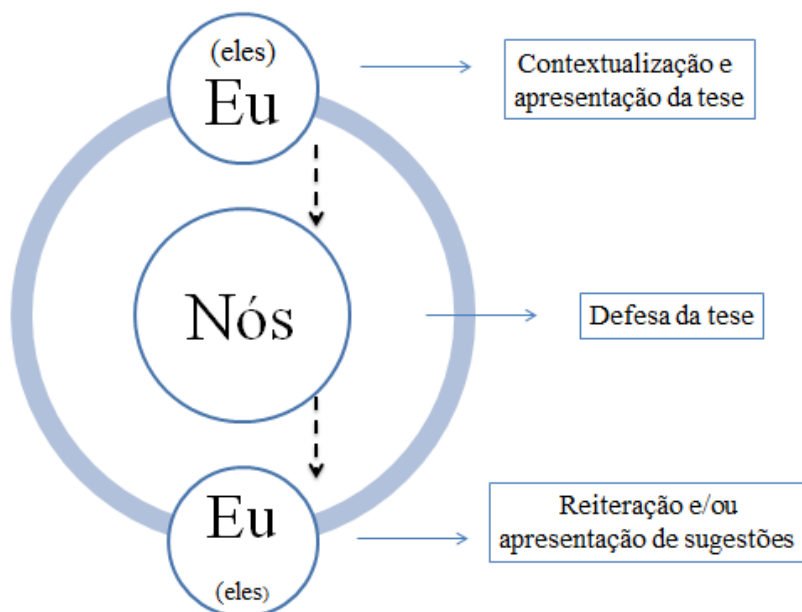
Além disso, considerando os objetivos do *gênero artigo de opinião*, ao se marcar na primeira pessoa do plural, o locutor se coloca como pertencente ao grupo dos jovens (*nós* ampliado) e, como tal, pode fazer determinadas afirmações, se comprometendo com o que diz: “somos nós que nos deixamos entrar em um mundo paralelo vicioso em vez de aproveitarmos uma boa conversa em família?” (pergunta retórica), “[...]ao abdicarmos horas de sono e refeições para ficarmos conectados nossa imunidade cai, fazendo-nos ficar mais propícios a contrair doenças [...]”, “[...]não temos mais tempo nem para nos exercitar”. Esses argumentos são introduzidos por alguns articuladores como: “entretanto” (contrajunção/oposição), “ou” (disjunção), “además” (que seria “ademais”, no sentido de além disso – conjunção/soma), “pois” (explicação), “e”, “além da” e “nem” (ambos de conjunção/soma). Tais articuladores revelam a apropriação da língua realizada pelo locutor no intuito de defender sua tese, seja por meio de oposição, explicação ou adição de argumentos.

No que tange a essas três relações discursivo-argumentativas, cabe pontuar, novamente, o fundamento da intersubjetividade, pois ao opor, explicar ou adicionar argumentos evidencia-se a preocupação com o *tu* (leitores). Preocupação essa também relacionada com o objetivo do *gênero* de convencer ou persuadir quem o lê, já que se quer

demonstrar, a partir da credibilidade impressa pelo “nós”, que se tem conhecimento sobre o assunto, elencando argumentos na mesma direção argumentativa, trazendo a voz do outro ao contrapor enunciados de orientações argumentativas distintas e explicando uma declaração apresentada.

Na etapa de reiteração e/ou apresentação de sugestões, a imagem do locutor surge como se ele fosse um ser que mescla a apropriação da língua entre a primeira pessoa do singular e plural e a terceira, por meio do referente “jovens”. Isso se dá também por meio das categorias morfológicas de pronomes e verbos (*digo, sabemos, temos, nossos, queremos, eu, quero*). Além disso, há, mais uma vez, os articuladores de conjunção/soma e explicação (*e, pois*) e o de conclusão “por isso”, que marca a finalização de um percurso argumentativo. Como já assinalamos anteriormente, tanto o *eu* quanto o *nós* indicam a subjetividade. O que ainda nos cabe enfatizar, a partir de uma visão do todo do texto, está apresentado a seguir, de forma esquematizada:

Figura 18 – Esquema referente ao *Artigo de opinião* nº 12



Fonte: Autora.

Nesse esquema, é possível observar como se dá a passagem de locutor a sujeito ao longo do *artigo de opinião* número 12. Cada círculo corresponde a uma das etapas retóricas de constituição do *gênero*, sendo: o primeiro correspondente às etapas de contextualização e apresentação da tese, o segundo relativo à defesa da tese e o terceiro concernente à reiteração e/ou apresentação de sugestões. Além disso, dentro dos círculos, há o processo de apropriação

da língua por meio das categorias de pronomes e as setas simbolizando a passagem de uma a outra das etapas. O círculo maior, por sua vez, conecta as etapas iniciais à final, ou seja, o primeiro ao último parágrafo do texto.

O que pretendemos, a partir da visualização desse esquema, é mostrar que o locutor se apropria da língua como *eu* ao longo de todo texto, ainda que, marcado linguisticamente, de forma diferente: na primeira pessoa do singular “eu” e na primeira do plural “nós”. Já a marca pela categoria de pessoa *eu* inicia e encerra o desenvolvimento da argumentação (*eu acredito que não e eu não quero*). Com isso, há um efeito máximo de subjetividade⁴³ que faz com que haja comprometimento com a tese. Pensando na finalidade do *gênero*, é como se a imagem do locutor, envolvido pelo tema, emergisse como um ser que inicia e encerra sua argumentação com a credibilidade e o comprometimento que a apropriação em “eu” fornece: uma espécie de força, de “peso” argumentativo. Por outro lado, ao desenvolver a defesa da tese se colocando como “nós” busca a adesão por parte dos leitores, mobilizando argumentos de uma coletividade, da qual faz parte, para reforçar a opinião e o ponto de vista de “eu” que começa e finaliza o texto.

A seguir, trazemos outro texto de nosso *corpus* para exemplificar, mais uma vez, a singularidade na passagem de locutor a sujeito:

⁴³ Na seção 4.2.5, explicamos melhor essa ideia de efeitos maiores e menores de subjetividade.

Figura 19 – Artigo de opinião nº 18

O benefício de estar conectado para os jovens
 Nos dias atuais **credite** eu, todos concordamos que está praticamente impossível de **conseguirmos** sem **estarmos** conectados, e onde **podemos** perceber mais claramente esta teoria é nos **jovens**, onde quase todos **estão** conectados ao menos uma hora por dia. Para muitos isto pode ser um problema, **mas** **pois** através deste texto provar que na realidade é um benefício que chegou para ficar.

Ao longo dos anos 80 e 90 muitos **jovens** **sofressem** por **serem** **calculadas**, sendo assim, **tinham** a vida escolar muito **sem** **desafios** por não **terem** amigos, alguém para **conversar**, **mas** com a chegada das redes sociais, **internet** e tudo isso que **conseguimos** atualmente, a geração atual ficou muito mais comunicativa, os **seus** **podem** até **parar** e **contrária**, **mas** entre esse grupo de amigos, pode ter certeza que o **jovem** se **colta** e **está** **sempre** presente.

A facilidade para a busca por informações necessárias para o **jovem** está aí, segundo a pesquisa realizada pela Fundação Telefônica Vivo, em 2014, 28,7% dos **jovens** **gastam** parte de seu tempo buscando informações na internet, o que facilita bastante na aprendizagem de temas gerais.

Mas nem tudo são rosas, não é mesmo? **Temos** a outra **lado** onde **jovens** **passam** dia e noite totalmente conectados, excluindo-se assim totalmente do mundo exterior. Tomando-se **se** **estrando** **de** mesmo para os moradores da mesma casa, **mas** com bastante **conversa** entre os familiares, isto pode ser facilmente evitado.

Podemos concluir então, que a internet chegou como um benefício para os **jovens**, ajudando em **seus** relacionamentos sociais, estudos e muito mais, **mas** com tudo, deve ser usado com cautela, para não ultrapassar a **medida** e **acabar** se tornando um problema.

Fonte: COPERVES/UFMS.

Nesse artigo de opinião, defende-se a tese de que a conectividade do jovem é “um benefício que chegou para ficar”. Diferentemente do texto comentado anteriormente, a

passagem de locutor a sujeito se dá pela representativa ocorrência do articulador “mas” (contrajunção/oposição), relacionado ao objetivo do *gênero*. Isso porque esses articuladores marcam a voz do outro de diferentes formas: por argumento de autoridade, por contra-argumentação, pergunta retórica. Essa voz do outro (*tu*) é sempre usada em favor da defesa do ponto de vista do locutor. Com isso, a partir da intersubjetividade instaura-se também a subjetividade do locutor do texto, como exemplificaremos a seguir.

Na etapa referente à contextualização e apresentação da tese, a imagem do locutor emerge como um ser que situa o tema temporalmente (*nos dias atuais*) e a partir de “duas vozes”, marcadas pela primeira pessoa do singular e plural: “acredito eu, todos concordamos”. Alguns outros verbos também são usados: “vivermos”, “estarmos”, “podemos”, “vou”. Como já mencionamos nas explanações anteriores, tanto a marca do *eu* quanto a do *nós* fazem emergir a subjetividade na medida que, ambas as “vozes” (do locutor como *eu* ou como *nós*), referem-se à apropriação da língua pelo locutor que surge como se fosse um ser que opta ora por um efeito máximo, ao se marcar na categoria de pessoa *eu*, ora num efeito intermediário ao se colocar junto com o *tu* (*nós = eu+tu*, leitores), leitores do contexto simulado de produção do *gênero*. Ainda no primeiro parágrafo, há uma afirmação/apresentação do tema por meio do referente “jovens” (terceira pessoa) e já uma ocorrência do “mas” contrapondo a voz do outro “para muitos isto pode ser um problema” em prol da apresentação da tese (*benefício que chegou para ficar*).

Ao longo da etapa de defesa da tese, há apenas dois casos de marca na primeira pessoa do plural, a partir de dois verbos: “convivemos” e “temos”. O restante da argumentação se dá mediante marcas de terceira pessoa: [jovens] “sofreram”, “tinham”, “terem”, “gastam”, “passam”, [jovem] “solta”, “fala”. Poderíamos interpretar isso levando em consideração a categoria de não-pessoa, responsável por uma esfera mais objetiva da língua, já que o locutor coloca-se como um observador dos jovens atualmente com relação ao uso da conectividade/internet. Entretanto, pelos tipos de argumentos mobilizados, bem como o emprego do articulador “mas” (seis vezes), entendemos que a passagem de locutor a sujeito e, conseqüentemente, a subjetividade se dê por essa via, relacionada ao *gênero*.

No segundo parágrafo do texto, por exemplo, apresenta-se a situação dos jovens nos anos 80 e 90, sem a presença da internet (sofrimento por serem encabulados, vida escolar desastrosa, falta de pessoas para conversar) que é contraposta pelo “mas”, introduzindo o argumento, juntamente com o “e”, da “chegada das redes sociais, internet, e tudo isso que convivemos atualmente”. Observa-se, por esse trecho, que o locutor se marca como “nós” já pertencente a essa geração, que usufrui das tecnologias, ou seja, não passou pelo contexto

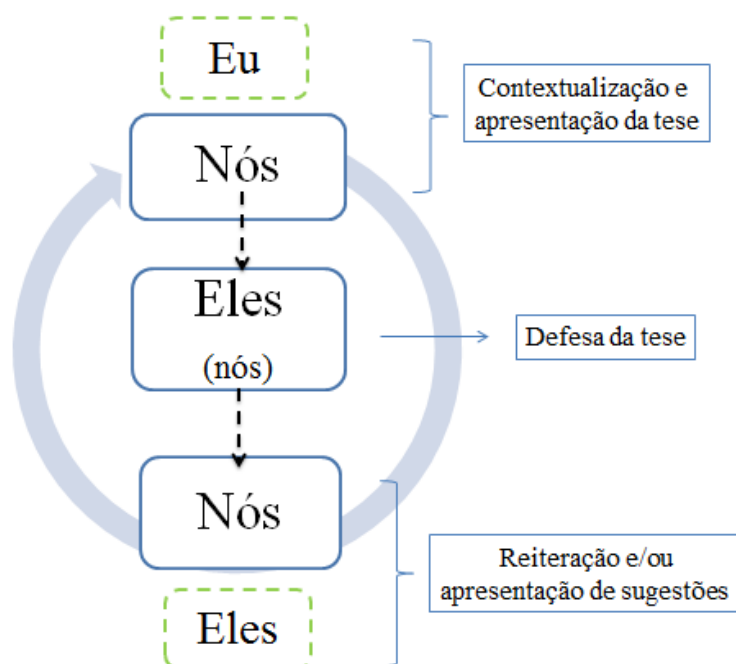
brevemente descrito dos jovens dos “anos 80 e 90”. Isso também pode ser evidenciado por “atualmente” e “geração atual”. Ainda nesse parágrafo, novamente o emprego do “mas” contrapõe a voz do outro de que “pode parecer que a geração atual não ficou mais comunicativa”. O argumento introduzido por tal articulador proporciona que a imagem do locutor surja como se fosse um ser que reforça seu ponto de vista: “entre aquele grupo de amigos, pode ter certeza que o jovem se solta e fala bastante”.

Já no terceiro parágrafo, tem-se um argumento de provas, mediante a pesquisa da Fundação Telefônica Vivo, que também retoma o referente “jovens” em terceira pessoa, mostrando que o jovem usa a internet para busca de informações (aprendizado). No parágrafo seguinte, mais uma vez, há duas ocorrências do “mas”: no início do parágrafo, em uma pergunta retórica⁴⁴, que trará o “outro lado” da situação, ou seja, dos jovens que ficam conectados em excesso e deixam de conviver com a família, amigos, etc. Além desse, outro “mas” é utilizado para trazer uma espécie de “solução” para esse outro lado: “com bastante conversa entre os familiares, isto pode ser facilmente evitado”. Nesses casos, novamente pontuamos que todas as contra-argumentações feitas, bem como o argumento de provas, estão a serviço da defesa da tese. Por mais que essas outras vozes representem o diferente, por mais que se observe os dois lados da situação, isso sempre é mobilizado para mostrar que, de fato, a internet é benéfica para o jovem.

Na etapa de reiteração e/ou apresentação de sugestões, há a marca de primeira pessoa do plural “podemos” introduzindo uma conclusão do percurso argumentativo. Nesta ocasião, também notamos que o *nós* é formado pelo *eu + tu*, que são, nesse caso, os leitores desse texto que compartilham do posicionamento defendido. O referente em terceira pessoa “jovens” aparece como um reforço, uma retomada da tese e o articulador “mas” introduz uma espécie de ressalva (solução) para todas as “vozes dos outros” que foram trazidas no texto: “como tudo, deve ser usado com cautela, para não ultrapassar o nível e acabar se tornando um problema”. O sentido aqui parece ser o de afirmar, como um observador, que existem os dois lados da situação dos jovens conectados, que as vozes mobilizadas no texto têm razão, porém há solução e é possível afirmar com convicção que a “internet é um benefício que chegou para ficar”.

A título de exemplificação e comparação com o *artigo de opinião* número 12, também trazemos, a seguir, um esquema:

⁴⁴ Já analisamos o terceiro parágrafo do *artigo de opinião* número 18, na seção 4.2.1 (página 80), referente à análise dos articuladores textuais em sequências enunciativas. Desse modo, nos deteremos, nesse momento, apenas a comentários mais pontuais.

Figura 20 – Esquema referente ao *Artigo de opinião* nº 18

Fonte: Autora.

Os princípios de construção desse esquema são os mesmos apresentados anteriormente. As diferenças dizem respeito aos dois retângulos pontilhados de verde, representando que, junto às marcas de primeira pessoa do plural: há marcas de primeira pessoa do singular no primeiro parágrafo do texto; e de terceira pessoa do plural no último parágrafo do texto. No entanto, elas aparecem com menor representatividade. Por isso, a opção por esquematizar de forma diferente. Nos retângulos azuis, por sua vez, percebemos, por maior número de casos, que o texto inicia e encerra a partir da apropriação da língua como “nós” e que o desenvolvimento se dá por meio de “eles”.

Diferentemente do *artigo de opinião* número 12, analisado anteriormente, nesse inicia-se e encerra-se a argumentação a partir da apropriação da língua como “nós”, ou seja, o “eu” está presente como participante/representante de uma coletividade, nesse caso, os leitores do jornal, contexto simulado de produção do *gênero*. Isso pode ser comprovado pelos diferentes argumentos mobilizados ao longo da defesa da tese, alguns com a presença do articulador de contração/oposição “mas”, que parecem se dirigir a diferentes faixas etárias de público: aos jovens, mas também às famílias (adultos) desses jovens. Assim, ao se marcar como “nós”, num efeito intermediário de subjetividade, há credibilidade no que se afirma, a partir do compartilhamento com opiniões/argumentos de um grupo, e uma aproximação maior com o

“tu”, os leitores do jornal, dos quais se busca adesão e aceitação da tese defendida. Como já pontuamos, a presença da marca como “eles” (referente “jovens”), ao longo do desenvolvimento da argumentação, num efeito menor de subjetividade, não se faz relevante para a passagem de locutor a sujeito, já que nosso guia de interpretação, nesse caso, partiu do articulador “mas”.

Por meio da análise de dois *artigos de opinião* representativos do nosso *corpus*, podemos observar o que ocorre em pelo menos 10 deles: a passagem de locutor a sujeito pela concomitância de elementos em primeira e terceira pessoas do singular e plural e pela presença de alguns tipos de articuladores textuais, revelando efeitos maiores e menores de subjetividade e relação direta com o *gênero*, dependendo se articulam vozes ou não. A variação desse processo de apropriação da língua está relacionada com as diferentes etapas retóricas de constituição do *gênero*, como foi possível perceber nas análises feitas nessa seção, bem como nos esquemas apresentados: alguns textos apresentam o padrão “eu-nós-eu”, outros “nós-eles-nós” e algumas outras possibilidades que não serão aqui detalhadas em função de nosso objetivo.

Com isso, acreditamos que o jogo de vozes que marca a (inter)subjetividade influencia o gênero. Tal hipótese pode ser confirmada a partir da relação intragênero (SILVA; ARAÚJO, 2009) que comentamos na seção 2.3, ou seja, os candidatos parecem cientes de que estão escrevendo em uma prova de vestibular com objetivos avaliativos (contexto real), mesmo tendo acesso às condições de produção do *gênero artigo de opinião* propostas na prova (contexto simulado). Inicialmente, supomos que os candidatos tomaram como guia, na escrita, o contexto simulado de produção (requisitos para publicação do texto em um jornal), com base em informações contextuais prévias, como as orientações para os candidatos realizarem a prova e os critérios de correção. Neste momento, mantemos essa suposição, mas amparados, agora, pela análise enunciativa dos locutores desses textos.

Tais análises, como já pontuamos, revelam o processo de apropriação da língua pelo locutor em movimentos como “eu-nós-eu” ou “nós-ele-nós” ao longo de um mesmo texto. Esses padrões que mobilizam outras vozes, como a de jovens que usam a internet de forma benéfica ou não, por exemplo, fazendo com que o locutor surja ora como pertencente ora como distanciado do grupo dos jovens, marca a (inter)subjetividade. E, a partir disso, influencia na constituição desse *gênero* argumentativo: de marcas enunciativas para marcas textuais. Pelas marcas linguísticas que revelam a (inter)subjetividade se pode chegar ao objetivo do gênero, ou seja, convencer ou persuadir os leitores de um jornal (contexto simulado de produção).

Apesar de um dos passos da etapa de defesa da tese do *artigo de opinião* ser a inserção de vozes para defesa do posicionamento do autor (ECKERT E PINTON, 2016), entendemos que não é o esquema textual do *gênero* que mobiliza diferentes vozes. Além dos motivos enunciativos citados anteriormente, um outro estudo⁴⁵ nosso acerca dos textos do *corpus*, revelou que esses textos passaram, provavelmente, por um efeito retroativo (SILVA; ARAÚJO, 2009) motivado pela prova de redação da UFSM ser na perspectiva de gêneros textuais. Com isso, houve uma didatização realizada pelas escolas e cursinhos da cidade, fazendo com que o *gênero artigo de opinião*, nesse contexto específico de produção, assemelhe-se a outro *gênero* mais familiar a maioria dos professores e alunos como, por exemplo, a redação escolar. Nesse sentido, reiteramos que cada forma de se marcar do locutor, em cada momento, revela sua passagem a sujeito, via categoria de pessoa e é isso que influencia o *gênero*. Notamos, dessa forma, que a enunciação é transversal à língua, já que está em todos os seus níveis.

Na seção seguinte, comentaremos sobre um resultado encontrado nas análises realizadas até o momento em nosso *corpus*: o fato das categorias morfológicas de pronomes e verbos se constituírem como elos coesivos no *gênero artigo de opinião* em contexto específico de produção, tomando como pressuposto teórico a Linguística da Enunciação. Embora não tenhamos objetivado isso nesta pesquisa, não poderíamos deixar um resultado tão significativo sem explanação. Por isso, a seguir, elucidaremos esse aspecto.

4.2.5 O emprego de pronomes e verbos como elos coesivos nos *artigos de opinião*

Nas seções anteriores, realizamos a posição do locutor nos *artigos de opinião*, a partir da análise de sequências enunciativas extraídas do *corpus*, bem como singularidades referentes à passagem de locutor a sujeito, por meio de comentários de dois textos completos. Com isso, um resultado que não objetivávamos inicialmente nos foi revelado, quer dizer, dado o exposto até momento, é possível sugerir que, no *gênero artigo de opinião*, em contexto específico de produção, pronomes e verbos podem se constituir, ao mesmo tempo, como elos coesivos e mecanismos enunciativos. Indicamos essa hipótese amparados, principalmente, na apropriação da língua realizada pelo locutor do texto no desenvolvimento de sua argumentação.

⁴⁵ O artigo, intitulado “A constituição retórica do gênero artigo de opinião em um contexto específico de produção”, foi aceito para publicação na revista *Travessias Interativas* (ISBN: 2236-7403), volume 14, n. 2, 2017.

Antes de discutirmos mais a respeito dessa hipótese, retomaremos o conceito de coesão a partir de duas expoentes da Linguística Textual no Brasil. Para Koch (1997, p.22), a coesão é um “fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos da superfície textual se encontram interligados, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentido”. A coesão, portanto, está relacionada com as marcas linguísticas do texto, ou seja, a como as informações trazidas nele vão sendo “costuradas”, ligadas por meio dos elementos coesivos que se relacionam conceitualmente. Para a autora, existem duas modalidades de coesão: a referencial “em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual” (KOCH, 1993, p. 30) e a sequencial que “diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto, [...] diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir” (KOCH, 1993, p. 49).

Já Antunes (2005, p. 47) destaca que a coesão é “a propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática”. Para a autora, três relações textuais fazem a coesão: a reiteração, a associação e a conexão. A reiteração, assim como a referenciação de Koch, é responsável pela retomada de elementos do texto, o que assegura sua continuidade. A associação, por sua vez, relaciona-se a ligação de sentido entre as palavras do texto (campo semântico). Por fim, a conexão corresponde à relação semântica que acontece entre orações, períodos, parágrafos.

Apesar das diferenças quanto à subdivisão e nomenclatura dos mecanismos coesivos, em ambos os casos o sentido de tais mecanismos não são enfatizados. O máximo que acontece são os sentidos das conjunções, responsável pela coesão sequencial por conexão, determinados *a priori*, servindo de pretexto para classificações sintáticas de orações e períodos. Textualmente, Koch (1993) classifica os pronomes possessivos e os pessoais de terceira pessoa como pertencentes à coesão referencial. Já Fávero (1990) classifica algumas noções referentes aos verbos como coesão sequencial temporal: a ordenação linear dos elementos e a correlação de tempos verbais. Koch (1993, p. 53), apoiada em Weinrich (1964, 1971), também considera que “a recorrência de tempo verbal tem função coesiva”. No entanto, pronomes pessoais de primeira pessoa do singular e plural, bem como a alternância de verbos no singular e no plural ao longo do texto, recorrentes em muitos *artigos de opinião* de nosso *corpus*, não são tratados pela maioria dos autores como elementos coesivos.

Como mencionamos anteriormente, tanto no que tange aos pronomes como aos verbos, a primeira pessoa do plural é mais recorrente quando a argumentação converge com a tese, ou seja, quando são apresentados aspectos positivos e benéficos do uso da internet pelos

jovens. O uso da terceira pessoa do singular ou plural ocorre quando a argumentação diverge da tese apresentada, isto é, quando são mobilizados aspectos negativos relativos ao uso inadequado da internet pela juventude (contra-argumentação). Já a primeira pessoa do singular é empregada no intuito de conferir à argumentação credibilidade, autoridade, convicção com relação ao tema e ao ponto de vista que será defendido. Nesse sentido, o locutor se marca na materialidade linguística de diferentes formas e em diferentes momentos do texto. As marcas que emergem do sujeito nos enunciados não ocorrem de forma aleatória; pelo contrário, há um padrão de desenvolvimento.

Se considerarmos: a) com a Linguística da Enunciação, a colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização de um sujeito, e b) com a Linguística Textual, que a coesão refere-se aos laços, às ligações que se criam entre elementos linguísticos do texto e o fazem progredir semântica e tematicamente; poderemos afirmar que, nos *artigos de opinião* produzidos a partir da prova de redação do processo seletivo da UFSM de 2014, pronomes e verbos se constituem, ao mesmo tempo, como elos coesivos e mecanismos enunciativos. Isso porque esses elementos vão fazendo com que o texto avance, progrida, relativamente ao sentido e ao tema, ao mesmo tempo em que os referentes textuais são retomados. Muito mais do que elementos apenas estruturais, esses elementos, enquanto elos coesivos, indicam o processo de apropriação da língua pelo locutor e os sentidos vão sendo impressos no decorrer de sua argumentação, se constituindo, também, como mecanismos enunciativos. Como mecanismos enunciativos, esses elementos pertencem à ordem da sequenciação e progressão textual e não apenas da referenciação como a maioria dos autores os classifica. A título de exemplificação e corroboração de nossa hipótese, apresentamos o *artigo de opinião* a seguir, extraído do *corpus*, em que pronomes e verbos encontram-se destacados:

Figura 21 – Artigo de opinião nº 6

Cabeças Alienadas

1
2 A Atual Juventude, que parece tão descolada e bem informada, está cada vez
3 mais ignorante. Posso afirmar que faço parte da primeira geração que pôde desfrutar, em
4 massa, do uso da internet, porém o que deveria ajudar, até hoje só vi atrapalhar.
5 O modo como os jovens usam a conexão não deve ser considerado um problema
6 social, mas sim um problema pessoal, pois vem de cada um, do modo de
7 ser e de agir, principalmente de pensar. Um meio tão rico em informações não
8 pode ser considerado um vilão da sociedade, pois é da escolha de cada um o
9 seu uso, enquanto alguns desfrutam de sua capacidade informativa, outros
10 o tornam inútil, quando se fala de agregar inteligência e conhecimento.

11 Provavelmente o método de comunicação mais eficaz criado pelo homem, depois
12 da linguagem, a internet acabou se tornando um modo de lazer. Assim como
13 usamos apenas 10% da capacidade de nossa mente, acredito que não usamos
14 ou desfrutamos nem da metade das coisas boas que a internet pode nos
15 oferecer. Em tudo que faz o ser humano moderno procura unir o útil ao agradável,
16 mas nesse caso o agradável virou prioridade e o meio que deveria aproximar
17 as pessoas acabou afastando.

18 Acredito que a internet acabará resultando em um novo método de vida, mais
19 individualista, com os mesmos jovens que hoje tanto falam em liberdade,
20 viveremos de uma forma mais independente. Pois ao mesmo tempo que ela
21 nos prende na frente da tela, ela nos mostra uma visão de mundo totalmente
22 diferente da qual somos acostumados. A conexão em massa foi um novo
23 começo, de uma nova era.

24 Ter a juventude conectada foi um presente da democracia, e mais do que
25 tudo o símbolo máximo da globalização. A interação que isso nos propôs, lá
26 no futuro será utilizada, por estes mesmos jovens de hoje, como uma forma de
27 agregar tudo o que ainda falta de bom na nossa sociedade. Com a
28 civilização conectada e interagindo, teremos a harmonia.

Fonte: COPERVES/UFSM.

O destaque para pronomes e verbos, ao longo do texto, contribuem para a visualização dessas categorias como elementos que fazem o texto avançar. Os referentes “jovens”, “juventude” e seus respectivos verbos, bem como pronomes e verbos nas primeiras pessoas do singular e plural, são ativados durante o processamento do texto, garantindo a formação de

cadeias referenciais. Esses mesmos elementos contribuem com a progressão temática, levando em consideração como o sujeito se marca na materialidade linguística e deixa emergir sua subjetividade, com relação ao tema. Desse modo, as marcas de primeira pessoa do singular e do plural fazem o texto avançar, progredir, fazendo com que a imagem do locutor surja como se fosse um ser que indica o posicionamento e a defesa da tese, com vistas ao convencimento ou persuasão do interlocutor. Isso porque ao se marcar na primeira pessoa do singular (*posso afirmar, faço parte, vi, acredito*), o locutor contextualiza o tema e apresenta a tese se apropriando da língua com “eu”, indicador de subjetividade, que confere ao texto credibilidade, uma vez que o locutor se coloca nele, aproximando-se das circunstâncias da enunciação, numa espécie de identidade pessoal.

Ao se marcar na primeira pessoa do plural (*usamos, desfrutamos, viveremos, somos, teremos, nossa, nos*), ele se disfarça das circunstâncias da enunciação, colocando-se como parte constitutiva de um “nós”, de uma coletividade, nesse caso, dos “jovens”, tema do texto, e fala por eles, imprimindo sua subjetividade. Além disso, essa marca de primeira pessoa ocorre, na defesa da tese, quando são mobilizados argumentos favoráveis a ele, ou seja, o locutor faz parte do grupo específico de jovens que usam a internet de modo adequado, benéfico. Com isso, há uma espécie de identidade coletiva.

Por fim, ao se marcar na terceira pessoa (*juventude, parece, está, jovens, usam, falam*), o locutor retoma o tema do texto, igualmente se simula das circunstâncias da enunciação e do grupo dos jovens. Nesse caso, a terceira pessoa é empregada quando é apresentado um argumento desfavorável à defesa da tese (contra-argumentação), isto é, o locutor se coloca como não pertencente ao grupo dos jovens, especificamente daqueles que usufruem da internet de modo inadequado, não benéfico. Ao se afastar do grupo nesse momento da argumentação, destaca-se a alteridade. Isso também faz emergir a subjetividade, uma vez que ele se afasta com relação a uma postura que critica, mas que será utilizada a seu favor, na defesa de sua tese, já que se trata de um caso de contra-argumentação.

Para elucidar ainda mais nossa hipótese, apresentamos, a seguir, mais um *artigo de opinião* de nosso *corpus*, em que também destacamos as categorias que fazem o texto avançar argumentativamente e também revelam o processo de apropriação da língua pelo locutor ao longo de sua argumentação:

Figura 22 – Artigo de opinião nº 16

1 Não ha respeito, nem limites!

2 "Somos jovens, queremos tudo, queremos mais"! A frase é ouvida com

3 frequência em aglomerados juvenis, mas afinal, o que é o tudo deles?

4 A medida que se sentem integrados à sociedade, os jovens acabam por

5 criar um mundo virtual idealizado. Também, grande parte da juventude

6 de nas redes sociais não sabem defender um ideal, visto que não aceitam

7 opiniões diversas, e sempre que contrariados, agredem

8 Vejo todos os dias colegas e amigos conversando na internet a poucas

9 metros uns dos outros. A "integração" virtual desintegrou o bom e re-

10 lho abraço, o aperto de mão, dentre outros, que foram trocados por em-

11 motapeias e mensagens prontas. Além disso, a internet retrocede o ser hu-

12 mano, pois deixa-o apático aos acontecimentos importantes para a vida

13 do país, e fica restrito apenas ao mesmo número de "amigos" - que

14 nem sequer conhecem-se - as mesmas músicas e assuntos, vivendo, as-

15 sim num mundo fechado em que se pode acalhar com chateações e pro-

16 blemas com um "clíc".

17 Outro lado obscuro da tecnologia ~~é~~ - é que me as-

18 surta - é a transgressão de direitos. O preconceito, o racismo e o deboche

19 prevalecem nas discussões de região contra região de nosso Brasil. Por não

20 terem argumentos, os jovens partem para a agressão verbal, em que diminui-

21 em, humilham e se sobrepõem aos demais. Segundo a Revista Nova Escola,

22 40% dos internautas temem sofrer o bullying virtual, o que prova que

23 o uso inadequado da internet acaba por oprimir os indivíduos, evidenciando

24 a falta de respeito nas redes sociais.

25 Logo, penso que para sanar tudo aquilo a que os jovens desejam

26 e exigem, é necessário incentivar o uso dos fatores positivos da tecnologia: o la-

27 zer, a informação, o estudo, dentre outros, bem como primar pelo uso co-

28 medido da internet. Também, ~~temos~~ devemos estimular e exigir a alarga-

29 gem do estudo dos Direitos Humanos em sala de aula, para que as criân-

30 ças de hoje - adultos de amanhã - aprendam a respeitar e amar o próximo.

Fonte: COPERVES/UFSM.

Nesse artigo de opinião, como pode ser observado, são mobilizados mais verbos do que pronomes, diferentemente do que ocorre com o texto comentado anteriormente. Apesar disso, podemos considerar, com Benveniste ([1946], 1995), que essa categoria está na

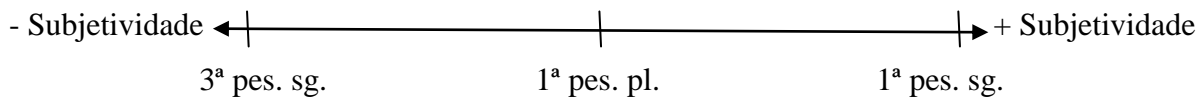
dependência do verbo, mesmo que não esteja marcada textualmente. Desse modo, o locutor se marca na terceira pessoa a partir de verbos (*sentem, acabam, sabe, aceitam, agridem, terem, partem, diminuem, humilham, sobrepõem, desejam, exigem*) e do pronome “deles”. Essas marcas de terceira pessoa revelam o tema (no início do texto), que ele está sendo retomado ao longo do texto e que a argumentação está convergindo com a defesa da tese (que a juventude vive em “um mundo virtual idealizado” e “não sabe defender um ideal”). Mais do que isso, considerando a subjetividade, o locutor se coloca como não pertencente ao grupo de jovens que têm essa postura no que tange ao uso da conectividade. Dessa forma, o locutor parece esboçar uma postura experiente, na posição de observador da realidade da juventude que o cerca e, mobilizando isso a seu favor, contribuindo para defesa de seu ponto de vista.

A primeira pessoa do plural, assim como a do singular, são usadas com menor representatividade, na comparação com as de terceira pessoa. A primeira pessoa do plural é usada a partir de alguns verbos (*somos, queremos, devemos*) e do pronome possessivo “nosso”. Aqui, diferentemente do que ocorre no *artigo de opinião* número 6, a primeira pessoa do plural não é usada apenas no sentido de coletividade. Essa diferença pode ser percebida, e também distinguida do efeito que aparece no texto analisado anteriormente, pela frase que o começa: “somos jovens, queremos tudo, queremos mais!”, em que a primeira pessoa do plural traz a voz do outro, ou seja, a voz dos jovens que será questionada e servirá como ponto de partida para apresentação da tese que será defendida ao longo do texto. Inclusive o emprego das aspas e do ponto de exclamação corroboram essa afirmação. Logo, o locutor não se coloca como pertencente a esse grupo de jovens, como uma espécie de porta-voz de uma identidade coletiva. Isso acontecerá apenas com o verbo “devemos”, no final do texto, em que o locutor, ao apresentar uma solução para a problemática dos jovens e da conectividade, se marca como uma dessas pessoas que podem e devem contribuir para uma alteração no quadro levantado ao longo do texto. Desse modo, observamos, nesse texto, dois sentidos diferentes no uso da primeira pessoa do plural: um em que o locutor se coloca como parte de um grupo de pessoas que podem ajudar os jovens (final do texto), e outra que se assemelha a terceira pessoa, em que o locutor se afasta do grupo dos jovens.

Por fim, há, no texto, três marcas de primeira pessoa do singular com verbos (*vejo, assusta, penso*) e com o pronome pessoal do caso oblíquo “me”. Ao mobilizar a primeira do singular, o locutor, ao tornar-se sujeito discursivo, tende a simular uma estratégia nesse contexto argumentativo, uma vez que evidencia a sua voz, deixa emergir a sua subjetividade ao enunciar a partir da instância *eu*. Com isso, ele se aproxima das circunstâncias da enunciação, como porta-voz de suas ideias (*penso*), sensações (*me assusta*) e percepções

(*vejo*), conferindo ao texto credibilidade. Além disso, podemos comprovar, por essas marcas somadas às marcas de terceira pessoa, que esse locutor se coloca como um observador da sociedade do qual faz parte, tendo propriedade (ainda que empírica) para fazer determinadas afirmações e defender seu posicionamento.

Em síntese, pelos comentários acerca dos dois *artigos de opinião*, acreditamos haver um *continuum*, com variação nos efeitos de subjetividade, como esquematizamos a seguir:



Nesse *continuum*, evidencia-se o processo de apropriação da língua pelo locutor ao longo dos *artigos de opinião*, por meio da subjetividade impressa. Assim, dependendo do momento da argumentação, o locutor se marca de forma que efeitos menores ou maiores de subjetividade manifestem-se. Isso significa dizer que há marcas mais ou menos aparentes de subjetividade em função da presença ou ausência de marcas das categorias de pessoa e não-pessoa. Como já pontuamos, há um padrão de variação que ocorre nas diferentes etapas do *gênero* com relação à argumentação. Desse modo, quando a imagem do locutor emerge como se fosse um ser que argumenta em favor da tese se marca, geralmente, na primeira pessoa e, quando está contra a tese, se marca na terceira pessoa, como exemplificado nos textos. A partir desse padrão de variação, talvez estejamos intuindo que exista uma perspectiva enunciativa no sentido estrutural-semântico dos argumentos. Sobre essa hipótese, ainda pretendemos refletir e desenvolvê-la mais consistentemente, em trabalho futuro, uma vez que se cruzam os aspectos sistemáticos da Linguística Textual com os aspectos idiossincrásicos da Linguística da Enunciação.

Portanto, considerando o processo de apropriação da língua pelo locutor no decorrer da argumentação do *artigo de opinião* em contexto específico de produção, as categorias morfológicas de pronomes e verbos se constituem como elos coesivos, a medida que fazem o texto avançar com relação ao tema, retomando referentes que imprimem a subjetividade do locutor ao longo texto, evidenciando o posicionamento, e corroboram com os propósitos do *gênero* de convencer ou persuadir os interlocutores. Nesse caso, pronomes e verbos são também mecanismos enunciativos por estarem em relação com o locutor, por retomarem referentes ligados a como ele se marca no texto, em diferentes momentos, nas estratégias argumentativas mobilizadas, no intuito de atingir os propósitos do *gênero*.

Cabe reforçar que temos ciência de que, estruturalmente, tanto pronomes como verbos são considerados elos coesivos pertencentes à referenciação. A retomada teórica que realizamos no início dessa seção, a partir de Koch (1993; 1997), Antunes (2005) e Fávero (1990), embasam esse aspecto e servem como ponto de partida para nossa reflexão (hipótese) de considerá-los, também, como mecanismos enunciativos. Como mecanismos enunciativos, reiteramos que pronomes e verbos são da ordem da sequenciação e progressão textuais, fazendo o texto avançar semântica e tematicamente, a partir da apropriação da língua realizada pelo locutor. Assim, pronomes e verbos, enquanto mecanismos coesivos e enunciativos pertencem não apenas à ordem da referenciação, mas sobretudo à sequenciação. Desse modo, reforçamos que uma análise enunciativa deve ser realizada com um olhar voltado à articulação de elementos que marcam o sujeito e enfatizam as vozes existentes, e não somente um elemento. Sendo assim, tanto o pronome como o verbo são apenas indícios para se perceber o movimento, o processo de como se marca o sujeito, de como o locutor se apropria da língua, se tornando sujeito.

Antes de finalizarmos essa etapa de nosso trabalho, salientamos que não tínhamos como o objetivo categorizar pronomes e verbos como elos coesivos e mecanismos enunciativos. Entretanto, não poderíamos deixar de comentar, ainda que brevemente, esse resultado que nos revelou a análise realizada nos *artigos de opinião* até o momento. Entendemos que a discussão desse resultado já poderia se constituir como um desdobramento e desenvolvimento desta pesquisa futuramente. Tal pesquisa poderia contribuir no campo de intersecção entre enunciação e descrição linguística (FLORES; TEIXEIRA, 2013), por exemplo, já que a partir de níveis morfológicos analisados na perspectiva enunciativa da língua, chegamos a uma categorização desses mecanismos em funcionamento, como elos coesivos e enunciativos em um texto, imprimindo sentidos únicos nas marcas do sujeito deixadas no enunciado.

Na seção seguinte, apresentamos a última etapa de nosso percurso analítico com a categoria metodológica de interpretação dos dados, ou seja, o esboço do *ethos* discursivo a partir das análises realizadas de articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos nos *artigos de opinião*.

5 O *ETHOS* DISCURSIVO NOS ARTIGOS DE OPINIÃO

Na seção 4.2, comentamos a respeito da postura dos locutores em sequências enunciativas de diferentes *artigos de opinião*, mediante a análise de articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos. As análises realizadas nos revelaram que os sentidos dessas categorias não podem ser determinados *a priori*, pois decorrem do processo de apropriação da língua pelo locutor que enuncia. A partir desses resultados, neste capítulo, nos dedicamos à categoria metodológica de interpretação dos dados, quer dizer, discutiremos o esboço da imagem discursiva do locutor do texto (*ethos*), motivados pelas análises das três categorias que realizamos anteriormente.

De início, retomamos que nosso *corpus* é composto por 23 exemplares do *gênero artigo de opinião*, produzidos a partir da prova de redação do processo seletivo da UFSM no ano de 2014. A análise quantitativa das categorias de articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos, como apresentado na seção 4.1, revelou-nos maior ocorrência de articuladores discursivo-argumentativos nas relações de conjunção/soma, contrajunção/oposição e especificação/exemplificação, de pronomes (pessoais do caso reto e oblíquo e possessivos) na primeira pessoa do plural e de verbos também na primeira pessoa do plural (70 casos) e na terceira pessoa do plural (77 casos).

Com isso, em um primeiro momento, no intuito de buscar indícios do *ethos*, passamos a analisar em sequências enunciativas extraídas de diferentes textos do *corpus* os articuladores discursivo-argumentativos, nas três relações mais recorrentes: 1) conjunção/soma, 2) contrajunção/oposição e 3) especificação/exemplificação. Assim, notamos que a representatividade dessas três relações discursivo-argumentativas são relativas ao *artigo de opinião*, *gênero* com predominância da tipologia argumentativa, uma vez que, para a defesa da tese, adicionam-se, contrapõem-se e exemplificam-se argumentos. Logo, a imagem do locutor surge como se fosse um ser que demonstra a seus interlocutores que tem conhecimento do assunto ao: somar argumentos em favor de uma mesma conclusão; contrapor argumentos, ao trazer a voz do outro em defesa de seu ponto de vista; e, ainda, exemplificar, o que torna o texto mais didático para quem lê, na medida em que se propõe a mostrar, na prática, sobre o que está falando, conduzindo no processo de compreensão do interlocutor. Além disso, esses três valores são os mais familiares, mais recorrentes em nosso dia a dia, seja na modalidade oral ou escrita da língua. Provavelmente em função disso aparecem com mais frequência que os demais.

Entretanto, como vimos nas análises, os sentidos desses articuladores emergem como marcas do sujeito da enunciação, a partir do processo de apropriação da língua. Desse modo, são sentidos únicos em cada *artigo de opinião* que os contêm. Relativamente aos articuladores de conjunção/soma, analisamos o “e”, que soma 73 das 108 ocorrências desses articuladores. Concluímos que o “e” apresenta seu valor usual, ou seja, adicionar argumentos em favor de uma conclusão, mas também é empregado com sentido temporal-espacial e conjugado com outros articuladores como “a medida que” e “inclusive”, o que traz outras nuances de sentido para a sequência enunciativa em que aparecem.

No que tange aos articuladores de contrajunção/oposição, tomamos para análise o articulador “mas”, responsável por 24 dos 47 casos totais. Observamos que o “mas” tem valor reativo (em uma pergunta retórica), valor de compensação em uma contra-argumentação direta e valor restritivo por acréscimo de informação, especificação da informação e marcação do contraste no conteúdo da informação. Por fim, com relação aos articuladores de especificação/exemplificação, analisamos o “como”, que corresponde a 20 das 28 ocorrências encontradas no *corpus*. Para esse articulador, diferentemente dos casos anteriores, encontramos apenas o seu valor usual, isto é, introduzir parte do argumento pelo exemplo. Justamente em função disso, acreditamos que esse articulador seja recorrente nos textos, ou seja, por causa do caráter argumentativo do *gênero artigo opinião* e pelo uso considerável desse tipo de argumento.

Dado o exposto, constatamos que os valores dos articuladores discursivo-argumentativos são variados a cada enunciação, mas o uso deles revela o posicionamento do locutor diante dos pontos de vista, ou seja, marcam relações de sentido e fazem emergir sua subjetividade a partir de algumas escolhas para a defesa da sua tese. Com os resultados apontados pelas análises das sequências enunciativas do *corpus* de pesquisa, identificamos algumas características recorrentes, também com relação às categorias de pronomes e verbos, como detalharemos a seguir, que permitem, dentro do paradigma indiciário, traçar um perfil dos locutores dos textos. Apesar de as relações de conjunção/soma, contrajunção/oposição e especificação/exemplificação serem mais representativas nos textos do *corpus*, não podemos deixar de pontuar que as outras relações, que aparecem em menor quantidade, também podem contribuir para o esboço do *ethos*, ainda considerando o paradigma indiciário. Essas diferenças numéricas nos sinalizam níveis de complexidade na apresentação de diferentes argumentos. Nesse caso, os *artigos de opinião*, em sua maioria, têm um nível de complexidade mais básico, ao fazer uso de adição, contraposição e exemplificação de

argumentos, estratégias argumentativas mais recorrentes, familiares e didáticas, como já assinalamos.

Em um segundo momento, analisamos, nas sequências enunciativas, a categoria morfológica de pronomes, mais especificamente, os pessoais do caso reto e oblíquo e os possessivos. A análise quantitativa realizada nos mostrou que os pronomes de primeira pessoa do plural são os mais representativos nos *artigos de opinião*. Há oito casos do pronome reto “nós”, 20 “nos” do caso oblíquo e 26 possessivos “nossa(o), nossas(os)”. Qualitativamente, a análise dessa categoria também manifestou que o seu sentido é relativo à enunciação. Dessa forma, o pronome pessoal “nós” apresentou sentido de marcar a ação do sujeito e o colocar como pertencente ao grupo dos “jovens”, como um “porta-voz” do pensamento coletivo desse grupo (plural de modéstia), evitando um tom impositivo. Logo, nesse “nós”, o “eu” relativo ao “jovem” é o que predomina. Já o pronome oblíquo “nos” teve seu valor usual nas sequências enunciativas, ou seja, um pronome reflexivo que une ao sujeito “nós” algumas informações. Por fim, os pronomes possessivos “nossa(o), nossas(os)”, além do valor de posse, indicaram uma relação bipessoal, pois existe sempre uma terceira pessoa posta em relação a outra (MOURA NEVES, 2011), e sentidos de pertencimento e temporalidade.

Em um terceiro e último momento, analisamos a categoria dos verbos, em sequências enunciativas provenientes do *corpus* de pesquisa. Quantitativamente, os verbos de terceira pessoa do plural somam 77 ocorrências, seguidos dos de primeira pessoa do plural com 70 casos. Qualitativamente, nosso foco de análise eram as pessoas verbais, em consonância com os pronomes. Apesar disso, também pontuamos aspectos relacionados aos tempos e modos verbais, bem como à semântica dos verbos empregados.

Concluimos que, juntamente com os pronomes de primeira pessoa do plural, os verbos, em determinadas pessoas, tempos e modos, revelam efeitos de subjetividade e objetividade do locutor ao longo do texto. Esses efeitos relacionam-se com o processo de apropriação da língua pelo locutor. Assim, ao se marcar na terceira pessoa do plural, o locutor se distancia do grupo dos jovens, se coloca como não pertencente a ele, o que confere um efeito de maior objetividade ao texto. Porém, ao se marcar na primeira pessoa do plural, assim como no caso dos pronomes, ele se marca como pertencente ao grupo dos “jovens”, como um “porta-voz” dessa coletividade. Isso, aliado a alguns tempos e modos verbais e à semântica dos verbos, revela a subjetividade do locutor, na medida em que a escolha dos verbos caracterizam o referente “jovens” e contribuem para a defesa da sua tese.

Ainda relativamente a pronomes e verbos, outro resultado que a análise nos proporcionou foi a percepção do trabalho linguístico mobilizado para enfatizar argumentos,

refutações e contra-argumentos. Isso porque observamos que o emprego da primeira pessoa do plural é mais recorrente quando a argumentação converge com a tese, quer dizer, quando são apresentados argumentos em favor de sua defesa, com aspectos positivos e benéficos do uso da internet pelos jovens. Já o uso da terceira pessoas do singular e plural acontece com mais frequência quando há uma contra-argumentação, isto é, quando a argumentação diverge da refutação implícita ou explícita, com aspectos negativos ao uso inadequado da internet pela juventude. Com isso, compreendemos que há um padrão de desenvolvimento com relação a como o locutor se marca na materialidade linguística em diferentes momentos do texto, o que contribui para o esboço do *ethos*: ele pertence ao grupo dos “jovens” quando defende a tese com aspectos positivos do uso da internet por esse grupo, ao adicionar argumentos, e se afasta, se distancia dos “jovens” quando defende a tese a partir da contra-argumentação, da voz daqueles jovens que usam a internet de forma inadequada.

A partir desse resultado, também observamos e propomos que pronomes e verbos, nesse contexto específico de produção do *gênero artigo de opinião*, podem se constituir como elos coesivos e enunciativos. Inicialmente, não tínhamos como objetivo realizar essa categorização. Mas não podíamos deixar de explorar esse resultado que revelou-nos a análise. Evidentemente, só esse resultado poderia culminar na continuidade dessa pesquisa, já que ele foi discutido muito brevemente nesta Dissertação de Mestrado, em função justamente de não se constituir como um de nossos objetivos. Apesar disso, já nos sentimos privilegiados por contribuir no campo relativo à enunciação e descrição linguística (FLORES; TEIXEIRA, 2013) ao relacionar o nível morfológico da língua (pronomes e verbos) com os estudos enunciativos, sugerindo que, a partir de uma análise enunciativa, esses elos coesivos também são marcas enunciativas.

A fim de explicitarmos uma visão mais geral do *ethos* discursivo dos *artigos de opinião*, comentaremos, ainda que de forma não exaustiva, dois textos completos. O critério para seleção desses textos diz respeito à representatividade das três categorias analisadas: pronomes e verbos de primeira e terceira pessoas do singular e plural e articuladores discursivo-argumentativos de conjunção/soma e contrajunção/oposição. Destacamos as três categorias para que seja possível uma visualização desse processo de apropriação da língua pelo locutor. Eis um dos textos:

Figura 23 – Artigo de opinião nº 13

1 Jovens do século XXI: conectando-se e evoluindo

2 Como **criança** na década de noventa e **vivi** maior parte de **minha** infância no século XXI, o

3 século da tecnologia e da comunicação, **considerei-me** como muitos outros, uma criança da era digi-

4 tal. A internet teve um papel importante na **minha** auto-descoberta quando adolescente, e hoje

5 **o vejo** como uma ferramenta indispensável para sobreviver no mundo adulto. **Porém**, como todas

6 as ferramentas, primeiros deve-se aprender a usá-la corretamente, **para que** seja um benefício,

7 e não um problema.

8 **Apesar de ser** uma amante dos livros, **admito** que não há melhor meio de circulação de co-

9 nhecimentos que a internet. Todas descobertas, teorias, obras artísticas e acontecimentos estão

10 disponíveis na rede e **ao nosso alcance** atualmente. **Jovens** de todo o mundo **podem** informar-se

11 sobre qualquer assunto. Uma pesquisa realizada pela Universidade de Michigan constatou que todo

12 o conhecimento adquirido pelos estudantes universitários está disponível na internet.

13 **Além de aprender** por meio da internet, **nos jovens** **nos tornamos** mais críticos. Aqueção ante-

14 rior **à nossa** **implicação** dependeu intimamente na televisão, no rádio e nos jornais para saber

15 e que acontecia no cenário político, em uma época em que a censura era aplicada. **Nos**, crianças

16 da era digital, **temos** acesso a notícias do mundo inteiro por meio de inúmeros sites na rede,

17 nos quais **podemos** opinar e discutir abertamente questões políticas.

18 Muitos pais e professores se preocupam com o uso excessivo das redes sociais pelos **jovens** que

19 muitas vezes **preferem** se relacionar no mundo virtual, do que no real, utilizando excessivamente

20 celulares, inclusive em horários de aula. **Porém**, isso não é um problema sem solução, **num** uma

21 condição que atinja a todos. Como uma ferramenta, **precisamos** aprender a utilizá-la internet

22 adequadamente. De acordo com o psicólogo e professor da UFESPA, Klaus Lamb, o uso exagerado das

23 redes sociais prejudica o aprendizado e a socialização dos adolescentes, **além de** **possivelmente** **perir**

24 suas privacidade. **Devemos** **portanto**, usar redes sociais com moderação.

25 **Vivemos** em um período inovador da história. **Nossa** tecnologia evolui exponencialmente, e

26 **temos** acesso à maior enciclopédia do mundo: a internet. Seu uso, principalmente por

27 **jovens**, quando feito adequadamente, significa uma grande evolução para a sociedade.

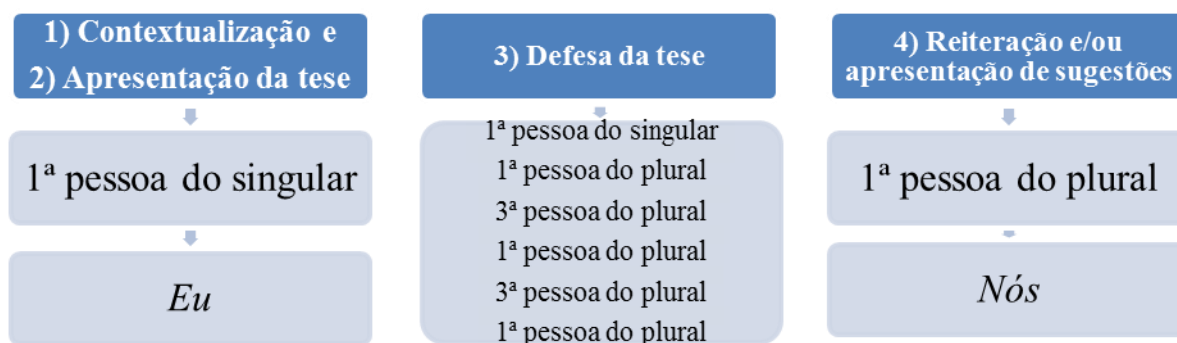
Fonte: COPERVES/UFESM.

Inicialmente, gostaríamos de pontuar que esse texto é representativo do *corpus*, com relação ao *ethos* discursivo. Isso porque, dos 23 textos analisados, 10 apresentam um *ethos* que decorre do processo de apropriação da língua pelo locutor num movimento entre eu-nós-

eles ao longo da argumentação. Na sequência, em nove textos, há o movimento entre nós-eles, eles-nós, em que o “eles” corresponde aos “jovens”. A variação desse movimento diz respeito às etapas retóricas de constituição do *gênero*, isto é, em que momento do texto o locutor se marca em primeira ou terceira pessoas do singular ou plural. No entanto, acreditamos que não seja significativo elucidar esse aspecto, uma vez que objetivamos o esboço de uma visão geral do *ethos*.

No *artigo de opinião* intitulado “Jovens do século XXI: conectando-se e evoluindo” é possível observar como ocorre o processo de apropriação da língua pelo locutor ao longo da argumentação desenvolvida e como isso revela a subjetividade. A análise das categorias de articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos, destacadas no texto, contribuem para o esboço de uma visão geral do *ethos* discursivo, como já pontuamos. A fim de ilustrarmos ainda mais esse aspecto, apresentamos o esquema a seguir, com destaque para as categorias de pronomes e verbos:

Quadro 10 – Categorias de pronomes e verbos 1



Fonte: Autora.

Nesse esquema, explicitamos como o locutor se marca ao longo do texto. Observa-se que o processo de apropriação da língua começa em um efeito máximo, a partir de “eu” e se encerra em “nós”, como “porta-voz” de uma coletividade, nesse caso, dos “jovens”. Com relação à subjetividade, o locutor surge como se fosse um ser que passa da automenção, o que evidencia seu posicionamento, a um “nós” inclusivo, ou seja, a um engajamento com o interlocutor, ao se colocar junto com ele, como pertencente ao mesmo grupo. Vale lembrar que o interlocutor de que mencionamos aqui diz respeito ao contexto simulado de produção do *gênero*, quer dizer, possíveis leitores de um jornal interessados pela temática, por serem,

talvez, jovens. Ao longo do texto, na etapa de defesa da tese, há variações entre o referente “jovens” e as primeiras pessoas do plural, o que comprova os efeitos de objetividade-subjetividade e a relação com a argumentação e contra-argumentação desenvolvidas sobre o tema, como já mencionamos anteriormente. Com isso, o *ethos* tende a ser instável, isto é, em alguns momentos do texto, ele se esboça como ser próximo, engajado, pertencente ao grupo e, em outros momentos, afastado, menos engajado, não pertencente ao grupo.

No início do texto, nas etapas de contextualização e apresentação da tese, verbos e pronomes estão na primeira pessoa do singular. Esse recurso proporciona que o locutor, ao tornar-se sujeito discursivo, simule uma estratégia nesse contexto argumentativo, uma vez que fazer menção a si mesmo nesse momento do texto, revela seu posicionamento sobre o assunto de uma forma pessoal, subjetiva, contextualizando o tema por meio da sua experiência de vida. Para isso, comenta sobre épocas (*década de noventa, século XXI, hoje*): do seu nascimento (*nasci*), infância (*vivi*), adolescência (*papel da internet em sua auto-descoberta*) e “mundo adulto” (*ferramenta indispensável para sobreviver*). Na sequência, marcado com o articulador de contrajunção/oposição “porém”, há a tese que será defendida (*porém, como todas as ferramentas, primeiro deve-se aprender a usá-la corretamente, para que seja um benefício, e não um problema*).

Além desse articulador, há duas ocorrências de “e”, indicando a adição de argumentos em favor de uma mesma conclusão. Essas duas relações, contrajunção/oposição e conjunção/soma, são representativas no *corpus*, a medida que a imagem do locutor surge como se fosse um ser que, para poder defender a tese, adiciona e contrapõe argumentos. Simula-se uma estratégia que objetiva mostrar para o interlocutor que ele pode defender uma tese sobre o tema, pois tem autoridade, credibilidade, vivência para isso, uma vez que faz parte, desde o nascimento, da “era digital”. Em suma, ao contextualizar o tema temporal-experencialmente na primeira pessoa do singular, o locutor deixa emergir sua subjetividade, o que faz com que o *ethos* pareça ser convicto, dogmático em seu discurso nesse momento.

Na etapa de defesa da tese, que corresponde a três parágrafos do texto, o locutor ainda se marca na primeira pessoa do singular, com o verbo “admito”, no primeiro enunciado. Depois disso, nos enunciados seguintes, se marca na primeira pessoa do plural (*nosso*) e na terceira pessoa do plural (*jovens de todo o mundo podem informar-se sobre qualquer assunto*). Por fim, traz um argumento de provas (*uma pesquisa realizada pela Universidade de Michigan*) para finalizar o parágrafo, que apresenta um argumento favorável à defesa da tese do locutor. O segundo parágrafo da etapa de defesa da tese inicia com o articulador de conjunção/soma “além de”, que indica que mais um argumento favorável à tese será

adicionado. Nesse momento, o locutor se marca na primeira pessoa do plural (*nós jovens nos tornamos; geração anterior à nossa; nós, crianças da era digital, temos; podemos*). Nesses dois parágrafos do texto, que apresentam argumentos favoráveis à defesa da tese, o *ethos* se revela como pertencente ao grupo dos “jovens”, como um “porta-voz” dessa coletividade, que usufrui de forma adequada dos benefícios da internet.

Situação diferente ocorre no terceiro parágrafo da defesa da tese, em que será explorada uma contra-argumentação a partir da inserção das vozes de “pais e professores” com relação ao uso excessivo das redes sociais pelos jovens que “preferem se relacionar no mundo virtual, do que no real” [...]. Nota-se, aqui, a marca do locutor em terceira pessoa (*jovens preferem*), ao se apresentar um argumento desfavorável em relação à tese. Nesse momento, o *ethos* se mostra afastado dos “jovens”, como não pertencente a esse grupo que usa a internet de modo inadequado. Na sequência, iniciado pelo articulador de contrajunção/oposição “porém”, esse argumento de pais e professores é rebatido pela afirmação de que “isso não é um problema sem solução, nem uma condição que atinja a todos”. Para corroborar com essa afirmação, é mobilizado um argumento de autoridade (*de acordo com o psicólogo e professor da UFCSPA, Klaus Lamb*). A partir da contra-argumentação, a imagem do locutor emerge como um ser que volta a se marcar na primeira pessoa do plural (*precisamos, devemos*), revelando, novamente, um *ethos* que engajado, que pertence ao grupo dos “jovens”. Por fim, na etapa de reiteração e/ou apresentação de sugestões, o locutor se marca na primeira pessoa do plural por meio de verbos e pronomes (*vivemos, nossa, temos*) e do articulador de conjunção/soma “e”, esboçando um *ethos* novamente pertencente ao grupo dos “jovens”.

Na sequência, comentamos acerca de outro *artigo de opinião* representativo de nosso *corpus*:

Figura 24 – Artigo de opinião nº 19

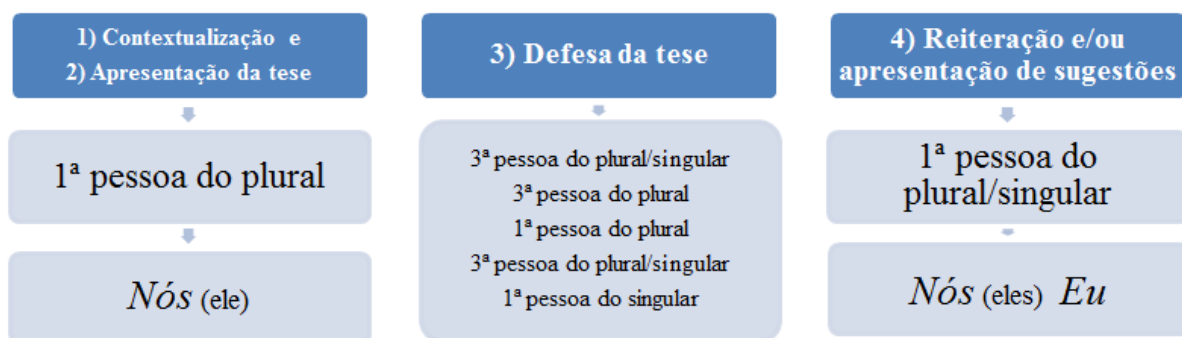
O virtual é real

1 Vivemos em um mundo conectado, é raro encontrar um **quem** que não **tenha**, pelo
 2 menos, um smartphone. Crianças, **jovens**, adultos, todos (ou a grande maioria) es-
 3 tãõ conectados a internet. Há ainda os que se negam ao uso dela **e** a criticam.
 4 Enfim, o uso da internet sempre dividiu opiniões.
 5 Os **jovens** **estão** conectados 24 horas por dia, seja trabalhando, estudando, com-
 6 prando ou interagindo com amigos, que podem morar perto ou no outro lado
 7 do mundo. A internet, a conectividade, a acessibilidade, tudo isso contém seus
 8 prós. **Por exemplo**, já imaginou se **sua** mãe ou qualquer ente querido tivesse
 9 se mudado para longe? Uma ligação pode sair cara, **mas** com a internet **vo-
 10 cê** **pode** sentir como se a pessoa estivesse perto; sites **como** skype e face-
 11 book oferecem esse tipo de serviço.
 12 A **juventude** online **é** o futuro do país, quantos **jovens** sem condições finan-
 13 ceiras, **estudam** pela internet? Quantos protestos são organizados virtualmente?
 14 Quantas opiniões são dadas online? A resposta para essas perguntas é
 15 muitas (as). Os **jovens** **querem** conforto, independência e principalmente ter
 16 voz, falar e ser ouvido, compartilhar **suas** ideias. É isso que **queremos**.
 17 Muitos falam que estar conectado é perda de tempo, que os **jovens** de hoje
 18 em dia só **querem** "facebook" **e** não **querem** nada com nada. Uma **juven-
 19 tude** perdida, é o que dizem. **Aposto** que as pessoas que falam isso, nunca
 20 procuraram ver o lado bom da internet, nunca se conectaram, por-
 21 que sim, o uso da internet tem seu lado negativo, **como** o cyberbullying,
 22 o distanciamento entre as pessoas, o anonimato, entre outros, **mas** em tu-
 23 do há um lado negativo **e** com a internet não seria diferente.
 24 A internet faz parte da educação, gostando ou não, **temos** de **nós adap-
 25 tarmos** a ela, pelo menos, **respeitarmos**. **Os**, **jovens**, **estamos** trilhando
 26 um futuro melhor e a internet é **nessa** grande aliada, o que aconte-
 27 ce no virtual, toma forma no real, o que **digitamos** é lido, compartilhado e co-
 28 mentado, **temos** grandes pensamentos **e** lá, na internet, **mostramos** **nessas** ideias,
 29 **nessas** opiniões. **Pode afirmar** que, o futuro do Brasil está sendo construído online.

Fonte: COPERVES/UFSM.

Com relação ao artigo "O virtual é real", também apresentamos o esquema a seguir, com destaque para as categorias de pronomes e verbos, que revelam a apropriação da língua pelo locutor ao longo das etapas retóricas de constituição do gênero:

Quadro 11 – Categorias de pronomes e verbos 2



Fonte: Autora.

Nesse esquema, é possível observar como o locutor se marca ao longo do texto, nas diferentes etapas retóricas do *gênero*. O processo de apropriação da língua inicia e faz parte do encerramento do texto em um efeito intermediário, a partir do “nós”, ou seja, como parte da coletividade do grupo de jovens. Nesse *artigo*, acontece o inverso do apresentado anteriormente: a imagem do locutor emerge como um ser que passa de um engajamento com o interlocutor, a partir do “nós” inclusivo, a uma automenção por meio de “eu”, efeito máximo de subjetividade, que evidencia não só seu posicionamento, mas um “peso” argumentativo de encerramento do texto, motivado pela semântica da locução verbal “posso afirmar”. É como se o locutor simula-se a estratégia argumentativa de só poder fazer isso com credibilidade ao final do processo argumentativo de defesa da tese, depois dos argumentos apresentados e de se marcar de diferentes formas, com variações entre o referente “jovens” e primeira e terceiras pessoas do singular e plural, o que revela efeitos de objetividade-subjetividade, como já mencionado na análise antecedente. Por esse *artigo*, igualmente corroboramos que o *ethos* tende a ser instável nos diferentes momentos do texto.

Nas etapas de contextualização e apresentação da tese, há um verbo na primeira pessoa do plural “vivemos”, o que faz com que a imagem do locutor surja como se fosse um ser que inicia o texto se colocando como “porta-voz”, pertencente de uma coletividade: aquela que, como ele, vive “em um mundo conectado”. A estratégia usada neste momento do texto é de apresentar declaração e ponto de vista divergentes em relação ao tema do texto. Assim, na sequência, o tema do texto é apresentado por meio do referente “jovem”, terceira pessoa do singular, que será retomado, em uma declaração, por uma relação hiponímica e hiperonímica por “crianças, jovens, adultos” e “todos” (*estão conectados a internet*). Depois, um ponto de vista divergente é trazido “há os que se negam ao uso dela e a criticam” para, em seguida,

haver uma espécie de síntese do que foi apresentado: “enfim, o uso da internet sempre dividiu opiniões”. Esse enunciado que resume o parágrafo, no entanto, não deixa explícita a tese que será defendida ao longo do texto.

Apesar da marca em primeira pessoa do plural a partir de um verbo no início do texto, consideramos que o *ethos*, neste momento, tende a ser experiente, afastado da coletividade dos jovens. Isso porque a marca “vivemos” não coloca o locutor como parte necessariamente ao grupo dos jovens, mas sim a um grupo genérico que vive “em um mundo conectado”. A estratégia aqui parece ser mais de contextualizar, localizar temporal-espacialmente o tema do que se colocar como “porta-voz” de um determinado grupo. A própria estratégia de apresentar vozes com pontos de vista divergentes sobre o tema, com referente em terceira pessoa, corrobora essa interpretação, ao apresentar o assunto do texto com um olhar de observador da situação.

Na etapa de defesa da tese, responsável por três parágrafos do texto, o locutor se marca, inicialmente, na terceira pessoa do plural por meio de “[os] jovens estão”. Na sequência do primeiro parágrafo dessa etapa, apresentam-se argumentos favoráveis aos jovens estarem “conectados 24 horas por dia” por meio de enumerações (*trabalhando, estudando, comprando, interagindo com amigos*) e exemplos (introduzidos pelos articuladores de especificação/exemplificação *exemplo e como*) que, inclusive, estabelecem uma interlocução com o “tu”, os leitores, a partir do pronome “você”. Nesse caso, vale lembrar que os leitores são referentes ao contexto simulado de produção do *gênero*, ou seja, a publicação em um jornal.

No segundo parágrafo da defesa da tese, novamente há marcas de terceira pessoa por meio dos referentes “juventude”, “jovens”, dos verbos “é”, “estudam”, “querem” e do pronome possessivo “suas”. Aqui também são trazidos argumentos favoráveis que confirmam que “a juventude online é o futuro do país”. Aliás, considerando a argumentação do parágrafo anterior, esse enunciado que inicia o segundo parágrafo parece ser a tese do *artigo*. Em seguida, são lançadas perguntas para desenvolver a afirmação feita, bem como a resposta para elas: “muito(as)”. Depois, são feitas afirmações/declarações do que “os jovens querem” (*conforto, independência, ter voz, falar e ser ouvido, compartilhar suas ideias*) para, como uma síntese, o locutor se marcar na primeira pessoa do plural: “é isso que queremos”.

Mesmo que, até esse momento, o locutor tenha se marcado mais na terceira pessoa, considerando a presença de argumentos favoráveis à conectividade dos jovens e o enunciado que sintetiza o segundo parágrafo de defesa da tese (*é isso que queremos*), entendemos que o *ethos* tende a ser engajado, pertencente ao grupo de jovens que usufruem dos prós da internet,

como um “porta-voz” dessa coletividade. Desse momento do texto até principalmente o parágrafo final, essa parece ser a tendência não só da apropriação da língua, mas também do *ethos* discursivo. É como se o locutor, aos poucos, surgisse como um ser que vai se envolvendo com o tema, partindo de efeitos menores até maiores de subjetividade e de identidade com o grupo dos jovens.

No terceiro parágrafo da tese da tese, há a voz do outro, uma contra-argumentação, que pode ser percebida pelo pronome “muitos”, pelo verbo “dizem” e pelo substantivo “pessoas”. Mais uma vez, as marcas são de terceira pessoa a partir dos referentes “jovens”, “juventude” e do verbo “querem”. Para contrapor o ponto de vista oposto trazido, o locutor se marca na primeira pessoa do singular com o verbo “aposto” e usa o ponto de vista negativo a favor de sua argumentação, reafirmando que a internet tem um lado negativo (*como o cyberbullying, o distanciamento entre as pessoas, o anonimato*) e contrapondo com o articulador “mas” que “em tudo há um lado negativo e com a internet não seria diferente”. A tentativa aqui parece ser a de “derrubar” o argumento de outrem por meio de uma generalização: em tudo na vida há o lado positivo e o negativo e cabe a nós (sociedade, leitores) “ver o lado bom da internet”, já que os benefícios que ela pode trazer prevalecem e “compensam” o que possa haver de negativo.

Por fim, na etapa de reiteração e/ou apresentação de sugestões, há a concomitância de marcas na primeira e terceira pessoas do singular e plural, a partir de verbos e pronomes. O que prevalece, entretanto, são as marcas na primeira pessoa do plural (verbos: *temos, adaptarmos, respeitarmos, estamos, digitamos, somos, mostramos*; pronomes: *nos, nós, nossa, nossas*). Já o enunciado que encerra o texto apresenta uma locução verbal na primeira pessoa do singular “posso afirmar que, o futuro do Brasil está sendo construído online”. Com isso, considerando os dois parágrafos finais do *artigo*, temos um *ethos* que tende a ser engajado com o grupo dos jovens, por fazer parte dele, a partir do “nós” inclusivo e ao mesmo tempo dogmático, convicto de seu ponto de vista, com as duas marcas em “eu” nessas partes do texto. Como afirmamos anteriormente, é como se o locutor emergisse como um ser que vai se apropriando e se deixando envolver pelo tema ao longo da argumentação desenvolvida. Assim, apenas mais para o final há a credibilidade para a apropriação da língua como “eu”, efeito máximo de subjetividade.

De modo geral, nos *artigos de opinião* produzidos a partir da prova de redação do processo seletivo da UFSM em 2014, temos o esboço de um *ethos* constituído por quatro tendências ou vozes, relacionados, nesse caso, aos articuladores discursivo-argumentativos,

pronomes e verbos, bem como à estratégia argumentativa mobilizada para a defesa da tese. De acordo com Maingueneau (2006):

A questão do *ethos* está ligada à da construção da identidade. Cada tomada da palavra implica ao mesmo tempo levar em conta representações que os parceiros fazem um do outro, e a estratégia de um locutor que orienta o discurso de forma a sugerir através dele uma certa identidade (MANGUENEAU, 2006, p. 56).

Apoiados nessa ideia de Maingueneau (2006), relacionando o *ethos* à construção da identidade, buscamos também algumas noções da teoria polifônica da Enunciação, de Oswald Ducrot⁴⁶, para fundamentarmos mais consistentemente o esboço do *ethos* dos *artigos de opinião*. De acordo com Flores e Teixeira (2013), a teoria de Ducrot

é uma semântica argumentativa voltada para as questões da enunciação, na medida em que considera, na representação do sentido do enunciado⁴⁷, tanto a presença de diferentes vozes (polifonia) quanto à evocação de princípios argumentativos que dão a direção de como um dado enunciado deve ser interpretado numa situação *x* (FLORES; TEIXEIRA, 2013, p. 70).

Considerando a presença de certas vozes nos enunciados em sua relação com a argumentação, acreditamos que esse aspecto da teoria do autor possa contribuir para explicarmos o *ethos* de nossos textos. Isso porque, encontramos quatro tendências na composição do *ethos*:

a) uma tendência referente a um *ethos* dogmático, convicto de seu posicionamento, que tem credibilidade, autoridade para defender um ponto de vista sobre determinado assunto, que surge a partir do emprego de pronomes e verbos na primeira pessoa do singular;

b) uma tendência referente a um *ethos* engajado, que pertence ao grupo dos jovens, numa espécie de porta-voz dessa coletividade, que emerge a partir do emprego de pronomes e verbos na primeira pessoa do plural e da defesa da tese mediante a apresentação de um argumento favorável a ela;

c) uma tendência referente a um *ethos* experiente, que se afasta dos jovens, que se coloca como não pertencente a esse grupo, que aparece a partir do emprego de pronomes e

⁴⁶ Temos ciência de que as análises empreendidas por Ducrot em sua obra são estruturais e que o autor se insere no campo da Semântica Pragmática ou Pragmática Linguística. Ainda assim, a teoria polifônica da enunciação contribuirá para explicarmos o esboço do *ethos* discursivo dos textos que compõem nosso *corpus*.

⁴⁷ Para Ducrot, diferentemente do conceito de Benveniste adotado nesta Dissertação, enunciado é a manifestação particular de uma frase, ou seja, é uma entidade empírica, produto da enunciação (FLORES et al., 2009). É importante pontuar também que esse conceito de enunciado é definido com base na Teoria da Polifonia, na qual nos apoiaremos para a explicitação do *ethos*.

verbos na terceira pessoa do plural e da defesa da tese mediante a apresentação de um argumento desfavorável a ela (contra-argumentação);

d) uma tendência referente a um *ethos* preocupado com a compreensão de seus leitores (auditório) e, possivelmente, com a aceitação da tese defendida, a medida que, ao somar, contrapor e exemplificar argumentos, a imagem do locutor surge como se ele fosse um ser que conduz o interlocutor no entendimento de seu posicionamento, ao mostrar que tem conhecimento do assunto, de uma forma didática.

Diante dessas quatro tendências, optamos, a partir de Ducrot, por denominá-las como vozes que caracterizam um *ethos*. A Teoria da Polifonia de Ducrot “afirma que o sentido de um enunciado é a representação de um ou vários sujeitos”, ou seja, “a descrição do sentido do enunciado apresenta a superposição de vozes desses diferentes sujeitos presentes na enunciação⁴⁸” (FLORES et al., 2009, p. 228). Assim sendo, os enunciados que compõem os *artigos de opinião* apresentam essas quatro vozes, nomeadas por nós de dogmática, engajada, experiente e didática. Essas vozes variam conforme a argumentação empreendida em cada etapa retórica do *gênero*, de acordo com as categorias analisadas. Embora uma voz esteja em evidência, a ela subjazem as outras vozes e é esse “conjunto” de vozes que compõem um *ethos* característico da geração discente de jovens, produtores dos textos. Por isso, pela simultaneidade/confluência dessas quatro vozes, denominamos a imagem discursiva dos *artigos de opinião* de *ethos* jovem.

A título de exemplificação das vozes que comentamos, no primeiro parágrafo do *artigo de opinião* número 13, o locutor se marca na primeira pessoa do singular. A inserção de outra voz ocorre mediante o emprego do articulador “porém”. A partir de tal articulador, a voz do enunciador 1 é a de deve-se aprender a usar corretamente a internet, como todas as ferramentas, para que ela seja um benefício. A voz do enunciador 2, implícita e esse enunciado, é a de que há jovens que não aprenderam a usar essa ferramenta de forma adequada, o que acarreta um problema. Com essas duas vozes, o locutor surge como se fosse um ser que organiza seu ponto de vista e faz emergir o sentido do enunciado. No *artigo* número 19, por sua vez, as duas vozes, uma favorável e outra contrária à conectividade dos jovens, já se encontram de forma explícita nos enunciados porque essa foi a estratégia argumentativa usada nessa etapa do texto.

Em ambos os *artigos* analisados nesta seção, nos dois parágrafos seguintes do texto são mobilizados dois argumentos favoráveis à defesa da tese (ainda que no *artigo* número 19

⁴⁸ Para Ducrot, enunciação é um “acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado” (FLORES et al., 2009, p. 103), diferentemente da noção empreendida por Benveniste, que fundamenta este trabalho.

a tese não esteja explícita no primeiro parágrafo do texto). No *artigo* número 13, o locutor se marca na primeira pessoa do plural, e deixa emergir sua voz (enunciador 1), ou seja, se marca como pertencente, como porta-voz dos jovens que usufruem dos benefícios da internet. Essa marca de primeira pessoa do plural também ocorre no último parágrafo do texto. A partir disso, a voz que se destaca é a de tendência engajada, por pertencer ao grupo dos jovens. No *artigo* número 19, o locutor se marca na terceira pessoa, deixando implícita sua voz. A voz do enunciador 1 só será explicitada em um enunciado síntese no final do segundo parágrafo da etapa de defesa da tese com a marca em primeira pessoa do plural “queremos”, que o coloca como engajado, pertencente ao grupo dos jovens. Inclusive a semântica do verbo confirma essa afirmação.

Já no terceiro parágrafo do *artigo* 13, novamente por meio do emprego do articulador “porém”, há duas vozes. A voz do enunciador 2 é marcada com os referentes “pais e professores”, que “se preocupam com o uso excessivo das redes sociais pelos jovens, que muitas vezes preferem se relacionar no mundo virtual, do que no real, utilizando excessivamente celulares, inclusive no horário de aula”. Nesse enunciado, o locutor se marca na terceira pessoa, o que deixa implícita sua voz, a do enunciador 1, que é um jovem que não usa excessivamente as redes sociais ou celulares em horário de aula e que não prefere se relacionar no mundo virtual apenas. Essa voz implícita do enunciador 1 é reiterada em seguida pelas afirmações “problema sem solução” e “uma condição que atinja a todos”, que o exclui do grupo representado pela voz do enunciador 2, que é atingido por essa condição problemática. Nos enunciados seguintes, o locutor volta a se marcar na primeira pessoa do plural, com a mesma ideia do primeiro parágrafo: que “devemos” aprender a utilizar a ferramenta da internet adequadamente, usando redes sociais com moderação. Isso deixa implícito, novamente, a voz do enunciador 2, que alguns jovens não aprenderam a usar essa ferramenta de forma adequada e as redes sociais com moderação, o que contribui para que afirmações e preocupações como a de pais e professores, por exemplo, ainda sejam feitas. Nesse momento da argumentação, as vozes de tendência engajada e experiente são mobilizadas na construção e, conseqüentemente, no sentido dos enunciados, a partir do emprego de marcas em primeira e terceira pessoas.

No terceiro parágrafo da defesa da tese do *artigo* 19, a voz do enunciador 1 fica implícita, em um primeiro momento, porque há o emprego da terceira pessoa com a voz do outro, ou seja, uma refutação. Nesse caso, a voz do enunciador 2 é marcada pelo referente “muitos falam” que “estar conectado é perda de tempo, que os jovens de hoje em dia só querem ‘facebook’ e não querem nada com nada. Uma juventude perdida, é o que dizem”.

Essa voz implícita do enunciador 1 diz respeito a uma juventude que não é “perdida” e que não considera a conexão uma “perda de tempo”, ao contrário da posição aqui analisada. No enunciado seguinte, a voz do enunciador 1 é explicitada pela marca em primeira pessoa do singular “aposto” e por afirmações gerais de que em tudo há o lado positivo e o negativo e que “com a internet não seria diferente”. Tais afirmações evidenciam a voz do enunciador 2 mas em benefício à voz do enunciador 1 de que a internet tem um lado bom e de que esse deve ser visto e levado em consideração. No parágrafo final do texto, a voz que prevalece também é a do enunciador 1 pela predominância de marcas na primeira pessoa do plural e uma na primeira pessoa do singular. Com isso, as vozes de tendência engajada e dogmática/convicta são mobilizadas na construção e nos sentidos dos enunciados.

Pensando na época atual, denominada por Bauman (2001), de modernidade líquida, a busca por afirmar relações e identidades que aparecem como fluídas, instáveis e multifacetadas, necessariamente exige que pensemos no outro. E, tais características, se revelam na materialidade linguística. Por isso, essas quatro tendências/vozes que compõem um *ethos* jovem revelam a inconstância e a oscilação do homem pós-moderno que se marca no discurso pelo sujeito versátil e moderno. É a não-unicidade do sujeito na pós-modernidade que faz com que o locutor surja como sujeito discursivo de modo plural, multiético, inconstante, etc.

Como afirmamos anteriormente, com base em Maingueneau (2006), o *ethos* está relacionado à construção da identidade. A esse respeito, Bauman (2008, p. 193, grifo do autor) comenta que “em vez de falar sobre identidades, herdadas ou adquiridas, estaria mais próximo da realidade do mundo globalizante falar de *identificação*, uma atividade que nunca termina, incompleta, na qual todos nós, por necessidade ou escolha, estamos engajados”. As quatro tendências que encontramos na constituição desse *ethos* jovens, dogmática, engajada, experiente e didática, estão relacionadas com a identificação ou não-identificação do locutor com o grupo dos jovens: identificação tanto para se colocar como pertencente ao grupo dos jovens quanto para se afastar dele.

A questão do *ethos* também possibilita rever o conceito de *texto* de um ponto de vista enunciativo. Retomando a ideia de Knack (2012), trazida na seção 2.2, o *texto escrito* condensa o ato enunciativo e seu produto e resulta de um processo de produção intersubjetiva entre locutores que estão situados em tempo e espaços distintos. A partir disso, pelas marcas presentes na escrita, o alocutário pode re-constituir os sentidos do locutor. Pensando na intersubjetividade relacionada ao texto argumentativo e a noção de *ethos*, compreendemos que o *texto* vai além de uma atividade interacional em contexto pragmático, ou seja, o

tratamento estritamente estrutural dado ao *texto* não abrange o papel intrínseco da linguagem na constituição da natureza humana. Isso pode ser percebido nas análises enunciativas realizadas na seção 4.2 e suas subseções, que nos possibilitaram chegar ao esboço do *ethos* discursivo dos locutores dos *artigos de opinião*.

Levando em consideração que, na argumentação, “o orador sempre escolhe e articula seus argumentos em função de um ponto de vista sobre o auditório” (FIORIN, 2016, p. 74), comentaremos um pouco a respeito do *pathos*, embora nos concentremos no estudo do *ethos*. Como os *artigos de opinião* que constituem nosso *corpus* são provenientes da prova de redação do processo seletivo da UFSM, temos dois contextos de produção: o “real”, em que os locutores são candidatos que disputam uma vaga em um curso de graduação da universidade e os interlocutores a banca que avaliará o texto atribuindo-lhe uma nota; e o simulado, em que os locutores são jovens convidados a participar da discussão sobre o tema “juventude conectada evolução ou problema social?” e os interlocutores possíveis leitores de um jornal. Em função disso, não temos como precisar qual imagem ou “*ethos* pré-discursivo” do auditório o locutor levou em consideração ao elaborar seu projeto argumentativo.

Entretanto, considerando apropriação da língua pelo locutor, a partir das categorias de pronomes e verbos, durante o texto pelo movimento eu-nós-jovem e suas variações (eu-jovem-nós, nós-jovem-eu, etc.), e o emprego de articuladores discursivo argumentativos de conjunção/soma, contração/posição e especificação/exemplificação, tendemos a afirmar que o *pathos* do auditório são também jovens, leitores do jornal, interessados pela temática. Isso porque há a identidade para com esses jovens, o pertencimento a esse grupo como um porta-voz de suas ideias, além de uma forma clara e ao mesmo tempo didática de apresentar a defesa da tese ao longo do texto, por meio da soma, contraposição e exemplificação de argumentos, como já mencionamos.

Considerando o funcionamento do *gênero artigo de opinião*, essa hipótese fica ainda mais clara, pois o objetivo de tal *gênero* é apresentar um ponto de vista sobre um assunto controverso/polêmico, desenvolvendo uma argumentação em um tom/estilo de convencimento, exemplificando, justificando ou desqualificando posições (COSTA, 2014). Assim, o locutor ao se marcar ora na primeira pessoa do singular ou plural, ora na terceira pessoa do singular ou plural, por meio de pronomes e verbos, busca aumentar a adesão dos leitores na tentativa de possivelmente convencê-los. Ao se marcar na primeira pessoa do plural, coloca-se como parte dos leitores, como aquele que compartilha de determinadas opiniões e as enuncia como um representante, um “porta-voz” dessa coletividade (voz do enunciador 1). Por outro lado, ao se colocar na terceira pessoa, desqualifica, refuta posições

contrárias (voz do enunciador 2) a daquele grupo com o qual concorda e defende a tese. A voz do outro contraposta é usada a favor da defesa do ponto de vista do locutor, para mostrar que são opiniões equivocadas e reforçar que a sua é mais adequada em um dado contexto. Com isso, ao mobilizar essas estratégias a partir de pronomes e verbos, há uma aproximação, uma espécie de identidade com os jovens, possíveis leitores do jornal em função do contexto simulado de produção do texto, que facilita o tom de convencimento.

Além disso, informações contextuais também nos levam a crer nessa hipótese como, por exemplo, as orientações referentes à prova de redação no vestibular da UFSM em 2014, bem como os critérios de avaliação adotados na correção desses textos. Tais critérios foram divididos em três dimensões, a partir da “adequação dos textos à situação comunicativa a ao tema propostos na prova⁴⁹”: adequação à estrutura global do gênero, ao propósito e ao conteúdo e à articulação escrita. Em duas dessas dimensões, enfatiza-se a presença de marcas que distingam a voz do articulista de outras vozes. Talvez em função disso haja a representatividade de articuladores de contrajunção/oposição nos textos, já que essa relação é responsável por contrapor, trazer argumentos de outrem, outras vozes para o texto. Ainda considerando o funcionamento do *gênero*, essa suposição pode ser melhor explicada, já que um dos passos da etapa de defesa da tese consiste na inserção de vozes para defesa do autor, seja por argumentos de autoridade, exemplificação, provas, causa e consequência (ECKERT E PINTON, 2016).

Além disso, a representatividade de articuladores de conjunção/soma e especificação/exemplificação também encontram relação com o objetivo do *gênero*, mas, mais do que isso, com os interlocutores a quem se quer convencer. Ao argumentar sobre um ponto de vista de forma a possivelmente convencer um público leitor de jovens, usar articuladores que introduzam novos argumentos a favor de tese e a exemplifiquem são facilitadores da compreensão de qualquer jovem, com qualquer grau de conhecimento. Isso porque tais estratégias argumentativas são mais familiares e recorrentes no dia a dia, seja na modalidade oral ou escrita da língua. Isso, somado às marcas de primeira pessoa do plural, levam o leitor a reconhecer no locutor daquele texto um jovem que, assim como ele, compartilha de um ponto de vista em comum sobre um assunto e “fala” por ele, o representa em determinado veículo de comunicação (jornal).

A questão da presença de outras vozes pode ter contribuído para as quatro vozes que compõem o *ethos* dos *artigos de opinião*, considerando isso de uma perspectiva enunciativa,

⁴⁹ É esse sintagma que aparece no início do quadro com os critérios de avaliação do *gênero artigo de opinião* da prova de redação do vestibular da UFSM em 2014, como pode ser verificado em anexo.

já que, provavelmente, essa não tenha sido uma intenção consciente dos produtores do texto. Outro ponto diz respeito à relativização da nota, caso o candidato tangenciasse o tema e/ou a situação comunicativa da prova. Logo, por causa da importância dada à situação comunicativa nessas orientações, tendemos a crer que os candidatos tenham considerado, em sua escrita, o contexto simulado de produção do *gênero*, conforme indicação da proposta de produção textual.

Como resultado principal desta pesquisa, verificamos que é possível traçar o *ethos* discursivo mediante a análise das categorias de articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos. Além disso, tais categorias estão relacionadas ao processo de apropriação da língua pelo locutor e ao funcionamento do *gênero artigo de opinião*, como as análises puderam demonstrar. Cabe destacar que, embora essas três categorias tenham contribuído como guias para que chegássemos a essas conclusões, foi necessário levar em consideração outras categorias linguísticas na construção do convencimento ou persuasão, como o léxico, a adjetivação e a estratégia argumentativa. Isso só foi possível mediante nosso método de análise, o paradigma indiciário (GINZBURG, 1989). Logo, ainda que essas categorias tenham nos levado ao *ethos*, elas são apenas um dos muitos guias que podem levar ao mesmo *ethos*.

Temos convicção de que, com este trabalho, conseguimos apontar parcialmente para uma possibilidade de se pensar e ensinar, na escola, sistematizações com base no uso, já que outros valores foram assumidos pelos articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos, nas sequências linguísticas de que faziam parte. Isso significa dizer que, com base no regular, no que é padrão normativo-descritivo, podemos chegar ao irregular, aos efeitos de sentido únicos que as formas podem gerar na enunciação, a partir de um sujeito que se apropria da língua e a coloca em uso.

Além disso, cabe destacar, considerando o todo da pesquisa, que, talvez, o professor da Escola Básica não tenha consciência de que, quando trabalha as três categorias analisadas está explorando o *ethos* do texto e da importância que isso pode ter, de acordo com o objetivo pretendido com a escrita ou com a oralidade. As análises aqui realizadas demonstram uma forte conexão entre: a) o uso das categorias linguísticas, a partir do processo de apropriação do locutor; b) o funcionamento do *gênero artigo de opinião* e c) o esboço do *ethos* discursivo dos locutores dos textos. A partir desse conhecimento, o professor de Língua Portuguesa poderia discutir em sala de aula tais relações, ou seja, como o emprego de algumas marcas linguísticas influenciam na constituição da imagem que emerge do locutor do texto e, conseqüentemente, no possível convencimento dos leitores, objetivo geral dos *gêneros* de base argumentativa.

Discussões que respondam ao questionamento feito anteriormente, se constituem em um vasto e rico método de ensino, pois possibilitam aos estudantes a reflexão linguística: o uso, os efeitos que determinadas escolhas provocam na finalidade almejada em uma produção textual. Ainda que tais escolhas não sejam conscientes, considerando o sujeito da enunciação, elas podem e devem exploradas em função do *ethos*, já que contribuem na sua constituição. Uma atividade em que o próprio aluno leia e analise seu texto nesse sentido, por exemplo, já seria um primeiro passo na busca de um ensino de línguas de acordo com os PCNs e longe da gramatiquice e do normativismo, retomando Faraco (2006).

Em função do apresentado, reiteramos que estudos e análises de uma materialidade linguística pelo viés da Linguística da Enunciação, bem como o esboço do *ethos* discursivo, como nos empenhamos em fazer em um primeiro momento, já podem contribuir com professores de línguas em atuação no sentido de refletir sobre sua prática de ensino de textos orais e escritos, por exemplo. E, com isso, alterarem sua metodologia, buscando a articulação entre forma/estrutura e sujeito. Futuramente, a continuação de estudos como esse, pode focalizar uma visão mais didática, desenvolvendo algumas estratégias de análise de texto para o ensino em sala de aula com base na Linguística da Enunciação, por exemplo.

Na seção seguinte, trazemos nossas últimas reflexões, nas considerações finais desta pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa Dissertação objetivou identificar as categorias de articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos em textos do *gênero artigo de opinião*, provenientes do processo seletivo da UFSM, e analisar os possíveis efeitos de sentido decorrentes do emprego dessas categorias, colaborando para traçar a imagem discursiva do locutor do texto. Para isso, a perspectiva teórica e metodológica que embasou este estudo foi a Linguística da Enunciação e a Linguística Textual. Acreditamos que a Linguística da Enunciação permite um melhor entendimento acerca da imagem de um sujeito, o *ethos* discursivo, por meio de mecanismos linguísticos empregados na enunciação e recuperáveis por meio da análise das marcas deixadas no enunciado. Com isso, tivemos como hipótese que o *ethos* discursivo pode ser esboçado, em textos produzidos neste contexto específico, entre outros elementos, pelos articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos.

Dos 23 exemplares textuais analisados, mediante a autorização assinada dos candidatos produtores dos textos, podemos afirmar que nossa hipótese foi comprovada, ou seja, o *ethos* pode ser esboçado pela análise enunciativa das categorias articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos. Entretanto, outras categorias linguísticas, bem como a organização argumentativa dos locutores dos textos também contribuíram para o esboço do *ethos*. Com isso, reiteramos a pertinência do método do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), já que, a partir de detalhes presentes na materialidade textual, mas não percebidos em um primeiro momento, podemos compreender um fenômeno mais geral: o *ethos*. Nesse sentido, as três categorias analisadas se constituíram como guias para que chegássemos ao *ethos*.

Ainda com relação a aspectos metodológicos, enfrentamos alguns desafios em nossa pesquisa. O maior deles diz respeito à constituição do *corpus* de pesquisa, já que o contato com os candidatos produtores dos textos foi realizado via e-mail. Com isso, dos 300 endereços de e-mail disponibilizados pela COPERVES, só conseguimos autorização escrita dos 23 exemplares analisados. Isso porque alguns candidatos não autorizam o uso de seu texto para análise, outros não verificam o e-mail com frequência ou não possuem mais o endereço de que dispomos, entre outros motivos que não temos como precisar. Um outro desafio refere-se ao esforço teórico-metodológico de transposição terminológica, uma vez que optamos por trabalhar, em uma perspectiva enunciativa, com elementos tradicionalmente tratados nos âmbitos pragmático (*ethos*, argumentação, articuladores discursivo-argumentativos) e normativo (pronomes, verbos).

Apesar disso, acreditamos ter contribuído com a *transversalidade enunciativa*, método analítico proposto por Flores (2010), tendo em vista postulados benvenistianos de análise intralinguística e translinguística. Tal proposta busca estudar a língua em todos os níveis, a partir de qualquer fenômeno linguístico. Nesse caso, na busca por compreender a constituição do *ethos*, refletimos sobre os efeitos de sentido decorrentes do emprego de articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos, que não estão em um único nível linguístico. Portanto, no texto argumentativo, ao pensarmos nesses efeitos de sentido que emergem do emprego dessas categorias por um sujeito que se apropria da língua e a coloca em funcionamento, estamos fazendo Linguística da Enunciação.

Com relação aos resultados alcançados, observamos que a análise dos articuladores discursivo-argumentativos, nas relações de conjunção/soma, contrajunção/oposição e especificação/exemplificação, apresentam sentidos (valores) variados a cada enunciação, mas o uso deles revela o posicionamento do locutor diante dos pontos de vista, ou seja, marcam relações de sentido e fazem emergir sua subjetividade a partir de algumas escolhas para a defesa da sua tese. No que diz respeito a pronomes, cuja predominância é da primeira pessoa do plural, e verbos, que tem maior representatividade da terceira pessoa do plural (77 casos) e primeira pessoa do plural (70 casos), notamos que, ambas as categorias, revelam efeitos de subjetividade e objetividade do locutor ao longo do texto. Esses efeitos relacionam-se com o processo de apropriação da língua pelo locutor. Assim, ao se marcar na terceira pessoa do plural, a imagem do locutor surge como se ele fosse um ser que se distancia do grupo dos jovens, se coloca como não pertencente a ele, o que confere um efeito de maior objetividade ao texto. Porém, ao se marcar na primeira pessoa do plural, assim como no caso dos pronomes, ele se marca como pertencente ao grupo dos “jovens”, como um “porta-voz” dessa coletividade.

Ainda relativamente a pronomes e verbos, outro resultado que a análise nos proporcionou foi a percepção do trabalho linguístico mobilizado para enfatizar argumentos, refutações e contra-argumentos. Isso porque observamos que o emprego da primeira pessoa do plural é mais recorrente quando a argumentação converge com a tese, quer dizer, quando são apresentados argumentos em favor de sua defesa, com aspectos positivos e benéficos do uso da internet pelos jovens. Já o uso da terceira pessoas do singular e plural acontece com mais frequência quando há uma contra-argumentação, isto é, quando a argumentação diverge da tese apresentada, com aspectos negativos ao uso inadequado da internet pela juventude. Com isso, já compreendemos que há um padrão de desenvolvimento com relação a como o locutor se marca na materialidade linguística em diferentes momentos do texto, o que

contribui para o esboço do *ethos*: ele pertence ao grupo dos “jovens” quando defende a tese com aspectos positivos do uso da internet por esse grupo, ao adicionar argumentos, e se afasta, se distancia dos “jovens” quando defende a tese a partir da contra-argumentação, da voz daqueles jovens que usam a internet de forma inadequada.

Dessa forma, encontramos nos *artigos de opinião* quatro vozes que compõem o *ethos*: a) uma dogmática, em que a imagem do locutor surge como um ser convicto de seu posicionamento, que tem credibilidade, autoridade por meio da ênfase em suas experiências para defender um ponto de vista sobre determinado assunto, que surge a partir do emprego de pronomes e verbos na primeira pessoa do singular; b) uma engajada, na qual o locutor pertence ao grupo dos jovens, numa espécie de porta-voz dessa coletividade, que emerge a partir do emprego de pronomes e verbos na primeira pessoa do plural e da defesa da tese mediante a apresentação de um argumento favorável a ela; c) uma experiente, em que o locutor se afasta dos jovens, se coloca como não pertencente a esse grupo, que aparece a partir do emprego de pronomes e verbos na terceira pessoa do plural e da defesa da tese mediante a apresentação de um argumento desfavorável a ela (contra-argumentação); d) uma didática, em que o locutor parece tomar cuidado com a compreensão de seus leitores (auditório) e, possivelmente, com a aceitação da tese defendida, a medida que, ao somar, contrapor e exemplificar argumentos, o locutor emerge como um ser que conduz o interlocutor no entendimento de seu posicionamento, ao mostrar que tem conhecimento do assunto.

Dado o exposto, acreditamos ter atingido nosso objetivo e comprovado nossa hipótese. Realizado este estudo, almejamos que análises e reflexões de materialidades linguísticas a partir da Linguística da Enunciação possam fazer parte do dia a dia em sala de aula de línguas na Escola Básica.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 8. ed. Cotia: Ateliê, 2005.
- AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2014.
- ANTUNES, I. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola, 2005.
- _____. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977. p. 278-326.
- _____. A interação verbal. In.: BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais de método sociológico da linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009. p. 114-132.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- _____. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- BEAUGRANDE, R. A.; DRESSLER, W. U. **Introducción a la lingüística del texto**. Madrid: Ariel, 1997; 1981.
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas: Pontes, 1991.
- _____. _____. Campinas: Unicamp, 1995.
- _____. **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.
- BENTES, A. C. Lingüística textual. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. v. 1. São Paulo: Cortez, 2008. p. 245-287.
- BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio: v. 1. Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília, 1997; 1998.
- CAMPOS, E. M.; CARDOSO, P. M.; ANDRADE, S. L. **Viva Português**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2015.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português: linguagens**, 7º ano. 7. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2012.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. rev. ampl.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

DOMÍNGUEZ GARCÍA, M. N. **La organización del discurso argumentativo: los conectores**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2002.

ECKERT, G. P.; PINTON, F. M., 2015. In: PINTON [et al.]. **Para ler e produzir artigos de opinião na escola**. Santa Maria, RS: UFSM, CAL, DLV, 2016.

FARACO, C. A. Ensinar X Não ensinar gramática: ainda cabe essa questão? **Calidoscópico**: São Leopoldo, Vol. 4, n. 1, p. 15-26, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/5983>> Acesso em: 01 set. 2017.

FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 1990.

FERNANDES, I. C. S. **Los marcadores discursivos en la argumentación escrita: estudio comparado en el español de España y en el Portugués de Brasil**. 2005. 735 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Salamanca, Salamanca, 2005. (Coleção Vitor).

FIORIN, J. L. **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. (Orgs). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012. p. 145-165.

FLORES, V. N. A enunciação e os níveis da análise linguística. In: Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso, p. 396-402, 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: SITED, 2010. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sited/arquivos/ValdiridoNascimentoFlores.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

_____. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2013.

FLORES [et al.]. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.

GALLARDO, S. Funciones del conector adversativo en la interacción comunicativa entre periodista científico y lector. In: EZQUERRA, M. A. (org). **Lingüística Española Actual**, XIX /2, 1997. p. 173-84.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. Leitura e produção. 2. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

KNACK, C. **Texto e Enunciação**: as modalidades falada e escrita como instâncias de investigação. 2012. 189 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

KOCH, I. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1993.

_____. **Argumentação e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1996.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da Enunciação**. 1. ed. Curitiba: Criar, 2006.

MARCO, M. A.; GARCÍA, M. J. B. **La cortesía en la comunicación**. Madrid: Arco Libros, 2013.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTÍNEZ, R. **Conectando texto**. Barcelona: Octaedro, 1997.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos de português**. São Paulo: Unesp, 2011.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação**: A Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: ALB; Mercado de Letras, 1996.

RODRÍGUEZ, C. F. **La gramática de la Cortesía en español/LE**. Madrid: Arco Libros, 2010.

SILVA, E. M.; ARAÚJO, D. L. Redação no vestibular: efeito retroativo da noção de gêneros textuais. **Trabalho de Linguística Aplicada**, Campinas, v. 48, n. 1, p. 133-152, jan.-jun. 2009.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução Rodolfo Ilari. 3. ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Comissão Permanente do Vestibular. **Prova de redação no vestibular da UFSM 2014**. Santa Maria, 2014.

ANEXO A – ARTIGOS DE OPINIÃO

Artigo de opinião nº 1

1 A conexão está dando problema.

2 A sociedade modificou-se ao longo do tempo. A maioria dos nossos
3 jovens passa o dia todo conectados e acaba criando uma vida
4 virtual, onde muitas vezes escreve mais do que deveria. Mas afinal,
5 esta juventude conectada é o reflexo da evolução ou nem se tornam
6 de um problema social? Já não é mais novidade, e sim um problema.

7 Muitos jovens não querem mais sair de casa para encontrar os ami-
8 gos, dizem que é bem mais prático combinar com a galera todo on-
9 line. Estão, de certo modo, revoltando a ser homens da caverna. A ju-
10 ventude que clama por liberdade é a mesma que se esconde atrás
11 da tela de um computador. Segundo especialistas, todo esse tem-
12 po que o jovem fica conectado ajuda a ~~desregulillar~~ desequili-
13 brar as relações pessoais, afasta-o da família e do comércio so-
14 cial e pode também afetar o materialismo do jovem.

15 Em contrapartida, inúmeros jovens alegam que é através da im-
16 ternet que conseguem desinibir-se mais. Há relatos de pessoas
17 antes tímidas e que agora conseguem falar em assunto ou
18 mesmo montê-lo. Conforme pesquisa realizada pela Telefônica
19 em parceria com outras instituições, a maioria dos jovens usa
20 a internet para conhecer outras pessoas ou mesmo manter amiza-
21 des à distância. Essa mesma pesquisa revelou-nos que muitos jo-
22 vens usam a navegabilidade como plataforma de estudos, o que
23 já torna bem mais útil o período conectado.

24 Portanto, os jovens fazem dos aparelhos que usam para conectar-se,
25 uma extensão do próprio corpo. Para muitos, vale mais uma mensagem
26 trocada do que um olhar sincero, visto que sim, isso tornou-se
27 um problema do século XXI, ou como chamamos na literatura, esse
28 é o mal do século. A juventude é tão bonita para ser visível
29 atrás de uma tela, por isso saia, divirta-se, comente, deixe o
30 mundo virtual de lado e viva o real. Viva o agora.

Artigo de opinião nº 2

1 A evolução social dos jovens na era digital
2 O avanço da tecnologia aliado à internet encontra os jovens, que gastam
3 horas do seu dia conectados. As principais atividades desempenhadas pelos jovens
4 - comunicação, lazer, leitura, educação, comércio, governo e transações financeiras -
5 conforme a pesquisa publicada pela Fundação Telefônica Vivo em parceria com o
6 IBOPE, Instituto Paulo Montenegro e a Escola do Futuro da USP que buscavam
7 dados sobre o comportamento dos jovens na era digital.
8 Não só com os jovens, mas também com todas as faixas etárias que utilizam a
9 internet, se beneficiam com a facilitação da comunicação, circulação de
10 notícias e o acesso a estudos e pesquisas ou qualquer outro tipo de conteúdo.
11 Porém, a internet também tem seu lado ruim como a diminuição da integração
12 entre os jovens e a família ou amigos e também correm o risco dos perigos
13 da internet como conversar com estranhos e a circulação de informações pessoais.
14 Stephen Kamitz, consultor de empresas e conferencista, afirma: "A internet tem
15 sido aclamada como um grande avanço para a democracia. De fato, nunca
16 tantos puderam manifestar as suas opiniões, [...]" Os jovens estão cada
17 vez mais críticos e participativos como nas manifestações de 2013, as quais
18 só tomaram grandes proporções graças ao uso das redes sociais.
19 A evolução social acontece por meio dos jovens conectados conscientes que
20 sabem dividir e organizar seu tempo com responsabilidades, necessida-
21 des, e ainda assim continuam conectados.

Artigo de opinião nº 3

A Necessidade de conexão

1
2 Nos dias atuais é de extrema importância
3 reconhecer que a internet tem forte influência sobre
4 a opinião que os jovens possuem acerca do mundo
5 e o que ocorre no dia a dia, podemos tomar como
6 exemplo as manifestações em 2013, onde um grupo de
7 jovens criou um tópico para discutir sobre o aumento
8 das passagens de ônibus em São Paulo, o que acabou gerando
9 os enormes passeatos, que em seu auge já não visavam
10 pedir a redução das passagens, mas reeditavam o fim
11 da corrupção no governo.

12 Dependendo do contexto em que a internet é utilizada
13 ela pode auxiliar em nosso convívio com as
14 demais pessoas, como comunicar-se com amigos
15 virtuais ou interagir com pessoas de outros países tanto
16 para trazer informações ou conhecer suas culturas, mas
17 de algumas maneiras isto pode nos trazer prejuízos, por exemplo,
18 ficar conectado muito tempo e não conviver com as
19 pessoas próximas a nós, comprometer nossos estudos.

20 De modo geral a conectividade nos torna informados sobre
21 os assuntos de atualidade, depende unicamente de nós
22 procurar as informações que nos sejam úteis.

23
24
25
26
27
28
29
30

A Voz Ativa da Juventude

1
2 No mundo globalizado a internet tem se tornado uma
3 ferramenta indispensável para os jovens. Além de estimu-
4 lar a comunicação e a criatividade, é frequentemente usa-
5 da para ser nossa voz ativa na sociedade.

6 Tanto nas manifestações de junho de 2013, como em
7 campanhas de doações de roupas, calçados ou mesmo visi-
8 tas a lares de caridade, provamos ser possível a união entre
9 diversas pessoas em prol de ações que levam a grandes mu-
10 danças.

11 Se durante a Ditadura Militar, a juventude manifesta-
12 va-se através de peças teatrais, ou emissoras de rádio, a
13 internet é hoje, o atual agente social.

14 Apesar de todos esses movimentos integracionistas, há
15 quem diga que a internet afasta as pessoas e aliena os
16 jovens. Porém, até os hábitos mais saudáveis (como exercí-
17 cios físicos, por exemplo), se em excesso trazão malefícios.
18 Por isso esse julgamento não é válido para aqueles jovens
19 conscientes que sabem fazer uso moderado da internet.

20 Além disso a grande exposição virtual pode se tornar
21 até benéfica, quando por meio de um simples "post", a Polí-
22 cia pode chegar às causas de um suicídio, por exemplo.

23 Portanto a inclusão digital é uma evolução, uma manei-
24 ra de nos manifestarmos sem sair de casa, iniciar possíveis
25 revoluções com um "clic" e o melhor lugar, dentre todos os
26 meios de comunicação, para nos expressarmos livremen-
27 te.

28

29

30

Artigo de opinião nº 5

1 Benéfico se na cose certa.

2
3 É impossível negar que o século XXI realmente está sendo a
4 era da conexão. Não é preciso ser perito no assunto para perceber que,
5 para a maioria dos jovens, o celular tornou-se um objeto indis-
6 pensável na hora de realizar qualquer ação ou tarefa do
7 dia a dia. Realmente, portar um aparelho com acesso à internet
8 já se tornou tão necessário quanto escovar os dentes após as
9 refeições.

10 Nos últimos anos, um grande vulto tecnológico tomou conta dos
11 países desenvolvidos, e agora, tal novidade cada vez mais chega em
12 mãos mais, aqui no Brasil. Essa tecnologia nos permite incurrir
13 distâncias e nos comunicar com várias pessoas ao mesmo
14 tempo, ganhando tempo e até dinheiro, no caso de uma empresa.
15 Contudo, como toda moeda tem seus dois lados, o uso do
16 celular também apresenta seu lado mais perigoso.

17 Pesquisas comprovam: o uso não cessará neste pequeno apare-
18 lho, pode causar problemas familiares, uma vez que, com o passar
19 dos anos, ~~as~~ mães, filhos e irmãs mantêm cada vez menos con-
20 tato afetivo, dando mais importância a amigos ou até mesmo a
21 pessoas desconhecidas, conectados em chats, por exemplo. A longo prazo,
22 pode causar problemas nas articulações dos dedos e até graves
23 problemas de visão.

24 Ainda assim, a tecnologia veio para facilitar nossas vidas
25 e, se bem utilizada pode contribuir muito. Sou fortemente a favor,
26 pois se usada pelos pais, desde pequena, uma criança, por exem-
27 plo, pode não fazer um ótimo profissional desta sem ser prejudicada,
28 se tornando assim, uma evolução. Desta forma, ^{depois} futuramente
29 ^{juventude} não alienados e com fácil acesso a informação, podendo
30 assim se tornar ótimos profissionais.

Artigo de opinião nº 6

Cabeças Alienadas

1
2 A Atual Juventude, que parece tão descolada e bem informada, está cada vez
3 mais ignorante. Posso afirmar que faço parte da primeira geração que pôde desfrutar, em
4 massa, do uso da internet, porém o que deveria ajudar, até hoje só vi atrapalhar.

5 O modo como os jovens usam a conexão não deve ser considerado um problema
6 social, mas sim um problema pessoal, pois vem de cada um, do modo de
7 ser e de agir, principalmente de pensar. Um meio tão rico em informações não
8 pode ser considerado um vilão da sociedade, pois é da escolha de cada um o
9 seu uso, enquanto alguns desfrutam de sua capacidade informativa, outros
10 o tornam inútil, quando se fala de agregar inteligência e conhecimento.

11 Provavelmente o método de comunicação mais eficaz criado pelo homem, depois
12 da linguagem, a internet acabou se tornando um modo de lazer. Assim como
13 usamos apenas 10% da capacidade de nossa mente, acredito que não usamos
14 ou desfrutamos nem da metade das coisas boas que a internet pode nos
15 oferecer. Em tudo que faz o ser humano moderno procura unir o útil ao agradável,
16 mas nesse caso o agradável virou prioridade e o meio que deveria aproximar
17 as pessoas acabou afastando.

18 Acredito que a internet acabará resultando em um novo método de vida, mais
19 individualista, com os mesmos jovens que hoje tanto falam em liberdade,
20 viveremos de uma forma mais independente. Pois ao mesmo tempo que ela
21 nos prende na frente da tela, ela nos mostra uma visão de mundo totalmente
22 diferente da qual somos acostumados. A conexão em massa foi um novo
23 começo, de uma nova era.

24 Ter a juventude conectada foi um presente da democracia, e mais do que
25 tudo o símbolo máximo da globalização. A interação que isso nos propôs, lá
26 no futuro será utilizada, por estes mesmos jovens de hoje, como uma forma de
27 agregar tudo o que ainda falta de bom na nossa sociedade. Com a
28 civilização conectada e interagindo, teremos a harmonia.

29
30

Artigo de opinião nº 7

Compartilhando evolução

1
2 Hoje, vem-se por meio deste jornal falar de um tema que tem sido pauta nos últimos anos,
3 a nova era digital, na qual grande parcela da população está conectada à internet. Já
4 procurada pelas cidades, a internet fornece informações importantes para o mesmo dia
5 a dia. Podemos ter acesso à notícias, empregos, medicina, manifestos, imagens e vídeos
6 que oportunizam a realignação de negócios no lugar em que o usuário estiver conhecendo
7 diversos locais através de mapas. Além disso, auxilia na formação de uma população mais
8 social, em que um indivíduo interage com o outro por meio de bate-papo, comentários,
9 entre outros meios disponíveis nas redes sociais, incluindo assim, depois de um tempo a
10 convergência de se comunicar pessoalmente.

11 Como leitor, estar conectado é sinônimo de evolução. Como acesso à internet temos maiores
12 chances de aprimorarmos mesmo conhecendo. Há fácil acesso para a realignação de estudos
13 e pesquisas, pois ela é fonte de inúmeros conteúdos, livros, filmes, documentários, ar-
14 tigos, entre vários outros recursos de auxílio didático para os usuários.

15 Contudo, a internet é também muito utilizada para lazer e passatempo.
16 Os internautas se divertem assistindo filmes, vídeos e desenhos animados. Há aqueles que
17 ficam rindo jogando. Outros preferem ler e se comunicar, cada um aproveitando
18 de sua jeito, satisfazendo a sua vontade, desde que não seja de maneira exagerada
19 e uma evolução.

20 Com o intuito dos aspectos mencionados, percebe-se que a internet está em constante
21 evolução. Há diversos benefícios ao utilizar a internet, porém se não for de
22 maneira moderada e para bons fins este meio pode sim trazer prejuízos. É pre-
23 ciso cuidado ao publicar e se manifestar nas redes sociais, cada pessoa inter-
24 preta de uma maneira, também não podemos nos distanciar das pessoas e se comu-
25 nicar apenas pela internet. Para evoluir, basta saber usar. E para ve-
26 cer leitor, a internet traz ganhos ou prejuízos?

27
28
29
30

Artigo de opinião nº 8

Das redes para o mundo.

1
2 Ao longo da história da humanidade o desenvolvimento de tecnologias, como
3 o sistema de impressão de Guttemberg e o papel, na China, foram de grande impor-
4 tância para a disseminação de informações. Porém, nenhuma influenciou tanto a socie-
5 dade de seu tempo quanto a internet, a qual é ~~representante de~~ uma valiosa
6 aliada da população, tanto em âmbito pessoal quanto social, principalmente jovens.

7 A rede virtual abriu um espaço para a difusão de conhecimentos em dimen-
8 sões sem precedentes. Sites como o "You Tube" e "TV Escola" dispõem de vídeos
9 históricos, documentários e programas informativos gratuitos, constituindo, dessa
10 maneira, um acervo cultural aos internautas. Ademais, uma recente reportagem
11 publicada no jornal Zero Hora relatou que os blogs e redes sociais na internet
12 propiciam a visibilidade de novos talentos, como as chamadas "blogueiras". Essas me-
13 mias postam seus trabalhos com medo e autocrítica nas redes, atraindo fãs e
14 investidores, o que não raro leva a uma carreira e ao sucesso profissional adiante.

15 Além de constituir um acervo cultural e revelar talentos, a internet também
16 é uma evolução ao permitir aos jovens conectados a participação em assuntos socio-
17 -políticos. Um exemplo foram as manifestações ocorridas em junho de 2013, a qual,
18 uma vez organizada nas redes sociais, levou diversos jovens às ruas em favor da
19 revoação do aumento das tarifas das paradas de ônibus, em diversas regiões do Bra-
20 sil. Vale ressaltar, ademais, a ativista cubana Yeani Sánchez, a qual fez uso
21 da rede virtual para denunciar a repressão à liberdade de expressão em seu
22 país, ato praticado pelo governo, o que ometia a jovem cubana.

23 Nesse modo, pode-se perceber que a internet e as redes sociais são uma
24 ferramenta que traz grandes benefícios aos jovens conectados a elas, seja no
25 âmbito pessoal ou social. Assim é imprescindível que seu uso seja difundido
26 nas escolas e locais públicos, para que todos possam ter acesso às informa-
27 ções e discussões, o que é fundamental para a formação profissional e cidadã
28 dos adolescentes. A rede que interliga e conecta informações é a mesma que pro-
29 jeta o jovem para o mundo globalizado.

Artigo de opinião nº 9

Dubiedade Virtual

1
2 Mocinha ou vilã? O que torna a internet tão agradável-
3 vel para jovens e preocupante para pais e pesquisadores?

4 O uso da internet é difundido pelo mundo, há a
5 ~~possibilidade~~ possibilidade de acessá-la em simples toques com o
6 uso de um celular - realidade distante de anos atrás, quan-
7 do era necessário uma sala inteira para o funcionamento
8 de um único computador. A facilidade de estar em con-
9 tato com o mundo torna-se fascinante, e, a medida que
10 bem utilizada, auxilia adolescentes nos estudos (vide bancos de
11 pesquisa e artigos on-line, fóruns de discussão, video-aulas), nas re-
12 lações interpessoais, por meio de redes sociais, e, inclusive, a
13 formar cidadãos conscientes e informados.

14 A utilização indiscriminada da rede, entretanto, pode gerar
15 acesso a informações deturpadas, logo causando comportamento
16 inconsequente dos jovens, como o de um "hater" (odioso, em tra-
17 dução livre do inglês). A exemplo, recentemente, uma moça foi ata-
18 cada e ameaçada de estupro em por um desses grupos vir-
19 tuais; a solução, encontrada por ela, foi entrar em contato com
20 os respectivas mães pelo "Facebook", deixando-as a par da situação,
21 ou seja, da forma que, infelizmente, seus filhos navegam.

22 Frente aos fatos, é cabível uma analogia. Podemos ver o jo-
23 vem conectado como um cordeiro, sendo capaz de fazer uso da
24 rede positivamente, como uma ferramenta de evolução social e pes-
25 soal; ≠ assim como um lobo, deixando-se alienar, utilizando
26 a internet inadequadamente, ~~deixando~~ preocupando pais e fazendo
27 com que pesquisadores fiquem atentos.

28
29
30

Artigo de opinião nº 10

Internet: grande aliada ou perigo oculto?

1
2 Os jovens possuem, atualmente, um grande acesso à internet e às informações que nela
3 encontramos. Graças a isso, a juventude pode estar muito mais atualizada e informada quanto
4 a diversos assuntos. Mesmo assim, quando o uso da internet se torna indevido, ela não se torna
5 tão útil quanto poderia.

6 O computador e o celular, aliados à internet, já fazem parte da vida das pessoas do mundo
7 todo. Com eles, podemos pesquisar sobre qualquer assunto e teremos a informação quase ime-
8 diatamente ao nosso dispor, além de poder compartilhá-la depois com outras pessoas. Essa facilidade
9 de acesso permite que a juventude atual possa estar muito mais bem-informada sobre
10 tudo o que acontece pelo mundo. Muitas pesquisas realizadas nesta última década demonstram
11 que a internet possibilita aos jovens a chance de estarem muito mais informados do que
12 estariam sem o uso dela, e conforme passam os anos, essa vantagem tem crescido cada vez mais.

13 Apesar disso, estar conectado possui suas desvantagens. Muitos jovens perdem seu tempo ao
14 navegar a internet durante um dia inteiro apenas para atividades de lazer, como jogos eletrôni-
15 cos, ou em redes sociais. No caso das redes sociais, onde se pode compartilhar informações diversas
16 ou mesmo fazer amigos, ocorre o caso da exposição desnecessária das pessoas. Os jovens costumam
17 publicar muitas informações desnecessárias sobre si mesmos, se tornando vulneráveis a aproxi-
18 madores. Eles usam as informações dos outros para humilhá-los pelas redes sociais ou mesmo
19 para se passar por confidências, apenas para depois reidentificar ou revelar suas atividades. Segundo
20 dados da Polícia Federal Brasileira, o número de casos em que o culpado de um crime usou o
21 anonimato da internet para cometê-lo aumentou significativamente desde a popularização das
22 redes sociais.

23 A internet pode ser uma grande aliada para nos informarmos sobre diversos casos, mas
24 para isso devemos saber usá-la. Os jovens deveriam se atentar mais quanto ao que publicam
25 nas redes sociais, para evitar se criminosos ocultos. Se a internet for usada devidamente, nossos
26 jovens se tornarão uma geração de pessoas mais inteligentes e com menor criminalidade.

27
28
29
30

Artigo de opinião nº 11

Jovens conectados e alienados

1
2 A internet é uma grande evolução dos meios de comunicação. Podemos até dizer que
3 é uma extensão do corpo de muitas de nós, mas, principalmente, da jovem, grande uti-
4 lizar dela. São reconhecíveis suas inúmeras contribuições à sociedade. Porém, é
5 importante discutir os problemas e as consequências do uso desmedido pelas jovens,
6 o que pode vir a ser prejudicial à sociedade.

7 Apesar da internet ser rica em conteúdo, a jovem não explora todo o potencial
8 dela. Por exemplo, em vez de utilizar diversas fontes e "sites" para realizar uma pes-
9 quisa e diversificar seus conhecimentos, a jovem prefere a facilidade do "copy e cola".
10 Tal (af) atitude está formando uma "geração de acomodados", que poderão ter dificul-
11 dade de construir conhecimentos ou ideias novas, como afirma Marcio Padilha,
12 especialista em Educação e Tecnologia.

13 E você acha que estar conectado é estar informado? Não se engane, pois a In-
14 ternet, quando mal (tudo) utilizada, pode deixar você alienado da realidade das
15 fatos. O jornalista do "Folha", Paulo Alberto, explica que se a jovem tem as redes
16 sociais como principal fonte de informação - o que é muito comum - ele tem di-
17 ficuldade de construir opinião própria, uma vez que recebe opiniões já forma-
18 das, com ponto de vista de outro, na rede social.

19 Além disso, muitos dizem que a internet aproxima pessoas. No entanto, ela
20 afasta quem está próximo. É o que infelizmente vemos ocorrer: jovens vidradas
21 em seus celulares que não dedicam atenção à quem está à sua volta. Para
22 Nair Esbittans, psicóloga da Universidade Federal de Brasília, isso pode acar-
23 retar, no futuro, em dificuldade ou impossibilidade de convivência interpesso-
24 al em situações comuns, como no trabalho ou em um relacionamento.

25 Por fim, percebemos que apesar das jovens estarem conectadas a todo
26 momento, elas paradoxalmente estão se desconectando do mundo que
27 está à sua volta. Precisamos incentivar o bom uso da rede (para) para
28 aproveitar todas as suas possibilidades e assim, minimizar seus
29 problemas sociais.

30

Artigo de opinião nº 12

Jovens conectados: um problema social.

1 A internet, assim como o jogo, está em todos os lugares: em padaria-
2 os, festas, bancos e agora até em manifestações. E não é por acaso que se
3 faz essa comparação entre eles, já que os dois estão sempre juntos. O jovem está
4 cada vez mais conectado. O que já virou problema a proporção que o jovem
5 assim como faz amizades pode tornar-se ainda mais sozinho. Essa techno-
6 logia tem o poder de determinar vidas apenas com simples palavras e "clicks". É
7 não isso uma evolução? Eu acredito que não.

8 Atualmente, temos a mania de estar sempre conectados. Quem não
9 tem celular com internet é considerado um alienado. Entretanto, será
10 que os alienados são mesmo eles? Ou somos nós que nos deixamos entrar
11 em um mundo paralelo vicioso em vez de aproveitarmos uma boa con-
12 versa em família? É terrivelmente visível o quanto os jovens deixam de
13 ir ao parque, ao cinema para ficar horas conectados. As pessoas já
14 não se encontram mais pessoalmente, agora tudo é virtual.

15 Além, estar conectado que problemas tanto sociais quanto físicos
16 e psicológicos (sim, físicos e psicológicos), pois ao abdicarmos horas de
17 sono e refeições para ficarmos conectados nossa imunidade cai, fazem-
18 do-nos ficar mais propícios a contrair doenças, e isso pode até ocasionar
19 depressão. Além da obesidade, já que não temos mais tempo nem
20 para nos exercitar.

21 Por isso digo: não sabemos fazer o bom uso da internet. Não temos
22 limites e suficiente para desfrutar tanto a vida social e a vida virtual. Se-
23 gundo a pesquisa da Fundação Telefônica disse apenas 5% dos jovens
24 usam a internet com variedade. O resto usa para adquirir informações
25 supérfluas e isso que um problema social, pois são jovens com informa-
26 ções inúteis que se tornam os adultos que irão ser nossos profissionais
27 e políticos. Queremos isso para o futuro do nosso país? Eu não quero.

29

30

Artigo de opinião nº 13

1 Jovens do século XXI: conectando-se e evoluindo

2 Como nasci na década de noventa e vivi maior parte de minha infância no século XXI, o

3 século da tecnologia e da comunicação, considero-me, como muitos outros, uma criança da era digi-

4 tal. A internet teve um papel importante na minha auto-identidade quando adolescente, e hoje

5 ouço como uma ferramenta indispensável para sobreviver no mundo adulto. Porém, como todas

6 as ferramentas, primeiros deve-se aprender a usá-la corretamente, para que seja um benefício,

7 e não um problema.

8 Apesar de ser uma amante dos livros, admito que não há melhor meio de circulação de co-

9 nhecimentos que a internet. Todas descobertas, teorias, obras artísticas e acontecimentos estão

10 disponíveis na rede e ao nosso alcance atualmente. Jovens de todo o mundo podem injetar-se

11 sobre qualquer assunto. Uma pesquisa realizada pela Universidade de Michigan constatou que todo

12 o conhecimento adquirido pelos estudantes universitários está disponível na internet.

13 Além de aprender por meio da internet, nós jovens nestes tempos mais eutícos. A geração anti-

14 sista à nossa infelicidade dependeu inteiramente na televisão, no rádio e nos jornais para saber

15 o que acontecia no cenário político, em uma época em que a censura via aplicada. Nós, crianças

16 da era digital, temos acesso a notícias do mundo inteiro por meio de inúmeros sites na rede,

17 nos quais podemos opinar e discutir abertamente questões políticas.

18 Muitos pais e professores se preocupam com o uso excessivo das redes sociais pelos jovens, que

19 muitas vezes preferem se relacionar no mundo virtual, do que no real, utilizando excessivamente

20 celulares, inclusive em horários de aula. Porém, isso não é um problema sem solução, nem uma

21 condição que atinja a todos. Como uma ferramenta, precisamos aprender a utilizá-la corretamente

22 adequadamente. De acordo com o psicólogo e professor da UFESPA, Klaus Lamb, o uso exagerado das

23 redes sociais prejudica a aprendizagem e a socialização dos adolescentes, além de, possivelmente, ferir

24 suas privacidades. Devemos, portanto, usar redes sociais com moderação.

25 Vivemos em um período inusado da história. Nossa tecnologia evoluiu exponencialmente, e

26 temos acesso à maior enciclopédia do mundo: a internet. Seu uso, principalmente por

27 jovens, quando feito adequadamente, significa uma grande evolução para a sociedade.

28

29

30

Artigo de opinião nº 14

1 Juventude conectada, um problema social

2 A internet é um excelente meio de comunicação e também
3 uma ótima ferramenta de pesquisa. Entretanto, este meio está
4 em mau uso pela população jovem que a usa de maneira
5 exacerbada e evitamos nos comunicar-se e nos estudos

6 O mal da chamada geração Y é o uso em demora
7 da internet e suas redes sociais. O jovem está conectado o
8 tempo inteiro teclando e interagindo com seus amigos, porém
9 na amizade online não há a ~~tem~~ emoção da troca de olhares,
10 a identificação do sentido do assunto pelo tom de voz ou o
11 olhar do outro e não se difere a verdade da mentira.

12 Há também o uso indevido dessa ferramenta de pes-
13 quisa. A internet criou uma geração de preguiçosos, não há
14 mais a busca de determinado tema em livros didáticos, pois
15 é mais rápido e fácil procurar na internet. A pesquisa virou
16 um verdadeiro copia e cola, muitas vezes de fontes não con-
17 fiáveis e não verificadas, e sem a análise do conteúdo e
18 leitura crítica.

19 Sendo assim, creio que cabe aos pais a correção destas
20 atitudes com o estímulo de algumas ações e a proibição
21 de outras. Deveria haver um limite ao acesso à internet e o
22 doutrinamento do jovem para o uso de livros como objeto prin-
23 cipal de pesquisa. Deveria também haver o estímulo à
24 conversas reais e prolongadas e reuniões sem o uso de
25 objetos com acesso à internet entre o filho e amigos.

26

27

28

29

30

Artigo de opinião nº 15

Juventude virtual: excesso de "clicks".

1
2 Estamos vivendo em plena era digital, na qual a comunicação tornou-se
3 absurdamente rápida e fácil. É possível estar em diversos lugares ao mesmo
4 tempo, descobrir diferentes culturas sem sair de casa, conhecer pessoas de várias
5 partes do mundo, experimentar variadas emoções, adquirir inúmeras conheci-
6 mentes, tudo isso em tempo real e com um custo relativamente baixo,
7 porém o excesso de informações que chega até nós e a ampla conexão
8 que possuímos, estão, de certa forma, nos tornando seres virtuais, vici-
9 ados em "clicks" e que possuem uma enorme necessidade de estar
10 e ficar conectados por mais tempo.

11 O convívio social e as relações interpessoais estão sendo esquecidas e
12 estão se tornando algo do passado. As crianças já nascem com uma
13 capacidade tecnológica mais avoada, o que não é tão ruim, pois
14 essa capacidade pode ser desenvolvida e aprimorada para ser utilizada
15 em prol da humanidade, porém devido ao sistema social em que estão
16 inseridas, elas tornam-se jovens altamente dependentes da tecnologia
17 e com um nível de convívio social, ~~(significativo)~~ significativamente,
18 baixo.

19 Diante disso, por mais que a internet e o sistema de comunicação
20 trouxeram inúmeros benefícios e avanços para a sociedade atual e, se
21 fazem necessários e úteis na atualidade; inúmeros motivos estão tor-
22 nando-a uma arma silenciosa, que devido ao seu mau uso está
23 atingindo o núcleo da essência humana, pois a conversa cara a cara,
24 a troca de olhares, o sorriso que "bata no canto do rosto", a troca
25 de afeto, as abraços, os apertos de mão, tudo isso está sendo deica-
26 do de lado. Os amigos reais estão sendo trocados por amigos
27 virtuais (que muitos nem existem, ou então quando precisa-
28 mos não podem nos ajudar), a convivência com os amigos, com
29 os vizinhos, com os familiares, enfim, com as pessoas está sendo
30 trocada por "clicks" e o real está deixando de existir.

Artigo de opinião nº 16

Não ha respeito, nem limites!

"Somos jovens, queremos tudo, queremos mais"! A frase é ouvida com frequência em aglomerados juvenis, mas afinal, o que é o tudo deles? A medida que se sentem integrados à sociedade, os jovens acabam por criar um mundo virtual idealizado. Também, grande parte da juventude nas redes sociais não sabe defender um ideal, visto que não aceitam opiniões diversas, e sempre que contrariados, agredem.

Sejo todos os dias colegas e amigos conversando na internet a poucas metros uns dos outros. A "integração" virtual desintegrou o bom e velho abraço, o aperto de mão, dentre outros, que foram trocados por emoticons e mensagens prontas. Além disso, a internet retrocede o ser humano, pois deixa-o apático aos acontecimentos importantes para a vida do país, e fica restrito apenas ao mesmo número de "amigos" - que nem sequer conhecem-se - as mesmas músicas e assuntos, vivendo assim num mundo fechado em que se pode acalar com chatice e problemas com um "clique".

Outro lado obscuro da tecnologia - que me assusta - é a transgressão de direitos. O preconceito, o racismo e o desrespeito prevalecem nas discussões de região "contra" região de nosso Brasil. Por não terem argumentos, os jovens partem para a agressão verbal, em que diminuem, humilham e se sobrepõem aos demais. Segundo a Revista Nova Escola, 40% dos internautas temem sofrer o bullying virtual, o que prova que o uso inadequado da internet acala por oprimir os indivíduos, evidenciando a falta de respeito nas redes sociais.

Logo, penso que para sanar tudo aquilo a que os jovens desejam e exigem, é necessário incentivar o uso dos fatores positivos da tecnologia: o lazer, a informação, o estudo, dentre outros, bem como primar pelo uso correto da internet. Também, ~~deve~~ devemos estimular e exigir a abordagem do estudo dos Direitos Humanos em sala de aula, para que as crianças de hoje - adultos de amanhã - aprendam a respeitar e amar o próximo.

Artigo de opinião nº 17

Nativos digitais

1
2 Homens mudam, a sociedade evolui, para que
3 isso aconteça, são necessárias adaptações e melhorias no
4 cotidiano. A tecnologia nada mais é do que um
5 conjunto de ferramentas com um único objetivo:
6 facilitar a vida de ~~quem~~ quem as utiliza. (Pá con-
7 travenárias)

8 A geração conectada é constituída principalmente
9 por jovens nascidos na sociedade da era digital, de-
10vido a isso, não seriam capazes de adaptarem-se a
11 uma retina "desconectada". Justamente neste ponto que
12 se encontra o problema, estes jovens tornam-se dependem-
13 tos. Tudo pode ser feito "online", conversar, namorar, jogar,
14 se divertir e até estudar. Sim, estudar na internet é bem
15 mais fácil!

16 Mas será ela (internet) a solução dos nossos problemas
17 ou uma forma diferente de encará-los?

18 No mês de Novembro deste ano (2014), a revista
19 *Pólis* publicou alguns artigos sobre a temática e os au-
20 tores alegam (ancorados por pesquisas) que esta geração
21 acostumou-se com a velocidade e praticidade dos aplicativos e
22 por isso, espera que a vida aconteça dessa forma. Os autores
23 ainda revelam que as relações pessoais tornaram-se menos fre-
24 quentes e mais difíceis, ou seja, a era digital está conectando
25 as pessoas mas afastando-as fisicamente.

26 A tecnologia vem sim acrescentar nossas vidas, mas os jo-
27 vens e demais usuários precisam estar "ligados" nas relações
28 pessoais e sociais, no contato e afeto físico, no face a face,
29 que não deixa de ser uma necessidade humana
30 fundamental.

Artigo de opinião nº 18

O benefício de estar conectado para os jovens

Nos dias atuais, acredito eu, todos concordamos que está praticamente impossível de vivermos sem estarmos conectados, e onde podemos perceber mais claramente esta teoria é nos jovens, onde quase todos estão conectados ao menos uma hora por dia. Para muitos isto pode ser um problema, mas não vou através deste texto provar que na verdade é um benefício que chegou para ficar.

Ao longo dos anos 80 e 90 muitos jovens sofreram por serem encalçados, sendo assim, tinham a vida escolar muito mais desastrosa por não terem amigos, alguém para conversar, mas com a chegada das redes sociais, internet, e tudo isso que conseguimos atualmente, a geração atual ficou muito mais comunicativa, os amigos pode até parecer e contrária, mas entre aquele grupo de amigos, pode ter certeza que o jovem se sente e fala bastante.

A facilidade para a busca por informações necessárias para o jovem, está aí, segundo a pesquisa realizada pela Fundação Telefônica Vivo, em 2014, 28,7% dos jovens gastam parte de seu tempo buscando informações na internet, e que facilita bastante na aprendizagem de temas gerais.

Mas nem tudo são rosas, não é mesmo? Temos a outra lado onde jovens passam dia e noite totalmente conectados, excluindo-se assim totalmente do mundo exterior. Tomando-se estranhos até mesmo para os moradores da mesma casa, mas com bastante conexão entre os familiares, isto pode ser facilmente evitado.

Podemos concluir então, que a internet chegou como um benefício para os jovens, ajudando em seus relacionamentos sociais, estudos e muito mais, mas com tudo, deve ser usada com cautela, para não ultrapassar a nível e acabar se tornando um problema.

29

30

Artigo de opinião nº 19

Virtual é real

1
2 Vivemos em um mundo conectado, é raro encontrar um jovem que não tenha, pelo
3 menos, um smartphone. Crianças, jovens, adultos, todos (ou a grande maioria) es-
4 tão conectados a internet. Há ainda os que se negam ao uso dela e a criticam.
5 Enfim, o uso da internet sempre dividiu opiniões.

6 Os jovens estão conectados 24 horas por dia, seja trabalhando, estudando, com-
7 prando ou interagindo com amigos, que podem morar perto ou no outro lado
8 do mundo. A internet, a conectividade, a acessibilidade, tudo isso contém seus
9 prós. Por exemplo, já imaginou se sua mãe ou qualquer ente querido tivesse
10 se mudado para longe? Uma ligação pode sair cara, mas com a internet, vo-
11 cê pode sentir como se a pessoa estivesse perto; sites como skype e face-
12 book oferecem esse tipo de serviço.

13 A juventude online é o futuro do país, quantos jovens sem condições finan-
14 ceiras, estudam pela internet? Quantos protestos são organizados virtualmente?
15 Quantas opiniões são dadas online? A resposta para essas perguntas é
16 muitas (as). Os jovens querem conforto, independência e principalmente ter
17 voz, falar e ser ouvido, compartilhar suas ideias. É isso que queremos.

18 Muitos falam que estar conectado é perda de tempo, que os jovens de hoje
19 em dia só querem "facebook" e não querem nada com nada. Uma juven-
20 tude perdida, é o que dizem. Aposto que as pessoas que falam isso, nunca
21 procuraram ver o lado bom da internet, nunca se conectaram, por-
22 que sim, o uso da internet tem seu lado negativo, como o cyberbullying,
23 o distanciamento entre as pessoas, o anonimato, entre outros, mas em tu-
24 do há um lado negativo e com a internet não seria diferente.

25 A internet faz parte da evolução, gostando ou não, temos de nos adap-
26 tarmos a ela, pelo menos, respeitarmos. Olá, jovens, estamos trilhando
27 um futuro melhor e a internet é nossa grande aliada, o que acontece
28 no virtual, toma forma no real, o que digitamos é lido, compartilhado e co-
29 mentado, somos grandes pensadores e lá, na internet, mostramos nossas ideias,
30 nossas opiniões. Posso afirmar que, o futuro do Brasil está sendo construído online.

Artigo de opinião nº 20

Os jovens brasileiros prejudicados

O ser humano não evoluiu e capaz de decidir algo racionalmente, em frente as novas tecnologias torna-se uma criança com seu brinquedo, sem a capacidade de determinar o tempo de uso da ferramenta e avaliar quais recursos serão utilizados. Os mais atingidos diante desta falta de capacidade são os jovens, lembrando os pelos propósitos de jogos e de novas redes sociais, tornando assim pequeno o grupo de jovens, cerca de 5% segundo pesquisas da telefônica, que realmente sabem utilizar a ferramenta de uma forma que seja aproveitada corretamente e não como um jovem brasileiro.

Estas ferramentas são adotadas na atualidade, quando mal utilizadas causam doenças como depressão, além de tornar o jovem preguiçoso, acomodado e até mesmo ridiculamente burro e estereótipo, pois estes não procuram aprender com ajuda da tecnologia e a falta de controle de tempo de uso elimina da rotina de diversos atividades como a prática de esportes, má alimentação e impede até mesmo a leitura de um livro, o que enriqueceria sua imaginação e raciocínio, que estimularia a criatividade.

A falta de controle dos jovens é um problema que atinge a maioria dos famílias na atualidade mas, os serviços tecnológicos são resultado da laica genialidade de seus criadores que talvez em sua juventude foram afetados pelo poder da tecnologia mas não vieram autôcentros.

Para que estes fatores sejam amenizados, os pais têm mediana decisão de primar seus filhos da utilização pois isso causaria diversos conflitos no ambiente familiar, os princípios de autocontrole devem ser (parte) ensinados de forma clara para que os jovens evoluam durante sua vida, para que não se tornem velhos inicialmente desinformados, sem cultura e brasileiros.

Artigo de opinião nº 21

Que tipo de comunicação?

1
2 Deve ser bem ficar conectado. Tão bem que, por muitas vezes, ~~se~~ acaba
3 bem ~~se~~ desconectando-se da realidade. Visitando perfis de outras pes-
4 soas ~~ou~~ falando com seus amigos pela internet, essa é a reali-
5 dade da juventude. Uma juventude mais conectada do que deveria.

6 Os jovens muito conectados devem tomar cuidado. A conexão
7 os aproxima de quem está longe, porém pode os afastar de quem
8 está perto. Temo que se crie uma geração de jovens que não saibam
9 bem se comunicar diretamente, é muito fácil falar em um grupo
10 de 40 pessoas via internet, mas falar pessoalmente, com oratória, é
11 muito complicado.

12 Outra coisa que me desagradava nessa juventude conectada é sobre
13 bre o tipo de conteúdo que circula nesses bate-papos virtuais. Nor-
14 malmente são conteúdos pobres, assuntos que não acrescentam em nada
15 da na formação dos jovens e acaba se tornando uma perda de tempo.
16 Tal perda de tempo que age diretamente sobre os altos índices de
17 sedentarismo, reprovação nas escolas e falta de leitura.

18 Estar conectado não pode ser visto como sinônimo de estar
19 vivo. A conexão deve ser usada para o bem dos jovens, seja na busca
20 centar de informações ou na busca de ~~se~~ conhecimento. O uso para
21 comunicação e lazer ~~se~~ é válido, desde que moderado. Não podemos
22 deixar que essa evolução se torne um problema social, afetando as
23 relações interpessoais diretas.

24
25
26
27
28
29
30

Artigo de opinião nº 22

1 Vamos desligar a internet e ligar as ideias?!

2 Uma pausa na explicação do professor, alguns minutos aguardando os
3 ônibus na parada, em filas ou fazendo reflexões é tempo suficiente para
4 que jovens cheguem suas redes sociais, opinem sobre o tema do momen-
5 to ou, até mesmo, façam uma "selfie". Além de outras coisas, os jovens defen-
6 dem o uso da internet, alegando se tornarem mais sociáveis a partir
7 da conexão, entretanto, a juventude está tão conectada que aperta o "off"
8 para a vida social real e o ambiente presente. Acarretamos, dessa forma,
9 um problema social que impossibilita-os de lutar por seus direitos.

10 "Opiniões demais, a pouca consciência ou preocupação de soluções" é o que publi-
11 cou Stephen Kanitz em seu blog sobre os problemas da internet. Mas co-
12 mo querer preocupação de soluções para os atuais problemas, cujos são fe-
13 ces de debates, re-enquanto os mesmos se desinteressam à sua frente, os
14 jovens tecem sobre conflitos em diversas partes do mundo. O fato é que, a
15 internet nos permite ser unipresentes, mas devido ao uso indevido de
16 se recurso, os jovens alienam-se dos problemas da sua sociedade.

17 A partir da opinião dos jovens quando indagados sobre o uso da
18 internet podemos observar que as sensações e os sentimentos estão sendo
19 substituídos pelas palavras e o conceito de "conhecer" se torna a cada dia
20 mais reatizado. Vale então, salientar que mudanças, a exemplo dos
21 desajustes nas manifestações de junho, só serão alcançadas quando nidos
22 os problemas e sentidos as necessidades do povo. Palavras não bastam.

23 A falsa capacidade crítica e participativa, bem como problemas nas
24 relações interpessoais são problemas sociais que deram a juventude
25 conectada a defender a validade dos "clicks" em detrimento da
26 realidade de vida, necessário para defender ideias. Se a pausa na
27 explicações do professor for dedicada à assimilação de conteúdos e o tem-
28 po não é lido de um texto ou à reflexão dos fatos presentes,
29 aprendemos a pensar e a lutar para diminuir os problemas
30 sociais em nosso país, que já são inúmeros.

Artigo de opinião nº 23

Zumbis também usam a internet

1
2 Sinto falta da troca de olhares, sorrisos, café com
3 os amigos, estamos tão conectados a internet que é só
4 andar um pouco no centro de qualquer cidade que você
5 verá pessoas andando de cabeça baixa com os mãos em
6 um celular, vulgarmente chamadas por mim de "Zumbis
7 Modernos"; uma evolução ou um problema adquirido?

8 Tempos atrás fui a um café, quando um casal que
9 estava na mesa ao lado chamou a garçonete e antes de
10 qualquer pedido, perguntaram a senha da Wi-Fi, nome dado
11 a rede que distribui o sinal de internet, meu sentimento
12 era de pura desconforto, pessoas vão ao lugar para ra-
13 cializar, ~~interagir~~ interagir umas com as outras, mas simples-
14 mente se apegam ao celular como se fosse um órgão vi-
15 tal.

16 Uma pesquisa feita pelo jornal americano The New York
17 Times aponta que de 10 pessoas que moram em capitais 9
18 tem pelo menos 1 vez o contato diário com a internet, e
19 a tendência é aumentar o número para as outras cidades
20 menos populadas. Por um lado pode ser considerado algo van-
21 tajoso dispor de qualquer informação a qualquer momento, us-
22 tando conectado ao mesmo tempo com várias pessoas, para mui-
23 tas uma evolução!

24 Em suma tudo não passa ~~(de)~~ de um problema ra-
25 cial, em que muitas discordam, por um lado a criamos, sim
26 ela, a internet, mas nada que cada um não possa evitar
27 e se policiar de uma extrema, evitando assim ser um
28 "Zumbi Moderno".

29
30

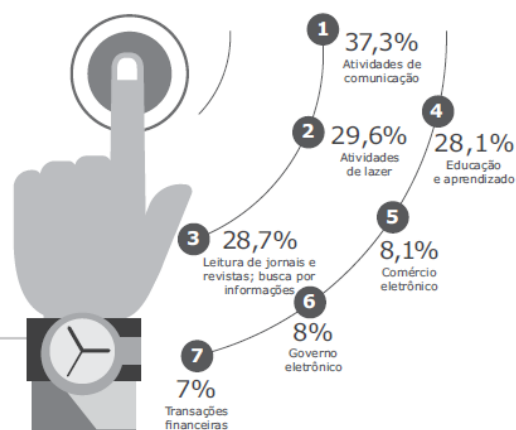
ANEXO B – PROVA DE REDAÇÃO DO VESTIBULAR DA UFSM DE 2014

#juventudeconectada

Em 2014, a Fundação Telefônica Vivo, em parceria com o IBOPE Inteligência, o Instituto Paulo Montenegro e a Escola do Futuro da USP, publicou uma pesquisa sobre comportamentos e opiniões dos jovens na era digital. Foram coletadas informações de 1440 brasileiros alfabetizados de 16 a 24 anos, das classes A, B, C e D, das cinco regiões do país.

As principais atividades desempenhadas pelos jovens conectados estão na figura ao lado.

Os diferentes usos das atividades convidam a refletir sobre ganhos e prejuízos decorrentes das novas possibilidades geradas pelas múltiplas e instantâneas conexões.



FUNDAÇÃO TELEFÔNICA (org.). Juventude conectada. São Paulo: Fundação Telefônica, 2014. p. 50.

O que dizem os jovens...

Eu era mais tímido, mais reservado, mas com a internet passei a me comunicar mais com pessoas desconhecidas, o que me deixou mais sociável.

Muita gente que não tem chance de viajar tem pelo menos a oportunidade de conhecer um pouco. A gente pode conhecer pessoas até que nunca vai ver, que nunca viu.

Durante as manifestações de junho, fui um daqueles manifestantes de sofá. Compartilhei e comentei ativamente nos *posts* relacionados aos protestos.

Redes sociais me deixam ansiosa, porque sempre quero que alguém me responda ou interaja comigo.

A internet nos distancia um pouco das pessoas. Às vezes, falo com meu irmão, e ele está tão vidrado no celular que nem presta atenção.

Hoje as pessoas estão usando muito as palavras e pouco aquela coisa de se encontrar, aquela emoção de olhar no olho.

Acho que a facilidade de acesso a pesquisas e estudos se tornou também a preguiça de estudar. Está tudo na internet, você só copia e cola.

Eu leio muito o que posto. E evito ao máximo opinar sobre algum assunto; as coisas na internet tomam proporções muito maiores do que a minha intenção de dizer.

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA (org.). Juventude conectada. São Paulo: Fundação Telefônica, 2014.

O que dizem os especialistas...

No caso específico do segmento juvenil, o celular confere reconhecimento e ajuda a projetar a individualidade, o estilo de vida e o senso de moda de seu dono. Promove a possibilidade de desenvolver uma personalidade autônoma e independente.

Consuelo Yarto Wong, pesquisadora do Instituto Tecnológico e Estudos Superiores de Monterrey

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA (org.). *Juventude conectada*. São Paulo: Fundação Telefônica, 2014. p. 43. (adaptado)

A internet dá oportunidade a novos modelos de negócios, até então desconhecidos. E, cada vez mais, o jovem percebe que pode, a partir de muito pouco, gerar uma empresa, com capilaridade, com capacidade de escala.

Cynthia Serva, coordenadora do Centro de Empreendedorismo e Inovação do Insper

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA (org.). *Juventude conectada*. São Paulo: Fundação Telefônica, 2014. p. 128. (adaptado)

Os vários protestos que mobilizaram a população brasileira para reivindicar mudanças na política nacional são fortes indicativos do poder integrador que as redes possuem para aproximar as pessoas. Estar conectado é quase um sinônimo de estar vivo.

Vinícius Thomé Ferreira, psicólogo e professor da Faculdade Meridional (IMED)

PORTAL TERRA, 31 ago. 2013. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/ciencia/>. (adaptado)

A internet tem sido aclamada como um grande avanço para a democracia. De fato, nunca tantos puderam manifestar as suas opiniões, antes seara exclusiva de alguns poucos editorialistas de jornais e colunistas famosos. Mas eis que surge um problema. Temos agora opiniões demais, em *blogs, twitter e Facebook*, às vezes com dados falsos, e pouco consenso ou progresso de soluções.

Stephen Kanitz, consultor de empresas e conferencista

O grande problema da internet e da democracia. 14 Jul 2012. Disponível em: www.blog.kanitz.com.br/internet/. (adaptado)

O jovem nativo digital não faz um uso rico da internet. Os que usam com muita variedade são apenas 5%, segundo a pesquisa da Telefônica. Aí está o jovem que tem realmente letramento digital em nível sofisticado.

Márcia Padilha, Especialista em Educação e Tecnologias

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA (org.). *Juventude conectada*. São Paulo: Fundação Telefônica, 2014. p. 167. (adaptado)

A necessidade de aumentar o tempo de conexão, para obter a mesma satisfação, o descumprimento das horas de sono e das refeições e o comprometimento da vida familiar, social, escolar e profissional refletem negativamente no desempenho das tarefas, podendo ocasionar depressão e outros problemas de saúde.

Sylvia Van Enck, psicóloga do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo (USP)

GLOBO, 31 ago. 2013. Disponível em: <http://red.eglobo.globo.com/globodenda/> (adaptado)

E você, o que tem a dizer? Participe da discussão, escrevendo um **ARTIGO DE OPINIÃO** sobre o seguinte tema:

Juventude conectada – evolução ou problema social?

Tendo em vista a norma-padrão e os requisitos para publicação em jornal, seu texto, incluído o título, deve ter, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas.

ANEXO C – CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DOS TEXTOS DO VESTIBULAR DA UFSM DE 2014

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DE TEXTOS ADEQUADOS À SITUAÇÃO COMUNICATIVA E AO TEMA PROPOSTOS NA PROVA

Dimensões	Crítérios para avaliação de ARTIGO DE OPINIÃO	Pontuação máxima
1. Adequação à estrutura global do gênero	1.1 O texto apresenta os estágios composicionais típicos: título; contextualização ou apresentação da questão discutida; tomada de posição quanto à questão; argumentação que sustenta a posição assumida; conclusão com reforço do posicionamento defendido.	1,0
	1.2 As marcas linguísticas presentes no texto permitem distinguir a voz do articulista de outra(s) voz(es).	1,0
2. Adequação ao propósito e ao conteúdo	2.1 A questão proposta para discussão (tema) é contextualizada e abordada com unidade e progressão ao longo do texto.	1,0
	2.2 A tese resume o ponto de vista do articulista, é compatível com o tema proposto e regula as inter-relações textuais.	1,0
	2.3 Os argumentos apoiam-se em outras vozes e/ou em evidências dos fatos que corroboram a validade da tese, para fazer ponderações e/ou refutar coerentemente argumentos contrários.	1,0
	2.4 A conclusão reforça o ponto de vista do articulista e/ou propõe alternativas para a questão analisada.	1,0
3. Articulação escrita	3.1 A seleção lexical está apropriada ao campo semântico do tema, à tese e à(s) estratégia(s) argumentativa(s) utilizada(s) no texto.	1,0
	3.2 São usados adequadamente recursos linguísticos para estabelecimento de relação entre constituintes do texto (coesão referencial e sequencial).	1,0
	3.3 O registro linguístico é formal, respeita as normas de urbanidade e apresenta adequação sintática e ortográfica.	1,0
	3.4 São utilizadas adequadamente marcas de segmentação em função do gênero: paragrafação e pontuação apropriadas à organização textual e à argumentação.	1,0

ANEXO D – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Eu, Martha Bohrer Adaime, abaixo assinado, responsável pela Comissão Permanente do Vestibular (COPERVES), autorizo a realização do estudo "a relação entre interlocutores e seus efeitos de sentido: uma visão enunciativa sobre os mecanismos de coesão em textos do processo seletivo da UFSM", a ser conduzido pelos pesquisadores Ivani Cristina Silva Fernandes (professora orientadora) e Luciane Carlan da Silveira (mestranda).

Fui informado, pelo responsável do estudo, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas pela instituição a qual represento.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Santa Maria, 15 de junho de 2016.


Martha Bohrer Adaime
Pró-Reitora de Graduação
UFSM

Assinatura e carimbo do responsável institucional

APÊNDICE A – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Termo de consentimento livre e esclarecido

Título do estudo: “A articulação entre *ethos* e efeitos de sentido: uma visão enunciativa sobre os mecanismos de coesão em textos do processo seletivo da UFSM”

Pesquisador responsável: Prof^ª. Dr^ª. Ivani Cristina Silva Fernandes.

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria/Departamento de Letras Estrangeiras Modernas.

Telefone e endereço postal completo: (55) 32208477. Avenida Roraima, 1000, prédio 16, sala 3322B, 97105-970 - Santa Maria - RS.

Local da coleta de dados: Universidade Federal de Santa Maria, arquivo de textos digitalizados da Comissão Permanente do Vestibular (COPERVES).

Eu, Ivani Cristina Silva Fernandes, responsável pela pesquisa “A relação entre interlocutores e seus efeitos de sentido: uma visão enunciativa sobre os mecanismos de coesão em textos do processo seletivo da UFSM”, o convida a participar como voluntário deste nosso estudo.

Esta pesquisa tem como objetivo geral identificar as categorias de articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos em textos do *gênero artigo de opinião* do processo seletivo (PS) da UFSM de 2014 e analisar os possíveis efeitos de sentido decorrentes do emprego de tais categorias nesse contexto de uso, colaborando para traçar a imagem discursiva do locutor do texto. Os objetivos específicos são: a) identificar, descrever e categorizar, na materialidade dos textos do *gênero artigo de opinião*, as categorias de articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos; b) discutir, por meio da análise dessas categorias, sobre os possíveis efeitos enunciativo-discursivos decorrentes de seu uso que emergem na materialidade textual e, c) interpretar, a partir disso, a imagem discursiva (*ethos*) do locutor do texto.

Acreditamos que esta pesquisa seja importante porque tais categorias serão analisados

com relação aos efeitos de sentido decorrentes de seu uso, recuperados pelas marcas que emergem da materialidade linguística, contribuindo para que se possa traçar a imagem discursiva do locutor do texto, ou seja, o *ethos*.

Para a realização desta pesquisa serão mobilizados os seguintes procedimentos metodológicos, considerando o conceito de *transversalidade enunciativa* (FLORES, 2010) e o paradigma indiciário (GINZBURG, 1989): primeiramente, na categoria de descrição, será feita a identificação, descrição e categorização das categorias de articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos. Num segundo momento, na categoria de análise, os tipos de argumentos serão mobilizados, contribuindo para que nossa questão de pesquisa seja respondida, ou seja, analisar-se-ão, a partir dos tipos de argumentos, os efeitos de sentido decorrentes do uso das três categorias que emergem na materialidade do texto. Por fim, na interpretação dos dados, discutir-se-á o esboço da imagem discursiva do locutor do texto, ou seja, o *ethos*.

Sua participação constará no consentimento/autorização (ou não) para que seu texto possa ser objeto de análise desta pesquisa. Dessa forma, você também participará por meio da materialidade linguística (texto) consentida (ou não) para análise, discussão e interpretação. Cabe destacar que toda a materialidade linguística (texto) será analisada, embora se enfatizem as categorias de articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos.

Pode ser que aconteçam alguns desconfortos, caso o sujeito produtor do texto venha a ler esta pesquisa. Como alguns desses desconfortos, destacam-se: a) a possível identificação dos fragmentos textuais analisados neste trabalho, b) o tipo de comentário feito com relação às escolhas linguísticas referentes às categorias de articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e verbos. Isso pode gerar riscos de ordem psicológica, uma vez que o sujeito pode se sentir fragilizado psicologicamente em função dos comentários redatados na interpretação a partir da análise dos fragmentos de textos. No entanto, para minimizar esses desconfortos e riscos, salienta-se o total anonimato do sujeito produtor do texto durante o desenvolvimento desta pesquisa, além do tipo de comentário que será feito na interpretação dos dados, pois, conforme indicado anteriormente na importância da pesquisa, a análise incidirá sobre as marcas deixadas pelo sujeito da enunciação no enunciado, ou seja, no texto. Portanto, a partir da postura teórica aqui adotada, evidencia-se que a análise não tem relação com o sujeito psicobiológico, isto é, o produtor real do texto, mas sim sua imagem discursiva que poderá ser traçada a partir dessas marcas que emergem da materialidade linguística.

Os benefícios que esperamos com este estudo são: a) a análise de uma materialidade linguística, neste caso, das categorias de articuladores discursivo-argumentativos, pronomes e

verbos, por outro viés; b) a ampliação de análises de materialidades linguísticas com base na Linguística da Enunciação, o que leva em consideração o sentido, o esboço da imagem do locutor a partir de marcas deixadas no enunciado; c) a possível mudança na forma de discutir tais categorias em sala de aula de Língua Portuguesa, a partir de conhecimentos enunciativos do professor, entre outros benefícios.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de esclarecer qualquer dúvida ou solicitar qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Conselho de Ética em Pesquisa.

Você tem garantido a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em 11/08/2016, e recebeu o número Caae 58150616.6.0000.5346.

Autorização

Eu, _____, RG número _____, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável via e-mail, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido e da garantia de confidencialidade, bem como de esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

Assinatura do participante _____

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE _____

Santa Maria, 09 de setembro de 2016.

APÊNDICE B – MODELO DE TERMO DE CONFIDENCIALIDADE



Termo de confidencialidade

Título do projeto: “A articulação entre *ethos* e efeitos de sentido: uma visão enunciativa sobre os mecanismos de coesão em textos do processo seletivo da UFSM”

Pesquisador responsável: Prof^ª. Dr^ª. Ivani Cristina Silva Fernandes

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria/Departamento de Letras Estrangeiras Modernas

Telefone: (55) 32208477

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes desta pesquisa, cujos dados serão coletados por meio do arquivo de textos digitalizados da Comissão Permanente do Vestibular (COPERVES), na Universidade Federal de Santa Maria. Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, para execução do presente projeto.

As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas na UFSM - Avenida Roraima, 1000, prédio 16, sala 3322B - 97105-900 - Santa Maria - RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade de Ivani Cristina Silva Fernandes. Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em 11/08/2016, e recebeu o número Caae 58150616.6.0000.5346.

Santa Maria, 09 de setembro de 2016.

Assinatura do pesquisador responsável.